



O rele^{da}VoZ

Um grito cartográfico dos saraus em São Paulo

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

RENAN LELIS GOMES

O RELEVO DA VOZ: UM GRITO CARTOGRÁFICO DOS SARAUS EM SÃO PAULO

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor no Programa de Pós-Graduação em Geografia - Área de Organização do Espaço.

Orientadora: Profa. Dra. Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro.

Rio Claro - SP

2019

G633r

Gomes, Renan Lelis

O RELEVO DA VOZ : UM GRITO CARTOGRAFICO DOS
SARAUS EM SAO PAULO / Renan Lelis Gomes. -- Rio Claro, 2019
191 p. : il., tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientadora: Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

1. Saraus e Literatura Marginal/Periferica. 2. Rap e Hip-Hop. 3.
Lugar. 4. Cartografia da Acao. 5. Ecologia de Saberes. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

FOLHA DE APROVAÇÃO

RENAN LELIS GOMES

O RELEVO DA VOZ: UM GRITO CARTOGRÁFICO DOS SARAUS EM SÃO PAULO

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor no Programa de Pós-Graduação em Geografia - Área de Organização do Espaço.

Orientadora: Profa. Dra. Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro.

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

Prof. Dr. Fabrício Galo

Prof. Dr. Cristiano Nunes Alves

Prof. Dr. Lucas Amaral de Oliveira

Prof. Dr. Ecio Pereira de Sales

Resultado: Aprovado

Data da defesa: 30/04/2019

Rio Claro - SP, abril de 2019

AGRADECIMENTOS

A Deus e toda minha família, de rap, sangue e sintonia!

Aos de casa, mãe, pai e maninha, obrigado pelo apoio sempre, mesmo sem entender direito do que se trata tudo isso. Juju, sou grato pela força, amor, e paciência desde o início dessa jornada.

Ao CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e a CAPES-Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior pelas bolsas de estudos concedidas no Brasil e no exterior, sem o auxílio destes órgãos eu jamais teria feito essa pesquisa.

A minha querida orientadora Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro, pela confiança e sobretudo pela liberdade em mim depositada, gratidão mestra.

Ao amigo de longa data Fabrício Gallo, pela disposição de todas as horas e por ter me feito voltar a acreditar na academia novamente.

Aos primeiros mestres nesse mundo geográfico, Prof^a Adriana Maria Bernardes e Prof^o Marcio Cataia (Unicamp), vocês foram o início, obrigado.

As valiosas contribuições de Cristiano Nunes Alves (Cris), companheiro de geografia e pesquisas no hip-hop desde o início, Rodrigo (me salvando com os mapas desde a iniciação), Prof^a Maria Julia (mapas e diagramação), Lucas Oliveira e Ecio Salles.

A Priscila Prado, pela parceria durante a caminhada, de estrada, tramos malucos e furadas rs, obrigado por crer.

A todos do CES-Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra em Portugal, em especial La Salette, Sara e Rita, obrigado pela acolhida.

Ao professor Boaventura Sousa Santos pela Ecologia de Saberes

Aos amigos que fiz em Portugal, Mossoró, Rafael Marteli, Maze (Dealema), Mynda Guevara, Bruno (barba), Diogo (Marília), Luís Travassos, MCK (Angola), e a todos da Velha Capital.

Aos amigos e amigas de sarau e literatura marginal/periférica, pessoas que me inspiraram e depois viraram companheiros, obrigado pela escuta e pelas palavras quando precisei, na vida ou nesta pesquisa, valeu! Salve Ferréz, Sergio Vaz e toda Cooperifa, Alessandro Buzo, Sacolinha, Michel Yakini, Marco Pezão, Binho e Suzy, Cocão, Sonia Bischain, Paulo D'áuria, Daniel Minchoni, Toni C, Luz Ribeiro, Luiza Romão, Roberta Estrela D'álva, Ni Brisant, Victor Rodrigues e Elizandra Souza (obrigado pela disposição e generosidade, trincou)

A todos da Parada Poética, Marcio Salata (poeta das imagens), Pepê, Eddy, Michele, Zara, Elaine, DJ Viny e Pri, obrigado por fazerem esse rolê acontecer.

Aos aliados Pop Black e DJ Duh, obrigado por serem INQUÉRITO comigo.

Salve aos mestres e amigos: G.O.G, Fabio Macari (in memoriam), Emicida, Rashid, Arnaldo Antunes, Zeca Baleiro e KL Jay, obrigado pela inspiração: Racionais MC's, RZO, Consciência Humana, MV Bill, DJ Vand (VZN) e todos os DJs, MCs, B. Boys e grafiteiros do país, a todos que pesquisam esta cultura ou ajudam a propagá-la de alguma maneira, obrigado por resistirem.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado ao amigo Ecio Salles, parceiro das letras e das lutas, obrigado irmão.

RESUMO: Essa tese discorre sobre os saraus contemporâneos em São Paulo, compreendidos aqui enquanto manifestações originariamente periféricas resultantes da consolidação de uma cultura fortemente vinculada à literatura marginal/periférica e ao movimento hip-hop. Os saraus se apresentam enquanto espaços democráticos de expressão dos sujeitos periféricos, numa dinâmica que os coloca enquanto protagonistas de uma cena que se apoia sobre a voz e seu grito geográfico no território que ecoa para além da periferia. Nesse sentido, essa tese se propõe a mapear os saraus da cidade e do estado de São Paulo, promovendo uma cartografia da ação que faz do mapa um espaço de representação dessa manifestação de resistência diante do circuito cultural tradicional, apresentando o modo como essa cultura vai se consolidando e ocupando o espaço da cidade. Por fim, também apresenta a experiência da Parada Poética, um sarau realizado na antiga estação ferroviária de Nova Odessa/SP, afim de estabelecer um recorte mais aproximado dessa manifestação, de um ponto de vista interno e sob o viés da Ecologia de saberes, que mostra os detalhes e as singularidades que estão envolvidos na produção desse sarau e o modo como ele ressignifica o espaço que ocupa e transforma a cultura local.

PALAVRAS-CHAVE: Saraus e Literatura Marginal/Periférica. Rap e Hip-Hop. Lugar. Cartografia da Ação. Ecologia dos Saberes

ABSTRACT: This thesis deals with the sarauos in São Paulo, understood here as originally peripheral manifestations resulting from the consolidation of a culture strongly linked to marginal / peripheral literature and the hip-hop movement. The sarauos present themselves as democratic spaces of expression of the peripheral subjects, in a dynamic that places them as protagonists of a scene that relies on the voice and its geographic cry in the territory that echoes beyond the periphery. In this sense, this thesis proposes to map the sarauos of the city and the state of São Paulo, promoting a cartography of the action that makes of the map a space of representation of this manifestation of resistance before the traditional cultural circuit, presenting the way this culture goes consolidating and occupying the space of the city. Finally, he also presents the experience of the Poetic Parade, a sarau performed at Nova Odessa / SP train station, in order to establish a closer approximation of this manifestation, from an internal point of view and under the bias of the Ecology of Knowledge, which shows the details and the singularities that are involved in the production of this sarau and the way in which it reaffirms the space it occupies and transforms the local culture

KEY-WORDS: Saraus and Marginal / Peripheral Literature. Rap and Hip-Hop. Place. Cartography of the Action. Ecology of Knowledge

SUMÁRIO

INTROduSOM	10
OS ECOS	13
Apresentação dos capítulos	15
Capítulo 1: "Se a história é nossa deixa que nós escreve"	18
1.1 Um grito geográfico: as vozes da periferia tem o seu lugar	19
1.2 O relevo da voz: onde ecoa o grito de atrito e resistência	27
1.3 Na periferia da voz: a rapoesia dos sarasus	32
Capítulo 2: O mapa das palavras	48
2.1 CartoGRAFIAS da Ação	49
2.2 O mapa das vozes em SP: Solo da Palavra	57
2.3 Do marginal ao institucional: O PROAC Sarasus Culturais	80
Capítulo 3 A Parada Poética e a Polifonia dos Saberes	106
3.1 "Poesia de primeira numa noite de segunda"	107
3.2 O lugar onde a poesia encontrou sua Parada	121
3.3 A Parada Poética e a Ecologia de Saberes	135
Conclusão	155
Considerações finais	159
Referências Bibliográficas	160
Anexos	166
Apêndices	168

INTROduSOM

A título introdutório, e para uma melhor compreensão das páginas a seguir, vale ressaltar que os subsídios intelectuais e emocionais que encorajaram a realização deste trabalho de doutorado advém da pesquisa feita por mim no Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP entre os anos de 2010 e 2012, cujo resultado foi a dissertação de mestrado *"Território Usado: Cada Canto um Rap, Cada Rap um Canto"* (GOMES, R.L., 2012)¹ sob a orientação do Professor Dr. Marcio Cataia. Na ocasião realizamos uma discussão acerca do hip-hop² no Brasil, mostrando como este movimento, que abrange uma grande quantidade de jovens e tem profundas ligações com os lugares, torna-se ferramenta de solidariedade orgânica assumindo posições relevantes frente a questões urgentes relacionadas a segmentos sociais desfavorecidos.

Atualmente, na pesquisa de doutorado, buscamos entender e mostrar como os saraus contemporâneos e a sua literatura trazem consigo características já experimentadas anteriormente na periferia pela atuação do hip-hop. Mantendo viva "a capacidade e a vontade para um vasto exercício de solidariedade" e a busca por um "novo conhecimento emancipatório" de que nos falou Boaventura de Sousa Santos (2011).

Com base em bibliografias especializadas e em nossa vivência junto ao hip-hop e aos saraus, partimos da hipótese de, no período contemporâneo, ambos são duas vertentes que se complementam e se coadunam. Seja quando o hip-hop tem nos saraus e na literatura uma continuação e atualização, uma espécie de fortalecimento, ou quando esses saraus são também influenciados pelo hip-hop, seja pela forte presença de *rappers* nos saraus, pela grande influência do rap no conteúdo das poesias declamadas, ou pela forte relação com o lugar que o hip-hop traz e que o sarau e esta literatura dão continuidade.

Destaca-se que as inquietações que movem este projeto, além das oriundas de um pesquisador acadêmico, provêm de minha atuação como poeta, *rapper* e compositor dentro da cultura hip-hop, onde sou conhecido como *Renan Inquerito*, nome adotado por ser MC (Mestre de Cerimônia), compositor, líder e fundador de um grupo de rap chamado *Inquerito*³, em atividade desde o ano de 1999. No entanto, foi em uma rádio comunitária em meados da década de 90, que eu, ainda adolescente, iniciei minha carreira. Entre os discos de vinil, os *beats* secos e as letras ásperas do rap que rolava como DJ, testemunhei o estabelecimento da cultura Hip-hop no

¹ <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000907360>

² Além de ser caracterizado por muitos como um verdadeiro movimento social (ROSE, 1997; YOSHINAGA, 2001; RODRIGUES, 2005; FREIRE, 2010; SILVA, 2012), o hip-hop é uma manifestação cultural abrangente que reúne música, poesia, dança e pintura, dividida sistematicamente em quatro elementos: DJ (*Disc Jockey*), MC (Mestre de Cerimônia), break e grafite (SUNEGA, 2002). A solidariedade entre esses diversos elementos é a marca dessa expressão cultural.

³ www.souinquerito.com.br

Brasil e iniciei minha trajetória artística envolvida com esse movimento que, anos mais tarde, viria se consolidar como expressão de resistência e voz da periferia.

Eu rabiscava as primeiras rimas parodiando as letras contundentes do álbum "Sobrevivendo no Inferno" do Racionais MC's. O disco caiu no vestibular da UNICAMP no ano de 2018, mas duas décadas antes já havia caído nas minhas mãos de adolescente inquieto e, pra quem era da periferia, já se tratava de uma "obra obrigatória" desde aquela época, eu tinha apenas 13 anos. A partir desse momento, comecei a trilhar um caminho carregando a palavra para onde quer que fosse. Nesse momento, troquei os toca-discos pelo microfone e me tornei MC.

Batizei meu grupo de rap de Inquérito que quer dizer indagar, questionar, confrontar e apurar a verdade, no latim "*quaeritare*" significa andar sempre em busca, buscar por muito tempo. Assim, minha vida se tornou um exercício constante de indagar a palavra, confrontar seus sentidos, questionar seus modos de manifestação e investigar todas as suas faces. Mal sabia que, tempos mais tarde, esse nome teria força para batizar a mim próprio, hoje sou INQUÉRITO, Renan. E é assim que assino meus livros, textos e publicações.

Ao longo desses 20 anos de carreira artística compus e gravei 7 discos: *Mais Loco que u Barato* (2005), *Um Segundo é Pouco* (2008), *Mudança* (2010), *Corpo e Alma* (2014), *Corpo e Alma REMIX* (2016), *Tungstênio* (2018), e *Bumerangue* (2019), totalizando 93 músicas, além de 18 vídeo clipes no Brasil, Cuba, Argentina e Portugal. Essa intimidade com a palavra também me trouxe a vontade de me tornar escritor. Em minhas obras como poeta aprendi que a palavra que habita a página tem um poder diferente. Publiquei 3 livros de poesia voltados para a Literatura Marginal - *Poucas Palavras* (INQUÉRITO, Renan. 2011), *Poesia Pra Encher a Laje* (INQUÉRITO, Renan. 2016), *A Parada Não Para* (Org. 2018) - e participei de diversas antologias, tais como: *Suburbano Convicto: Pelas Periferias do Brasil* (2007), *Poetas do Sarau Suburbano* (2011), *Saraus: Movimiento, Literatura, Periferia, São Paulo* (publicado na Argentina em 2014), *Brasil Periférica: Literatura Marginal de São Paulo* (publicado no México em 2014 e no Chile em 2016) e *Literatura Ostentação* (2016).

A palavra cantada no rap e a palavra na página do livro, me fizeram ver outra possibilidade na palavra. O poder da fala e da voz. A fala é o acontecimento. É aqui e agora. Em qualquer lugar. Por isso, decidi espalhar a palavra para onde quer que eu fosse, e mais do que isso, dar o lugar de fala para quem quisesse. Por isso, desde o ano de 2013 organizo em Nova Odessa-SP, município onde resido, um evento cultural chamado *Parada Poética*. Trata-se de um sarau mensal que reúne música e poesia, onde a palavra falada rompe o silêncio costumeiro das bibliotecas e livrarias misturando arte e educação pelo viés do hip-hop e da literatura. Frequentei muitos saraus na periferia de São Paulo, onde me inspirei e me formei, junto a outros poetas e MC's desta geração, a Parada Poética nasceu como tentativa de reproduzir, continuar, e compartilhar com outras pessoas a fonte que bebi.

A **Parada Poética** começou pequena, numa segunda-feira a noite num bar, e foi ficando maior até ocupar a estação ferroviária da cidade. Uma vez por mês, a parada do trem se enche de "poesia de primeira, numa noite de segunda", onde participam escritores e o público que se apropriam do microfone para "Maltratar a gramática e jogar a culpa na licença poética".

Além da Parada, realizo saraus e oficinas literárias nos locais mais diferentes possíveis, em escolas, na Fundação Casa, em Festivais Literários e eventos de naturezas diversas. A palavra falada por meio da voz se consolida então como um espaço democrático de manifestação.

Minha formação enquanto professor me fez perceber que não seria possível separar minha produção acadêmica dessa experiência de vida, ao contrário disso, acredito que devemos levá-la para dentro dos muros do conhecimento letrado, criando pontes entre o saber instituído e a cultura popular de resistência de onde sou originário. Nesse universo, estabeleci algumas parcerias importantes incluindo o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, com quem escrevi o roteiro do espetáculo **Ópera Rap Global** (2013) e também participei do livro **Na Oficina do Sociólogo Artesão** (2019), em capítulo que compila letras de rap escritas a partir das teorias desenvolvidas pelo sociólogo.

Manipular as palavras em todos esses lugares, dar voz a todas as pessoas. O que me interessa é compreender a palavra enquanto entidade viva, dotada de poder de manifestação. A palavra para mim não é substantivo, ela é verbo e se mistura com a vida.

Quando o mundo me pede pra comprar / o meu peito me diz que é pra compor
Esse aqui é meu jeito de gritar / canto pra me vingar desse rancor
Já fazia rap que nem gente grande mano / e eu só tinha 13 ano
Hoje com 33 eu rimo / com a mesma gana de quando eu era um menino, vamo!
Já que é moda ostentar vou mostrar o que eu tenho sobrando meu tesouro
Minhas jóias são rara, são cara, são rimas, são letras, são barras de ouro (estouro!)
Encho as linhas enquanto a caneta esvazia, e sigo fazendo um som
Eu queria que a dor virasse poesia, mas eu ainda não tenho esse dom
(Barras de Ouro. INQUÉRITO, 2018)

OS ECOS

A ideia de voz ecoa sobre essa tese. Numa visita rápida ao dicionário encontraremos algumas definições que desenham a potência dessa palavra, voz pode significar manifestação de quem suplica, protesta, e ainda, a faculdade de falar, o direito de manifestar opinião. Na etimologia, voz vem do latim *vox*, o som da voz. Quando nos referimos à fala, nos referimos à linguagem verbal, e aqui invocamos o verbo, o verbo é ação, a voz é a ação da palavra por meio do som. A voz propaga a palavra, a palavra é o código do texto, logo o texto é fala, é voz. Essa foi a primeira forma que o homem encontrou para comunicar uma ideia, propagar um conhecimento, ou conduzir um ritual. Comunicar significa estabelecer vínculo, vem da mesma raiz em latim que indica *communis* que quer dizer compartilhado por vários, público. Quando compartilhamos a voz, estamos estabelecendo um diálogo, uma conversa. Então neste caso colocamos uma pergunta: Qual é a conversa que se estabelece aqui? Quem conversa nessa tese? Quais são as vozes que habitam esse texto? E podemos levantar algumas respostas, uma delas é que esse texto tem várias vozes!

Dos sujeitos periféricos, que se apropriam da voz num grito de resistência ao silêncio.

Dos sujeitos acadêmicos que se apropriam da voz num rito de conhecimento.

Da cidade que fala por meio dos lugares.

Da voz das ruas, dos muros, das esquinas e bares.

Do rap que ecoa a voz da quebrada.

Da geografia que ressoa a voz no mapa.

Da literatura marginal que dá voz a palavra da periferia

Do sarau que faz da voz um instrumento de re-existência pela poesia.

Da Parada Poética que põe a voz num megafone pra ecoar numa estação de trem.

Da polifonia da Ecologia dos Saberes onde conversam várias vozes em composição.

Aqui celebramos o diálogo e a conversa. A comunhão de ideias e ideais. O encontro de gente que fala e gente que quer ser ouvida. Essa tese se confunde com a vida, uma vida movida pela palavra, pela voz e pela fala. E por fim então, a voz desse que vos fala! Meu nome é Inquérito, meu vulgo é Renan. E se a história é nossa deixa que nós escreve!

Minha caneta é vermelha que é pra eu nunca esquecer
De dá o sangue por isso toda vez que eu escrever
Faço a tinta escorrer na folha vazia
E as linhas surgem dessa hemorragia
(Turbulência. INQUÉRITO, 2018)

APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Essa tese está estruturada em três capítulos cuja disposição aborda os saraus contemporâneos de São Paulo de maneira ampla e multidisciplinar. Nosso olhar avança para além do campo da geografia, promovendo uma interface com outras áreas do conhecimento que contribuem para o estudo dessa cena de modo transversal. Esse percurso foi construído na tentativa de possibilitar e potencializar o diálogo entre os agentes do conhecimento científico, os atores sociais que produzem essa manifestação e os sujeitos que por ela são alcançados.

Sendo assim, o presente trabalho se apresenta como um tecido confeccionado por todas essas vozes, costurado por linhas de fala diferenciadas, onde se entrelaçam teorias de autores acadêmicos e depoimentos de autores do cotidiano, sem qualquer tipo de hierarquia, uma ecologia de saberes que resgata a essência democrática tão presente nos saraus aqui estudados. Portanto é nosso objetivo também, fazer dessa tese um sarau, um espaço da coletividade, onde inúmeras vozes se revezam em um verdadeiro "microfone aberto".

O primeiro capítulo intitulado **SE A HISTÓRIA É NOSSA, DEIXA QUE NÓIS ESCREVA**⁴ vem anunciar o início desse caminho para dizer que essa história - dos saraus em São Paulo - é escrita pelos "sujeitos periféricos" que assumem essa condição e passam a agir em função do reconhecimento seu lugar de origem legitimando a periferia no território da cidade, como é possível observar no primeiro tópico **Um grito geográfico: as vozes da periferia tem seu lugar**. Seguindo nesse sentido, buscamos compreender os saraus em sua dimensão geográfica numa dinâmica baseada nas interfaces entre território/cidade/periferia/lugar/cultura/comunicação, de modo a criar um percurso que vai do macro para o micro, do território para o "sujeito periférico" e sua voz, desenhando desse modo **O relevo da voz: onde ecoa o grito de atrito e resistência**, como é intitulado o segundo tópico deste capítulo. Além disso, é importante frisar aqui que essa história também confunde-se com a minha história de vida, uma vez que iniciei minha carreira como *rapper* partilhando desse movimento de legitimidade da periferia que se inicia com a cultura hip-hop e se consolida mais tarde com a literatura marginal/periférica que vai se desembarcar nos saraus contemporâneos. Nesse sentido, desenvolvemos no terceiro e último subcapítulo a tese de que existe uma estreita relação entre o movimento hip-hop, a literatura marginal e os saraus, resgatando de modo mais incisivo as falas dos sujeitos que fazem essa cena acontecer, compreendendo portanto o sarau enquanto um grito de resistência desses sujeitos. Nesse terceiro subcapítulo, intitulado **Na periferia da voz: a RAPoesia dos saraus**

⁴ Frase da música Poucas Palavras, 14ª faixa do disco Mudança, cujos versos tratam sobre estreita relação entre o rap e a literatura marginal/periférica bem como entre o hip-hop e os saraus (INQUÉRITO, 2010).

conseguimos compreender quais são as vozes que gritam e como elas consolidam os saraus no território, e o que se desenha para nós nesse momento é que os saraus podem ser compreendidos como um eco de diversas vozes: um grito do lugar, do rap, da palavra, da linguagem, da política, da literatura e do autor.

Passamos então para o segundo capítulo **O MAPA DAS PALAVRAS**, onde elaboramos uma cartografia dos saraus na região metropolitana de São Paulo e posteriormente no Estado todo a partir dos dados do edital *PRoAC Saraus Culturais*, onde estes eventos passam a ser contemplados por uma premiação específica dentro do Programa do Estado. Nesse capítulo nos propomos a olhar para os saraus enquanto manifestação geográfica, buscando compreender de que modo ocupam o território afim de apresentar a cartografia das vozes que se comunicam na periferia e sobretudo comunicam a periferia para além de sua própria geografia. No primeiro tópico deste capítulo, intitulado **CartoGRAFIAS da Ação**, à luz de alguns autores da geografia, buscamos compreender o sentido desse mapeamento a partir do conceito de "cartografia da ação" onde a prática geográfica é reposicionada de modo transformador, uma vez que passa a compreender o mapa não mais enquanto uma representação do espaço, mas sim enquanto um espaço de representação. Nesse sentido, compreendemos que a cartografia que elaboramos, não pode ser abordada em outros termos, uma vez que trata de uma manifestação periférica e fora dos circuitos tradicionais da cultura, os mapas para nós, visam portanto, localizar essa manifestação no território e a existência dessa cena, garantindo a legitimação dessa do lugar por meio da produção sócio-espacial. O levantamento por nós realizado originou os mapas apresentados no segundo tópico do capítulo, **O Mapa das Vozes em SP – Solo da Palavra**, cuja tarefa trouxe desafios e dificuldades, uma vez que não existe uma base de dados a respeito dos saraus que congregue todas as informações necessárias, sendo preciso portanto a criação dessa base de dados a partir de publicações oficiais e não oficiais, reforçando o caráter ativo desse mapeamento. Além de tabular e localizar os saraus, realizamos alguns cruzamentos que permitiram desenhar aspectos importantes dessa cena, como por exemplo, a intersecção com o índice de vulnerabilidade social do município de São Paulo, onde foi possível identificar em que sentido esta manifestação é realmente uma manifestação periférica. Também elaboramos um mapa evolutivo da evolução/existência dos saraus ao longo do tempo, em uma escala que cobriu dez anos de atividades, onde conseguimos identificar em que momento essa cena se originou e como ela se consolidou pelo território. Ambos os cruzamentos, nos levaram a indagar vários sujeitos envolvidos nessa cena, sujeitos estes que foram fundamentais para tecer as análises aqui apresentadas. Sendo assim, a partir do

surgimento de um edital específico para estes eventos, o ProAc Saraus Culturais, pudemos ampliar essa cartografia para todo o estado de São Paulo, compreendendo de que modo os saraus foram se institucionalizando, fato tratado no terceiro tópico deste capítulo, **Do marginal ao institucional: O PROAC Saraus Culturais**, onde mapeamos ano a anos saraus contemplados e não contemplados pelo edital. No entanto, essa cartografia, dada sua extensão e quantidade de informações tratadas, nos permitiu elaborar uma topologia dos saraus e não uma tipologia deles, para tanto, propusemos no terceiro e último capítulo da, abordar um sarau em específico afim de pesquisarmos aspectos de maior profundidade e mostrar um olhar mais qualitativo dessa manifestação.

Nosso terceiro capítulo, com o título **PARADA POÉTICA: POLIFONIA DE SABERES** propõe uma imersão na “Parada Poética”, um sarau realizado desde o ano de 2013 no município de Nova Odessa-SP. Apresentamos este evento como um corpus empírico de nossa pesquisa pois trata-se de uma experiência prática desenvolvida por este pesquisador que vos fala durante todos os anos deste doutorado, desenvolvendo paralelamente o estudar e o fazer saraus, resultando em importantes reflexões que pretendemos trazer para essa tese. Nesse sentido, buscamos transportar a pesquisa para dentro do sarau, o que deu origem ao primeiro item deste capítulo, intitulado **Poesia de Primeira numa Noite de Segunda**, mostrando, num momento inicial, o modo como esse evento acontece, quais os ritos e singularidades dessa manifestação e como ela é realizada pelas pessoas que a produzem, pelos escritores e frequentadores. No item de número dois do presente capítulo, intitulado **O Lugar onde a Poesia encontrou sua Parada**, buscamos mostrar quais transformações o sarau promoveu e promove no espaço em que ocorre atualmente, a antiga estação ferroviária de Nova Odessa-SP, abordando sua potência em ressignificar esse espaço e constituir o lugar, bem como isso reverbera para além do território, provocando transformações no tecido social. Essas transformações apontaram para que compreendêssemos o sarau enquanto uma manifestação que envolve uma partilha de saberes, num espaço distante dos muros do conhecimento letrado, promovendo o saber despido de sua natureza científica. Nesse sentido, propomos aqui abordar o sarau enquanto uma Ecologia de Saberes, conceito criado pelo sociólogo Boaventura Sousa Santos como parte integrante de sua teoria maior nomeada Epistemologias do Sul, esse aspecto foi desenvolvido no terceiro e último item do capítulo três, intitulado **A Parada Poética e a Ecologia de Saberes**. Esse mergulho em direção aos sujeitos e suas vozes, realizado também no terceiro capítulo, finaliza aqui o percurso dessa tese que compreende o sarau enquanto um relevo desenhado pelas vozes desse sujeitos de modo a desenhar uma cartografia própria e legitimar sua existência e resistência no território.

CAP 01

“ SE A
HISTÓRIA
É NOSSA
deixa que NÓS
escreva ”

Frase da música Poucas Palavras (INQUÉRITO, faixa 14, 2010)

U M | G R I T O G E O G R Á F I C O

1.1 As vozes da periferia tem o seu lugar

Muitos estudos já trataram do debate da urbanização e periferização brasileira, tais como, Almeida (2003), Santos (1996), Souza (1996) e Carlos (2007). Nossa proposta, baseada nesses autores é entender a periferia não apenas como um espaço de mazelas, violência, abandono, ou depósito da classe trabalhadora, mas sim um espaço criativo, onde surgem manifestações culturais próprias, em contraponto a cultura comercial e paga, onde surge uma rede de eventos realizada pelos próprios artistas e agentes da comunidade, que impossibilitados de irem até o centro ou desprovidos de recursos para esse acesso, criam seus próprios eventos na comunidade, na periferia da cidade de São Paulo. Esses eventos culturais são feiras, rodas de samba, exposições de "cinema no pano", encontros de *rappers*, rodas de rima, teatro de rua e mais recentemente, os *saraus*⁵. Portanto, acreditamos, assim como SANTOS (2009, p.326), que "a cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio".

Cabe aqui também delimitar e qualificar o termo "periferia" que estamos tratando neste trabalho⁶, no sentido de esclarecer o recorte conceitual e contextual no qual se inscreve nosso objeto de estudo: os *saraus* da periferia da cidade de São Paulo. Nesse sentido, encontramos algumas reflexões que convergem na compreensão de que o termo "periferia" passa a ser usado no domínio acadêmico e científico a partir da década de 70⁷, quando o termo passa a ser utilizado para denominar o contexto urbano brasileiro em "substituição às ideias de "subúrbio" e "bairro pobre" (SILVA, 2006). Ainda alinhado à esse pensamento, encontramos na produção de Nascimento (2006), a afirmação de que esse termo é relevante para "se referir à certa realidade que ainda concentra a população marginalizada econômica, racial e socialmente" e que, além disso, existe uma legitimidade

⁵ "A periferia, que sempre foi lugar de gente trabalhadora e supostamente ninho da violência, como querem as autoridades nos fazer acreditar, ganhava, às custas de sua própria dor e da sua própria geografia, uma nova poesia, a poesia das ruas" (Vaz, 2008, p. 115).

⁶ O termo periferia está vindo de onde? Da boca de quem? Uma coisa é periferia na boca do bacana, outra é de quem mora no problema. O bacana vai dizer que $1+1=2$, a periferia vai dizer que $1+1=11$, porque se não for 11, 9 ficam sem comer. (Fala do professor Marcos Fabrício Lopes da Silva, poeta e doutor em estudos literários em entrevista realizada especialmente para esta pesquisa em 06/02/2017 na cidade de Brasília-DF).

⁷ Objeto privilegiado das ciências humanas nos anos 1970 e 1980, o tema das periferias urbanas brasileiras vem sendo retomado na última década a partir da proposição de novos vieses teóricos e metodológicos. O que está em pauta é a necessidade de se rever criticamente as categorias e modelos de análise que foram forjados nos últimos trinta anos sobre a produção do espaço urbano, bem como a pertinência do conjunto de problemas associado ao padrão socioespacial centro-periferia dele resultante (Nascimento, 2010. p.112).

interpretativa quando, a produção artística e cultural nascida a partir da década de 80 e circunscrita nessa situação geográfica⁸ (SILVEIRA, 1999), esse termo para ressaltar o sentido de pertencimento a esta realidade urbana. Esse fato aponta então que a apropriação do termo "periferia" realizada pelos próprios agentes e atores sociais dessa condição social e espacial provoca um deslocamento desse conceito da "preponderância acadêmica" para a "preponderância periférica", termos usados por D'Andrea (2013), que ainda pontua que a partir da década de 1980, quando a produção cultural desses lugares, organizada pelos coletivos artísticos ganhou força, esses sujeitos passaram adotar o termo "periferia" para nomear o seu lugar de origem, ou seja, a partir desse momento esse termo passa a carregar forte legitimidade e carga identitária.

Essa relação de identidade entre o sujeito e o espaço é abordada na discussão proposta por SANTOS (2009, p.322) quando o autor define o lugar como sendo "o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade". Por isso acreditamos que quando a periferia se torna um lugar, os sujeitos produtores desse espaço tornam-se eles próprios "a periferia". É ali que nasce o "sujeito periférico"⁹, que reconhece, assume e incorpora essa condição social e espacial na construção de sua subjetividade agindo politicamente a partir dela, reforçando a afirmação de que "a ação dos homens está sempre ditada pelas características dos lugares" (SANTOS, 2003, p.58).

Pra entender os escritos e as vozes do lado de cá, é preciso entender o que vemos como periferia. Periferia é espaço urbano geograficamente identificável, abrigo de classes trabalhadoras, da maioria da população negra, indígenas urbanos e imigrantes, cujos traços culturais são entoados pela heterogeneidade resultante do encontro (nem sempre pacífico) dessa convivência multicultural atravessada pela desigualdade. Periferia, não por acaso, substantivo feminino, no qual se inscreve a história corrente de inúmeras mulheres. Museu sem teto ou paredes, bolsões de expressões ancestrais, tradicionais e experimentações inovadoras, cuja geografia é território, marca identitária e, também, espaço de exclusão econômica, com excesso de polícia e ausência de políticas públicas que procurem agir na resolução das consequências de um processo histórico de brutalidades sociais, desigualdades e injusta distribuição de riquezas.

Manifesto Periférico: Pela Lei de Fomento à Periferia 2014¹⁰

⁸ A situação geográfica decorreria de um conjunto de forças, isto é, de um conjunto de eventos geografizados, porque tornados materialidade e norma. Muda, paralelamente, o valor dos lugares porque muda a situação, criando uma nova geografia. Assim, ao longo do tempo, os eventos constroem situações geográficas que podem ser demarcadas em períodos e analisadas na sua coerência (Silveira, 1999, p.22).

⁹ O sujeito periférico é quem tomou posse de sua condição periférica. Quem descobriu e assumiu essa condição. Quem transmutou-se de ser passivo a ser ativo dessa condição. De periférico em si para periférico para si. (D'ANDREA 2013, p. 173).

¹⁰ Trecho do texto, Manifesto Periférico: Pela Lei de Fomento à Periferia assinado pelo Fórum de Cultura da Zona Leste, que circulou entre os movimentos culturais e em reuniões com a Prefeitura de São Paulo, em prol da "Lei de Fomento à Periferia" (2014 e 2015). O texto na íntegra se encontra nos Anexos desta tese.

Em reflexão realizada anteriormente por nós na dissertação de mestrado "Território Usado: Cada Canto um Rap, Cada Rap um Canto" (GOMES, R.L., 2012), já havíamos mostrado o hip-hop¹¹ e a sua música, o rap, como um grito geografizado, fundamental para entender como se dá a profunda ligação de um movimento cultural com o seu lugar, neste caso a periferia. Tal fato também é visualizado nos saraus surgidos nos últimos anos da década de 1990 e início da década de 2000, que são muito diferente das reuniões tradicionais de mesmo nome que aconteciam antes deste período¹².

Esses saraus contemporâneos são típicos da periferia¹³, em bares e áreas comuns como bibliotecas, centros comunitários ou praças, que reúnem não a alta sociedade, mas a população mais pobre e carente, como boa parte dos idealizadores coloca, "do povo para o povo". A escolha dos locais, especialmente os bares, se deu pela inexistência de aparelhos públicos eficientes à população periférica e marginalizada. "Escolhemos o bar para fazer as apresentações de teatro, música e poesia porque o bar é o único espaço público da periferia" (VAZ, 2008).

Assim como verificado no hip-hop anteriormente, o uso do termo periferia aparece com frequência entre os grupos de saraus contemporâneos. Nota-se entre eles uma "tentativa de mudar representações sobre as periferias urbanas que, para eles, não devem ser lidas a partir dos vetores violência, tráfico e miséria, mas como lugar de criação, difusão, consumo e legitimação da literatura" (OLIVEIRA, 2018, p.22).

Esses saraus periféricos celebram uma literatura específica: *literatura negra, literatura marginal*¹⁴, *literatura periférica, literatura divergente, literatura do oprimido*. Independente da diferenciação na nomenclatura "há uma

¹¹ "Além de ser caracterizado por muitos como um verdadeiro movimento social (ROSE, 1997; YOSHINAGA, 2001; RODRIGUES, 2005; FREIRE, 2010; SILVA, 2012), o hip-hop é uma manifestação cultural abrangente que reúne música, poesia, dança e pintura, dividida sistematicamente em quatro elementos: DJ (Disc Jockey), MC (Mestre de Cerimônia), break e grafite (SUNEGA, 2002). Podemos até afirmar que existem distintas formas de expressão dentro de uma mesma manifestação cultural, ou seja, ainda que ocorra uma intensa divisão entre os agentes que a compõem, ela não perde o seu caráter de unidade. A solidariedade entre esses diversos elementos é a marca dessa expressão cultural. (GOMES, R.L. 2012, p.12).

¹² Para um histórico evolutivo dos saraus ver a tese *Experiências Estéticas em Movimento: Produção Literária nas Periferias Paulistanas*, de Lucas Amaral de Oliveira (2018).

¹³ Segundo Tennina (2015, p.310) "os saraus das periferias não devem ser considerados como um fato excepcional e isolado, vinculados unicamente à declamação, mas devem ser compreendidos como um espaço multidimensional onde se articulam laços afetivos, sociais e políticos sob a base de uma ideia de ser "marginal" entendida culturalmente e não negativamente.

¹⁴ Embora estejam sob a mesma alcunha, a poesia marginal da década de 1960 não encaixa-se propriamente a voz e vivência periféricas ou mesmo à condição social de estar à margem da sociedade, contudo, é representada por poetas de uma geração que cresceu sob o medo da repressão militar nos "anos de chumbo".

coisa que une todos esses adjetivos, uma experiência comum de exclusão, um dano, uma queixa, uma ofensa, uma injúria" (TENNINA, L. et al. 2015, p.13). "São obras que se colocam intencionalmente fora do cânone literário: pela temática, pelo lugar de onde se fala desta temática, pela utilização de uma linguagem híbrida carregada da oralidade popular" (REYES, 2013, p.14).

Literatura Marginal para mim não é o que escreve, é como o cara escreve, e onde o cara vive, é importante o cara tá na quebrada, até brigaram comigo no início. É como um estudioso chegar e dizer que isso não se chama mais hip-hop, rap, agora se chama música periférica brasileira. Marcelino Freire¹⁵ por exemplo, não é da quebrada mas tem uma posição em seus livros, ele sempre retrata o oprimido. Ni Brisant¹⁶, mora na quebrada, é um retirante nordestino na periferia de SP, mas fala de amor, e aí?

(Ferréz¹⁷ em entrevista concedida especialmente para esta pesquisa em 10/06/2016).

A gente separa só pra ter uma proteção também. Porque o cara fala que "gosta de te rotular pra te discriminar". E a gente rotula pra ter uma proteção. Pra falar que a gente também não faz parte daquela literatura contemporânea boazinha que os caras fazem e tal. Então, nós somos outra pegada assim. Nós somos os caras que tão mesmo no front de batalha. Só pra deixar isso bem claro assim. Por isso que a gente rotula.

(Ferréz in TENNINA, L. et al. 2015, p.81).

Eu não faço literatura, eu faço literatura periférica. Porque eu me considero um cara medíocre, provinciano. Eu sou bairrista. Eu sou daquele lugar, eu sou daquele país. Eu sou o Catalão, sabe? Então, eu faço questão. (...) Eu escrevo para aquelas pessoas, para aquele lugar

(Sergio Vaz¹⁸ in HAPKE, et al., 2015, p.245).

¹⁵ Marcelino Freire é escritor, pernambucano e vive em São Paulo, autor de diversos livros, entre eles Angu de Sangue (2000), Balé Ralé (2003), Contos Negreiros (2005) Rasif (2008), Amar é Crime (2010), Bagaceiros (2018) e o romance Nossos Ossos (2013). Além disso organiza em São Paulo a Balada Literária, um encontro literário anual que em 2019 chega a sua 14ª Edição, reunindo diversos escritores e artistas em performances, shows e debates em torno da palavra.

¹⁶ Ni Brisant é o nome artístico do baiano Nivaldo Brito dos Santos, poeta e educador social, morador da periferia de São Paulo (Zona Sul) e autor de diversos livros de conto e poesia, entre eles Se eu Tivesse Meu Próprio Dicionário (2014) e Revolução dos Feios (2016).

¹⁷ Ferréz é o nome artístico de Reginaldo Ferreira da Silva, escritor, editor e produtor cultural da Zona Sul de São Paulo, autor de diversos livros dentre eles os romances Capão Pecado (2000), Manual Prático do Ódio (2003), Literatura Marginal: talentos da escrita periférica, (2005) e Deus Foi Almoçar (2012). Em 2001 junto a a revista Caros Amigos idealizou e organizou a revista Literatura Marginal: a cultura da periferia.

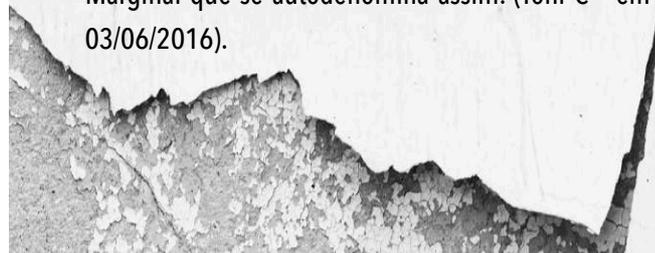
¹⁸ Sergio Vaz é poeta e criador do sarau da Cooperifa, que acontece semanalmente a 19 anos em uma bar na periferia de São Paulo (Zona Sul). Para um relato completo de sua trajetória e do sarau da Cooperifa ler VAZ (2008).

Gosto de usar o termo Literatura Periférica. E, a gente quer escrever sobre nós porque a gente passou a vida inteira lendo livros, falando de pessoas que jamais estiveram no local em que a gente vive. Quando um cara escreve um livro falando da periferia, ele é um escritor maravilhoso; quando é a gente, a gente é rancoroso, entendeu? Poesia é uma arma, cara, a ideia é uma arma." (Sergio Vaz in MEDEIROS, et al., 2015, p.96)

As pessoas rotulam a literatura da periferia como literatura periférica, como literatura marginal, com literatura divergente. Então, eles criam vários rótulos e logótipos. Eu me sinto representado por todos esses títulos. Pode me chamar de escritor da periferia, de escritor marginal, que eu me sinto bem. (Alessandro Buzo in HAPKE, et al., 2015, p.239).

Não existe uma diferença. Mesmo que a literatura periférica não fale: "eu também sou uma literatura negra". Você vê que os seus autores, os protagonistas das histórias, das poesias são personagens negras. Então, eu só afirmo que, além de ser uma literatura da periferia, é também uma literatura onde eu quero que o negro seja protagonista. Mas não é que existe uma separação. (Elizandra Sousa in HAPKE, et al., 2015, p.249).

Há uma grande questão sobre a denominação dessa "nova literatura", pois já existiram na história da literatura brasileira escritores periféricos, negros, ou que escreviam sobre a miséria humana, como Machado de Assis, Castro Alves, Cruz e Sousa e Lima Barreto. Já existiam escritores negros, vindos de baixo, que retratavam as mazelas da sociedade, porém não batiam no peito e se diziam negros, periféricos. Depois disso tivemos Carolina Maria de Jesus, tivemos o movimento da poesia marginal e tudo isso, e aí no início na década de 2000 surge a Literatura Marginal que se autodenomina assim. (Toni C¹⁹ em entrevista concedida especialmente para esta pesquisa em 03/06/2016).



Em entrevista realizada especialmente para esta pesquisa, em Brasília-DF (06/02/2017), a despeito das diversas classificações possíveis a essa literatura contemporânea, o professor Marcos Fabrício Lopes da Silva, poeta e doutor em estudos literários, nos fala ainda da existência de uma "literatura problematizadora", em contraponto a uma "literatura facilitadora", sendo esta última a literatura do best-seller, da auto ajuda, do caminho pronto, da fórmula do sucesso. Acreditando que uma literatura só faz a diferença, no sentido de potencializar a pluralidade de uma sociedade, quando ela é problematizadora. Segundo ele, a "literatura no hip-hop" não é engajada como adjetivo, ela é engajada enquanto razão de ser do fazer literário, das pessoas que estão envolvidas no movimento,

¹⁹ Toni C. é autor da biografia do rapper Sabotage - *Um Bom Lugar* (2013), autor do romance *"O Hip-Hop Está Morto!" - A História do Hip-Hop no Brasil* (2012), diretor do documentário *É Tudo Nosso! O Hip-Hop Fazendo História* editor e criador do coletivo literário *LiteraRUA*.

então o engajamento é uma possibilidade de interferência no social pela porta da frente, e a porta da frente se chama cidadania.

Leite (2014, p.5), acredita que "os diferentes adjetivos para a referida literatura, marginal, periférica, divergente, literária, literatura hip-hop, literatura negra, são menos uma evidência de facções e mais uma indicação de diversidade de concepções estéticas". Como pode ser visto, há muito debate acerca desta problemática, e muitos foram os autores que a estudaram, além dos citados anteriormente, tais como Reyes (2013), Tennina (2015), Faria (2015), Silva (2014), Oliveira (2018), e Nascimento (2006), para recorrer apenas a alguns. Desta forma, como nosso trabalho não possui o intuito de esgotar este debate²⁰, a título de método, ao se referir a literatura produzida nos saraus da periferia em nossa pesquisa, utilizaremos o termo Marginal/Periférica, conforme proposto por Nascimento (2006) que consideramos aqui marco teórico no estudo desta produção literária.

Nos interessa sobretudo, compreender em que sentido essa literatura e os saraus de onde ecoam, contribuem de forma significativa na composição de uma cultura periférica altamente engajada, bem como em ressignificar o termo periferia, amplificando vozes antes abafadas e silenciadas. Um exemplo prático dessa ressonância pode ser visualizada na publicação *Manifesto da Antropofagia Periférica*²¹, escrita pelo poeta Sergio Vaz no ano de 2007 em função do evento *Semana de Arte Moderna da Periferia*, referência à *Semana de Arte Moderna de 1922*²².

²⁰ Toda categoria, toda classificação, ela tenta uniformizar movimentos que ocorreram de forma individual, ou com parcerias mínimas, e dar uma ideia de uma abrangência maior, de conjunto e uma ideia de que aquele conjunto ele está abrindo luz para uma tendência, que a sociedade precisa saber qual é. Então a terminologia ela vem depois do feito literário, e a gente não pode perder de vista isso, como diz Jorge Ben Jor: "o fogo é mais antigo que o fogão". Então a literatura ela vem primeiro, e a classificação corre atrás, a teoria literária corre atrás da literatura, essa é a ordem, e aí você consegue com alguns conceitos uma possibilidade de nutrir o debate, manter a atenção sobre o fenômeno literário, essa é a função positiva da teoria e da crítica, manter a atenção sobre a magnitude literária. A partir do momento em que a teoria literária, a crítica literária ela fala mais alto, ela congela a compreensão literária mais ampla a gente entra na esparrela do rótulo ficar mais importante que o conteúdo. Entrevista realizada com o professor Marcos Fabrício Lopes da Silva, poeta e doutor em estudos literários, especialmente para esta pesquisa, em Brasília-DF (06/02/2017).

²¹ Vale ressaltar a existência de outros "manifestos" escritos por grupos e coletivos da periferia, tais como: Manifesto Literatura Marginal (Ferréz, 2001), Nosso Manifesto: A Elite Treme (Coletivo Cultural Sarau na Brasa, 2008), Manifesto Existe Diálogo em SP: Saraus (coletivos e saraus, 2013) Manifesto Periférico: Pela Lei de Fomento à Periferia (Fórum de Cultura da Zona Leste, 2014) já citado aqui neste trabalho (p.21), e o Manifesto Periferias contra o golpe: por uma real democracia (Coletivos Culturais e moradores das periferias de São Paulo, 2016).

²² Segundo Eliane Brum em matéria para a Revista Época em 2007: "A força da Semana de 2007 vem da primeira geração de escritores da periferia, forjada à margem da escola, na legião dos sem-museu, sem-cinema, sem-teatro, sem-biblioteca. Pela primeira vez, o Brasil tem não um, nem dois autores, mas um movimento literário nascido nas margens. Seus protagonistas se identificam pela origem, marcam essa diferença e buscam uma estética fundada nessa raiz. Agora, preparam-se para sacudir o marasmo cultural de um país que viu muito pouco de original desde o tropicalismo dos anos 60". Fonte: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79089-6014,00-OS+NOVOS+ANTROPOFAGOS.html>

Manifesto da Antropofagia Periférica (VAZ,2008, p.246)

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor.
Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune.
Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado.
A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.

A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade.
Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.

Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção.
Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade
que nasce da múltipla escolha.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer.
Da poesia periférica que brota na porta do bar.
Do teatro que não vem do "ter ou não ter...".
Do cinema real que transmite ilusão.
Das Artes Plásticas, que, de concreto, quer substituir os barracos de madeiras.
Da Dança que desafoga no lago dos cisnes.
Da Música que não embala os adormecidos.
Da Literatura das ruas despertando nas calçadas.

A Periferia unida, no centro de todas as coisas.
Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.
Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.

É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão.
Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a
mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades.
Um artista a serviço da comunidade, do país.
Que armado da verdade, por si só exercita a revolução.

Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hipnotiza
no colo da poltrona.
Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e
espaços para o acesso à produção cultural.
Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.
Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior.
Miami pra eles? "Me ame pra nós!".
Contra os carrascos e as vítimas do sistema.
Contra os covardes e eruditos de aquário.
Contra o artista serviçal escravo da vaidade.
Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.
A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.

É TUDO NOSSO!

Esse sentido de pertencimento do sujeito para com o espaço periférico, visível nesse manifesto, legitima e consolida a periferia enquanto lugar, e portanto, para além da localidade. Para Ribeiro (2003) existe uma tensão “dialética latente” entre essas duas categorias geográficas, numa relação onde o local, que se refere à dimensão extensa do espaço, é relativizado pela ação humana que o torna lugar. A tensão dialética se apresenta aqui como essa dinâmica do território onde se relacionam verticalidades e horizontalidades (Santos, 1994)²³. “Ninguém diz: esse é o meu local! Diz-se sim: esse é o meu lugar!” (RIBEIRO, 2003). Nesse sentido, esse é o grito da periferia, e os saraus são os lugares de onde essa voz ecoa.

²³ De acordo com Milton Santos, o território na atualidade pode ser compreendido a partir de verticalidades e horizontalidades, sendo a verticalidade relacionada ao local enquanto espaço hierarquizado e distante, o espaço da hegemonia, da globalização e das redes, e as horizontalidades, o espaços próximos onde se desenvolvem as relações cotidianas (SANTOS, 1994).

O R E L E V O D A V O Z

1.2 Onde ecoa o grito de atrito e resistência

Muitos são os estudos referentes aos sarasus em outras áreas do conhecimento tais como a sociologia, antropologia, as letras, e a comunicação (Nascimento, 2006; Reys, 2013; Patrocínio, 2013; Oliveira, 2018; Silva, 2013; Leite, 2014; Faria, et al., 2015; Teninna, et al., 2015), trabalhos que inclusive servem de apoio para uma série de discussões levantadas no corpo desta pesquisa. No entanto, o que nos interessa aqui é olhar essa manifestação do ponto de vista do lugar, e a partir disso construir o conceito de "voz da periferia" em sua dimensão geográfica.

Para tanto, definimos um método para construir essa dimensão geográfica que passa pelos seguintes aspectos: a contextualização da cidade contemporânea na esfera do território diante da acentuação do processo de urbanização e sua conseqüente periferização, retomando a "dialética latente" de RIBEIRO (2003) discutida no capítulo anterior, o que nos leva ao entendimento da emergência dos lugares nas localidades enquanto espaços de resistência, e a compreensão de que esses lugares na periferia são definidos como produtos das interações humanas e portanto são geradores de uma cultura periférica na qual circunscrevem-se os sarasus. Sendo assim, esquematizamos essa dimensão geográfica dos sarasus na seguinte dinâmica: território/cidade/periferia/lugar/cultura/comunicação, de modo a criar um processo que vai do macro para o micro, do território para o "sujeito periférico" e sua voz, desenhando desse modo "o lugar de onde esse grito da periferia ecoa".

Então quando o dia escurece
Só quem é de lá sabe o que acontece
Ao que me parece prevalece a ignorância
E nós estamos sós
Ninguém quer ouvir a nossa voz

Cheia de razões calibres em punho
Difícilmente um testemunho vai aparecer
E pode crer a verdade se omite
Pois quem garante o meu dia seguinte
(**Pânico na Zona Sul. Racionais MC's²⁴**)

Abordaremos a cidade então, como espaço de contradições explícitas desenhadas pelo processo de segregação resultante da dinâmica do capital. Sendo assim, a periferia se consolida enquanto espaço de

²⁴ Trecho da música Pânico na Zona Sul que compõe o primeiro disco do grupo de rap Racionais MC's intitulado *Holocausto Urbano* (1990). Racionais MC's é um grupo brasileiro de RAP que surgiu no final dos anos 1980 com um discurso que tinha a preocupação de denunciar o racismo e o sistema capitalista opressor que patrocinava a miséria que estava automaticamente ligada com a violência e o crime. Fonte: www.racionaisoficial.com.br

resistência contra-hegemônica, uma vez que foge à lógica capitalista de produção da cidade. SANTOS (1996, p. 11) relata que “a cidade, onde tantas necessidades emergentes não podem ter resposta, está desse modo fadada a ser tanto o teatro de conflitos crescentes como o lugar geográfico e político da possibilidade de soluções”. Silveira (2011, p.49) enxerga na cidade “o reino da práxis compartilhada ou, em outras palavras, a manifestação mais visível do acontecer solidário; isto é, a realização compulsória de tarefas comuns, mesmo que o projeto não seja comum”. Harvey (2009, p.16) acredita na força dos movimentos populares para contrapor a apropriação da cidade “por uma elite financeira da classe capitalista em seu próprio interesse”.

Carrossel²⁵

Nós somos tudo sofrido, guerreiro
Já passamos mais veneno que qualquer fazendeiro
Quem procurou o trampo só com passe sem dinheiro
Sabe que resistência é mais que peça de chuveiro
E a gente é mais parecido que diferente
Chapa, só muda o sotaque, a quebrada
Os problema, os dilema, são os mesmo de sempre
A mãe que segura, o pai é ausente

A escola é uma esmola e o plano deu certo
Os livro longe e as TV sempre perto
Pra nóiz aqui haja espera, haja fila
Haja calma, haja chá de cadeira e de camomila
Haja força pra seguir em frente firmão
Resistindo a extinção, tipo cobrador de ônibus
Já parou pra pensar? Há! Reparou?
Que conquista é escada, não é elevador
INQUÉRITO (2014)

Portanto, vamos nos aproximar da teoria proposta por Santos (2010), que atenta para a ação homogeneizadora da cultura de massas, tentando impor-se sobre a cultura popular, ao passo que esta segunda reage, não se deixando domesticar. Pelo contrário, além de reagir, se difunde utilizando instrumentos da própria cultura dominante, criando uma espécie de “revanche”.

Os “de baixo” não dispõem de meios (materiais e outros) para participar plenamente da cultura moderna de massas. Mas sua cultura, por ser baseada no território, no trabalho e no cotidiano, ganha a força necessária para deformar, ali mesmo, o impacto da cultura de massas (SANTOS, 2000, p. 144).

²⁵ Faixa 4 do Disco Corpo e Alma (2014)

Para Xavier (2005, p.336) “no confronto entre a cultura de massas²⁶ e a cultura popular²⁷ há uma renovação das criações culturais concebidas no lugar”. Podemos dizer que a cultura popular desforra a cultura de massas, fazendo uso de seus sistemas técnicos e instrumentos, atribuindo-lhes novos significados, de acordo com o território e a cultura local. Para este tipo de ação, típica dos saraus, podemos aplicar também o conceito de cosmopolitismo criado por Sousa Santos (2005, p.67) como sendo:

A resistência (...) traduz-se em lutas contra a exclusão, a inclusão subalterna, a dependência, a desintegração, a despromoção. As atividades cosmopolitas incluem, entre muitas outras, (...) movimentos literários, artísticos e científicos na periferia do sistema mundial em busca de valores culturais alternativos, não imperialistas, contra-hegemônicos.

Isso sugere uma produção fragmentada entre aqueles que podem pagar bem pelo serviço e aqueles que estão nas periferias e, de certo modo, foram obrigados a criar a própria aparelhagem cultural. É interessante, sobretudo, observar a influência do espaço urbano e geográfico na criação e expansão dos saraus – e da própria literatura marginal – e também da proliferação e efervescência de um movimento que em pouco mais de 10 anos se multiplicou em dezenas de micropolos culturais.

O espaço urbano também é o lugar da construção de alternativas, pois é possível desenvolver a comunicação entre os pobres, já que reúne pessoas de origens, níveis de instrução e ocupações distintos. Esse adensamento induz a um questionamento sobre as diferenças de uso do espaço geográfico – o que se constitui em uma indagação de natureza política. Há um desejo de ultrapassar a própria situação e isso pode se manifestar de diversas maneiras. (XAVIER, 2005, p.61).

²⁶ ²⁶ Cultura de massas é um termo desenvolvido pelos teóricos da escola de Frankfurt, principalmente Adorno e Horkheimer, que faz referência ao processo de mercantilização dos bens culturais operado por uma indústria cultural, movida pela consolidação dos meios de comunicação de massa, que visa a homogeneização da cultura criando conseqüentemente uma “massa consumidora” desses bens culturais num processo de alienação em favor do capital. Ver: ADORNO & HORKHEIMER, A indústria cultural – o iluminismo como mistificação das massas. In: Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002

²⁷ ²⁷ Nos interessa aqui pontuar essa cultura popular por meio do pensamento de Canclini aproximando-a do conceito desenvolvido por ele das “culturas híbridas” que fazem referência aos processos de produção cultural, principalmente na América Latina, resultantes de um processo de expansão urbana onde os movimentos sociais que transitam entre o culto e o popular operam transformações que hibridizam o popular e o massivo. Ver: CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloisa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.

Por meio das ações dos saraus, bem como pelo conteúdo de suas poesias, podemos enxergar explicitamente a necessidade e a vontade de romper com o monopólio da informação descendente²⁸, criando à sua maneira canais alternativos para difundir ideias próprias que não condizem com as ideologias dominantes.

Apresentam-se como uma manifestação da espontaneidade e criatividade, dessa ação comunicativa que acontece no lugar em contraponto as solicitações e ordens precisas de ações condicionadas que vem do mundo.

Nesse sentido, "a periferia", durante os saraus, é compreendida como uma propriedade com características particulares e complexas, que lhe conferem um valor específico e que tem a qualidade, como todo bem, de poder ser exibida, intercambiada, estilizada e reconhecida. A "periferia" converte-se, assim, em um capital dinâmico, já não é mais um conjunto determinado de bens. (TENNINA, 2013. p.18)

Podemos dizer ainda que os saraus fazem com que uma parcela da população, que se configurava apenas como receptora de informações, transforme-se em produtora dessa informação, quebrando o ciclo excludente que predominava e criando um capital simbólico baseado na informação e na comunicação. Para Milton Santos (1998, p.127) "a informação é privilégio do aparelho do Estado e dos grupos econômicos hegemônicos"[...], "o homem moderno vive em uma sociedade informacional, que, entretanto, lhe recusa o direito a se informar", afirmando ainda que [...] "viver na ignorância do que se passa em torno, quando uma boa parte das decisões que nos concernem é tomada em função dessas informações que nos faltam, não contribui para a formação de uma cidadania integral".

Essas afirmações permitem enquadrar os saraus nesse contexto, cujo papel se torna importante na socialização da informação, mesmo porque este movimento, ao longo de sua história, munuiu-se de redes de comunicação próprias, em meios que vão do popular boca-a-boca e da elaboração de livros, panfletos, filmes e sites, bem como a organização de outros eventos relacionados a esta temática. Em resposta à rigidez organizacional, fez-se valer da flexibilidade tropical²⁹, criando redes horizontais de comunicação."O espaço privilegiado para a circulação desse capital simbólico é o sarau e não são apenas os declamadores que exibem esse bem diante do microfone mas também os próprios frequentadores". (TENNINA, 2013. p.19)

²⁸ Conforme Silva (2010, p. 2), os circuitos descendentes de informação são aqueles que se baseiam na informação que atinge de maneira vertical os lugares. Já os circuitos informacionais ascendentes referem-se aos dinamismos mais arraigados ao lugar, ao dilema da sobrevivência, da resistência e da reprodução. Esses circuitos e círculos de informações se misturam, trazendo novos conteúdos ao espaço geográfico, tornado campo de conflitos permanente entre forças descendentes e ascendentes.

²⁹ SANTOS (2010).

Ainda reiterando e concluindo essa discussão, Oliveira (2018) nos traz uma reflexão muito pertinente a respeito da relação entre os saraus e a periferia afirmando a existência de uma política espacializada surgida nesses lugares de resistência. De acordo com o autor:

"Assim, o lugar a partir de onde falam, escrevem e atuam, bem como as condições sob as quais elaboram e emitem as narrativas, é determinante para a modelagem de conteúdo de seus objetos literários. A valorização do espaço periférico – que é um lugar social de fala, de escrita e de atuação –, juntamente com a afirmação de sua positividade, são fatores que possibilitam políticas de identificação e de reconhecimento. Essas políticas espacializadas são geradas a partir da seleção e reivindicação de histórias, saberes e tradições de resistência passadas, estratégia que permite processos de desconstrução de estigmas, estereótipos e lugares-comuns atualmente existentes". (OLIVEIRA, 2018. p. 263)

O sujeito periférico e sua atuação artística quase que de "guerrilha", faz da "quebrada" e dos saraus um espaço do acontecer, um acontecer solidário como nos disse Milton Santos (2009). Assim, acreditamos que pra quem fez da arte um assalto, o espaço nunca foi mero palco, foi condicionante, determinante e influente, agindo como antepassado, e as vezes como antecedente. As vozes que agora ganham relevo, inscrevem sua poesia na geografia da cidade, um grito de atrito entre a marginalidade e o reconhecimento.

N A

P E R I F E R I A

D A V O Z

1.3 A rapoesia dos saraus

Tendo já abordado de maneira mais ampla a relação dos saraus enquanto lugares de onde ecoa um grito de resistência da periferia, e pontuado sua dimensão geográfica, cabe agora abordar os saraus de maneira mais específica e profunda, a fim de desenhar as características singulares desse movimento, apresentando uma visão mais aproximada dessa manifestação, que pode ser compreendida aqui como "cena". Nascimento (2006) analisa a cena da literatura marginal em São Paulo, Rodó (2010) a geografia da cena de música experimental em Santiago (Chile), Alves (2014) a cena da música na cidade do Recife-PE, e Oliveira (2018) nos fala sobre a cena dos saraus em São Paulo:

"É possível ler o circuito dos saraus de São Paulo como "cenas", a partir das quais se projetam novos/as autores/as da literatura marginal, emergem leitores/as e entusiastas, multiplicam-se círculos de venda e projetos editoriais alternativos, consolidam-se estilos e formas do fazer literário, e se criam mecanismos atualizados de produção de valor estético". (OLIVEIRA, 2018. p. 23)

Os integrantes do hip-hop, dos saraus e desta literatura de que falamos, são pessoas que mesmo com poucos recursos e marginalizados, usam sua grande capacidade de trocar saberes e se relacionar. É a força dos "homens lentos" (SANTOS, 2010), o poder do cara a cara, as relações comunicacionais, que, como destacou Santos (2009, p. 258), "apontam para o reino da liberdade". "Assim aqueles lugares onde a riqueza comunicacional é maior, a resistência a uma globalização perversa é, também, maior" (SANTOS, 1994, p.9). São as "atividades cosmopolitas" que segundo Boaventura de Sousa Santos (2005, p.67) "incluem: movimentos literários, artísticos e científicos na periferia do sistema mundial em busca de valores culturais alternativos, não imperialistas, contra-hegemônicos".

Neste momento, soma-se à dimensão geográfica de nosso trabalho uma microanálise etnográfica³⁰, que se dá por meio das falas das pessoas que ocupam essa cena e dão vida a esse movimento, qualificando, aprofundando e nos mostrando tal fenômeno cultural de uma perspectiva interna e intensa, trazendo à luz os

³⁰ "Na microanálise etnográfica existe uma preocupação com o interesse dos atores sociais na escolha de uma determinada forma de comportamento e qual o significado desta escolha. Portanto, enfatizar-se o significado da interação como um todo, a relação entre a cena imediata da interação social de um grupo e o significado do fato social ocorrido em grandes contextos culturais." (MATTOS, 2011. p. 56)

afetos e sentimentos que movimentam esse universo, pois para abordar o contexto onde se inscreve uma manifestação, os sujeitos que a praticam e a vivenciam de fato, são os que mais tem propriedade para descrevê-la.

Desse modo, partimos do pressuposto já apontado pelos autores citados anteriormente -Nascimento (2006), Patrocínio (2013), Leite (2014), Tennina (2015), Farias (2015), Oliveira (2018)- que existe uma grande convergência entre o movimento hip-hop e os saraus em vários níveis. As duas manifestações partilham da mesma origem geográfica, e por vezes dos mesmos sujeitos e das mesmas reivindicações. Também estabelecem uma relação de travessia e composição muito produtiva onde uma imprime na outra traços de sua existência. O sarau se alimenta do hip-hop, tanto quanto o hip-hop se alimenta dos saraus, e a periferia, por meio de seus sujeitos periféricos, se alimenta de ambos para consolidar sua própria cultura de resistência

Selecionamos aqui alguns participantes que compõem a cena dos saraus e da literatura marginal/periférica -poetas, escritores, rappers e organizadores de saraus- acreditando que suas contribuições pudessem nos apresentar várias perspectivas sobre essa manifestação. Vale lembrar que em alguns casos, uma mesma pessoa pode desempenhar mais de um papel, dada a natureza dinâmica e horizontal dessa manifestação.

O instrumento escolhido para levantar essas informações foram entrevistas exclusivas, nas quais mantivemos *ipsis litteris* as palavras e expressões utilizadas pelos entrevistados. Nota-se que a heterogeneidade dos atores sociais que produzem essa cena e a distinção de suas falas, confere a cada uma dessas vozes características particulares, "timbres diferentes", que quando ouvidos juntos, como aqui neste capítulo, se harmonizam e ecoam em uníssono a favor da sua cultura, a cultura periférica.



O poeta Binho³¹ é considerado um dos fundadores dos saraus que ocorrem na periferia. No final dos anos 1990, Binho possuía um bar no bairro do Campo Limpo, Zona Sul de São Paulo, onde existia um evento chamado Noite da Vela, em que uma vela era colocada acesa dentro de um copo e marcava o início das atividades artísticas, que só acabavam quando a vela apagasse. Este evento abria espaço para músicos e também para poetas, anos depois, ao incorporar a poesia integralmente, o evento passou a se chamar Sarau do Binho. O sarau existe até hoje e é considerado um dos primeiros saraus de periferia do Brasil.

³¹ Robson Padial, o Binho, nasceu em São Paulo em 1964. Há mais de vinte anos é ativista cultural na região do Campo Limpo, na periferia da Zona Sul de São Paulo. Em 2004, criou o Sarau do Binho que, até 2012, acontecia em um bar de sua propriedade. Obrigado a fechar as portas do boteco devido a perseguições do poder público, hoje realiza o sarau no Espaço Clariô de teatro, em Taboão da Serra.

O poeta é uma figura originária dos saraus periféricos mesmo antes deles receberem esse nome, portanto, sua fala nos mostra de maneira específica o surgimento dessa cena, que segundo ele, num primeiro momento, não apresentava um ponto de contato direto com o hip-hop, mas que pela condição geográfica e pelo contexto histórico, eram muito convergentes em suas propostas.

"Sem dúvidas que quando o Racionais estourou na década de 1990, nós estávamos no Campo Limpo na mesma região, aquilo teve uma influência, com certeza, até de abertura política, de expressão, de encorajamento dessa população, quando os caras falaram "não confio na polícia raça do caralho" os caras falarem isso e tocando em alto e bom som na rua, tudo isso foi dando uma abertura" **(Binho em entrevista concedida em 06/10/2017).**

Essa influência do hip-hop é notada também quando vemos, a partir de seu depoimento, que os saraus incorporam e atualizam para o seu contexto a figura do MC³² (Mestre de Cerimônia), criando o MS (Mestre de Sarau), que é quem conduz as apresentações nos eventos. Em seu relato Binho afirma: "Eu falo que tem o MC e a gente é MS, Mestre de Sarau, outros saraus já nasceram com essa ligação desde o início". A respeito dessa relação entre hip-hop e sarau o poeta ainda nos diz que:

"Foi super importante, hoje eu sinto que há uma importância para o pessoal do rap como informação, letra, conhecimento, tudo isso faz parte do mesmo caldo, começou um pouco diferente mas logo vai se incorporando, quase que não dá pra desmisturar, porque é uma coisa só no final. De repente o sarau é o quinto elemento³³ do hip-hop. Acho que há importância e que um fortalece o outro, os Slams³⁴ também, mas acho que a influência do rap, do hip-hop foi total nos saraus". **(Binho em entrevista concedida em 06/10/2017).**

Também podemos afirmar a partir da iniciativa do Sarau do Binho, que se localizava em um bar, outro aspecto muito importante para caracterizar essa cena: a falta de espaços culturais na periferia que os leva a criar um circuito alternativo de produção cultural. É importante levantar que mesmo com o fechamento do bar pela

³² Mc é a sigla para Mestre de Cerimônia, o termo foi cunhado pelo hip-hop mas atualmente é utilizado também por cantores de Funk no Brasil.

³³ O hip-hop possui 4 elementos: MC, DJ, Break e Grafite, alguns autores acreditam que os saraus seriam como o quinto elemento, para mais informações ver Leite (2014).

³⁴ Slam's são batalhas de poesia falada, spoken word, como na expressão norte americana onde o termo foi criado. Chegaram ao Brasil no final da década de 2010 e hoje se espalharam pelas periferias tanto quanto os saraus.

prefeitura, pela falta de Alvará de funcionamento, em 2012, o sarau seguiu itinerante até ocupar o Espaço Clariô de Teatro nos limites entre Taboão da Serra-SP e o bairro do Campo Limpo, esse fato só enfatiza o caráter de resistência tão presente nos saraus, e evidencia que essa cultura nasce do vínculo forte existente entre os “sujeitos periféricos” e seu lugar de origem.

Campo Limpo Taboão³⁵

Quando nasci tinha seis anos.
No lugar em que nasci,
sonhava que era tudo nosso.
Tinha os campinhos e os terrenos baldios.
era meu território.
Já foi interior,
hoje periferia com as casas cruas.
As vacas com tetas gruas
não existem mais.
A cerca virou muro. Óbvio.
A cidade cresce.
O muro cresce.
Vieram os prédios, as delegacias, os puteiros
e as Casas Bahia.
Também cresci,
fiquei grande.
Já não caibo dentro de mim
e de tão solitário
sou meu próprio vizinho.

Binho

A voz de Binho é uma das primeiras vozes do sarau, é dele um dos gritos que iniciou essa cena, instaurando um “lugar”, sua fala é testemunho histórico e vivo de todo o percurso dessa manifestação desde sua gestação até sua consolidação. A voz de Binho é um grito do lugar.

³⁵ Poema do livro *Donde Miras – Dois poetas e um caminho*, de Binho e Serginho Poeta (Edições Toró, 2007).

O rapper “Cocão a Voz”³⁶, integrante do sarau da Cooperifa³⁷ e originário da periferia da Zona Sul de São Paulo, trabalha junto às comunidades e escolas levando a cultura do hip-hop e a poesia para dentro da sala de aula. Em sua fala percebemos de maneira muito nítida essa relação recíproca entre o hip-hop e os saraus.

[COCÃO] O GRITO DO RAP

Quando eu conheci o Sarau da Cooperifa em 2002, 2003 mais ou menos, eu comecei a perceber que existiam outras escritas, outros assuntos, outros temas que era abordados nos livros, nas poesias que a pessoa declamam, e eu percebi que aquilo também poderia estar no meu rap, melhorar o meu vocabulário e até o meu humor né? A minha convivência tanto na minha quebrada, na minha comunidade como com a minha família. E aquilo foi primordial pra mudança da minha escrita, do meu pensamento, do meu ponto de vista. E eu vejo que muitos rappers hoje, que estão vindo aí também são moldados assim, muitos vem de batalhas de rimas, outros vem de movimento de saraus, eu me fortaleci no sarau, os meus versos se fortaleceram na Cooperifa, vendo o Sergio Vaz recitar nos shows de rap antigamente, na Cooperifa também. (Cocão em entrevista concedida em 27/06/2016)

Importante pontuar que, antes dos saraus existirem e serem essa espécie de “escola para os rappers” muitos membros do hip-hop, mesmo com baixa escolaridade, sempre tiveram uma grande formação política por meio dos livros, livros estes que não eram fornecidos ou indicados nas escolas, mas sim nas letras das músicas que ouviam, assim era muito comum entre os rappers a leitura de livros sobre Malcon-X, Martin Luther King³⁸ ou Nelson Mandela³⁹. O rapper Emicida⁴⁰ em sua música Ubuntu⁴¹ afirma: “Eles não vão entender o que são riscos, e nem que nossos livros de histórias foram discos”.

³⁶ Cocão é o apelido e também o nome artístico de Ed Mauro Teixeira de Almeida, rapper paulistano morador do Jd. São Luiz, zona sul de São Paulo.

³⁷ Cooperifa: Cooperativa Cultural da Periferia, coletivo cultural e criador do sarau de mesmo nome que acontece semanalmente desde o ano de 2001 em um bar da periferia de São Paulo, sua história foi publicada no livro *Cooperifa Antropofagia Periférica* (VAZ, 2008).

³⁸ Malcolm X e Martin Luther King foram personalidades importantes na mobilização e luta pelos direitos civis dos negros nos EUA. Apesar de abordarem a questão do racismo a partir de visões distintas, os dois representaram as vozes centrais na desconstrução e deslegitimação da supremacia branca e da injustiça racial. Para uma visão mais aprofundada ver: http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2008/12/entrevista_154.pdf

³⁹ Mandela foi um líder sul-africano do movimento contra o Apartheid - legislação que segregava os negros no país, negando-lhes direitos sociais, políticos e econômicos. Caçado como guerrilheiro pelo governo foi condenado em 1964 à prisão perpetua, foi libertado em 1990, depois de grande pressão internacional e quatro anos depois foi eleito presidente da África do Sul. Mandela é conhecido internacionalmente e em 1993 ganhou o Prêmio Nobel da Paz pelo reconhecimento de sua luta pelos direitos e pela liberdade do povo negro.

⁴⁰ Rapper que ganhou esse nome por vencer grandes batalhas de rimas assassinando seus oponentes com seus versos matadores, sendo assim o homicida de MC's, um Emicida.

⁴¹ Música do disco *O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui*, EMICIDA (2013).

As imagens a seguir (Figura 1 e 2) mostram a capa e contra capa do segundo disco dos Racionais MC's, "Escolha o Seu Caminho" (1992).



Figura 1



Figura 2

Fonte: www.ockerattack.blogspot.com consultado em 23/04/2018.

Na parte frontal via-se os 4 integrantes do grupo portando armas e usando drogas, no verso todos sentados em uma mesa, com livros, lápis e cadernos, estudando, em um ambiente que lembra uma biblioteca. Assim como no LP existia o Lado A e o lado B musical, a parte visual também sugeria "dois lados", dois caminhos, o da criminalidade e drogadição, ou o da educação, da leitura e da informação, deixando aos ouvintes a decisão: "escolha o seu caminho".

Fato semelhante é visualizado em outro LP lançado em Brasília-DF no ano seguinte (1993), como é possível visualizar nas figuras 3 e 4 a seguir, trata-se do primeiro disco do rapper GOG⁴², intitulado "Vamos Apagá-los... Com o Nosso Raciocínio".

⁴² G.O.G são as iniciais de Genival Oliveira Gonçalves, nome artístico do rapper brasileiro considerado o poeta do rap nacional, cuja carreira ultrapassa os 30 anos com mais de 10 discos lançados.



Figura 3



Figura 4

Fonte: <https://pt.wikipedia.org> consultado em 23/04/2018

Novamente uma capa que compõe uma história de dualidade e de escolha, a parte frontal do disco mostra o rapper em um ambiente mal iluminado, com um capuz na cabeça empunhando uma arma apontada ao lado da frase: "VAMOS APAGÁ-LOS...", que aparece em caixa alta e grita como num assalto. Na contracapa, complementando o que diz a imagem frontal, lê-se a frase: "com o nosso raciocínio", seguida de foto onde o rapper aparece sem capuz, mostrando todo o rosto, em um ambiente bem iluminado segurando um livro aberto, com crianças ao fundo também com livros, sentadas e lendo. A divisão das músicas do LP também carrega uma mensagem, pois o Lado A é intitulado Alfa, e o lado B, Betização, compondo a palavra alfabetização.

Tal narrativa seguiu e ainda segue muito comum nas letras de rap, como por exemplo na música "Assim que se fala"⁴³ de 1998, onde o mesmo rapper GOG profere a célebre afirmação: "o estudo é o escudo", reforçando novamente o papel da educação como alternativa aos jovens da periferia constantemente assediados pelo crime. Ou mesmo na música "Subirusdoistiozin" (2010), quando o rapper Criolo⁴⁴ alerta: "os moleque aqui tão de HK⁴⁵, leva no sarau, salva essa alma aí".

O rapper *Cocão a Voz*, relata que fazer parte de um sarau, no seu caso o sarau da Cooperifa, e ter contato com esse novo ambiente e as pessoas que o frequentam, trouxe uma profunda transformação no seu modo de ver o mundo, e afetou inclusive o seu processo de criação, como podemos observar nas palavras a seguir:

⁴³ Música do disco "Todos São Manos" (1998), do grupo de rap paulista RZO (Rapazeada da Zona Oeste) em que o rapper G.O.G. participa.

⁴⁴Música do disco "Nó Na Orelha", CRIOLO (2011).

⁴⁵ HK é a sigla popular para Heckler & Koch, fabricante de armas alemã conhecida por criar o Fuzil G3, utilizado por alguns criminosos no Brasil.

A vida das pessoas que estão ali no sarau é que inspiram a gente, porque o ambiente do sarau é diferenciado, as pessoas que frequentam os saraus são pessoas com ideias diferenciadas, e a partir disso eu vejo que o meu rap tomou outros rumos, outros pensamentos, então eu vejo que é de grande importância esse contato, pode frequentar a Cooperifa e outros saraus também. Eu sou muito grato a isso aí. (Cocão em entrevista concedida em 27/06/2016)

Portanto, podemos inferir que os saraus oxigenam o hip-hop e que estes dois movimentos são partes importantes de uma cena que se desenha na periferia. O próprio Cocão afirma nesta mesma entrevista que “acredita que os saraus são um movimento literário que deram um *up* pra vários MC’s, e uma parcela muito grande de poetas do rap fortaleceu seus versos através do sarau”. A voz de Cocão a Voz, que incorpora essa palavra em seu nome, é uma “voz periférica” em sua origem, e essa voz está presente nos saraus quase que como um som original, aquele ao qual todos os outros fazem referência, como um *beat* que é mixado inúmeras vezes mas não perde sua essência, o seu grito é o grito que devolve ao rap sua essência poética, afinal falar em rap e poesia seria um pleonismo, pois a nomenclatura R.A.P. vem da sigla em inglês **Rhythm And Poetry**, ou “ritmo e poesia” em português, sendo assim, sem a poesia tal significado se perderia, e o rap seria apenas ritmo.

Assim como a poesia colou-se ao ritmo nas músicas de Cocão, em um caminho inverso e igualmente complementar, o ritmo do rap inspirou a poética do escritor Ferréz, que teve a influência deste gênero musical como uma constante desde os seus primeiros escritos. Ferréz é considerado o precursor da literatura marginal⁴⁶, e traz de forma intrínseca a sua trajetória a relação entre rap e literatura. No final da década de 1990, em um momento onde pouquíssimas pessoas escreviam e se autopublicavam nas periferias de São Paulo, não haviam saraus e nem referências líricamente ou geograficamente próximas, o rap era o que havia de mais semelhante e acessível no momento, e foi nele que Ferréz encontrou forças para se alimentar como escritor, numa descoberta precoce que antecede em vários anos os primeiros estudos que relacionaram rap e a literatura na periferia, anterior inclusive a percepção, por parte dos próprios rappers, de como esta relação poderia ser benéfica para sua criação, como é possível observar na fala a seguir:

⁴⁶ O primeiro romance escrito por Ferréz, *Capão Pecado*, publicado no ano 2000 vendeu mais de 100.000 cópias e foi traduzido para diversos idiomas, é considerado como a obra inicial da Literatura Marginal/Periférica. Nos anos seguintes o autor organizou e publicou em parceria com a revista Caros Amigos as revistas Literatura Marginal 1,2 e 3, reunindo pela primeira vez em uma publicação de circulação nacional escritores com a alcunha de marginais e periféricos, inaugurando o que viria a ser o início desse movimento de literatura marginal/periférica.

**[FERRÉZ]
O GRITO DA
PALAVRA**

Eu trouxe a postura e a ideologia do rap pra minha literatura, foi o rap que me botou pra ler, os caras paravam um show no meio pra dizer que as pessoas precisam estudar, que violência não tava com nada, eu achava isso fabuloso. Eu trouxe toda minha bagagem do rap, e hoje tem rappers que se influenciam por mim. Tenho cara de intelectual mas eu sou maloqueiro.

A influência do rap foi a linguagem, pois antes mesmo de ter lido os clássicos da literatura eu ouvia rap, convivi com muitos grupos de rap, na literatura eu sempre estava sozinho na quebrada, mas no rap eu não me sentia sozinho, comecei fazendo letra de rap. Fui educado com

o rap para poder escrever essa literatura, é tipo uma literatura hip-hop, as frases do rap me influenciam, estão nas falas dos meus personagens. A abertura dos capítulos do Manual Prático do Ódio⁴⁷ são como micro raps, é uma linguagem do rap. Entre os capítulos do Capão Pecado tem textos de rappers. A letra do Guina⁴⁸ é um conto fabuloso. As capas das revistas Literatura Marginal têm a cara do rap, os grafites, o conteúdo também traz vários rappers junto aos escritores. A literatura ajudou muito o rap também, hoje os saraus e a literatura abastecem o rap que estava pobre. A minha diferença é que eu trouxe o rap pra literatura, eu vim de mano para a literatura. Eu fazia poesia no meio de eventos na periferia antes de existir sarau, sem saber o que era sarau. O Sergio Vaz distribuía postais com poesias em shows de rap, eu e ele também falávamos poesias antes dos shows, ou no meio dos shows, aí algum professor via, chamava pra ir pra escola e tals. Na periferia se você falasse que fazia literatura que gostava de literatura achavam que você era playboy. Eu ia nos shows de rap a pé pra falar uma poesia, e ninguém entendia. Eu era fã de rap, queria mostrar pros caras do rap que a literatura tinha tudo a ver com o rap, mas eles não entendiam isso. Foi um cara do rap, do grupo Conexão do Morro⁴⁹ que me apresentou um jornalista do jornal Notícias Populares⁵⁰ que me ajudou a publicar meu primeiro livro, me deram as fotos. E os playboys se empolgavam muito mais com a ideia do livro do que os caras do rap. Teve uma época que eu fui cantar rap também, gravei dois discos de rap, sempre fui muito próximo do rap. Eu queria cantar rap, participei de vários CDs de rap recitando poesia, textos meus. Meus amigos são todos do rap, isso deixa meus textos puros, com cara de rua mesmo, mais do que se eu convivesse com escritores elitizados, por exemplo as gírias, os personagens são todos reais, dá uma legitimidade. Eu escuto muito rap, é um diário da periferia.

(Ferréz em entrevista concedida em 24/06/2016)

O fato da literatura marginal trazer de modo muito intenso o espaço periférico em sua temática, e tratar da "quebrada", do bairro, do seu lugar, foi visualizado primeiramente no rap, que sempre falou do seu "lugar de origem". Assim, a título de exemplo, na década de 1990 era possível conhecer a realidade da zona leste pelas

⁴⁷ Segundo romance escrito pelo autor (FERRÉZ, 2003).

⁴⁸ Personagem principal da música "Tô ouvindo alguém me chamar" dos Racionais MCs, a faixa integra o disco Sobrevivendo no Inferno lançado em 1997 e que no ano de 2018 virou obra obrigatória no vestibular da UNICAMP-Universidade Estadual de Campinas como obra de poesia, figurando inclusive ao lado grandes clássicos como Luís de Camões e Ana Cristina Cesar.

⁴⁹ Grupo de rap na Zona Sul de São Paulo cujas letras traziam fortes denúncias sobre a violência policial, um de seus integrantes, DJ Lah, foi assassinado junto com outras sete pessoas em um bar do bairro que morava em janeiro de 2013. Essa chacina fez parte de uma série de outras chacinas que aconteceram naquele ano em São Paulo cuja principal suspeita é de que tenha sido praticada por grupos policiais em retaliação a videos feitos por moradores e espalhados na internet que mostravam diversos casos de violência policial para com os moradores.

⁵⁰ Jornal impresso que circulava em São Paulo na década de 1990 e era famoso por trazer em suas matérias sempre casos sangrentos.

músicas do grupo Consciência Humana⁵¹, atuante na região de São Matheus, da Zona Oeste pelo grupo RZO de Pirituba, e da zona sul e norte pelos Racionais MC's, pois o grupo possui integrantes dessas duas partes da cidade (Capão Redondo e Tucuruvi). Isso falando apenas de São Paulo, se ouvíssemos rappers de Brasília-DF como GOG ou Câmbio Negro⁵², tomaríamos conhecimento sobre os acontecimentos da periferia composta pelas cidades satélites (termo usado para definir as periferias do DF), bolsões de pobreza que orbitam a capital planejada. Desta forma, características presentes no rap reverberaram na literatura marginal/periférica anos mais tarde, e logo surgiram colaborações entre estas duas artes, o próprio Ferréz, inseriu letras de MC's na abertura dos capítulos de seu primeiro livro e posteriormente gravou CD's de rap, assim como o poeta Sergio Vaz participou de discos de vários grupos de rap.⁵³

Essa valorização da oralidade na literatura marginal/periférica, continuada nos saraus e mais tarde nos *Slam's*, foi legada dos MC's do rap, que por sua vez a herdaram dos *Toasters*⁵⁴ jamaicanos, ligados ancestralmente aos *Griots* africanos⁵⁵. Deste modo, se os saraus são o espaço onde essa literatura ganha a voz das pessoas, onde a literatura é devolvida à oralidade de fato, a voz de Ferréz, é a voz marginal, uma voz que vem de dentro e seu grito é um grito da palavra.

A palavra também lava, grava, e seu grito grave ecoa diversas linguagens, como na obra do artista e escritor Daniel Minchoni⁵⁶, que organiza mensalmente o *Sarau do Burro* em São Paulo e está a frente do *Selo do Burro*, por onde já foram editados mais de 30 livros de forma independente e colaborativa com os autores, sua voz novamente traz a tona a forte relação entre literatura marginal/periférica, saraus, rap e hip-hop.

⁵¹ O grupo de rap Consciência Humana foi formado em 1990, na Zona Leste de São Paulo por *Preto Aplick, W.G.I* e DJ Adriano, ganhou notoriedade por suas letras que denunciavam as dificuldades enfrentadas na periferia e a violência do Estado pela força policial.

⁵² Câmbio Negro foi um grupo de rap que nasceu na Ceilândia, no Distrito Federal, em 1990, no formato tradicional DJ + MC, mas, a partir de seu segundo disco gravado incorporou instrumentos em suas apresentações tornando-se uma das primeiras bandas de rap do Brasil. Suas letras traziam duras críticas sociais e versavam também sobre violência policial e racismo.

⁵³ É possível ver participações de Sergio Vaz em vários discos de rap, dentre eles o disco *MMII Depois de Cristo* (509-E, 2002), *Um Segundo é Pouco* (Inquérito, 2008) e *Cartão Postal Bomba* (GOG, 2009). Ferréz gravou o disco de rap *Determinação* (2003), e participou do disco *Direto do Campo de Extermínio* (Facção Central, 2003).

⁵⁴ Os habilidosos Toasters, praticavam a arte de improvisar rimas sobre uma música instrumental, utilizando microfones e versando sobre problemas como a violência e a situação política local, praticando o canto falado, herança dos ancestrais africanos (GOMES, R. L. 2012 p.16)

⁵⁵ Griot africano, velho contador de histórias, que também simbolizava a sabedoria ancestral e o elo de transmissão de conhecimentos às novas gerações'. (GOMES, R.L. 2012 p.16).

⁵⁶ Daniel Minchoni é Sola no graffiti, fundador e organizador do Sarau do Burro, Burruído, do Selo do Burro, e do Menor Slam do Mundo. Publicou diversos livros de poesia, dentre eles: *Escolha o Título, Iapois Poesia*, e *Carnevais*. Editor das antologias *DoBurro* e *Menor Slam*. Fonte: <http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/agente/11828/>

[DANIEL
MICHONI]
O GRITO DA
LINGUAGEM

Acho que a Literatura Marginal ou Periférica e os saraus têm muito a ver com o rap, tem muito MC de sarau, o próprio Sergio Vaz ia nos shows e pedia pra fazer um poema. Como esses poetas declamavam no meio de um show de rap, a temática tinha que ter haver com o rap também. Grande parte desses poetas de hoje ouviam rap, foram influenciados pelo rap. Eu fui influenciado pelo rap também, grupos como Doctors MC's, Potencial 3, Athalyba e a Firma, e SNJ⁵⁷, eu tenho muito essa influência, a métrica parte um pouco disso, eu considero o sarau de SP cria do movimento hip-hop, como herança das Posses⁵⁸ que eram espaços no início do hip-hop.

Os saraus hoje são como as reuniões de comunidades, encontros comunitários, os saraus tem um pouco disso, mais no aspecto poético do que sindicalizado, mas também tem um "Q" de Posse por promover ações na comunidade e os saraus ocuparam esse espaço das Posses, fazer ações de conscientização, oficinas, ir nas escolas, eu vejo total referência e total continuidade do pensamento do hip-hop nos saraus.

Até mesmo a cena do spoken word⁵⁹ e do Slam⁶⁰ que tem ligação com batalhas de MC's de rap, rinha de MC's. Tem a ver com o rap o lance do faça você mesmo, de criar meios pra difundir o seu bagulho, tipo não vou ficar esperando alguém vir ler meu livro, vou fazer um sarau, vou mostrar meu texto, como os rappers não esperavam pelas gravadoras e fundaram suas próprias gravadoras, o sarau tem um pouco disso, de não esperar a Cia Das Letras⁶¹ me aceitar, então vou fazer do meu jeito, isso é herdado do rap, do punk, esse lance do faça você mesmo. Na roda de Break um ficava olhando o outro pra aprender e depois ia pra casa e ficava tentando pra aprender a fazer. O sarau tem isso, das pessoas irem aprendendo em movimento, com as coisas acontecendo, esse lance de não ficar esperando, o rap tinha muito isso. Vou fazer minha própria cena. **(Daniel Minchoni em entrevista realizada em 19/06/2016).**

Na fala de Minchoni é possível vislumbrar a força do hip-hop e a sua urgência em gritar ao mundo, a urgência do fazer a qualquer custo, e a explosão revolucionária e aglutinadora de quem sempre "esteve atrasado" e ainda assim possui pouco tempo. Essa energia centrífuga influenciou e influencia até hoje o fazer dos poetas periféricos. Se pararmos pra pensar no início do hip-hop no Brasil, quando os MC's cantavam seus rap's "em cima de batidas" feitas com as mãos nas latas de lixo⁶², tamanha era a falta de recursos disponíveis, podemos traçar um paralelo com os escritores da literatura marginal/periférica (seja no seu início ou até mesmo nos dias atuais) que impossibilitados de lançar uma obra produzida de forma industrial em uma gráfica, recorrem a publicar seus

⁵⁷ Todos essa sequência de nomes citados por Minchoni são de grupos de rap da década de 1990.

⁵⁸ Posses foram coletivos criados em bairros da periferia durante a década de 1990, associações de breakers, rappers e grafiteiros que realizavam oficinas culturais para divulgação das suas expressões artísticas, organizavam shows beneficentes em prol da comunidade e reuniões para discussões sobre questões raciais e políticas, etc; e que estabeleceram relações de troca com partidos políticos e movimento negro para ampliar suas possibilidades de atuação.

⁵⁹ Expressão em inglês comumente usada para se referir a poesia falada, declamada.

⁶⁰ Slam Poetry são competições de poesia falada, se popularizaram no Brasil nos últimos 5 anos e hoje já somam mais de 30 Slams espalhados pelo país.

⁶¹ Nome de uma das maiores editoras de livro no Brasil

⁶² No início do hip-hop no Brasil, na Estação São Bento do Metrô em São Paulo, era dessa maneira que os MC's faziam seu som, somente em um segundo momento passam a utilizar rádios elétricos, cuja energia era "roubada" das tomadas do metrô.

escritos em zines feitos de fotocópias, ou em livros artesanais de baixa tiragem. Do mesmo modo que estes escritores não esperam pelas editoras, o rap não esperou pelas gravadoras, não ficou esperando as aulas de violino chegarem na quebrada pra poder fazer música, se apropriou de discos velhos pra criar algo novo, e criou sua própria música, assim nasceu o *sample*⁶³ por exemplo, que hoje é um recurso usado por grandes produtores de outros segmentos musicais inclusive.

Portanto, quando a periferia se apropria de um evento que a elite criou e depois deixou decadente, como os saraus, incorporando esta palavra que já havia caído em desuso, ao seu vocabulário, para fazer algo com a sua cara, sem bolo e sem champanhe, sem salões nobres, mas em um boteco do bairro, está havendo uma resignificação não só do termo sarau, mas também da forma, é resgatada uma outra emoção, um outro conteúdo, outra ligação com o lugar, que democratiza o acesso a palavra ao passo que dispõe de um microfone aberto a cada encontro, a participação é livre, declamam comerciantes, donas de casa, faxineiras, taxistas, vendedores ambulantes, pedreiros, entre outros, que passaram a reconhecer-se também como poetas e escritores. Ou seja, aqueles que por muito tempo foram silenciados, pela força do "conhecimento-regulação" (SOUZA SANTOS, 2011) agora gritam, e são sujeitos de sua própria história.

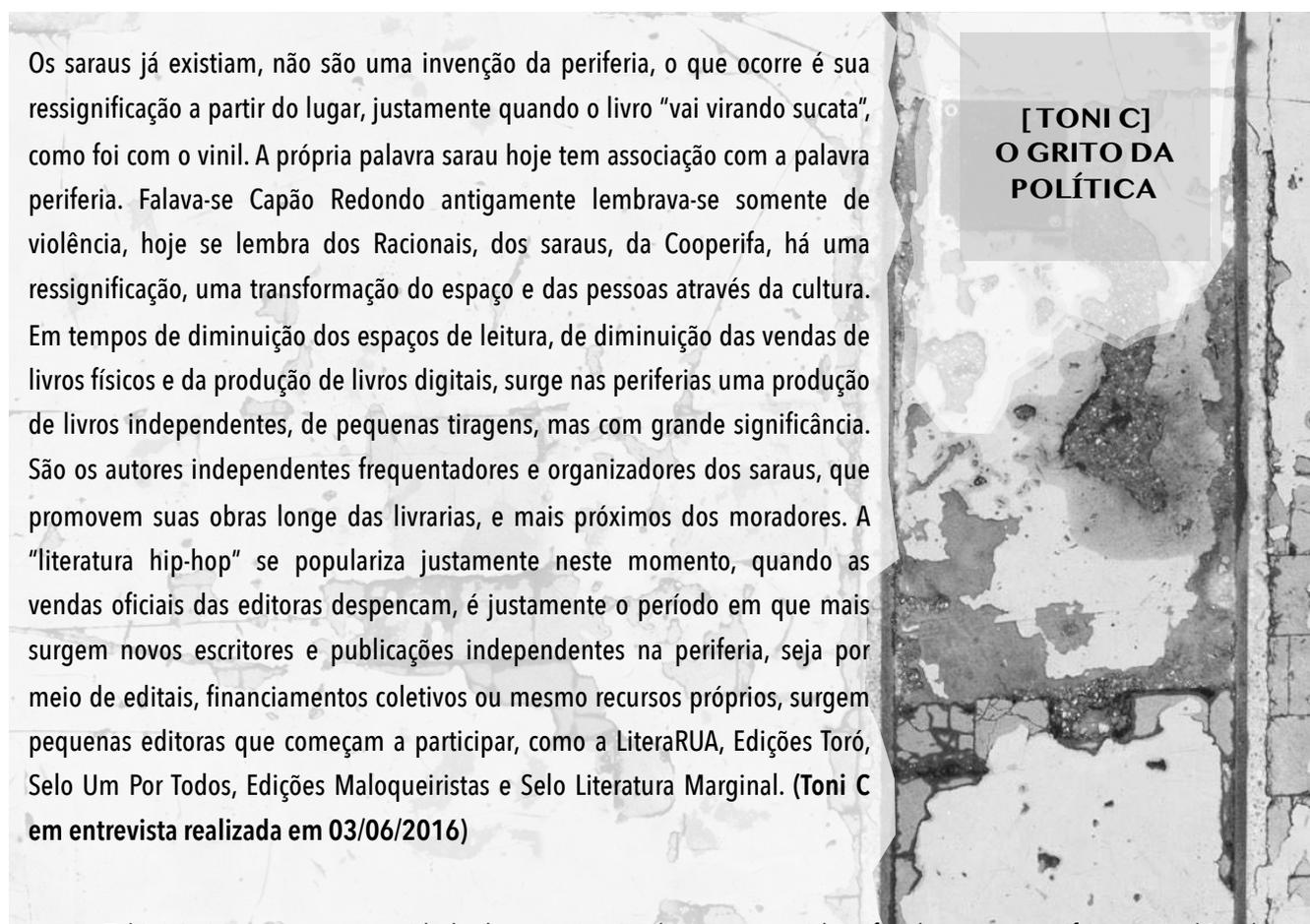
Por isso, mesmo não sendo MC, Minchoni, que é grafiteiro e poeta, admite ter forte influência das métricas do rap em seus poemas. Quando observamos o escritor em ação, declamando seus textos, podemos captar essa influência incorporada em sua performance, inclusive a maioria dos grupo de rap citados por ele, (*Doctors MC's*, *Potencial 3*, *SNJ*) possuem em sua identidade esta característica performática muito forte. Também é importante dizer que Minchoni, vem de uma formação letrada dentro da área de comunicação e mídias, que invariavelmente reflete em sua produção artística somando outras influências além do hip-hop. O sarau que organiza (Sarau do Burro), tematicamente carrega em sua composição a literatura marginal/periférica, mas geograficamente destoa um pouco do circuito de saraus periféricos que trouxemos até aqui, pois atualmente é localizado em uma galeria de arte no bairro da Vila Madalena (Galeria Alma), área privilegiada da cidade. Mas Minchoni é um conhecedor do movimento, sabe de suas origens, esse fato transparece em sua produção literária, uma vez que sua experiência de formação confere à sua escrita um caráter mais sofisticado. Em outra entrevista dada para o *Museu da Pessoa*⁶⁴ em 2015, o autor fala sobre seu primeiro livro "*Ouvinando*" e sobre sua escrita: "[...] Eu crio escrevendo, só escrita, mas eu me interesso pela escrita partindo da oralidade, então nesse meu primeiro livro tem um monte de coisa

⁶³ Sample em inglês, significa amostra. A produção musical do rap se utiliza de pequenos trechos/amostras extraídos de outras músicas e que são reproduzidos sequencialmente, os chamados samples, uma vez sobrepostos a uma batida eletrônica e a novos arranjos, originam uma segunda canção totalmente diferente, o rap.

⁶⁴ O Museu da Pessoa é um museu virtual e colaborativo. Está aberto a toda e qualquer pessoa que queira registrar e compartilhar sua história de vida. Saiba mais em <http://www.museudapessoa.net/pt/home>

que é isso, criado falado". Isso reitera a influência da linguagem dos saraus e do rap em sua produção, Minchoni não é "sujeito periférico" mas sujeita-se à periferia por escolha, incorpora a periferia em seus trabalhos e a faz transitar para outros lugares. Sua voz, compõe com as outras à sua maneira, e ele faz dessa cena, um laboratório para sua experiência literária, e o seu grito é o grito da linguagem.

Para Toni C, militante do movimento hip-hop, produtor cultural, escritor e criador do selo literário independente LiteraRUA⁶⁵, que lança e também distribui livros de escritores da periferia, os saraus possuem não só a capacidade de ressignificarem os espaços em que atuam (como o hip-hop), mas também fomentam o circuito alternativo de produção e veiculação de obras literárias periféricas, como podemos ver na fala abaixo:



Tal iniciativa mostra a capacidade de organização dos escritores identificados com a periferia, que além das próprias obras, criam selos, organizam-se em saraus, eventos e coletivos com intuito de fortalecer e legitimar a

⁶⁵ A LiteraRUA surgiu em 2002 criada por um coletivo de autores e produtores com mais de uma década de experiência em produção cultural, fruto das dificuldade de autores e artistas da periferia em publicar suas obras. "Juntamos livro+RUA e criamos um instrumento institucional de produção, publicação e distribuição de nosso pensar cultural. Trabalhamos obstinadamente para consagrar o Verso e a Prosa que brotam dos saraus, das periferias e das calçadas por onde circulam gente apressada. Acreditamos na capacidade e no talento da produção cultural periférica". Veja mais em www.literarua.com.br

literatura, a voz e o discurso da periferia⁶⁶. Nesse sentido podemos apontar que há uma horizontalização dos modos de produção numa espécie de economia solidária (SINGER, 2002), (PINTAUDI, 2002) que, ao mesmo tempo que permite o acesso dos frequentadores dos saraus aos livros, contribui para a manutenção financeira dos escritores. Tais aspectos podem ser verificados na fala de Luz Ribeiro⁶⁷, poeta integrante dos coletivos Poetas Ambulantes⁶⁸ e *Slam das Minas*, quando esta discorre sobre sua condição de artista independente que utiliza os saraus como plataforma de lançamento para suas obras:

Pra eu que sou uma poeta independente, que não tenho o meu trabalho veiculado por grandes editoras, não sei o que seria da minha arte se não fosse os saraus, porque sou eu com a minha biblioteca que é a minha própria mochila, então eu coloco os meus livros na minha mochila e vou vendendo o meu trabalho mediante a minha própria palavra, a minha publicidade é eu vender o meu próprio texto. Então eu faço o texto e através desse texto que eu consigo vender o meu trabalho, então eu acho que pra nós artistas independentes da palavra, se não fosse o sarau eu não consigo imaginar, como a gente viabilizaria uma forma de se fazer isso vendável.

As pessoas tendem a consumir esse tipo de material de grandes livrarias, e se você não está nesse lugar você precisa se reinventar, eu acho que o sarau é essa reinvenção, que é acessível pra quem tá na margem mesmo assim, então você pega e cola com o seu livro e vende. E é louco porque eu tenho um livro de R\$20,00 e um livro de R\$35,00 e as pessoas não deixam de consumir nem um, nem outro por causa do valor, da mesma forma que as pessoas consomem zine de R\$1,00 de R\$10,00, porque é isso, você acredita naquilo porque também é você e acaba fomentando aquilo, então eu acredito que é isso, O sarau é esse grande escambo, acho que o sarau é um mundo tão possível, tão possível, tão palpável, e tão utópico, que até livro vira moeda sabe assim? É muito louco!
(Luz Ribeiro em entrevista concedida em 09/04/2018.)

[LUZ RIBEIRO]
O GRITO DA
LITERATURA

A poeta e atriz Luiza Romão⁶⁹, escritora independente e assídua participante dos saraus e *Slam's* em São Paulo nos traz uma contribuição interessante, sugerindo inclusive uma possível periodização para este momento, afirmando que: "hoje é a época do autor":

⁶⁶ Para um aprofundamento a respeito da produção literária de escritores da periferia ler Leite (2014).

⁶⁷ Luz Ribeiro é poeta e pedagoga, nascida na Zona Sul de São Paulo. Sua carreira como escritora confunde-se com a cena dos saraus na periferia pois foi neles que ela iniciou seu percurso como escritora da literatura marginal/periférica tratando da exclusão e do racismo. Em 2013 publicou seu primeiro livro "Eterno Contínuo" e atualmente participa ativamente dos *Slams* e inclusive foi representante do Brasil na 11ª edição da Copa do Mundo de Slam, em Paris, em 2017.

⁶⁸ O coletivo *Poetas Ambulantes* é formado por um grupo de poetas que declama poesias em ônibus, trens e metros da cidade de São Paulo, já o *Slam das Minas* é uma batalha de poesias somente para mulheres.

⁶⁹ Luiza Romão é poeta, atriz e diretora de teatro, essa atuação em várias áreas a faz uma artista multimídia que incorpora diferentes linguagem em sua produção literária que vai desde livros impressos a trabalhos audiovisuais onde ela explora a linguagem do *spoken word*.

[LUÍZA
ROMÃO]
O GRITO DO
AUTOR

A poesia ela já passou por várias fases, até tem um diálogo interessante do Vanderlei Mendonça⁷⁰ e o Marcelino Freire, que são dois editores, escritores de São Paulo, que eles falam que já passou pela era das grandes editoras, em que pra você ser um grande poeta você tinha que ter um livro publicado por uma grande, já passou a época dos grandes prêmios, a época das grandes feiras literárias, a época das grandes livrarias, então pra você estourar você precisar estar na vitrine de tal livraria, e hoje eles falam que é a época do autor, então acho que tem muito a ver com isso. A partir do momento em que você horizontaliza o modo de produção, você consegue publicar um livro sem selo, sem editora, você consegue fazer um livro com uma "cartonera" que é aquele livro de papelão, você consegue fazer um zine, você consegue criar circuitos de circulação e produção sem depender desse grande hall da produção literária, e isso é muito interessante. Ao mesmo tempo esse autor, ele passa a conseguir produzir e circular, e até ter renda, porque é importante a gente sobreviver, a partir desses espaços de encontro, então é uma cena que ao mesmo tempo fomenta e também sustenta, e isso é muito importante se você pensar em economia solidária, em outras formas de se trabalhar com cultura no Brasil. **(Luiza Romão em entrevista concedida em 12/03/2018)**

Assim como Luiza Romão, Toni C traz à luz outro aspecto muito importante sobre os saraus, referenciando-o enquanto movimento político de reivindicação e resistência, como uma continuação daquilo que já era praticado pelo movimento hip-hop em sua origem, a voz de Toni C, soma-se as outras para compor um grito político⁷¹.

O sarau seria uma "Rede Social da Vida Real" em um período em que as relações se dão cada vez mais no mundo virtual. Em um lugar carente de debates, em um período carente de debates o sarau surge como contraponto a tudo isso. Vira um espaço de convivência. Também aumentam ações de promoção a leitura e a essa literatura, como os saraus por exemplo, porém de forma muito mais engajada, interativa com a comunidade, com o protesto pelas causas sociais, é uma poesia reivindicatória, ligada a atitude do hip-hop, ao posicionamento político e a postura, como um poeta-MC. O MC também é um poeta, e isso torna-se evidente a partir dos saraus.

Se pensarmos o hip-hop como um período histórico podemos dizer que os saraus seriam uma continuação, uma nova fase? A era do hip-hop é também a era da modernidade, a era da velocidade, assim como os beats que embalam os raps cantados pelos MCs, a era da outra globalização como previu Milton Santos. Então tivemos o arcadismo, o romantismo, o barroco, o modernismo, e agora o hip-hop, uma nova escola, uma nova era cultural, que impacta todas as relações sociais, culturais, a moda, o visual, a música, a dança, as artes visuais, o comportamento, a própria literatura, o "redescobrimto da África", uma conexão, uma identificação entre os da mesma tribo, é como uma é como uma ascensão dos de baixo, questionando sua própria invisibilidade. Inclusive a literatura, então existe uma literatura do hip-hop? (vale ressaltar as inúmeras publicações que saíram na mídia e na própria academia sobre o hip-hop). A eleição de Obama, Lula, Evo Morales, de presidentes mulheres como a Dilma no Brasil e a presidente da Alemanha. A Europa toda tomada por imigrantes, essa migração reversa, o hip-hop seria essa força dos fracos

⁷⁰ Vanderley Mendonça é editor do Selo Demônio Negro, jornalista, designer e tradutor. Formado em design gráfico e pré-impressão pelo RIT (Rochester Institut of Technology, EUA) e Design Tipográfico na Hochschule fuer Grafik und Buchkunst, Leipzig.

⁷¹ Vale destacar que Toni C também é membro fundador da Nação Hip-Hop, coletivo que se configura como um dos responsáveis pela organização política atual do hip-hop no país, cuja ligação estreita com partidos de esquerda, sobretudo o PCdoB levou muitos membros do hip-hop a se candidatarem a vereadores em seus respectivos municípios. Para ver mais sobre este assunto ler (GOMES, R.L., 2012).

Outros gêneros musicais como o rock, o samba, não criaram uma representação literária como aconteceu com o rap e o hip-hop, não criaram sua própria literatura. Ou seja, o rap vai além de um estilo musical. O hip-hop foi um movimento sociocultural de empoderamento da população da periferia, de bater no peito e ter orgulho de ser de lá, de se vestir de tal jeito e "tals". O hip-hop foi inspirado pelos Panteras Negras, James Brown, Martin Luther King, Malcon X, Mandela. O hip-hop é a consequência do "sonho" de Martin Luther King, é o grito "Sub Raça é a puta que o pariu" (Música da banda Câmbio Negro inspirada numa reportagem da antiga Manchete falando sobre os negros) **(Toni C em entrevista concedida em 12/03/2018)**

A partir dessas análises podemos concluir que existe uma convergência muito evidente entre o movimento hip-hop e os saraus, comprovada aqui pelas falas desses sujeitos. O hip-hop desenha o esboço do processo de consolidação de uma cultura periférica de resistência que vai tomando corpo e se nutrindo de força suficiente para mobilizar seus atores. Esse movimento reivindica a voz e efetiva a existência desses "sujeitos periféricos", e o rap em suas letras e composições inclui a periferia enquanto territorialidade emergente na paisagem sonora da cidade. Se torna, portanto, "porta voz" dessa espacialidade e desse grito geográfico, amplifica e faz ecoar esse som, no microfone empunhado pelos MC's que fazem das rimas seu lugar de protesto e, da sua voz, uma voz de todos. Esse desenho adquire um novo contorno nos saraus, e o microfone que antes era empunhado por apenas um, se abre à voz de todos e qualquer um. Essa força de várias vozes que se soma ao hip-hop, tem a capacidade de construir de fato um "lugar" periférico onde essa cultura de resistência possa habitar. É no sarau, que a singularidade dos sujeitos se torna visível pelo reconhecimento das diferenças, pelas partes que se somam para compor um todo mais potente. Esse lugar com seu "microfone aberto" e onde "o silêncio é uma prece", parafraseando Sérgio Vaz, consolida o espaço de resistência na periferia, permite que qualquer pessoa se aproprie desse lugar, é a instauração do espaço democrático e coletivo dos "sujeitos periféricos" enquanto protagonistas de sua própria história.

A palavra grito significa "som emitido com força pela voz ou ainda, o clamor de diferentes vozes". Esse grito que construímos aqui nasce do atrito entre várias vozes, um grito do lugar, do rap, da política, da linguagem, do autor, da literatura e da própria palavra. O grito é potente, estabelece pontes, esgarça e rasga o tecido estéril e engessado da cidade. "Fazer ouvir" todas essas vozes é muito diferente de "dar voz a eles", pois ela está lá, na garganta do MC, dos poetas, escritores e frequentadores dos saraus. Essa tese, nesse momento, silencia esse texto, para apenas ecoar esse grito, fazer reverberar esse som para além da periferia e se deixar afetar pela potência dessas vozes, pois "Paz sem voz, não é paz, é medo!"⁷²

⁷² Trecho da letra "Minha Alma" do grupo O Rappa, composta por Marcelo Yuka.

O MAPA das PA Alavras

2.1

C A R T O G R A F I A S D A A Ç Ã O

A natureza comunicativa dos saraus enquanto manifestação da oralidade, nos leva a compreender que mapear esses eventos implica em dar relevo a voz da periferia por meio da geografia. O sentido primeiro dessa proposta é trazer à luz esses espaços enquanto lugares de fala e de resistência que nascem fora do circuito cultural tradicional.

Para tanto, traremos neste capítulo alguns mapas afim de apresentar a cartografia das vozes que se comunicam na periferia e sobretudo comunicam a periferia para além de sua própria geografia. Assim, mapear essas vozes é afirmar a existência daquele que fala, que faz uso da palavra para manifestar suas opiniões, suas paixões e suas indignações, porque "a leitura de resistências à opressão e à exclusão impõe o mapeamento analítico de práticas diárias e das táticas de sobrevivência que têm permitido a afirmação de identidades sociais até recentemente ocultadas pelos projetos políticos da modernidade" (Ribeiro, 2001, p.35).

Ao cartografar esse grito, damos voz ao próprio mapa, considerando-o como um instrumento que extrapola sua natureza meramente técnica e se apresenta como um dispositivo de espacialização dessa resistência, invocando uma cartografia que se faz por outros métodos e com outros conteúdos, trata-se de uma cartografia da ação:

A cartografia aqui sugerida é a da denúncia e também a que oriente a ação social, desvendando contextos e reconhecendo atos, ou melhor, cada ato. (...) Como carta, mapa, não aparece como instrumento isolado ou como bela ilustração de textos, exacerbando critérios estéticos; mas, sim, como ferramenta analítica e como sustento da memória dos outros. Neste sentido, propõe-se uma cartografia incompleta que se faz fazendo; uma cartografia da prática, que não seja apenas dos usos e das funções do espaço, mas também, usável, tentativa e plástica, através da qual se manifeste a sincronia espaço-temporal produzida e produtora da ação (RIBEIRO et. al, 2001, p.43).

Acreditamos então que mapear os saraus é desenvolver uma cartografia da ação "que vise à valorização imaginativa dos lugares vividos, onde a vida escorre ou ganha força reflexiva e transformadora" (Ribeiro, 2001, p. 43), e dessa forma, nos permita compreender dinâmicas espaciais que afirmam um novo sentido da geografia, na medida em que nos possibilita identificar a ocupação humana e as singularidades que criam o lugar.

Por meio dessa "cartografia da ação" a prática geográfica é reposicionada de modo transformador, uma vez que passa a compreender o mapa, não mais enquanto uma representação do espaço, mas sim enquanto um espaço de representação. Esse reposicionamento da geografia também é vislumbrado por Sousa Santos (1991, p. 140) quando o autor afirma que na atualidade há uma "recuperação da dimensão espacial para investigar a sua eficácia específica sobre as relações sociais". Nosso trabalho traz como prática uma cartografia ativa, "que exprime o real, mas também o ajuda a ser produzido" (Dos Santos, 2012, p.3), uma vez que se propõe a mapear manifestações culturais periféricas, avessas à ordem cultural vigente e que criam por si próprias uma rede de lugares fora do mapa e dos circuitos culturais tradicionais.

Mapear os saraus, além de representá-los do ponto de vista geográfico, também contribui com a produção e a efetivação dessa cena e de sua existência, permitindo desenhar a periferia a partir das experiências sociais que de fato a constituem como tecido construído pelo senso de apropriação e identidade, pelas práticas compartilhadas e principalmente como lugares de resistência contra-hegemônica.

O olhar predominante da modernidade – aquele que classifica, desenha e conta, mas, que, sobretudo, omite a escuta ou a compreensão de narrativas – renega assim, a não ser por belíssimas exceções, a experiência daqueles que praticam o espaço; daqueles que, por imbricamentos culturais extraordinários, compõem e engendram o tecido social (RIBEIRO et. al, 2001, p.40).

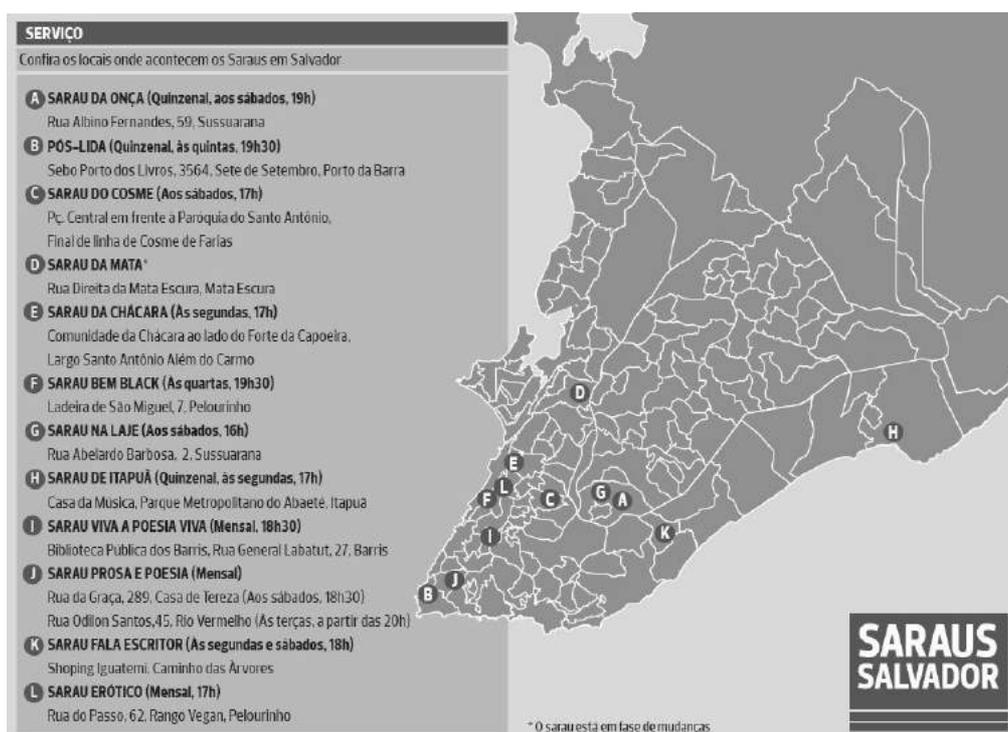
A prática cartográfica no contexto atual vem se emancipando do âmbito exclusivo da geografia, pois cada vez mais é possível encontrar na internet recursos disponíveis que permitem a democratização da criação de mapas, esses sistemas "abertos" permitem que a cartografia se torne também um espaço político de representação e "e isto é o que confere a riqueza a este campo que estamos chamando de "ativismos cartográficos" (Dos Santos, 2012, p.3). Como exemplo podemos citar o "Mapa dos Conflitos Socioambientais da Amazônia Legal: Degradação ambiental, desigualdades sociais e injustiças ambientais vivenciadas pelos Povos da Amazônia", elaborado pela FASE (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional) a partir de uma metodologia participativa onde os atores sociais e os movimentos organizados mapearam os conflitos sócio-ambientais e utilizaram as imagens como ferramenta de denúncia junto ao Ministério Público, evidenciando uma nova forma de se fazer e utilizar a cartografia como ferramenta de reivindicação do espaço pelos indivíduos.

Cartografias de movimentos sociais, cartografias feitas por movimentos sociais, ou para eles, enfim, diversas configurações podem ser observadas quando movimentos e outros atores sociais em lutas emergem como atores da produção cartográfica. (Dos Santos, 2012, p.6).

Desta forma, a cartografia dos saraus por nós aqui proposta evidencia sua natureza periférica, sua origem marginal e popular, apresentando o mapa do ponto de vista do lugar, lugar que se se constrói a partir da ação e das interferências desses "sujeitos periféricos". São esses sujeitos que ao produzir os saraus, se apropriando de espaços que não são destinados a este uso específico, subvertem à lógica da ocupação urbana e praticam, por assim dizer, uma "cartografia da subversão", um mapeamento mais humano, conforme apontam os autores Randolhp & Gomes (2010, p.4). "(...) os espaços de representação estão vinculados a um lado mais clandestino e subterrâneo ("underground"; artístico) da vida social que não obedecem às regras de consistência e coesão; não envolve tanto o pensamento, mas mais os sentimentos.

Ressalta-se aqui que os saraus contemporâneos não são exclusividade das periferias de São Paulo, estes encontros poéticos têm sido tema de cartografias em outras partes do Brasil, como pode ser visto na Figura 6 a seguir, representada pelo mapa *Saraus Salvador*, construído no final do ano de 2013 pelo Jornal Correio de Salvador-BA após entrevistas com escritores e organizadores de saraus da capital baiana.

Figura 6 - Saraus Salvador⁷³



Fonte: www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mapa-indica-principais-saraus-de-salvador/

⁷³ Para maiores informações sobre os saraus de Salvador ler a matéria que deu origem ao mapa acima em www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mapa-indica-principais-saraus-de-salvador/.

Outra iniciativa semelhante foi o *Mapeamento dos Saraus da região Metropolitana do Rio de Janeiro* (2015)⁷⁴ que se utilizou do site *Google Maps* para gerar um banco de dados com informações dos saraus existentes e de suas respectivas localizações, conforme pode ser visto na Figura 7 a seguir.

Figura 7 - Mapeamento dos Saraus da região Metropolitana do RJ



Fonte: www.mufaproducoes.com/mapeamento-de-saraus-rj/

O site onde o mapa foi publicado (www.mufaproducoes.com) possuía ainda um formulário para auto-cadastramento de novos saraus, reforçando as características de uma cartografia participativa, da prática, que se faz fazendo (Ribeiro, 2001). O autor Renato Emerson dos Santos se refere a esse tipo de cartografia afirmando que:

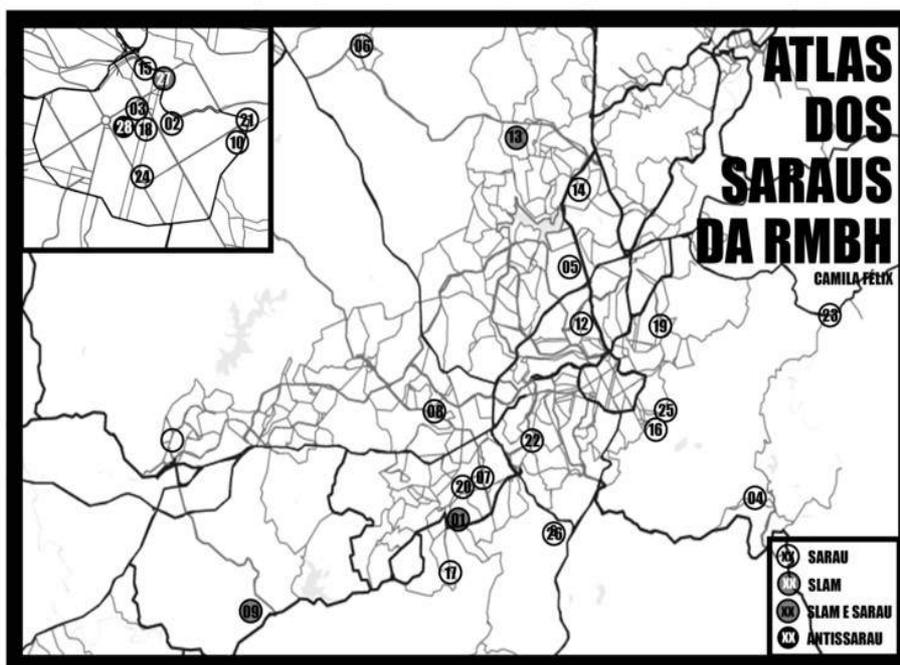
Elas ganham distinção, também, pela produção de novas formas de representar, rompendo com as convenções cartográficas, e por variados processos participativos de produção – o que contempla distintas relações de poder/saber entre os tradicionais detentores dos meios de produção cartográfica e grupos sociais envolvidos nas realidades representadas. (Dos Santos, 2012, p.3)

Ainda seguindo esta linha de raciocínio a publicação *Atlas dos Saraus da Região Metropolitana de Belo Horizonte*⁷⁵, que pode ser visto na Figura 8 a seguir, resultado de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) da estudante de Arquitetura e Urbanismo Camila Félix na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), traz informações sobre 26 saraus da Grande Belo Horizonte-MG (Felix, 2018)

⁷⁴ Desenvolvido pela Mufa Produções e pelo Sarau do Escritório, que acontece mensalmente desde 2010 na na Praça Luana Muniz, na Região da Lapa (www.facebook.com/SarauDoEscritorio).

⁷⁵ Trabalho que posteriormente virou livro (2018) viabilizado por meio de financiamento coletivo e publicado pela editora Crivo (www.crivoeditorial.com.br).

Figura 8 - Atlas dos Saraus da Região Metropolitana de Belo Horizonte



Fonte: www.archdaily.com.br/br/882344/atlas-dos-saraus-de-belo-horizonte-campanha-de-financiamento-coletivo

Também no ano de 2017 a poeta e produtora cultural brasileira Marina Mara, desenvolveu junto à Universidade de Brasília - UnB o aplicativo gratuito PoemApp (Figura 9), que divulga e localiza bibliotecas, saraus, poetas e editoras por todo o país. Fruto de dados coletados pela artista ao longo de uma década de militância pela poesia, circulando pelo Brasil em saraus e encontros literários. O aplicativo é fruto de dados coletados pela artista ao longo de uma década de militância pela poesia, circulando pelo Brasil em saraus e encontros literários e também permite que os usuários participem cadastrando novos endereços e eventos inserindo informações como descrição e localização de sarau⁷⁶.

Figura 9 - Imagem de divulgação do aplicativo PoemApp

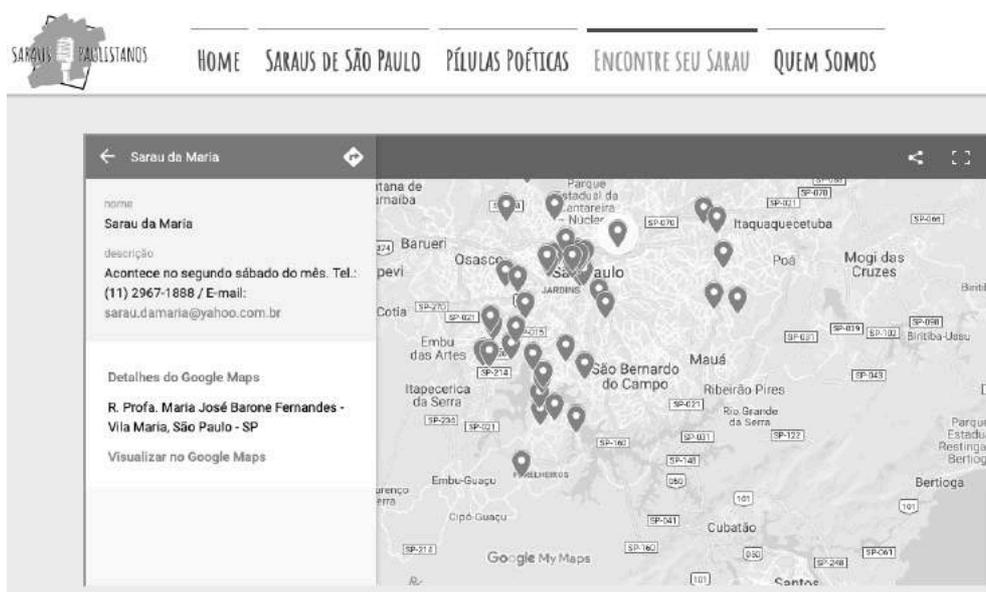


Fonte: www.poemapp.com.br

⁷⁶ Além do aplicativo o conteúdo também está disponível no site www.poemapp.com.br

Em recente recente Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em dezembro de 2018, alunos de jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo criaram o site multimídia *Saraus Paulistanos*⁷⁷. Em uma das abas do site, denominada *Encontre Seu Sarau*, é possível encontrar com o auxílio do *Google Maps*, não só a localização exata de inúmeros saraus situados na capital paulista, mas também as principais informações destes eventos tais como, telefone e e-mail para contato, redes sociais e periodicidade com que acontecem (Figura 10 a seguir).

Figura 10 – Aba do site Saraus Paulistanos



Fonte: www.sarauspaulistanos.wixsite.com/saraussp

Os mapas e as figuras anteriores aqui expostos, realizados por agentes distintos, em épocas e com finalidades diferentes, nos mostram a efetividade da cartografia da ação enquanto instrumento de representação dessas manifestações no espaço urbano, e são apenas alguns exemplos de que, “há uma crescente pluralização de respostas a desafios colocados pelos múltiplos processos políticos em que a cartografia vem sendo mobilizada, e isto é o que confere a riqueza a este campo que estamos chamando de “ativismos cartográficos” (Dos Santos, 2012, p.3).

Cabe agora apresentar de que modo elaboramos nossa cartografia dos saraus também a compreendendo como uma cartografia ativa, no sentido em que colaboram nesse mapeamento diversos agentes e tecnologias de modo transversal e interdisciplinar. Partimos de uma busca de informações sobre os saraus em publicações que pudessem nos fornecer informações sobre localização e periodicidade dos eventos, e encontramos duas publicações: a *Pontos de Poesia* realizada pela Poiesis, uma OS (Organização Social) que se dedica à implementar políticas públicas na área cultural com ênfase para a valorização da língua portuguesa, que foi publicada em 2009

⁷⁷ www.sarauspaulistanos.wixsite.com/saraussp

e ampliada em 2010 e a *Agenda Cultural da Periferia*, uma publicação realizada pela ONG *Ação Educativa*, que traz dentro de suas sessões uma parte dedicada a literatura e faz menção aos saraus, essa publicação existe desde 2007 e nos permitiu um levantamento mais substancial pois analisamos os eventos num recorte temporal de 10 anos. As duas publicações tratavam da região metropolitana de São Paulo e nos permitiram realizar um mapeamento dessa manifestação.

A partir dessas duas fontes criamos uma base de dados que pudesse alimentar essa cartografia da Região Metropolitana de São Paulo com relação ao modo como a cena dos saraus ocupa o território, cujo resultado pode ser visto nas tabelas localizadas nos *Apêndices* deste trabalho, no entanto, no decorrer desse processo percebemos que apenas localizar esses eventos no espaço geográfico não era suficiente para que o analisássemos enquanto uma manifestação de origem periférica, pois a heterogeneidade de ocupação do espaço urbano na atualidade, não pode mais ser analisada partindo do velho paradigma centro-periferia. Buscamos então os mapas elaborados no Atlas Sócio-Assistencial de São Paulo⁷⁸ (2015) que nos trouxeram informações valiosas sobre os Índices de Vulnerabilidade Social e como eles ocupam o território da Região Metropolitana. Nesse sentido, pudemos construir uma cartografia que cruzou esses dados e nos permitiu observar essa cena a partir de um olhar interdisciplinar.

Outra fonte de dados que encontramos foram os editais *Saraus Culturais* promovidos pelo ProAc a partir de 2014 e que nos permitiram ampliar a abrangência desse mapeamento para todo o estado, pois publicizam seus resultados fornecendo informações sobre projetos contemplados e não contemplados pelo edital. Isso ampliou nossa cartografia para além da Região Metropolitana e nos permitiu visualizar a manifestação dos saraus numa escala estadual e num recorte temporal de 4 anos (2014 a 2018).

Esses dados foram migrados para o software de mapeamento profissional *ArcGIS* que é amplamente utilizado para elaborar mapas com alta qualidade e precisão. No entanto, os mapas obtidos não nos agradavam visualmente, pois enquanto uma cartografia ativa partimos da premissa que fosse didática e de fácil compreensão visual, sendo assim, buscamos suporte em outras plataformas de mapeamento que pudessem elaborar mapas mais intuitivos e visualmente representativos, utilizamos então o *Google Maps*, uma plataforma gratuita e disponibilizada pela empresa americana *Google* que permite criar mapas de modo mais intuitivo e visualmente mais atrativos. Sendo assim, passamos por esses dois tipos de software para a geração dos mapas e finalizamos a diagramação num software de edição de imagens e ilustração vetorial. Essa cartografia nos permitiu elaborar análises mais profundas sobre o modo como os saraus se distribuem no território.

Assim, as análises que iniciaremos adiante, também não se restringem à localização dos saraus numa malha cartográfica, mas objetivam ampliar a discussão para uma reflexão mais profunda desses espaços de representação que surgem do circuito dos saraus na cidade e até no estado de São Paulo, iniciando-se na região metropolitana da capital paulista se estendendo para o interior, num processo de evolução e expansão que mostra a força e a consolidação dessa manifestação cultural contemporânea. Para Ribeiro (2001, p.42) essa cartografia da

⁷⁸ Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/comas/index.php?p=192797

ação revela espaços que são "pontos-lugares, carentes de cartografia, mas que possuem, quando a sorte os protege, o cantar dos grandes poetas", segundo a autora trata-se de uma cartografia que é localizadora "da música dos lugares, aquela construída por dores e amores, inscritos na toponímia e nos passos cotidianos de projetos libertários e expressivos da solidariedade". Uma cartografia construída pelos próprios atores sociais, que fazem essa cena acontecer, ocupando os lugares e imprimindo no espaço a força da sua existência como resistência. E foram a esses atores sociais - pesquisadores de saraus, produtores e gestores culturais, jornalistas e organizadores de saraus - que convocamos para construir conosco essas análises, reforçando o caráter ativo da nossa cartografia, pois é também o relevo dessas vozes, que participam ativamente dessa manifestação, que nos permite compreender esse solo fértil da palavra em sua dimensão geográfica.

2.2

O M A P A D A S V O Z E S E M S P

Solo da **P**alavra

A literatura marginal/periférica tem seu marco inicial no ano 2000, com o lançamento do livro *Capão Pecado* do escritor Ferréz, que logo após, no ano de 2001, lançou a revista *Literatura Marginal* (Volumes 1, 2 e 3), publicando vários autores da periferia. Quase que concomitante a isso surgem os dois primeiros saraus periféricos de São Paulo, a Cooperifa em 2001 e o Sarau do Binho em 2004⁷⁹.

A dissertação de mestrado da Antropóloga Érica Peçanha, *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*⁸⁰, foi um dos primeiros trabalhos acadêmicos publicados nesta temática, mas somente em 2009 surge uma publicação específica com a intenção de mapear os saraus da capital paulista, trata-se da publicação *Pontos de Poesia: a cidade de concreto também faz poesia*, o primeiro mapa da poesia paulistana, produzido pela POIESIS, conforme pode ser visto nas Figuras 11 e 12 a seguir⁸¹.

Figura 11 – A cidade de concreto também faz poesia **Figura 12 - A cidade de concreto também faz poesia**

(Frente)

(Verso)



Fonte: www.pontosdepoesia.blogspot.com

A referida publicação contava com 32 saraus, e na atualização para o ano seguinte (2010) a POIESIS contabilizou um total de 60 saraus, porém a nova publicação não incluía nenhuma imagem ilustrativa ou mapa da

⁷⁹ Vale ressaltar que o sarau do Binho já existia anteriormente desde 1997 com outro formato e com outro nome. Para maiores detalhes da periodização dos saraus na periferia de São Paulo ler Leite (2014).

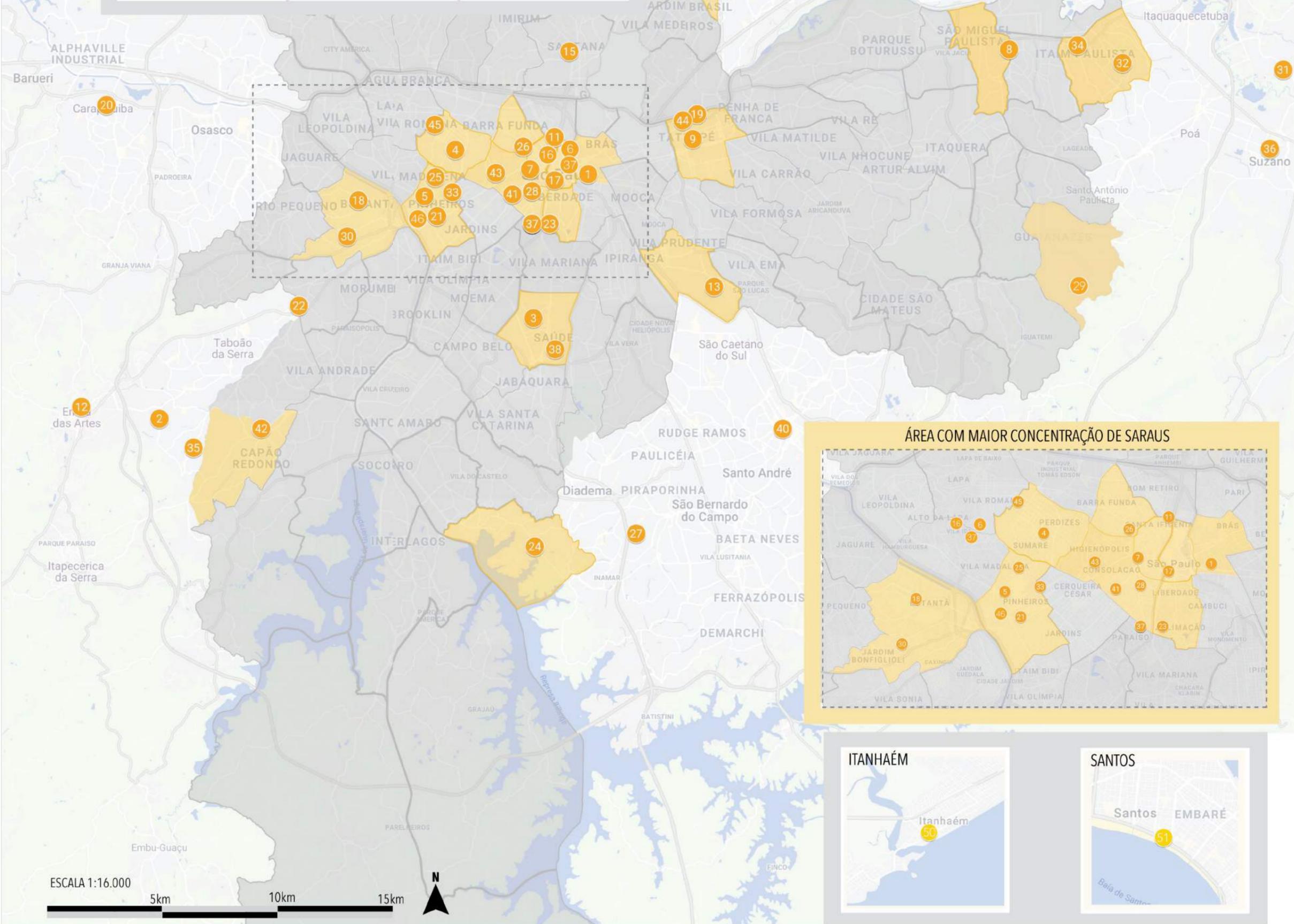
⁸⁰ Nascimento (2006).

⁸¹ O mapa foi ampliado e publicado no ano seguinte com o nome *Cores e Cantos da Poesia em São Paulo* cujo material saiu no jornal Folha de São Paulo no dia 23/10/2010.

cidade com os eventos espacializados pelos bairros e regiões. Sendo assim, compilamos todos os dados em uma tabela e confeccionamos o Mapa 1 a seguir, que possibilita visualização mais apurada do ordenamento espacial dos saraus, bem como permite fazer observações mais precisas a respeito da distribuição deste fenômeno.

MAPA 1 | OS SARAUS EM SÃO PAULO [2010]

[FONTE: CONFECCIONADO POR NÓS COM BASE NOS DADOS DA PUBLICAÇÃO CORES E CANTOS DA POESIA EM SÃO PAULO - POIESIS (2010)]



RMSP

- 1 ESPAÇO CULTURAL SARAU DA AMIZADE
- 2 GRANDE SARAU ATREVIDA
- 3 MOVIMENTO POÉTICO NACIONAL
- 4 NOITES NA TAVERNA - SARAU DO CENTRO DA TERRA
- 5 POLITEAMA - SARAU DIVERSO
- 6 QUINTA POÉTICA
- 7 RÉCITA MALOQUEIRISTA
- 8 SARAU AUTORIA JOVEM
- 9 SARAU CAFÉ COM POESIA
- 10 SARAU CHAMA POÉTICA
- 11 SARAU CHAMA POÉTICA
- 12 SARAU CHAPARRAL
- 13 SARAU CIRANDA CULTURAL
- 14 SARAU CULTURAL DO EDUCAFRO
- 15 SARAU DA CAMARILHA
- 16 SARAU DA CASA
- 17 SARAU DA CASA DO POETA "LÂMPIÃO DE GÁS"
- 18 SARAU DA CESTA
- 19 SARAU DA FUNDAÇÃO CASA
- 20 SARAU DE ARTE E POESIA
- 21 SARAU DE ONTEM
- 22 SARAU DO BINHO
- 23 SARAU DO BURRO
- 24 SARAU DO CEU ALVARENGA
- 25 SARAU DO CHARLES
- 26 SARAU DO METRÔ
- 27 SARAU DO POVO
- 28 SARAU ENCONTRO DAS UTOPIAS
- 29 SARAU ESPAÇO VOLUME 10
- 30 SARAU FEMINA ARTE
- 31 SARAU FOGUEIRA, LITERATURA E PIPOCA
- 32 SARAU GRIOTS
- 33 SARAU LÍTERO-MUSICAL DO ALBERICO
- 34 SARAU O QUE DIZEM OS UMBIGOS?
- 35 SARAU PALMARINO
- 36 SARAU PAVIO ERÓTICO
- 37 SARAU POETAS DA CASA
- 38 SARAU POÉTICO E MUSICAL
- 39 SARAU POVO BRASILEIRO
- 40 SARAU QUATRO DEDOS DE PROSA
- 41 SARAU SOPA DE LETRINHAS
- 42 SARAU VILA FUNDÃO
- 43 SARAU ZERO
- 44 VARAL DE POESIAS DO MOVIMENTO POÉTICO
- 45 ZAP-ZONA AUTÔNOMA DA PALAVRAS
- 46 SARAU EKO MÚSICA E POESIA



INTERIOR

- 47 SARAU POESIA VIVA
- 48 SARAUEMA
- 49 SARAU CULTURAL LÍTERO-MUSICAL

LITORAL

- 50 SEXTA-SARAU
- 51 SARAU CAIÇARA



ESCALA 1:16.000
5km 10km 15km

Vale ressaltar que nesta catalogação realizada pela Poiesis, e cartografada por nós posteriormente, existem diversos saraus que não se denominam como periféricos, e cuja existência inclusive antecede o surgimento da Literatura Marginal/periférica, por isso, nesse primeiro momento o que temos é uma cartografia mista, reunindo saraus tradicionais e saraus contemporâneos. Dos 51 saraus cartografados pelo mapa acima⁸² três estão localizados no interior de São Paulo, nos municípios de Itu (47), Quadra (48) e Socorro (49), e dois no litoral paulista, nos municípios de Itanhaém (50) e Santos (51). Existem ainda 10 saraus espalhados por regiões da grande São Paulo, nos municípios limítrofes de Taboão da Serra (22), Santo André (40), Embu das Artes (2, 12, 35), Suzano (31 e 36), Guarulhos (14), Carapicuíba (20) e Diadema (27). Os saraus restantes se dividem entre bairros centrais e periféricos da capital paulista, numa divisão que corresponde a 29 saraus em regiões centrais ou próximas ao centro -sendo um deles realizado na unidade da Fundação CASA⁸³ (16) da Vila Maria- e apenas 7 em bairros extremamente afastados do centro.

Levando-se em consideração a cartografia representada no Mapa 1 nota-se uma grande predominância de saraus localizados nas regiões centrais da cidade de São Paulo em bairros como Bela Vista⁸⁴ (6, 11, 16, 28, 37 e 41), Pinheiros (21, 25 e 33), Vila Madalena (5 e 46), Cidade Universitária e Butantã (18 e 30), Luz (11), Brás (1), Santa Cecília (26), Liberdade (17), Pompeia (45), Pacaembu (43), Sumaré (4), Aclimação (23), e o próprio Centro (7), conforme nos mostra o recorte da "Área com Maior Concentração de Saraus" representada na parte inferior esquerda do mapa. Saraus localizados em bairros relativamente próximos ao centro de São Paulo também aparecem em expressividade, tais como Saúde (3 e 38), Tatuapé (9 e 44), Vila Alpina (13), e Santana (15). Percebem-se apenas alguns saraus localizados na periferia em regiões como Pedreira (24) e Capão Redondo (42), na zona sul da cidade, Jova Rural na zona norte (39), Itaim Paulista (32 e 34), São Miguel (8) e Cidade Tiradentes (29) no extremo leste.

A fim de melhor visualizar a relação entre essa distribuição dos saraus e os indicadores sociais do município de São Paulo, criamos o Mapa 2 a seguir, onde cruzamos a localização dos saraus da cidade (Mapa 1) com a distribuição das taxas de vulnerabilidade do município disponibilizadas no Atlas Sócio Assistencial de São Paulo (2015):

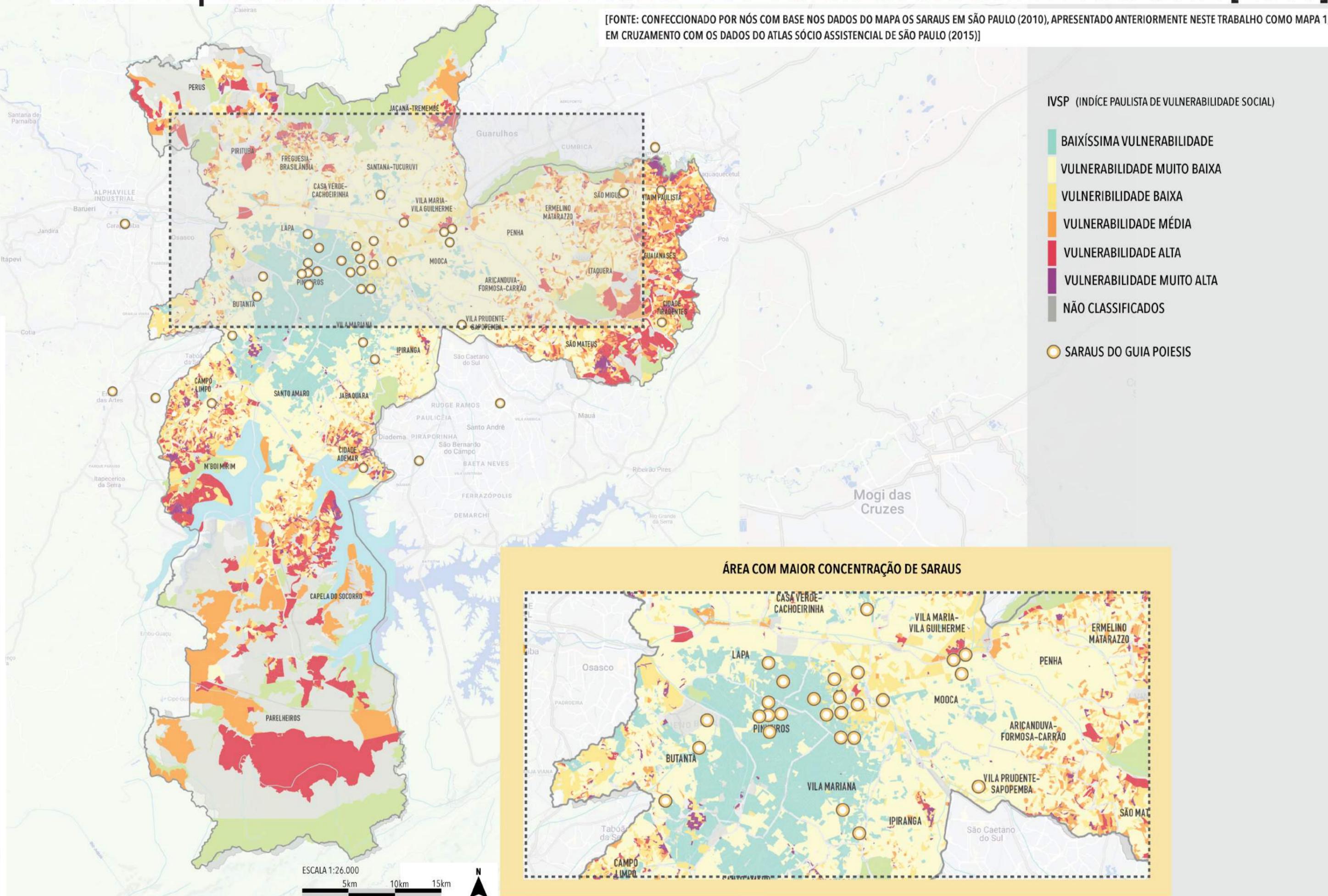
⁸² A publicação organizada pela Poiesis (Figuras 11 e 12) trazia 60 saraus, mas o Mapa 1 contabiliza apenas 51 saraus, pois 9 saraus da lista não entraram no referido mapa porque são: saraus itinerantes e não possuem um endereço fixo (4) e saraus eventuais que não acontecem periodicamente (5), sendo assim optamos por não inseri-los.

⁸³ Fundação CASA é a sigla para Centro de Atendimento Socioeducacional ao Adolescente, anteriormente chamado de Fundação Estadual para o Bem estar do Menor (Febem).

⁸⁴ Vale ressaltar que muitos saraus aparecem situados no bairro Bela Vista pois é onde consta o endereço da Casa das Rosas, instituição cultural localizada na Av. Paulista em um antigo casarão adiminstrado pela Poiesis onde são realizadas diversas atividades literárias, inclusive saraus.

MAPA 2 | OS SARAUS EM SÃO PAULO E A VULNERABILIDADE SOCIAL [2010]

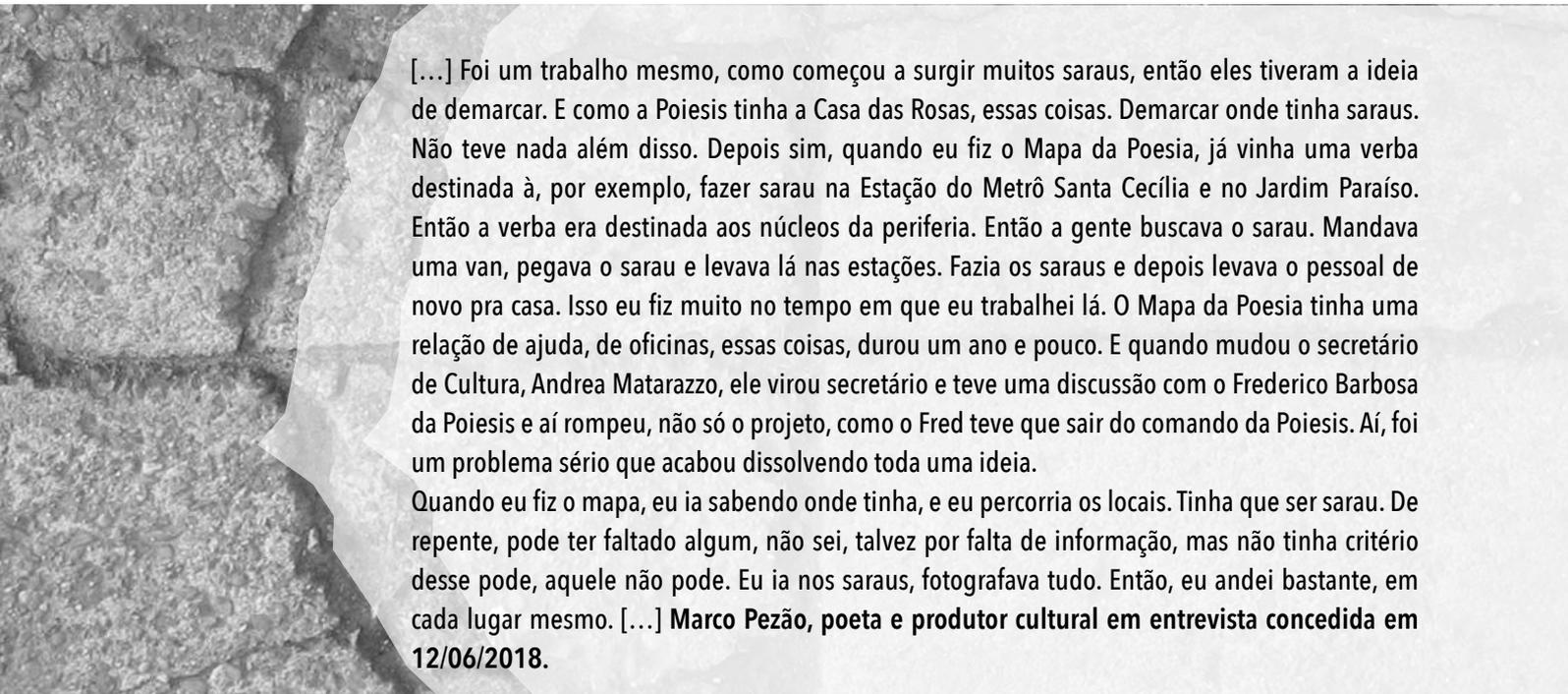
[FONTE: CONFECCIONADO POR NÓS COM BASE NOS DADOS DO MAPA OS SARAUS EM SÃO PAULO (2010), APRESENTADO ANTERIORMENTE NESTE TRABALHO COMO MAPA 1, EM CRUZAMENTO COM OS DADOS DO ATLAS SÓCIO ASSISTENCIAL DE SÃO PAULO (2015)]



Após realizarmos esta cartografia notamos de forma evidente a coincidência entre a localização da maioria dos saraus e os bairros da cidade cujos índices oscilam entre baixa, muito baixa e baixíssima vulnerabilidade, conforme é possível visualizar no recorte "Área com Maior Concentração de Saraus" representado na parte inferior direita do Mapa 2.

Portanto, ao analisarmos os Mapas 1 e 2 aqui apresentados, ficamos com a impressão de que no ano de 2010, quase uma década após o surgimento dos primeiros saraus na periferia de São Paulo, estes ainda existiam em um número muito pequeno quando comparados com os saraus tradicionais, ou centrais, porém, como estudiosos do tema e assíduos frequentadores desses eventos, questionamos o resultado de nosso próprio mapa e partimos em busca de outras fontes que pudessem nos elucidar melhor esta realidade. Vale ressaltar que os referidos mapas foram elaborados a partir de dados fornecidos inicialmente pela POIESIS, uma OS (Organização Social) parceira do governo que realiza atividades de valorização da língua portuguesa, sobretudo em equipamentos oficiais como bibliotecas e centros culturais, e traz por conseguinte um recorte específico. A listagem da POIESIS está longe de ser unânime e não conseguiu abarcar todos os saraus existentes naquele momento, pelo contrário, em um aprofundamento da pesquisa que veremos a seguir traremos alguns saraus que já existiam naquele momento e não foram mencionados na publicação.

Em entrevista concedida a nós para esta pesquisa em junho de 2018, o poeta e produtor cultural Marco Pezão, que trabalhou na POIESIS na época dessa catalogação e foi um dos responsáveis por elaborar o levantamento dos saraus que seriam incluídos no guia, contou-nos um pouco como surgiu esse mapeamento e quais os critérios utilizados para a inclusão dos saraus:



[...] Foi um trabalho mesmo, como começou a surgir muitos saraus, então eles tiveram a ideia de demarcar. E como a Poiesis tinha a Casa das Rosas, essas coisas. Demarcar onde tinha sarau. Não teve nada além disso. Depois sim, quando eu fiz o Mapa da Poesia, já vinha uma verba destinada à, por exemplo, fazer sarau na Estação do Metrô Santa Cecília e no Jardim Paraíso. Então a verba era destinada aos núcleos da periferia. Então a gente buscava o sarau. Mandava uma van, pegava o sarau e levava lá nas estações. Fazia os saraus e depois levava o pessoal de novo pra casa. Isso eu fiz muito no tempo em que eu trabalhei lá. O Mapa da Poesia tinha uma relação de ajuda, de oficinas, essas coisas, durou um ano e pouco. E quando mudou o secretário de Cultura, Andrea Matarazzo, ele virou secretário e teve uma discussão com o Frederico Barbosa da Poiesis e aí rompeu, não só o projeto, como o Fred teve que sair do comando da Poiesis. Aí, foi um problema sério que acabou dissolvendo toda uma ideia.

Quando eu fiz o mapa, eu ia sabendo onde tinha, e eu percorria os locais. Tinha que ser sarau. De repente, pode ter faltado algum, não sei, talvez por falta de informação, mas não tinha critério desse pode, aquele não pode. Eu ia nos saraus, fotografava tudo. Então, eu andei bastante, em cada lugar mesmo. [...] **Marco Pezão, poeta e produtor cultural em entrevista concedida em 12/06/2018.**

Realizamos também um levantamento a fim de classificar os locais em que aconteciam cada um desses 51 saraus presentes no Mapa 1, e verificamos que grande parte desses eventos, cerca de 20 saraus, aconteciam em equipamentos culturais oficiais, denominados como Espaços ou Centros Culturais, tais como CEU⁸⁵, Museu da Língua Portuguesa e Casa das Rosas, outros 10 saraus aconteciam em bares, restaurantes e cafeterias, 5 em bibliotecas, 5 em teatros, 4 em escolas de ensino tradicional, de música e até de samba, 2 saraus eram realizados na Universidade de São Paulo–USP, 2 em parques e praças da cidade, 1 em uma Estação de Metrô, 1 em uma galeria de arte e 1 na fundação CASA conforme já mencionado anteriormente.

Realizamos ainda um estudo comparativo a fim de verificar qual seria a “taxa de sobrevivência” dos saraus cartografados no ano de 2010, então, procuramos descobrir em que medida os saraus presentes no Mapa 1 ainda mantinham suas atividades no ano de 2019, quase dez anos depois. Pesquisamos na internet, nas redes sociais, conversamos com amigos, conhecidos, organizadores de saraus, trocamos e-mails, mensagens, telefonemas, enfim, utilizamos todas as nossas redes de comunicação dentro dos saraus e do hip-hop. Ao fim desse processo, descobrimos que apenas 8 saraus ainda existem atualmente, ou seja, cerca de 13% dos 60⁸⁶ saraus listados pela POIESIS no ano de 2010. São eles, Sarau Chama Poética, Sarau Palmarino, Sarau da Cesta, Sarau do Binho, Sarau do Burro, ZAP-Zona Autônoma da Palavra, Sarau Encontro das Utopias e Sarau Caiçara. Sobre estes saraus é importante frisar que, quase todos mudaram de local pelo menos uma vez, alguns também alteraram suas frequências passando de semanais para mensais, mudaram de dia da semana e formato, tiveram seu espaço de atuação interditado ou demolido e recorreram a editais para continuar sobrevivendo, como veremos em um próximo momento deste capítulo, ressaltando a fragilidade e a efemeridade deste tipo de evento, sobretudo porque em sua maioria se trata de uma ação independente, que não dispõe de nenhum apoio ou financiamento. Nossos próximos mapas e estudos irão contribuir para entendermos melhor esse processo.

O mapeamento dos saraus pela POIESIS não aconteceu nos anos posteriores a 2010, portanto, se fez necessário buscar outra fonte de pesquisa para nossa base de dados. A fonte encontrada foi a publicação *Agenda Cultural da Periferia*⁸⁷, um periódico mensal publicado pela ONG Ação Educativa⁸⁸ que divulga eventos culturais

⁸⁵ Os Centros Educacionais Unificados (CEU) são equipamentos públicos voltados à educação criados pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e localizados nas áreas periféricas da Grande São Paulo. O município de São Paulo conta atualmente com 46 CEUs onde estudam mais de 120 mil alunos. Fonte: <http://www.capital.sp.gov.br/cidadao/educacao/ceus>

⁸⁶ Lembrando que o Mapa 1 mostra apenas 51 saraus, pois os outros 9 saraus são itinerantes ou periódicos e não entraram na referida cartografia.

⁸⁷ A *Agenda Cultural da Periferia* existe desde 2007 e foi impressa e distribuída pela cidade até agosto de 2017, desde então encontra-se disponível apenas digitalmente pelo site www.agendadaperiferia.org.br.

⁸⁸ Para um estudo mais aprofundado ver Nascimento (2011) ou www.acaoeducativa.org.br

sem espaço nos guias convencionais de cultura da cidade. Através da análise dos eventos presentes na *Agenda* foi possível criar uma nova tabela dos saraus existentes na cidade, bem como confeccionar um novo mapa, ampliado e atualizado, de modo a estabelecer uma comparação com o mapa anterior baseado nos dados da POIESIS. A *Agenda Cultural da Periferia* foi uma publicação mensal que existiu impressa de 2007 a 2017⁸⁹, e existe até hoje como site, mas só foi disponibilizada digitalmente a partir de 2014, por isso, além de analisarmos todas as publicações digitais disponíveis de 2014 a 2017, também foi preciso analisar manualmente uma a uma todas as edições impressas de 2007 a 2013, totalizando mais de 100 edições. A seguir, na Figura 7 uma imagem ilustrativa da *Agenda da Periferia* de setembro de 2016, contendo a capa e a programação de literatura.

Figura 7 – Agenda Cultural da Periferia



Fonte: www.agendadaperiferia.org.br

Na próxima página, no Mapa 3, temos a cartografia por nós realizada após compilação dos saraus publicados pela *Agenda da Periferia* durante o período de 2007 a 2017. Importante dizer que este mapa traz uma visão geral desse decênio, sem classificar ou organizar os saraus por quantidade e periodicidade. Como a *Agenda da Periferia* é uma publicação mensal, foram analisadas centenas de volumes e encontradas diversas variáveis, tais como saraus que se repetiam todos os meses e todos os anos, saraus que aconteciam apenas alguns meses do ano mas aconteciam por vários anos, saraus que existiram, deixaram de existir e depois retornaram, e tantos outros

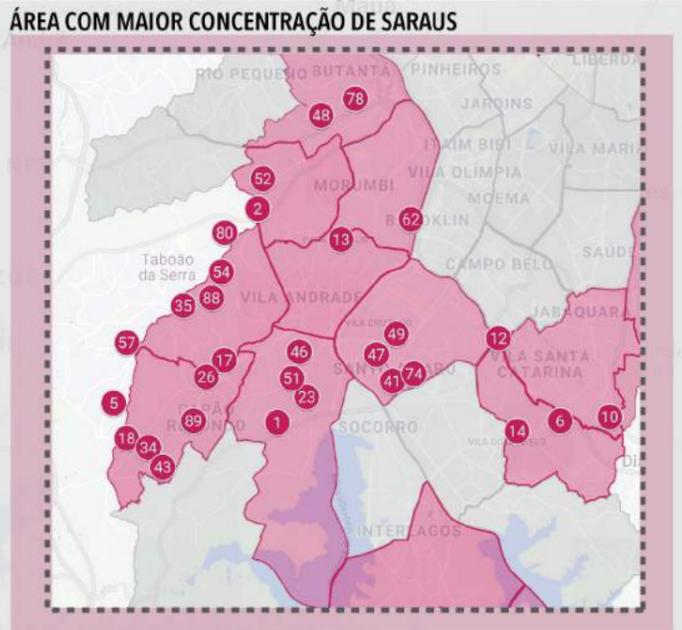
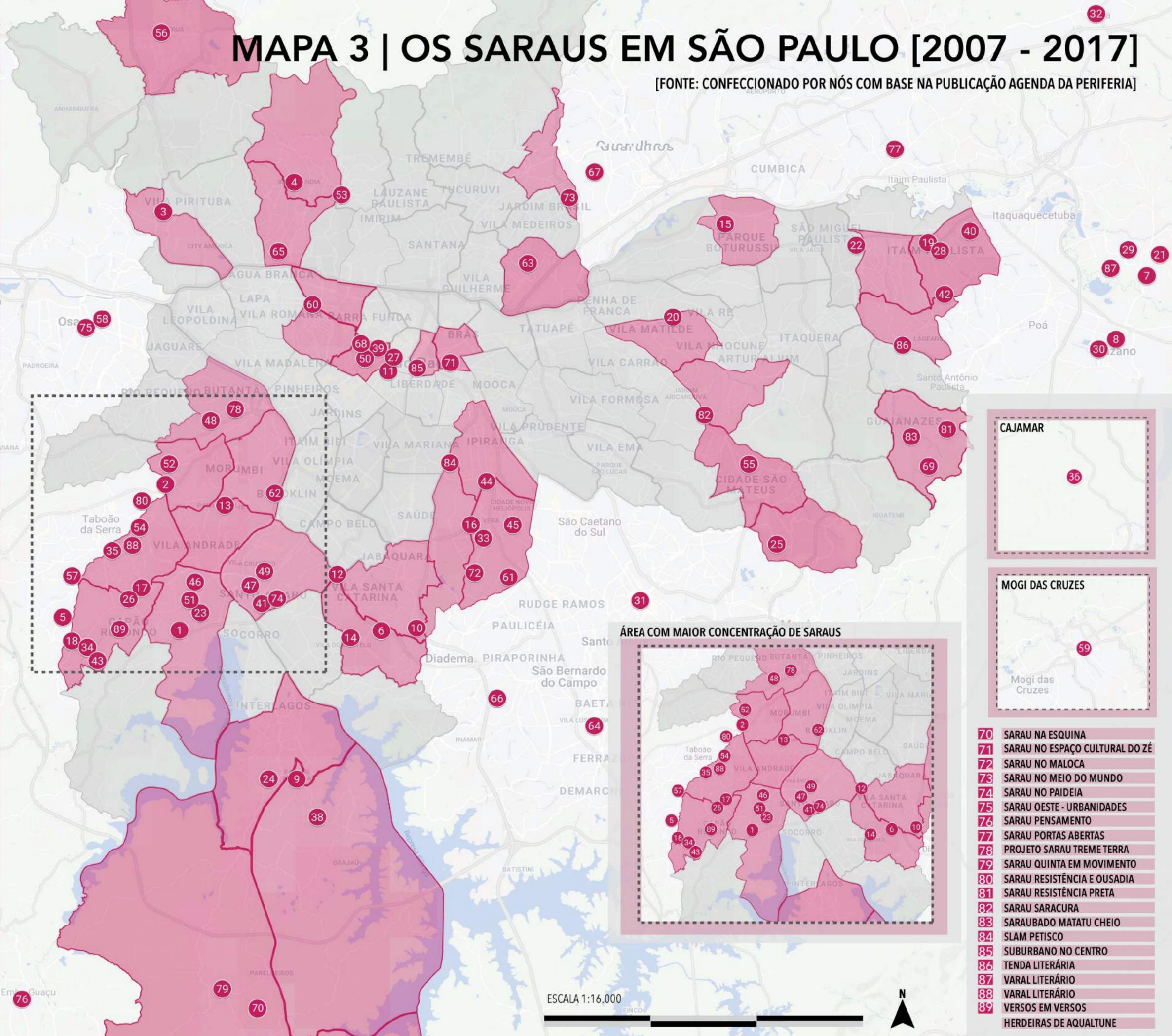
⁸⁹ Como a partir do ano de 2017 a *Agenda da Periferia* deixa de existir como periódico mensal e passa a atuar apenas como um site cujas publicações não seguem mais uma regularidade não utilizamos os dados após 2017.

comportamentos. Sendo assim, numa próxima cartografia (Mapa 8) tentaremos esboçar algumas diferenças entre estes saraus bem como aprofundar este debate.

MAPA 3 | OS SARAUS EM SÃO PAULO [2007 - 2017]

[FONTE: CONFECCIONADO POR NÓS COM BASE NA PUBLICAÇÃO AGENDA DA PERIFERIA]

- 1 SARAU DA COOPERIFA
- 2 SARAU DO BINHO
- 3 SARAU ELO DA CORRENTE
- 4 SARAU POESIA NA BRASA
- 5 SARAU PALMARINO
- 6 SARAU DA ADEMAR
- 7 SARAU LITERATURANOSSA
- 8 PAVIO DA CULTURA
- 9 RODA DE POESIA CAPS
- 10 SARAU BECO DOS POETAS
- 11 SARAU SUBURBANO
- 12 SARAU DA MADRUGADA
- 13 SARAU DE PARAISÓPOLIS
- 14 SARAU DO VINIL
- 15 SARAU DOS MESQUITEIROS
- 16 SARAU PERIFATIVIDADE
- 17 SARAU LITERARUA
- 18 SARAU MAGOMA
- 19 SARAU O QUE DIZEM OS UMBIGOS?!
- 20 SLAM DA GUILHERMINA
- 21 COMUNIDADE DO CONTO
- 22 SARAU CULTURAL
- 23 SARAU PRETO NO BRANCO
- 24 SARAU SOBRENOME LIBERDADE
- 25 SARAU URBANISTA CONCRETO
- 26 SARAU VILA FUNDÃO
- 27 ZAP! BATALHA DE POESIA
- 28 ENCONTRO COM AUTOR
- 29 FOGUEIRA, LITERATURA E PIPOCA
- 30 PAVIO ERÓTICO
- 31 QUATRO DEDOS DE PROSA
- 32 SAR'ALL - O SARAU DO PROJETO ALL
- 33 SARAU ARTTUDE
- 34 SARAU COMUNITÁRIO JUNTANDO A MASSA
- 35 SARAU DA PONTE PRA CÁ
- 36 SARAU DA ROÇA
- 37 SARAU DE ARTE E POESIA
- 38 SARAU DO GRAJAÚ
- 39 SARAU DO RAP
- 40 SARAU GRIOTS
- 41 SARAU NO ALBERGUE SANTO DIAS
- 42 SARAU PRETAS PERI
- 43 SLAM DAS MINAS
- 44 SLAM DO GRITO
- 45 TER SARAU
- 46 VERSOS EM VERSOS
- 47 ENCONTRO DE ESCRITORES CORDELISTAS
- 48 FEMINA ARTE
- 49 LITERATURA DA ASSESA
- 50 POESIA DAS RUAS
- 51 POESIA DE ESQUINA
- 52 QUINTASOITO
- 53 SARAU CCJ
- 54 SARAU COM ELAS
- 55 SARAU COMUNGAR
- 56 SARAU D QUILO
- 57 SARAU DA CASA
- 58 SARAU DA EDUCAÇÃO E CULTURA
- 59 SARAU DA MARIQUINHA
- 60 SARAU DAS PRETAS
- 61 SARAU DO CALDO
- 62 SARAU DO CASULO
- 63 SARAU DO ELO INCANDESCENTE
- 64 SARAU DO FORUM
- 65 SARAU DO Ó
- 66 SARAU DO POVO
- 67 SARAU DO SINO
- 68 SARAU DAS UTOPIAS
- 69 SARAU ESPAÇO VOLUME 10



- 70 SARAU NA ESQUINA
- 71 SARAU NO ESPAÇO CULTURAL DO ZÉ
- 72 SARAU NO MALOCA
- 73 SARAU NO MEIO DO MUNDO
- 74 SARAU NO PAIDEIA
- 75 SARAU OESTE - URBANIDADES
- 76 SARAU PENSAMENTO
- 77 SARAU PORTAS ABERTAS
- 78 PROJETO SARAU TREME TERRA
- 79 SARAU QUINTA EM MOVIMENTO
- 80 SARAU RESISTÊNCIA E OUSADIA
- 81 SARAU RESISTÊNCIA PRETA
- 82 SARAU SARACURA
- 83 SARAUBADO MATATU CHEIO
- 84 SLAM PETISCO
- 85 SUBURBANO NO CENTRO
- 86 TENDA LITERÁRIA
- 87 VARAL LITERÁRIO
- 88 VARAL LITERÁRIO
- 89 VERSOS EM VERSOS
- HERDEIRAS DE AQUALTUNE

Ao observarmos este mapa notamos um comportamento muito diferente da primeira cartografia dos saraus de São Paulo aqui apresentada pelo Mapa 1. No referido mapa inicial é nítida a concentração de saraus em áreas centrais da cidade, já no presente Mapa 3 observamos essa concentração se estabelecer na periferia do município, sobretudo nas zonas Leste e Sul, conforme pode ser visualizado no recorte "*área com maior concentração de saraus*" demonstrada no canto inferior direito do mapa. É fato que, sendo este mapa baseado em dados de uma publicação direcionada para periferia, traria visualmente algo muito parecido com o que tal publicação se propõe a divulgar, até porque a *Agenda* não publicava em seu expediente eventos que aconteciam em áreas centrais da cidade⁹⁰, ou seja, uma programação destinada a eventos que acontecem nas bordas da cidade, com recorte específico, refletindo em uma cartografia também específica. Porém, independente de ser tendenciosamente periférico, este mapa se apresenta mais atualizado do que o Mapa 1 que é de 2010, pois além de compreender um número muito maior de variáveis analisadas (quase 100 saraus), também abrange um período histórico alargado de 11 anos de observação (2007 a 2017).

A fim de analisar de modo mais profundo a relação entre os saraus e a periferia também cruzamos a distribuição dos eventos presentes no Mapa 3 com a distribuição das taxas de vulnerabilidade do município disponibilizadas no Atlas Sócio Assistencial de São Paulo (2015), semelhante ao que fizemos anteriormente no Mapa 2. Como resultado temos o Mapa 4 a seguir:

⁹⁰ Depois de algum tempo a *Agenda da Periferia* criou uma sessão chamada Periferia no Centro, onde trazia alguns eventos realizados por coletivos da periferia em áreas centrais da cidade.

MAPA 4 | OS SARAUS EM SÃO PAULO E A VULNERABILIDADE SOCIAL [2007-2017]

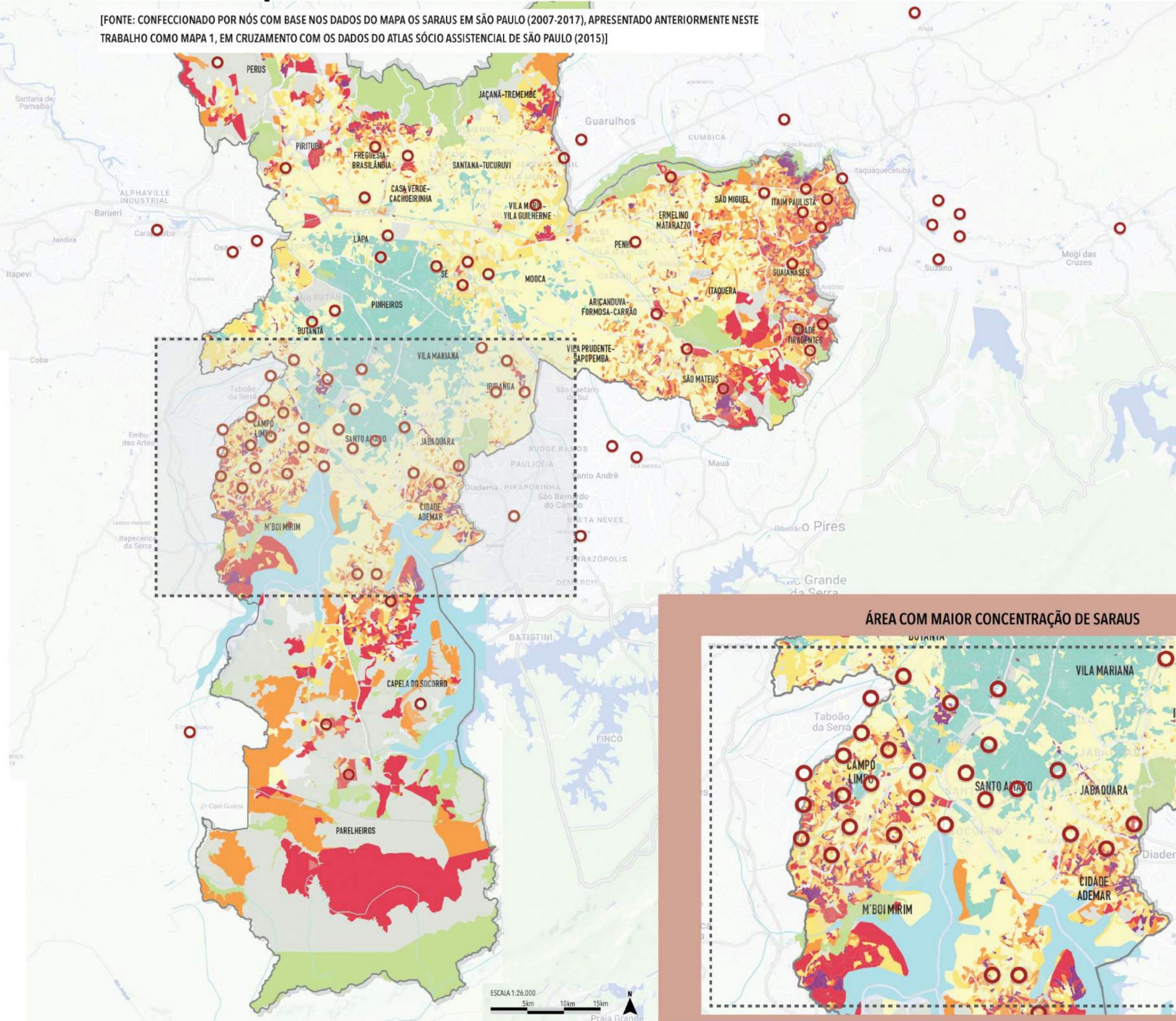
[FONTE: CONFECCIONADO POR NÓS COM BASE NOS DADOS DO MAPA OS SARAUS EM SÃO PAULO (2007-2017), APRESENTADO ANTERIORMENTE NESTE TRABALHO COMO MAPA 1, EM CRUZAMENTO COM OS DADOS DO ATLAS SÓCIO ASSISTENCIAL DE SÃO PAULO (2015)]

[2007-2017]

IVSP (ÍNDICE PAULISTA DE VULNERABILIDADE SOCIAL)

- BAIXÍSSIMA VULNERABILIDADE
- VULNERABILIDADE MUITO BAIXA
- VULNERABILIDADE BAIXA
- VULNERABILIDADE MÉDIA
- VULNERABILIDADE ALTA
- VULNERABILIDADE MUITO ALTA
- NÃO CLASSIFICADOS

SARAUS DA AGENDA DA PERIFERIA

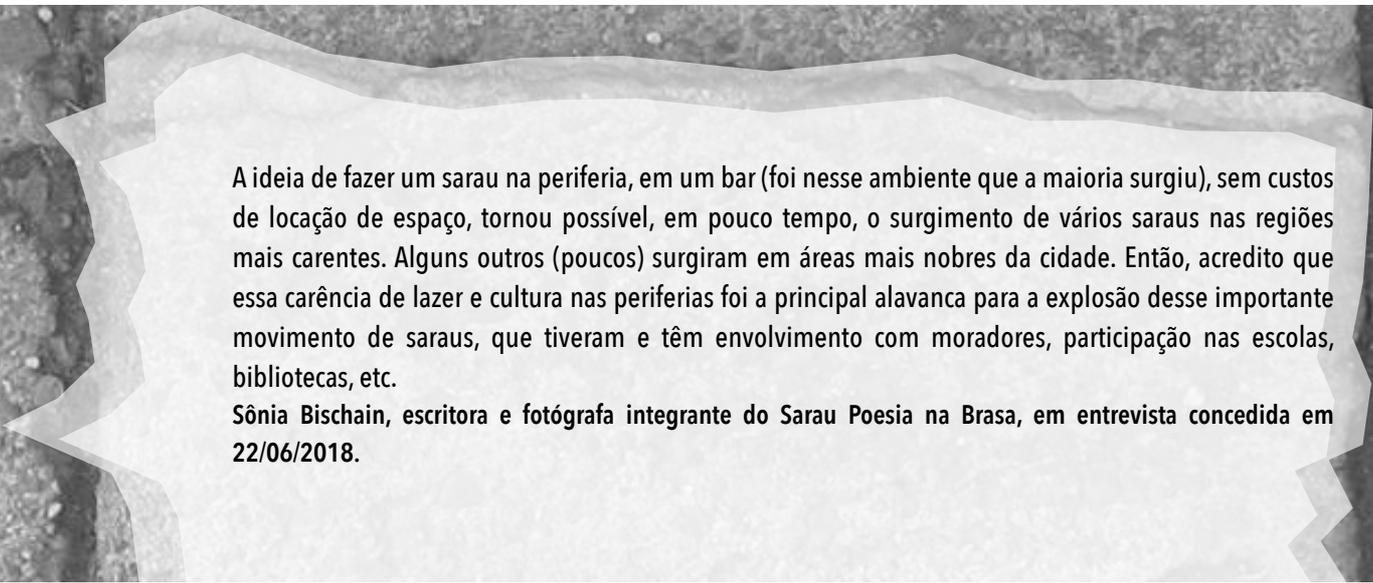


ÁREA COM MAIOR CONCENTRAÇÃO DE SARAUS



Esse cruzamento podemos observar que existe uma grande concentração de saraus em áreas cujos índices de vulnerabilidade variam entre baixa, média e alta, com destaque para o recorte destacado no mapa que compreende a maioria dos saraus. Esse recorte faz referência a zona sul da cidade de São Paulo, inclusive sendo nessa área também que se encontram 4 saraus bastante antigos e verificados em nosso levantamento, a saber: Sarau da Coperifa, Sarau do Binho, Sarau Palmarino e Sarau da Ademar⁹¹, o que poderá ser melhor observado no Mapa 5 a seguir. Nesse sentido, podemos inferir que os saraus mais antigos da cidade de São Paulo estabelecem forte vínculo com as áreas de periferia, comprovando a hipótese de que essas manifestações culturais são originariamente periféricas, ou seja, nascem na periferia e reverberam e se espalham para outros lugares da cidade.

Também é importante mencionar que desses saraus citados acima, 3 ocupam bares e 1 ocupa um centro comunitário, isso vem nos mostrar que os saraus mais antigos e consolidados da cidade não ocupam espaços ou equipamentos culturais institucionais, sendo muitas vezes, a única opção de acesso a cultura e lazer dos moradores dessas áreas onde o índice de vulnerabilidade se agrava. A falta de equipamentos culturais nessas áreas só reforça o caráter de resistência conferido à essa manifestação cultural que se autossustenta apesar da falta de recursos e incentivo dos órgãos públicos. Segundo a escritora e fotógrafa Sônia Bischain, integrante do Sarau Poesia na Brasa (Brasilândia-SP) em entrevista concedida a nós para esta pesquisa:



A ideia de fazer um sarau na periferia, em um bar (foi nesse ambiente que a maioria surgiu), sem custos de locação de espaço, tornou possível, em pouco tempo, o surgimento de vários saraus nas regiões mais carentes. Alguns outros (poucos) surgiram em áreas mais nobres da cidade. Então, acredito que essa carência de lazer e cultura nas periferias foi a principal alavanca para a explosão desse importante movimento de saraus, que tiveram e têm envolvimento com moradores, participação nas escolas, bibliotecas, etc.

Sônia Bischain, escritora e fotógrafa integrante do Sarau Poesia na Brasa, em entrevista concedida em 22/06/2018.

Em consonância com essas colocações trazemos aqui também algumas reflexões de ISAURA BOTELHO (2004) em artigo que analisa a carência de equipamentos públicos nas áreas periféricas da cidade de São Paulo, inclusive elaborando um mapeamento que demonstra a ausência de equipamentos culturais nessas áreas. A autora afirma que os equipamentos culturais se concentram nas regiões centrais pois acompanharam o processo de

⁹¹ Prestes a finalizar esta pesquisa soubemos que o *Sarau da Ademar*, localizado no bairro Cidade Ademar, na Zona Sul de São Paulo tinha encerrado suas atividades depois de quase 10 anos de atuação.

desenvolvimento da cidade em resposta à demandas de setores mais habituados ao consumo da cultura que são os de maior renda e escolaridade. E ainda enfatiza sobre a incapacidade do poder público atender à necessidade de instalar esses equipamentos nas zonas mais periféricas.

O poder público se mostra incapaz na resposta às demandas potenciais por esse tipo de equipamento em certas zonas da cidade. Salta aos olhos o fato de que a maior concentração de crianças e jovens entre 10 e 19 anos forma quase um cinturão em torno do município, em regiões praticamente desprovidas de equipamentos culturais o que é um grave problema que ultrapassa o plano da cultura. Observado o fato de que os deslocamentos físicos se tornam, cada dia mais difíceis, pode-se dizer que a mobilidade territorial e o uso de equipamentos culturais se convertem, cada vez mais, em direito e privilégio das classes com maior poder aquisitivo
(BOTELHO, 2004 p. 4)

Essas contribuições nos ajudam a compreender que tais manifestações na periferia, incluindo os saraus, são importantes meios de promover um espaço de cultura alternativo para essa população, pois instauram dinâmicas de convivência e coletividade por meio da apropriação de lugares que, apesar de não serem concebidos para esse uso específico, se tornam marcos de difusão da cultura.

A escritora Sonia Bischain, ainda em entrevistada concedida a nós para esta pesquisa, apresenta uma visão muito interessante a respeito do contexto que originou essa movimentação em torno dos saraus. Em sua análise é possível perceber diversos aspectos que reiteram discussões levantadas aqui anteriormente referentes a consolidação da periferia no território da cidade e como essas manifestações culturais foram importantes para legitimar essa "existência" dos sujeitos periféricos.

Bem, a minha participação em movimentos culturais vem desde 1972. Na época, um dos únicos espaços nas periferias para atividades culturais, entre outras atividades, eram os salões paroquiais, principalmente com o surgimento das CEBs-Comunidades Eclesiais de Base. Outras opções foram as praças públicas. Então, em pleno regime militar, usávamos esses dois espaços para fazer cultura (além de manifestações políticas), como festivais e apresentações musicais, teatro, artes plásticas, eventos infantis, e também competições esportivas. Tudo era feito sem verbas públicas, numa ideia, em muitos grupos, de autogestão, promovendo festas para arrecadar verbas. Não existia incentivo governamental de espécie alguma, inclusive, éramos vistos muito mais como agitadores culturais (ou inimigos da ordem), do que como produtores culturais.

Portanto, a periferia sempre foi um lugar carente de espaços de cultura e lazer e sempre existiram grupos que tentaram suprir essa carência por iniciativa própria. Acredito que entendendo isso, é fácil explicar o surgimento, nos anos 90, do movimento hip-hop, e nos anos 2000 os inúmeros saraus espalhados pelas periferias de São Paulo e, depois, também em outros estados do Brasil.

Sônia Bischain, escritora e fotógrafa integrante do Sarau Poesia na Brasa, em entrevista concedida em 22/06/2018

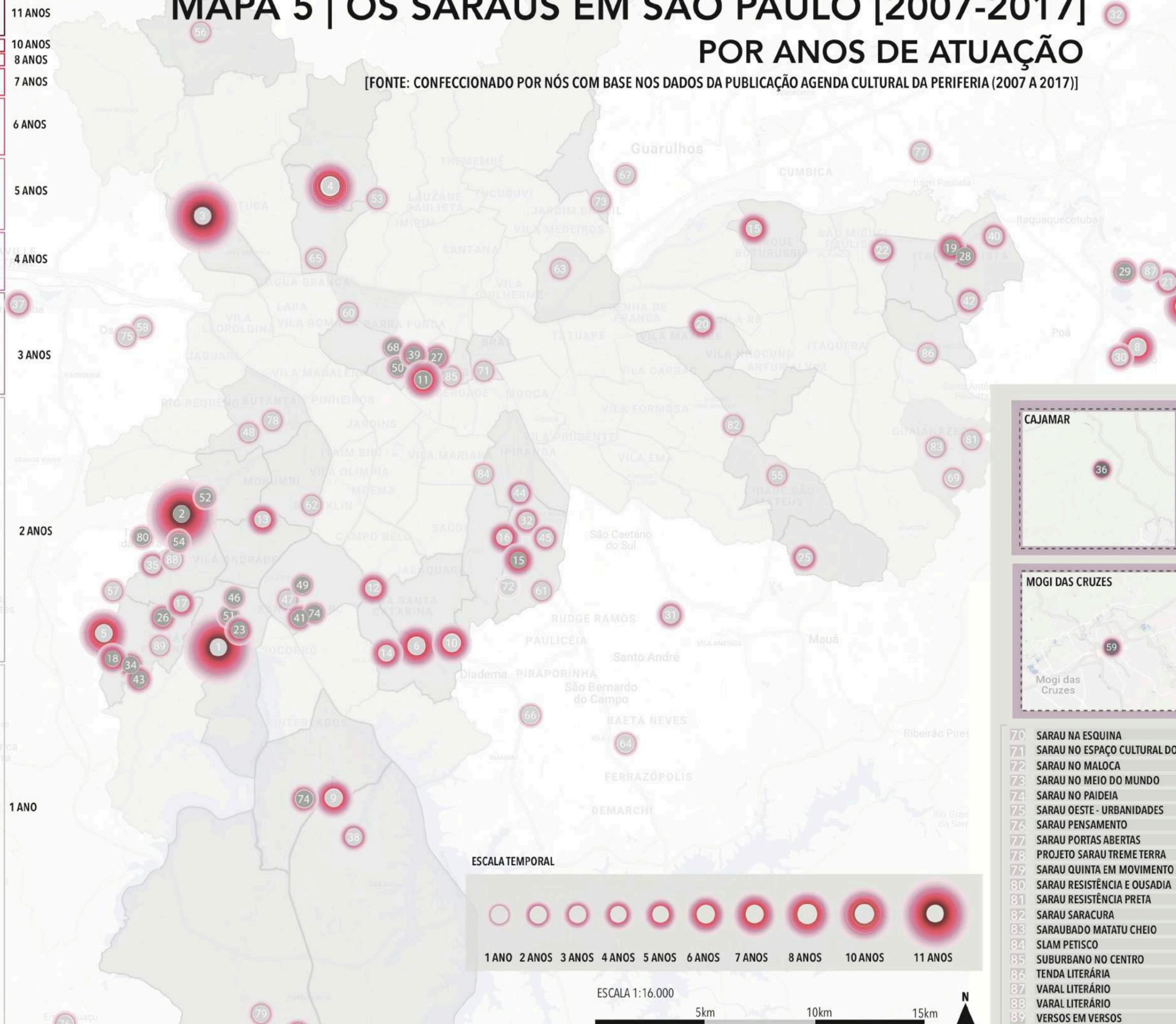
No entanto, mesmo após a confecção das cartografias anteriores ainda sentíamos a necessidade de realizar nesta pesquisa um estudo mais qualitativo no que diz respeito a longevidade dos saraus mapeados. Devido a grande quantidade de eventos cartografados nos Mapas 3 e 4, bem como a larga abrangência temporal de uma década de atuação (2007 a 2017), e ciente de que nem todos os saraus existiram e atuaram com a mesma equivalência e longevidade, decidimos criar uma categorização afim de melhor observar o comportamento desses eventos durante o período abordado. O Mapa 5 a seguir traz os saraus publicados na *Agenda da Periferia* distribuídos pelo território e pelo tempo, demonstrando não só a localização de cada um deles mas também a quantidade de anos que estão em atividade, organizados e separados em uma escala que parte dos saraus com um ano até os saraus com onze anos de atuação.

MAPA 5 | OS SARAUS EM SÃO PAULO [2007-2017]

POR ANOS DE ATUAÇÃO

[FONTE: CONFECCIONADO POR NÓS COM BASE NOS DADOS DA PUBLICAÇÃO AGENDA CULTURAL DA PERIFERIA (2007 A 2017)]

- 1 SARAU DA COOPERIFA
- 2 SARAU DO BINHO
- 3 SARAU ELO DA CORRENTE
- 4 SARAU POESIA NA BRASA
- 5 SARAU PALMARINO
- 6 SARAU DA ADEMAR
- 7 SARAU LITERATURANOSSA
- 8 PAVIO DA CULTURA
- 9 RODA DE POESIA CAPS
- 10 SARAU BECO DOS POETAS
- 11 SARAU SUBURBANO
- 12 SARAU DA MADRUGADA
- 13 SARAU DE PARAISÓPOLIS
- 14 SARAU DO VINIL
- 15 SARAU DOS MESQUITEIROS
- 16 SARAU PERIFATIVIDADE
- 17 SARAU LITERARUA
- 18 SARAU MAGOMA
- 19 SARAU O QUE DIZEM OS UMBIGOS?!
- 20 SLAM DA GUILHERMINA
- 21 COMUNIDADE DO CONTO
- 22 SARAU CULTURAL
- 23 SARAU PRETO NO BRANCO
- 24 SARAU SOBRENOME LIBERDADE
- 25 SARAU URBANISTA CONCRETO
- 26 SARAU VILA FUNDÃO
- 27 ZAPI BATALHA DE POESIA
- 28 ENCONTRO COM AUTOR
- 29 FOGUEIRA, LITERATURA E PIPOCA
- 30 PAVIO ERÓTICO
- 31 QUATRO DEDOS DE PROSA
- 32 SAR'ALL - O SARAU DO PROJETO ALL
- 33 SARAU ARTTUDE
- 34 SARAU COMUNITÁRIO JUNTANDO A MASSA
- 35 SARAU DA PONTE PRA CÁ
- 36 SARAU DA ROÇA
- 37 SARAU DE ARTE E POESIA
- 38 SARAU DO GRAJAÚ
- 39 SARAU DO RAP
- 40 SARAU GRIOTS
- 41 SARAU NO ALBERGUE SANTO DIAS
- 42 SARAU PRETAS PERI
- 43 SLAM DAS MINAS
- 44 SLAM DO GRITO
- 45 TER SARAU
- 46 VERSOS EM VERSOS
- 47 ENCONTRO DE ESCRITORES CORDELISTAS
- 48 FEMINA ARTE
- 49 LITERATURA DA ASSESA
- 50 POESIA DAS RUAS
- 51 POESIA DE ESQUINA
- 52 QUINTASOITO
- 53 SARAU CCJ
- 54 SARAU COM ELAS
- 55 SARAU COMUNGAR
- 56 SARAU D QUILO
- 57 SARAU DA CASA
- 58 SARAU DA EDUCAÇÃO E CULTURA
- 59 SARAU DA MARIQUINHA
- 60 SARAU DAS PRETAS
- 61 SARAU DO CALDO
- 62 SARAU DO CASULO
- 63 SARAU DO ELO INCANDESCENTE
- 64 SARAU DO FORUM
- 65 SARAU DO Ô
- 66 SARAU DO POVO
- 67 SARAU DO SINO
- 68 SARAU DAS UTOPIAS
- 69 SARAU ESPAÇO VOLUME 10



ESCALA TEMPORAL



ESCALA 1:16.000



- 70 SARAU NA ESQUINA
- 71 SARAU NO ESPAÇO CULTURAL DO ZÉ
- 72 SARAU NO MALOCA
- 73 SARAU NO MEIO DO MUNDO
- 74 SARAU NO PAIDEIA
- 75 SARAU OESTE - URBANIDADES
- 76 SARAU PENSAMENTO
- 77 SARAU PORTAS ABERTAS
- 78 PROJETO SARAU TREME TERRA
- 79 SARAU QUINTA EM MOVIMENTO
- 80 SARAU RESISTÊNCIA E OUSADIA
- 81 SARAU RESISTÊNCIA PRETA
- 82 SARAU SARACURA
- 83 SARAUABADO MATATU CHEIO
- 84 SLAM PETISCO
- 85 SUBURBANO NO CENTRO
- 86 TENDA LITERÁRIA
- 87 VARAL LITERÁRIO
- 88 VARAL LITERÁRIO
- 89 VERSOS EM VERSOS
- HERDEIRAS DE AQUALTUNE

Antes de qualquer análise sobre esta cartografia é importante salientar que os dados que subsidiaram os três últimos mapas apresentado aqui (Mapas 3, 4 e 5) foram embasados na publicação *Agenda da Periferia* desde seu primeiro volume impresso em maio de 2007 até seu último volume impresso em julho de 2017 (112 volumes no total), ou seja, os números apresentados nestas cartografias não são necessariamente os números reais de vezes que cada um desses saraus aconteceu, mas sim o número de vezes em que eles apareceram citados nesta publicação⁹². Portanto, é possível que alguns destes saraus tenham realizado mais edições do que as mencionadas nesta pesquisa, não sendo descartada a hipótese de que alguns ficaram sem a cobertura da *Agenda*, no entanto estes dados são os mais próximos da realidade que conseguimos alcançar, visto a precariedade e a intermitência das fontes de informação disponíveis. Haja vista que nem os próprios saraus disponibilizam tamanha quantidade de informação sobre suas ações como consta na *Agenda da Periferia*, esta acaba sendo a fonte de informação mais coesa disponível. Em entrevista realizada para esta pesquisa a jornalista, poeta e escritora Elizandra Souza, que trabalhou na Ação Educativa durante 10 anos como jornalista responsável pela *Agenda da Periferia* de 2007 a 2017, afirmou:

A *Agenda*, por muito tempo, serviu de comprovação para os grupos de que eles existiam para a sociedade. E que eles mandavam para os editais. E mesmo que tenhamos vários saraus, esses são eventos culturais que a grande imprensa não está nem aí. Quando cobriam a Cooperifa eles sempre colocavam na área de passeios no guia deles ou quando colocavam. Os outros nunca foram colocados. E quando foi, foi uma vez ou outra.

(...) Muitas vezes, a gente abria mão de divulgar um sarau que iria acontecer só uma edição pra divulgar esses saraus que já existiam, mas muitas coisas ficavam de fora da *Agenda* porque a gente não dava conta.

Elizandra Souza, jornalista, poeta e escritora em entrevista concedida em 10/06/2018

⁹² A publicação era realizada mensalmente com uma tiragem de 10.000 exemplares até julho de 2016, caindo para 3.000 exemplares desta data até seu último mês de publicação em julho de 2017. A *Agenda* não era impressa apenas nos meses de janeiro de cada ano e a única vez em que houve exceção a esta regra foi em fevereiro de 2017, quando excepcionalmente não foi publicada.

Retomando a análise do Mapa 5 anterior, chama-nos atenção sobretudo observar em suas legendas a faixa correspondente aos saraus cuja atuação equivale a dez e onze anos, apresentando apenas quatro saraus, ao passo que a faixa correspondente aos saraus com um ou dois anos de atuação possui uma enorme quantidade de eventos (quarenta e três e dezenove respectivamente). Apesar dos saraus presentes neste mapa se apresentarem separados em categorias anuais, existem ainda dentro destas categorias algumas heterogeneidades e informações importantes que a cartografia não mostra, como por exemplo a quantidade de vezes em que os saraus aconteceram dentro de cada ano. Vejamos os saraus que aparecem na faixa equivalente a dez e onze anos de atuação, o sarau da Cooperifa por exemplo é o único que aconteceu semanalmente ao longo de todo o período abordado tendo inclusive nascido em 2001, bem antes da Agenda da Periferia ser criada em 2007, assim como o Sarau do Binho que aconteceu com periodicidade semanal desde 2004 passando a ser mensal em 2012, já o sarau Poesia na Brasa aconteceu quinzenalmente durante quase 10 anos de aparição, tendo mudado a frequência para mensal recentemente, ao passo que o sarau Elo da Corrente possui onze anos de atuação ocorrendo três vezes por mês desde sua criação em 2007 até o ano de 2013, passando a partir desta data a ocorrer de forma mensal.

No outro extremo, em uma faixa que abrange grande parte da legenda deste mapa, temos os quarenta e três saraus que aparecem na categoria com apenas um ano de atuação, também entre eles não há uma homogeneidade, pois mais da metade deles, vinte e cinco saraus, não conseguiu sequer passar de duas ou três edições mensais, ou seja, foram saraus experimentais, que não tiveram estrutura para continuar e aconteceram poucas vezes⁹³.

Uma parte desses saraus (33 no total) acontecem em equipamentos que tem uma certa infraestrutura, tais como Centros Culturais, Educacionais e Fábricas e Casas de Cultura, Escolas Estaduais, de Música, de capoeira e de Samba, ONG's, e unidades do CEU, mas uma grande parte acontece ainda em bares (19), em praças (10), bibliotecas, sebos e livrarias (7), teatros (3), associações de moradores (5), na rua (2), em uma estação de metrô, uma unidade do CAPS, um albergue, um campo de futebol e um sítio.

Dessa forma podemos afirmar que, são poucos os saraus que conseguem atravessar uma grande quantidade de anos em franca atuação, e são muitos os saraus que com a mesma velocidade com que surgem desaparecem. O curto período de vida de grande parte dos saraus que surgem já fora por nós observado nesta pesquisa quando analisamos o Mapa 1 com os dados fornecidos pela POIESIS em 2010 e depois um comparativo em 2019, sendo assim, acreditamos que tal efemeridade se deve sobretudo a falta de estrutura para a realização desses eventos, que quase sempre acontecem em locais improvisados, tais como praças, ruas ou bares. Desta

⁹³ A tabela completa com todos os dados que subsidiaram a confecção do referido mapa pode ser visualizada na íntegra nos Anexos deste trabalho

maneira, são pouquíssimos aqueles que conseguem solidificar sua atuação, sobreviver e alcançar longevidade, como é o caso dos 4 saraus que apresentam as maiores esferas no mapa⁹⁴.

Essa observação nos levou a indagar alguns poetas, ativistas culturais, organizadores de saraus e pesquisadores envolvidos com o tema para tentar levantar quais seriam, segundo eles, os possíveis motivos responsáveis pela baixa taxa de sobrevivência por qual passa a maioria desses eventos, a seguir algumas considerações:

Então tem pessoas que realmente acha que é fácil, mano, e aí pegam pela emoção do momento, e quando veem o lugar, querem fazer também, mas não tem aquela noção do que acontece por trás. Então, muitos, na mesma velocidade que cresceram também desapareceram por isso: porque o dono do bar não viu resultado. Porque quando você vai com uma proposta de fazer um barato de poesia, independente se serve cerveja, cachaça ou água, quando você não liga pra isso, o bagulho é fantástico, funciona. Agora, se o dono de bar espera uma coisa e você que organiza espera outra, mano, o bagulho não dá certo, não. Tem cara que quer fazer um sarau no bar dele pra vender cachaça, tá ligado? Têm pessoas que não entendem, assim, como uma coisa nasce. Que nasce no bar, de uma necessidade. E tem cara que vai no vácuo e acha que em qualquer espaço a poesia é bem-vinda. E não é.

Cocão A Voz, rapper e poeta, integrante da Cooperifa em entrevista concedida em 10/06/2018.

No começo, todo mundo quer fazer sarau, né? Você vai num sarau e aí você vê todo mundo alegre, feliz, batendo palma, recitando poesia, cantando, dançando, lançando livro, lançando CD. Aí, mano, você quer ter isso também na quebrada, no seu bairro, na sua periferia. E aí, você fala: "isso é fácil. É só arrumar um microfone, convidar a galera, os amigos, e vamos falar o que a gente tem pra falar no microfone. Aí, mano, a pessoa começa a fazer, né? É aquele oba-oba no começo, é aquela junção de pessoas e tal e a pessoa fica feliz com isso. Mas depois ele vai vendo que não é só o microfone e juntar uma galera. Você precisa registrar o que tá acontecendo, você precisa bancar o espaço, não digo só financeiramente, mas você precisa peitar pra fazer o bagulho acontecer, se for um bar, se for um coreto de uma praça, enfim, você precisa bancar o espaço ali para que ele aconteça. E é uma puta de uma responsabilidade. Você contava com os amigos, mas chega um momento que os amigos casam, têm filhos, vão presos, mudam de cidade, e aquela magia do começo esfria, por isso que os saraus não duram tanto assim.

Sacolinha, nome artístico de Ademiro Alves, escritor, produtor cultural e organizador de saraus de Suzano-SP em entrevista concedida em 09/05/2018.

⁹⁴ Num próximo momento deste trabalho apresentaremos por meio de novos dados algumas possibilidades de sobrevivência as quais os saraus tem recorrido para continuar atuando.

Eu acredito que na época que surgiu foi o boom. Foi uma novidade e todo mundo “ah, vamos fazer um sarau”. Teve uma revolução como a que aconteceu com o Hip-Hop e vamos todo mundo cantar RAP, entende? Mas quando a parada de periodicidade é na prática, não aguenta, né? É grana. Você tem que tirar dinheiro do próprio bolso. Porque você fazer um sarau mensal, a maioria dos saraus quando começaram eram semanais. O único que se mantém semanal ainda é só a Cooperifa, aqui em São Paulo. Mesmo os saraus que ficaram mais consolidados depois não aguentaram. Mas o lance foi a novidade, se eles fazem, eu também posso fazer.

Elizandra Souza, jornalista, poeta e escritora em entrevista concedida em 10/06/2018.

O que eu sempre percebi é que passou o ano de 2011, 2012, quando começou a ter maior produção dos Slams⁹⁵ também, eu vi que quem começou a produzir novas iniciativas com a poesia falada foi fazendo mais Slams. E parece que era o que mais estava atraindo a juventude. E aí o pessoal se atraiu mais pela competição. E aí, eu achei que teve menos proposta de sarau. E, de fato, muitos acabaram, né? Tem uma troca de geração também e o pessoal vai se interessar por outras coisas. Normal. Pode ser da mesma linguagem e pode ser de outro jeito também. O formato vai mudando, vai alterando, a galera vai experimentando outras coisas, vai tendo outras ideias. Se espelhando em outras coisas que vieram. Tem uma coisa que é bem entrelaçada. De alguma forma tem um movimento forte de poesia falada no sarau e no slam, pois os caras que começaram o slam também eram do sarau, participantes, enfim... É aquela história, se a gente não tivesse força do hip-hop também não ia ter força para o sarau... Se for olhando para trás, mesmo que um movimento não diretamente impulsionando o outro, mas deu um cenário para acontecer bem.

(...) Com o tempo a gente passou também a ter menos troca. Cada grupo começou a fazer mais na sua goma e não teve mais tanto intercâmbio. O intercâmbio deu uma queda também. E aí, agora nosso sarau é mensal tá mais com uma galera do bairro, e a gente faz menos intercâmbio e o pessoal de fora também vem menos aqui.

Michel Yakini, escritor, artista-educador e cofundador do Coletivo Literário Sarau Elo da Corrente em entrevista concedida em 20/06/2018.

Tem muitos que aparecem depois no foco quando começaram a aparecer os editais. Ai, começou a aparecer muito sarau. Alguns só funcionaram enquanto ganharam alguma coisa dentro da prefeitura. Aí, quando tiveram que andar com pernas próprias, ai não conseguiram andar, né? Muitos aconteceram isso. Essa falta de incentivo. E uma outra coisa que também eu acho é que a gente deixou de rodar. Antes a gente rodava muito, via uma maior aproximação entre os saraus, um dava mais força pro outro, entendeu?! E com esse negócio de editais e tal, ficou um pouco da concorrência entre os saraus. Ai ficou meio esquisito e isso nós estamos até debatendo em reuniões.

Marco Pezão, poeta e produtor cultural em entrevista concedida em 12/06/2018

⁹⁵ Competições de poesia falada, mencionadas por nós no capítulo 1 deste trabalho.



Tem o interesse legítimo, mas que o cara acaba desanimando, porque é difícil de levantar grana né? E tem também um interesse mais imediato mesmo. O cara que tá de olho e quer ganhar uma grana de edital e não consegue, ou consegue e depois não consegue mais. O cara fala assim: pô, eles vieram aqui fizeram um sarau com um edital e eu quero ver se eu consigo ganhar essa grana também. Ai o cara monta, faz dois ou três, manda para todos os editais e se ele não passa, ele desiste. Se ele passa num ano, e depois no outro ano ele não consegue, ele desiste também.

Paulo Dáuria, fundador do coletivo Poetas do Tietê, que realiza saraus, oficinas e intervenções literárias em São Paulo-SP em entrevista concedida em 07/10/2018.

Muitos se formam na empolgação do momento (como se fosse moda) e com as dificuldades que precisam ser enfrentadas num país como o nosso, onde a cultura não é valorizada pelos órgãos oficiais, acabam desistindo. Acredito que isso acontece também com os saraus. Além da disposição dos organizadores, é preciso manter disponível o local, ter público, cativar a vizinhança, ter uma frequência de horário, se preocupar com a divulgação do evento.

E aí, acredito que entramos nas questões de incentivo financeiro. Muitos grupos também foram formados pensando em participar em eventos como, por exemplo, a Virada Cultural, alguns eram grupos de circo, teatro, e acabaram se autodenominando saraus para conseguir participar, inclusive, dos editais. E depois de aprovados e de ter apresentado seus projetos, deixaram de existir enquanto sarau.

Sônia Bischain, escritora e fotógrafa integrante do Sarau Poesia na Brasa, em entrevista concedida em 22/06/2018.

Tem uma coisa que eu acho, porque assim, em 2010 foi quando começou o Veia e Ventania⁹⁶. Então, começou a ter investimento da Prefeitura, tá ligado, que é um bagulho que a gente vê nesse negócio da Virada Cultural. Tem muito grupo de teatro, grupo de música, vai lá e faz um bagulho na Virada por exemplo, os caras são profissionais, vão fazer o bagulho direitinho, portfólio, tem tudo, faz. Ano que vem, ele tá nem aí. Só faz pra Virada Cultural, tá ligado? Faz um ano ou dois, perde a Virada, vê que não vai pegar nunca mais e para. Isso é uma coisa. Mas eu acho que tem essa coisa de que nunca teve fomento, então, meio que a galera começa e desiste.

Quem gosta do bagulho vai continuar fazendo, tá ligado. Um bagulho que migrou, migrou uma par de poeta foi do sarau pro slam, por exemplo. O mesmo jeito que da batalha pro slam. Agora, por que tem esse fenômeno assim, eu não sei. Tem coisa que os caras faz só pra agitar um bar, tá ligado, tipo: Sarau do reggae, no bar do reggae. Ai o bagulho dura o tempo que o cara do sarau do reggae, do bar do reggae, falar que tá tendo pouco público e começar a cobrar público, tá ligado. Mas nem todo mundo tem isso, no seu lugar, na sua quebrada, então, às vezes os caras tiveram que sair do bar, não consegue um espaço em outro lugar, na casa de cultura, ou alguma coisa assim, aí, desiste, tá ligado.

Daniel Minchoni, poeta, grafiteiro e fundador do Selo e Sarau "Do Burro", em entrevista concedida em 19/06/2018.

⁹⁶ Edital municipal de incentivo a literatura que será abordado por nós no próximo item deste capítulo.

Entrevistamos também o pesquisador Lucas Amaral de Oliveira⁹⁷, autor da tese *Experiências Estéticas em Movimento: Produção Literária nas Periferias Paulistas*, que apresentou uma visão compartilhada por outros entrevistados, a de que existiu nesse período inicial dos saraus contemporâneos, uma efervescência, que podemos inclusive associar às publicações das primeiras obras da literatura marginal/periférica, que impulsionaram de modo muito efetivo essa manifestação cultural. É possível observar em sua fala que esses saraus maiores e mais consolidados são, de certa forma, disseminadores dessas iniciativas menores em outros locais que muitas vezes não se sustentam em função de diversos fatores que ele esclarece a seguir:

A partir de 2005 até 2010, acredito que começa um processo de consolidação dos saraus paulistas. Então, muita gente que passaram a organizar saraus menores ou esporádicos, na verdade, já faziam parte de outros grupos culturais, coletivos literários, movimentos sociais. Nesse período, há alguns saraus centrais, mas desses começa a pipocar saraus menores específicos em diferentes bairros, organizados pelos participantes dos saraus mais conhecidos. Só que isso não rola da forma como alguns imaginavam na época. Essa galera tem uma agenda muito cheia: a galera escreve, canta, milita, ajuda a organizar outros saraus e não consegue manter um sarau pequeno por muito tempo, com frequência assídua.

Mesmo assim, o interessante é que em função da efervescência gerada pelos saraus maiores e pioneiros, digamos assim, passou a ter uma movimentação e uma circulação intensas em outros bairros em termos de novo projetos. O problema é que os novos projetos não duravam muito. A galera ficava muito preocupada, muito centralizada nesses saraus maiores. E acabou não tendo vida longa os saraus menores. Esse boom dos saraus por volta de 2005 se deve, sobretudo, a uma certa fama que teve o Sarau do Binho e a Cooperifa. Esses projetos animaram muita gente a fazer projeto alternativo nas periferias – mas que não teve força pra sobreviver por muitos anos. E aí, entra uma série de questões. A galera não consegue dinheiro pra se manter, justamente por ser pequeno, por ter pouca gente envolvida, por não ter se consolidado como espaço de cultura local, por não conseguir entrar nos editais, por falta de conhecimento sobre o funcionamento desse universo. Não conseguem entrar no “Veia e Ventania”, no “Programa VAI”⁹⁸ e nas demais políticas públicas voltadas à cultura. E sem grana, só com boa vontade, a gente sabe, tudo acaba durando pouco. Não dá regularidade para o negócio. Boa vontade faz com que você organize uma, duas, três, seis vezes alguma coisa. Mas você não tem grana e não consegue consolidar a parada.

Saraus que estão muito tempo na ativa – os mais antigos e grandes – estão inscritos nos editais todos os anos. Ou seja, meio que eles se profissionalizaram nisso.

Lucas Amaral de Oliveira, sociólogo e professor da UFG – Universidade Federal de Goiás, em entrevista concedida em 13/06/2018.

⁹⁷ A tese de Oliveira (2018) é uma das bibliografias utilizadas por nós nesta pesquisa.

⁹⁸ Tanto o Veia e Ventania quanto o VAI são editais e programas de incentivo a projetos culturais e serão abordados de forma mais aprofundada por nós neste trabalho em capítulos a seguir.

A resistência desses sujeitos periféricos em auto-gerir e fomentar essa cena na periferia durante muito tempo reverbera em outros lugares da cidade criando uma difusão de outros saraus que mesmo com uma sobrevivência curta ajudam a construir uma cultura dos saraus na Região Metropolitana de São Paulo. A ampliação dessa cena aponta para o próximo item desse capítulo que se propõe a mapear e analisar o Proac Saraus, uma categoria específica dentro do Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo surgida em 2014, que tem por objetivo garantir a promoção dessa manifestação cultural, isso nos leva a crer que a consolidação dessa cena abre um espaço dentro da cultura institucionalizada e passa portanto, a fazer parte do circuito cultural do Estado.



D O M A R G I N A L A O I N S T I T U C I O N A L

2.3 O PROAC Saraus Culturais

Como verificado por nós nesta pesquisa anteriormente, nos últimos dez anos surgiram inúmeros saraus espalhados por toda a cidade de São Paulo e Região Metropolitana, porém, com a mesma velocidade com que surgem estes eventos também desaparecem, e o que constatamos é que em sua grande maioria não conseguem se estabelecer e se firmar enquanto grupo cultural, o que leva a uma baixa taxa de sobrevivência. Porém, como alternativa a essa problemática notamos que alguns saraus e coletivos literários da cidade de São Paulo tem encontrado como possibilidade de permanência a busca de recursos por meio de programas e editais públicos tais como o *VAI* (Valorização de Iniciativas Culturais), Projeto *Literatura Periférica - Veia e Ventania nas Bibliotecas de São Paulo*, e o *PROAC Saraus Culturais*.

Os dois primeiros editais mencionados anteriormente são de caráter municipal, sendo o *VAI* um edital abrangente que beneficia diversos segmentos culturais, não se dedicando apenas a literatura, já o *Veia e Ventania* (extinto em 2017) é destinado a ocupação de bibliotecas por coletivos literários para realização de saraus. No entanto, no presente subcapítulo nos aprofundaremos apenas no edital estadual *PROAC Saraus Culturais*, único edital público em atividade destinado especificamente aos saraus. Acreditamos que este edital surge também motivado pelos resultados dos outros editais municipais ao longo de seus vários anos de atuação, bem como enxerga a partir da experiência dos saraus da capital paulista, a necessidade de expandir estes eventos a nível estadual, aumentando sobremaneira sua abrangência geográfica.

Antes de nos aprofundarmos nas especificidades do *PROAC Saraus Culturais* julgamos válido mencionar alguns aspectos dos outros editais mencionados, a seguir uma breve descrição do edital *VAI* (Valorização de Iniciativas Culturais) :

Focado nas juventudes da periferia, o **VAI** foi criado em 2003, pela Lei Municipal nº 13.540/2003, com a finalidade de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais.

Os projetos se caracterizam por desenvolver propostas de ações de criação, produção, fruição e difusão de expressões artísticas e culturais em linguagens muito diversas – um rol que abarca música, artes visuais, artes plásticas, audiovisual, performance, teatro, dança,

moda, circo, hip hop, shows, literatura, poesia, artesanato, culturas tradicionais, culturas populares, cultura de comunidades de imigrantes, refugiados e povos itinerantes, interlinguagens, cultura digital, comunicação, cultura urbana, cultura LGBT, entre outras.

Na Figura 8 abaixo, imagem do banner de divulgação com o chamamento para as inscrições da 17ª edição do edital em fevereiro de 2019.

Figura 8 - Edital VAI (Valorização de Iniciativas Culturais)



Fonte: www.programavai.blogspot.com

O Projeto *Literatura Periférica - Veia e Ventania nas Bibliotecas de São Paulo* como o próprio nome já diz mistura a literatura periférica de São Paulo com a literatura tradicional das bibliotecas, através de ocupações e saraus, foi um importante projeto que beneficiou dezenas de saraus mas se extinguiu em 2017⁹⁹ depois de várias tentativas de continuação por parte dos coletivos. Abaixo uma breve descrição:

O projeto Veia e Ventania tem como objetivo levar atividades artísticas que dialogam com o universo da Literatura e do Livro para as Bibliotecas da periferia de São Paulo: os Saraus.

Os encontros são feitos por grupos ou coletivos de pessoas que, por meio da mediação e mobilização das comunidades de onde são realizados, proporcionam a aproximação do público com a leitura e a literatura brasileira, criando uma experiência cultural única em seus territórios.

O Projeto é uma realização da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas¹⁰⁰, em parceria com realizadores de Saraus que inclui grande programação nas diversas Bibliotecas Públicas da cidade, podendo se

⁹⁹ Em texto publicado em seu site www.michelyakini.com/aliteratura-perifrica-e-o-lodo-no-meio/ em março de 2015 o escritor Michel Yakini narra as dificuldades encontradas pelos coletivos literários de São Paulo em serem reconhecidos e valorizados pelo poder público municipal e ressalta a importância do *Projeto Literatura Periférica - Veia e Ventania nas Bibliotecas de São Paulo* para esses coletivos. Na ocasião o projeto já dava fortes indícios de que não continuaria existindo por muito mais tempo.

¹⁰⁰ O Sistema Municipal de Bibliotecas é composto por 52 bibliotecas públicas, 14 Pontos de Leitura, 13 Bosques da Leitura e 72 Roteiros de Ônibus-Biblioteca.

estender para Casas de Cultura, Centros Culturais ou outros espaços de responsabilidade direta da SMC ou ainda nos Centros CEUs, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

Na Figura 9 a seguir, imagem do banner de divulgação com a prorrogação das inscrições do Programa Veia e Ventania no ano de 2017.

Figura 9 - Programa Veia e Ventania



Fonte: www.spcultura.prefeitura.sp.gov.br/projeto/2739/

Complementando nossas análises, acima citadas, as quais são direcionadas aos editais de fomento e propagação de trabalhos e projetos de cunho artístico-cultural, em linhas gerais, eis que chegamos no ProAC Saraus Culturais, edital alocado dentro do ProAC (Programa de Ação Cultural de São Paulo), um programa do Governo do Estado de São Paulo criado pela Lei nº 12.268, de 20 de fevereiro de 2006, que tem por objetivo apoiar a produção artística e cultural no Estado por meio de Editais do próprio governo, ou de Incentivo Fiscal, o que permite que projetos pré-aprovados sejam patrocinados por empresas privadas via abatimento fiscal de impostos como o ICMS, por exemplo. Ou seja, assim regulamentando a oferta de patrocínios culturais no Estado, a fim de – por um lado – gerar economia para o País, bem como, em alguns casos, contribuir para a criação de vagas de trabalho temporário de forma indireta, ou indiretamente, mediante a realização das ações propostas pelas projetos contemplados.

Desta forma, com a ampliação da sua capilaridade de atuação, tendo como foco projetos direcionados à produção de saraus literários e culturais, nasceu em 2014 o ProAC Saraus Culturais.

A modalidade dos Saraus Culturais no ProAC é promovida por meio de edital no qual são selecionados de 10 a 15 projetos que recebem um auxílio financeiro (prêmio) de R\$40.000,00 para a realização de suas atividades durante dez meses. Atividades essas que devem se enquadrar em requisitos exigidos pelo edital, cumprindo à risca o seu papel como polo disseminador de incentivo à propagação e à produção cultural. O edital também prevê que 50% das ações contempladas devem ser advindas de proponentes residentes na capital e os outros 50% de proponentes residentes no interior do Estado, sendo que, no mínimo metade dos projetos vencedores, o que configura novamente em 50% serão de proponentes ou grupos, núcleos ou coletivos que não foram selecionados no edital do ano anterior, assim primando pela ampliação – ano a ano – e o surgimento de novos projetos que se enquadram neste edital.

Entretanto, é importante citar que só estão aptos a concorrer ao Edital os saraus que tenham, no mínimo, dois anos de atividades comprovadas e periodicidade mensal. O Edital traz também alguns aspectos importantes de serem mencionados aqui, pois balizam o nosso entendimento sobre como esse programa do governo contextualiza e define essa manifestação.

De acordo com o Edital Proac Saraus (2018) "Saraus são encontros abertos que se caracterizam pelo estímulo e reconhecimento da livre expressão artística do cidadão". E ainda define que, apesar de usualmente se estruturarem a partir da literatura, essas manifestações artísticas podem também abarcar uma série de outras linguagens, desde que tenha como "objetivo comum a promoção do interesse de uma comunidade pela criação nos diferentes campos das artes, tornando o cidadão comum protagonista do evento".

Esse aspecto demonstra que a manifestação sarau é entendida pelo edital como algo que estabelece vínculo direto com a comunidade, reforçando assim as reflexões já tratadas anteriormente nessa tese, que versam sobre a relação entre os saraus e seu lugar de origem e realização. Além disso, quando faz menção a tornar o cidadão comum um protagonista do evento, acaba por corroborar que essa manifestação, de fato, está vinculada aos sujeitos periféricos, enquanto lugar democrático de expressão do cidadão comum.

Ao longo da confecção e escrita deste subcapítulo conversamos com artistas independentes, poetas, escritores, organizadores de saraus que já participaram deste e de outros editais relacionados ao fomento da literatura, bem como realizamos uma visita a sede do PROAC em São Paulo, entrevistando uma técnica responsável da área. Tais ações foram de suma importância para melhor entender os meandros do processo pelos quais passa o

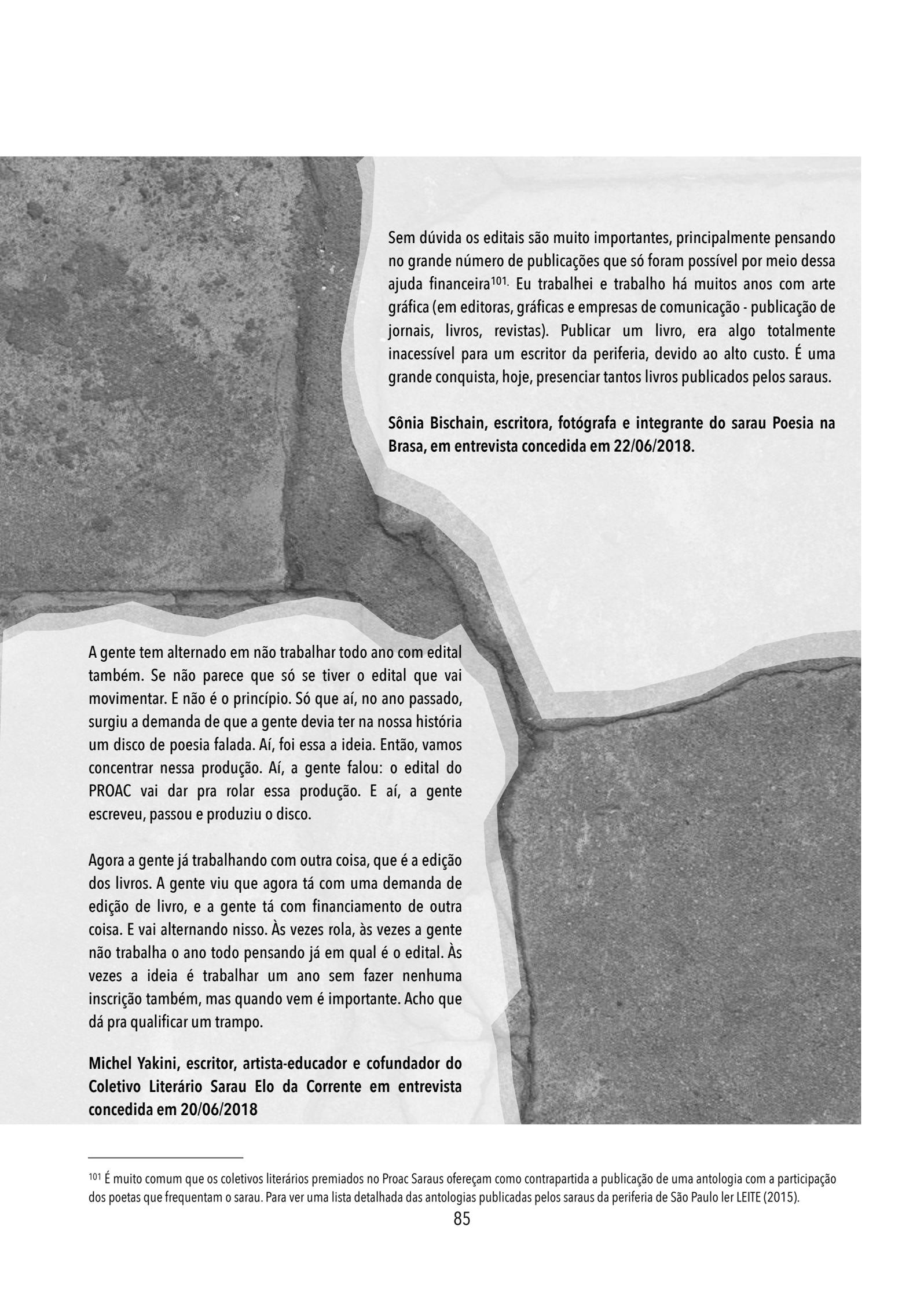
edital desde sua publicação, inscrição, seleção e implementação, nos auxiliando a tecer algumas análises e conclusões que poderão ser vistas a seguir.

Os editais para os saraus são importantes nesse sentido, né cara? Acaba sendo uma chancela financeira pra provar aquilo que a gente já vem fazendo há anos sem nenhum apoio financeiro. Às vezes, a gente tira o dinheiro do bolso. Um dinheiro que era pra gente comprar um arroz, um feijão pra dentro de casa e a gente tava lá pagando uma perua pra ir buscar uns poetas na estação, tá ligado? Então, quando a gente tem editais onde tem uma verba pública pra isso, o que que o governo e a sociedade tá dizendo? "Olha, o que vocês fazem é importante. Não é a toa que a gente tá liberando edital com verba financeira pra premiar tantos saraus. Então, aqueles saraus que tiverem os melhores projetos e forem selecionados terão essa verba pra trabalhar e fazer valer o seu esforço. Sem contar que é um meio da gente valorizar financeiramente as pessoas que trabalham com a palavra, né? Que querendo ou não, a gente é trabalhador. A gente estuda pra escrever aquilo que a gente vai falar no sarau, a gente se prepara, a gente se dedica, então, pra isso, de uma certa forma é um reconhecimento também do nosso trabalho financeiramente falando.

Sacolinha, nome artístico de Ademiro Alves, escritor, produtor cultural e organizador de saraus de Suzano-SP em entrevista concedida em 09/05/2018.

Acho importante para caramba. A gente não vai parar nunca, com ou sem patrocínio. Mas tem sempre gente nos coletivos que depende do patrocínio. E isso ajuda a gente pra caramba. Pois, se a gente não tiver dinheiro para pagar parceiros para enriquecer o projeto, a gente vai fazer do mesmo jeito, mas vai ficar mais pobre. E com o dinheiro dos editais a gente consegue viabilizar isso, agregar mais pessoas. [...] Quando a gente se inscreve no PROAC, a gente já consegue fazer oficinas, consegue levar um monte de gente como convidado, publicar livros com as crianças. Faz uma diferença muito grande na qualidade do projeto.

Paulo Dáuria, fundador do coletivo Poetas do Tietê, que realiza saraus, oficinas e intervenções literárias em São Paulo-SP em entrevista concedida em 07/10/2018.



Sem dúvida os editais são muito importantes, principalmente pensando no grande número de publicações que só foram possível por meio dessa ajuda financeira¹⁰¹. Eu trabalhei e trabalho há muitos anos com arte gráfica (em editoras, gráficas e empresas de comunicação - publicação de jornais, livros, revistas). Publicar um livro, era algo totalmente inacessível para um escritor da periferia, devido ao alto custo. É uma grande conquista, hoje, presenciar tantos livros publicados pelos saraus.

Sônia Bischain, escritora, fotógrafa e integrante do sarau Poesia na Brasa, em entrevista concedida em 22/06/2018.

A gente tem alternado em não trabalhar todo ano com edital também. Se não parece que só se tiver o edital que vai movimentar. E não é o princípio. Só que aí, no ano passado, surgiu a demanda de que a gente devia ter na nossa história um disco de poesia falada. Aí, foi essa a ideia. Então, vamos concentrar nessa produção. Aí, a gente falou: o edital do PROAC vai dar pra rolar essa produção. E aí, a gente escreveu, passou e produziu o disco.

Agora a gente já trabalhando com outra coisa, que é a edição dos livros. A gente viu que agora tá com uma demanda de edição de livro, e a gente tá com financiamento de outra coisa. E vai alternando nisso. Às vezes rola, às vezes a gente não trabalha o ano todo pensando já em qual é o edital. Às vezes a ideia é trabalhar um ano sem fazer nenhuma inscrição também, mas quando vem é importante. Acho que dá pra qualificar um trampo.

Michel Yakini, escritor, artista-educador e cofundador do Coletivo Literário Sarau Elo da Corrente em entrevista concedida em 20/06/2018

¹⁰¹ É muito comum que os coletivos literários premiados no Proac Saraus ofereçam como contrapartida a publicação de uma antologia com a participação dos poetas que frequentam o sarau. Para ver uma lista detalhada das antologias publicadas pelos saraus da periferia de São Paulo ler LEITE (2015).

A respeito da importância desses editais é unânime entre os entrevistados que esse recurso amplia e garante a sobrevivência dessas manifestações culturais (apesar de não ser condição imprescindível para que elas aconteçam), além de viabilizar publicações de autores da periferia, desprovidos de recursos para promover suas próprias publicações¹⁰². Sendo assim, compreendemos que esse fomento vai além da realização do próprio evento, pois viabiliza uma série de atividades que ampliam o impacto do sarau na comunidade por meio de oficinas e publicações que são viabilizadas em função desses recursos. Nesse sentido, cabe aqui explicar que no PROAC Saraus Culturais uma das condições de aprovação dos projetos é que existe a necessidade de uma contrapartida à sociedade que objetiva garantir o acesso a esse produto cultural que deve ter como base fundamental a democratização, abrangendo a participação de todo e qualquer cidadão às ações resultantes dos projetos contemplados. Assim, é de suma importância também que o acesso às atividades seja de forma gratuita ou, no máximo, a preços populares.

Também é exigido aos projetos concorrentes no edital descrever detalhadamente todo o conteúdo e objetivos pretendidos ao enviar o projeto, apontando a metodologia, indicação de conteúdo artístico a ser abordado, além de público e plano de divulgação, que se faz essencial para fins de comprovação dos recursos investidos por meio do prêmio oferecido pelo edital aos contemplados, bem como cronograma de trabalho, orçamento geral e específico e prestação das contas dos investimentos dispensados ao projeto.

Para compreender o edital de forma um pouco mais aprofundada, indo além do texto oficial e dos depoimentos apenas dos artistas, no dia 07 de agosto de 2018, realizamos uma visita técnica ao Proac Saraus, cuja sede está localizada no prédio da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, na região central da capital. Nos recebeu a senhorita Mariele Pinatti Cardoso, funcionária da Secretaria e gestora de projetos no PROAC. Em entrevista realizada por nós neste dia Mariele respondeu várias perguntas e discorreu sobre assuntos diversos que serão trazidos em outros momentos ao longo deste subcapítulo, nesse momento uma fala breve sobre a abrangência dos saraus na comunidade, sobre como se dá a comprovação destes projetos e até mesmo sobre algumas dificuldades encontradas pela Secretaria na seleção dos projetos:

¹⁰² Para maior aprofundamento em antologias literárias independentes publicadas pelos saraus de São Paulo, com ou sem a ajuda dos editais, ler LEITE (2015).

Não pode ser um evento do artista para ele mesmo, de autopromoção. Mas isso ele comprova através de clipping, através de registro fotográfico, através de uma série de coisas. Cada um comprova o seu. É claro que a análise do projeto é feita como um todo. Ela tem que ter um bom objeto, ela tem que ter uma boa contrapartida, ela tem que comprovar uma série de coisas. Às vezes, passa. Como você sabe, tem muita gente que é ótimo mentiroso. É expert em inscrições de projeto mesmo, e a pessoa sabe o que fazer, porque ele sabe o que a comissão e o que o ouvinte quer saber. Falam o que a pessoa quer ouvir. Mas, de modo geral, ele tem que ter comprovações dentro do projeto de que aquele sarau já acontece, que ele abrange efetivamente uma comunidade, que ele tem o interesse do público.

Questões sobre a idoneidade do PROAC sempre são levantadas, então, anualmente, a gente não altera tanto os editais, mas a gente tá sempre tentando renovar as comissões, se debruçar em cima nas comissões, da análise curricular, da seleção que vem sendo alterada e melhorada e otimizada ao longo dos anos. Hoje, as comissões são montadas a partir de indicações do secretário, que é uma pessoa do meio e tem os seus conhecimentos muito além dos nossos. Mas, hoje em dia, é feito com indicações das entidades representativas também, são formadas por pessoas que, teoricamente, são do meio e têm essa informação. Porque eu mesma teria dificuldade. Eu não conheço, nunca fui. Então, eu teria um pouco mais de dificuldade de saber de quem tá fazendo a coisa certa. Tem coisa que eu nunca ouvir falar, não sei de onde veio. Então, o edital tenta cercar, comprovar, mas as pessoas as vezes burlam isso.

Mariele Pinatti Cardoso, funcionária da Secretaria de Cultura do Estado (gestora de projetos no Proac) em entrevista realizada por nós no dia 07 de agosto de 2018.

A partir de nossas pesquisas e dos depoimentos anteriores decidimos analisar todos os editais Proac Saraus, um a um, desde sua criação em 2014, passando por 2015, 2016, 2017 até sua edição mais recente em 2018. Os resultados desta ampla medição culminaram na compilação de dados e informações imprescindíveis a esta pesquisa, gerando tabelas capazes de subsidiar a confecção de mapas de cada um dos anos abordados, aos quais, a partir de agora, faremos um estudo pormenorizado, a fim de ressaltar e revelar características e elementos presentes a cada um dos períodos anteriormente pontuados nessa tese.

O Mapa 6 a seguir corresponde aos sarau inscritos no primeiro edital Proac Saraus Culturais no ano de 2014, cujos projetos contemplados foram executados no ano seguinte, 2015. Nesta primeira edição houveram ao todo sessenta e quatro sarau inscritos, dos quais quinze foram contemplados, conforme pré-determinava o texto do edital. No referido mapa os sarau não contemplados são representados por esferas menores sem nenhuma

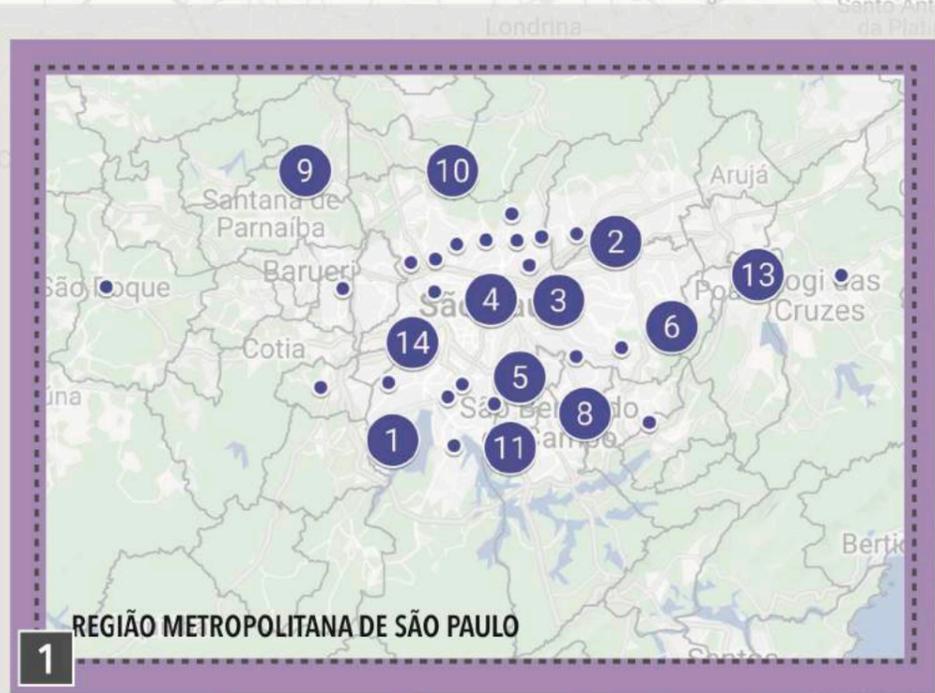
identificação, já os saraus contemplados são representados por esferas maiores e numeradas que vão de um a quatorze, ressaltando que um dos quinze saraus contemplados era itinerante e por isso não consta no mapa¹⁰³.

¹⁰³ Trata-se do Sarau do coletivo *Poetas do Tietê*, que realiza atividades literárias itinerantes pela cidade de São Paulo.

MAPA 6 | SARAUS PROAC [2014]

[FONTE: CONFECCIONADO POR NÓS COM BASE NO EDITAL PROAC SARAUS DE 2014]

● SARAUS CONTEMPLADOS	
● SARAUS NÃO CONTEMPLADOS	
1	PRAÇARAU - SÃO PAULO
2	SARAU DOS MESQUITEIROS NAS ESCOLAS - SÃO PAULO
3	SLAM DA GUILHERMINA - RECITAL E BATALHA - SÃO PAULO
4	SARAU BODEGA DO BRASIL - SÃO PAULO
5	PERIFATIVIDADE NAS ESCOLAS - SÃO PAULO
6	HOSPÍCIO CULTURAL - SÃO PAULO
7	SARAUS DO JACUBA - HORTOLÂNDIA
8	AFROSARAU CANTO NEGRO - SANTO ANDRÉ
9	SARAU DA ROÇA - CAJAMAR
10	SARAU CULTURAL DE CAIEIRAS - CAIEIRAS
11	SARAU DO POVO - DIADEMA
12	SARAU DOS AMIGOS - ILHA SOLTEIRA
13	SARAU LITERATURA NOSSA - SUZANO
14	SARAU DO BINHO - TABOÃO DA SERRA



ESCALA 1:200.000
20 km 40km 60km



Em uma análise superficial na legenda do mapa, olhando apenas os nomes dos saraus e seus respectivos municípios de origem, poderíamos dizer que os saraus contemplados estavam distribuídos de maneira quase igualitária geograficamente, sendo oito saraus localizados no interior do estado e sete saraus na capital paulista. Porém, quando voltamos nossos olhos para o mapa verificamos o quão próximo estão estes saraus, formando quase que uma mancha no mapa, atestando que a maioria esmagadora dos inscritos, contemplados ou não, está localizada na Região Metropolitana de São Paulo, conforme pode ser melhor visualizado no recorte 1, quadro no canto inferior esquerdo do mapa. Fora dessa área de grande concentração estão apenas quatro saraus, ou seja o equivalente a 6% do total, sendo um localizado no município de Cananéia, extremo sul do litoral paulista, não contemplado, outro na cidade de Hortolândia (Região Metropolitana de Campinas) que inclusive foi contemplado (número sete no mapa), outro no município de Ribeirão Preto, no meio do estado (não contemplado) e no extremo noroeste do estado, no município de Ilha Solteira, o Sarau dos Amigos (contemplado).

Neste edital de 2014 nove saraus dentre os não contemplados foram bem pontuados e ficaram classificados como suplentes, assim, quando o *Sarau Afrobase* (contemplado) foi desclassificado pela falta da entrega de documentos no prazo estabelecido, o sarau *Bodega do Brasil*, primeiro classificado na lista de suplentes (número 4 na legenda do mapa) foi convocado e assumiu a vaga. A respeito da questão dos suplentes, Mariele Pinatti Cardoso respondeu:

Quando a gente publica a ata da comissão de seleção, quer dizer, eles têm sete dias para mandar o documento que a gente tá dizendo que eles não estão mandando. Dentro desse prazo, se eles mandam, a gente faz uma nova publicação. Então, a gente reabilitou. Agora, se passar do prazo recursal, e eles não mandarem, aí sim, a gente publica o resultado final. Por isso, que as pessoas costumam se basear na publicação dos contemplados. Baseie-se sempre no comunicado de resultado final. Ata de recurso de documentação: decidimos por habilitar fulano, ciclano, beltrano porque mandaram a documentação correta. Então, sempre o comunicado de resultado final. Aí, depois ainda tem que ficar atento. Porque se terminar o prazo de contratação e por algum motivo, eles não vierem, não conseguirem assinar, estava com problema de certidão, ou alguma coisa assim, aí, a gente ainda fecha aquele bloco, faz uma nova publicação convocando, especialmente, o suplente.

Mariele Pinatti Cardoso, funcionária da Secretaria de Cultura do Estado (gestora de projetos no Proac) em entrevista realizada por nós no dia 07 de agosto de 2018.

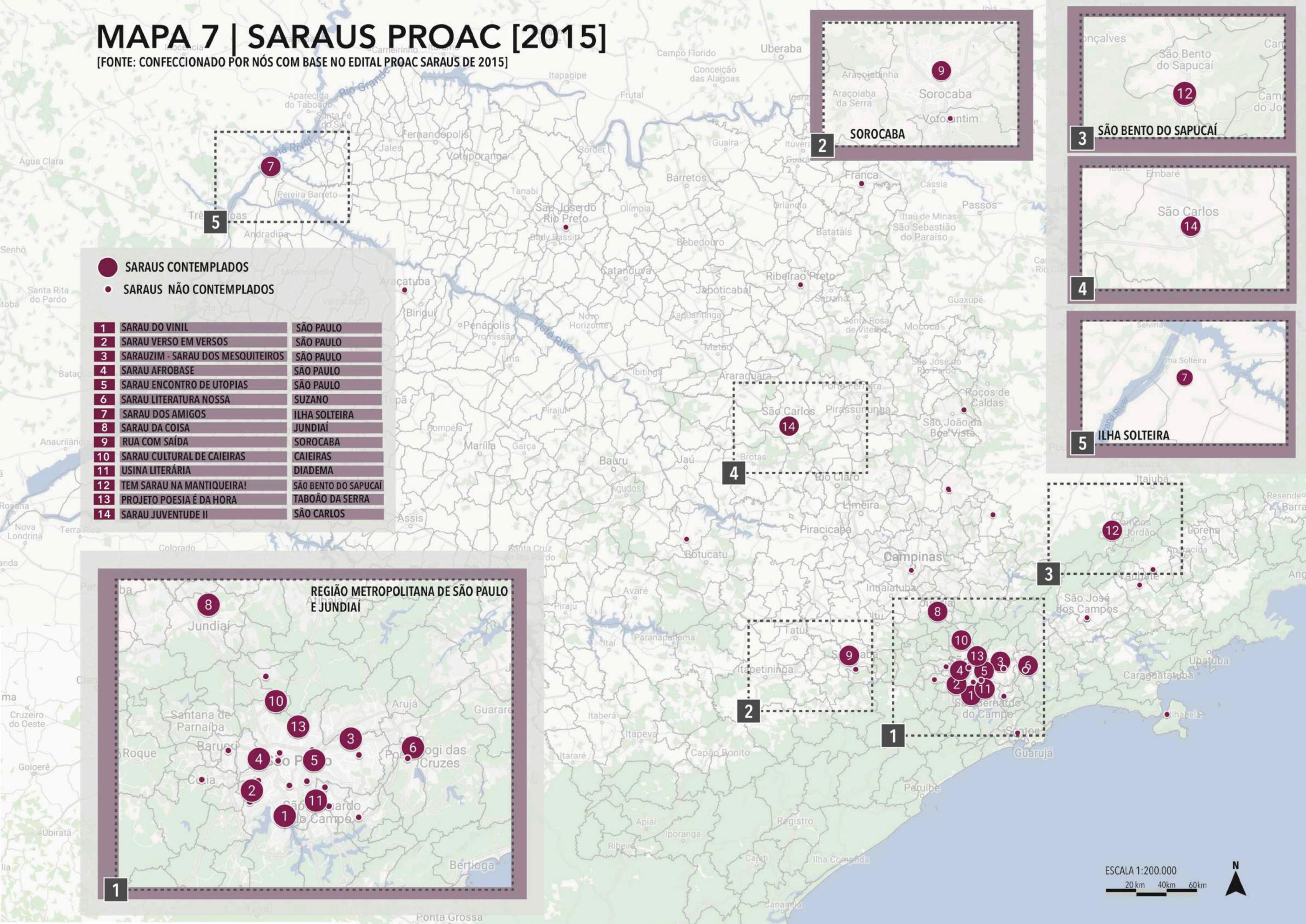
Quarenta e nove foi o número de saraus não contemplados, cujos nomes e endereços podem ser visualizados na Tabela 1 dos anexos dessa pesquisa. Vale ressaltar que o edital não forneceu o endereço destes saraus e coube a nós buscá-los e tabelá-los um a um por meio de pesquisa na internet, pois foi através deste processo que conseguimos confeccionar este e os outros mapas que virão a seguir. Para nossa surpresa dentro o grupo de não contemplados, vinte e dois saraus simplesmente não existiam em lugar algum, seus endereços não foram encontrados e tampouco aparecem em algum registro na internet, não foi encontrada nenhuma informação nas redes a não ser nas publicações fornecidas pelo próprio Edital do Proac¹⁰⁴.

O Mapa 7 a seguir corresponde aos saraus inscritos no segundo edital Proac Saraus Culturais em 2015, cujos projetos contemplados foram realizados no ano seguinte em 2016. Nesta segunda edição do edital houveram ao todo cinquenta e três saraus inscritos (onze a menos do que no ano anterior) dos quais quinze foram contemplados, conforme pré-determinava o texto do edital. Assim como o anterior, o mapa apresenta os saraus contemplados representados por esferas numeradas que vão de um a quatorze, ressaltando que um dos quinze saraus contemplados era itinerante e por isso não consta no mapa, repetindo exatamente a mesma situação do ano anterior.

¹⁰⁴ Veremos que este fato se repetirá nos editais dos anos seguintes e será comentado de forma mais aprofundada por nós em momento future desta pesquisa.

MAPA 7 | SARAUS PROAC [2015]

[FONTE: CONFECCIONADO POR NÓS COM BASE NO EDITAL PROAC SARAUS DE 2015]



- SARAUS CONTEMPLADOS
- SARAUS NÃO CONTEMPLADOS

1	SARAU DO VINIL	SÃO PAULO
2	SARAU VERSO EM VERSOS	SÃO PAULO
3	SARAUZIM - SARAU DOS MESQUITEIROS	SÃO PAULO
4	SARAU AFROBASE	SÃO PAULO
5	SARAU ENCONTRO DE UTOPIAS	SÃO PAULO
6	SARAU LITERATURA NOSSA	SUZANO
7	SARAU DOS AMIGOS	ILHA SOLTEIRA
8	SARAU DA COISA	JUNDIAÍ
9	RUA COM SAÍDA	SOROCABA
10	SARAU CULTURAL DE CAIEIRAS	CAIEIRAS
11	USINA LITERÁRIA	DIADEMA
12	TEM SARAU NA MANTIQUEIRA!	SÃO BENTO DO SAPUCAÍ
13	PROJETO POESIA É DA HORA	TABOÃO DA SERRA
14	SARAU JUVENTUDE II	SÃO CARLOS

REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO E JUNDIAÍ

ESCALA 1:200.000

20 km 40km 60km



Novamente nota-se uma grande mancha no mapa na área correspondente a Região Metropolitana de São Paulo, fato que se deve a grande concentração de saraus situados nesta região, conforme nos mostra o recorte 1, quadro no canto inferior esquerdo do mapa, porém diferente do ano anterior quando haviam apenas quatro saraus fora desse recorte, em 2015 visualizamos dezenove saraus espalhados por diferentes pontos desta cartografia (equivalente a 36% do total). Tais saraus estão localizados nos municípios de Campinas, Socorro, Itapira, Ilha Bela, São José dos Campos, Taubaté, São Manoel, Presidente Prudente, Pindamonhangaba, Ribeirão Preto, Araçatuba, São José do Rio Preto, São José dos Campos, Águas da Prata e Votorantim (todos não contemplados). Somam-se a eles ainda os saraus contemplados localizados nos municípios de Sorocaba (número nove no mapa, recorte 2), São Bento do Sapucaí (número doze no mapa, recorte 3), São Carlos (número quatorze no mapa, recorte 4) e Ilha Solteira (número sete no mapa recorte 5), visualizando um mapa com uma distribuição geográfica muito mais descentralizada que o Mapa 6 referente ao ano anterior deste edital.

Porém se por um lado houve uma descentralização geográfica do ponto de vista dos saraus inscritos, continuou havendo uma concentração por parte dos saraus contemplados, pois dos quinze saraus contemplados apenas quatro (26%) estavam localizados fora da Região Metropolitana de São Paulo.

Neste edital de 2015 sete saraus dentre os não contemplados foram bem pontuados e ficaram classificados como suplentes, mas não houve desistência por parte de nenhum sarau.

Ao todo o número de saraus não contemplados representou trinta e oito, cujos nomes e endereços constam na Tabela 2 dos anexos dessa pesquisa. Assim como no caso do ano anterior, vale ressaltar que o edital não forneceu o endereço destes saraus e coube a nós buscá-los e tabelá-los um a um por meio de pesquisa na internet e dentre o grupo de não contemplados três saraus eram itinerantes e por isso não constam no mapa, apenas dois saraus simplesmente não existiam em lugar algum, seus endereços não foram encontrados e tampouco aparecem em algum registro na internet, não foi encontrada nenhuma informação nas redes a não ser nas publicações fornecidas pelo próprio Edital do Proac.

Uma observação a ser feita é que neste segundo edital houveram alguns contemplados que já haviam sido contemplados no edital do ano anterior, são eles *Sarau dos Mesquiteiros* do município de São Paulo (3), *Sarau Literatura Nossa* do município de Suzano (6), *Sarau dos Amigos* do município de Ilha Solteira (7), *Sarau Cultural de Caieiras* do município de Caieiras (10) e o sarau itinerante (que não consta no mapa) do coletivo *Poetas do Tietê*. Este fato se repetirá em alguns anos seguintes e será por nós analisado de forma mais aprofundada em outro momento desta pesquisa.

O Mapa 8 a seguir corresponde aos saraus inscritos no terceiro edital Proac Saraus Culturais no ano de 2016, cujos projetos contemplados foram executados no ano seguinte, 2017. Nesta terceira edição do edital houveram ao todo sessenta e nove saraus inscritos (dessezeis a mais do que no ano anterior), porém o número de saraus contemplados caiu de quinze para oito, ou seja, quase a metade¹⁰⁵. Perguntamos ainda em nossa entrevista a Mariele Pinatti Cardoso, técnica responsável do Proac, ao que se deve a redução do número de premiações de um ano para o outro, ela nos deu a seguinte resposta:

“O Governo libera, por exemplo, R\$ 50 milhões de orçamento, mas, por algum momento ele segura uma parte durante um tempo porque o orçamento das secretarias depende da arrecadação também. Então, por exemplo, eu não posso lançar tudo no mês de janeiro porque eu não tenho todo esse valor arrecadado. Então, por questões orçamentárias, financeiras etc, eles parcelam, às vezes tiram um pouquinho, às vezes o desconto de contingenciamento vem no final do ano, às vezes a gente consegue uma suplementação no final do ano, então, tudo isso é variável. Mas, normalmente, quando a gente diminui a quantidade de prêmios, geralmente é algum contingenciamento financeiro do Estado, tá. Nunca é só porque o edital tá sendo renegado ali, segundo plano.

Mariele Pinatti Cardoso, funcionária da Secretaria de Cultura do Estado (gestora de projetos no Proac) em entrevista realizada por nós no dia 07 de agosto de 2018.

Assim como nos mapas anteriores o Mapa 8 a seguir traz os saraus contemplados representados por esferas numeradas que vão de um a sete, ressaltando que um dos oito saraus contemplados era itinerante e por isso não consta no mapa.

¹⁰⁵ Nos dois anos anteriores, tanto em 2014 quanto em 2015, o número de saraus contemplados foi 15.

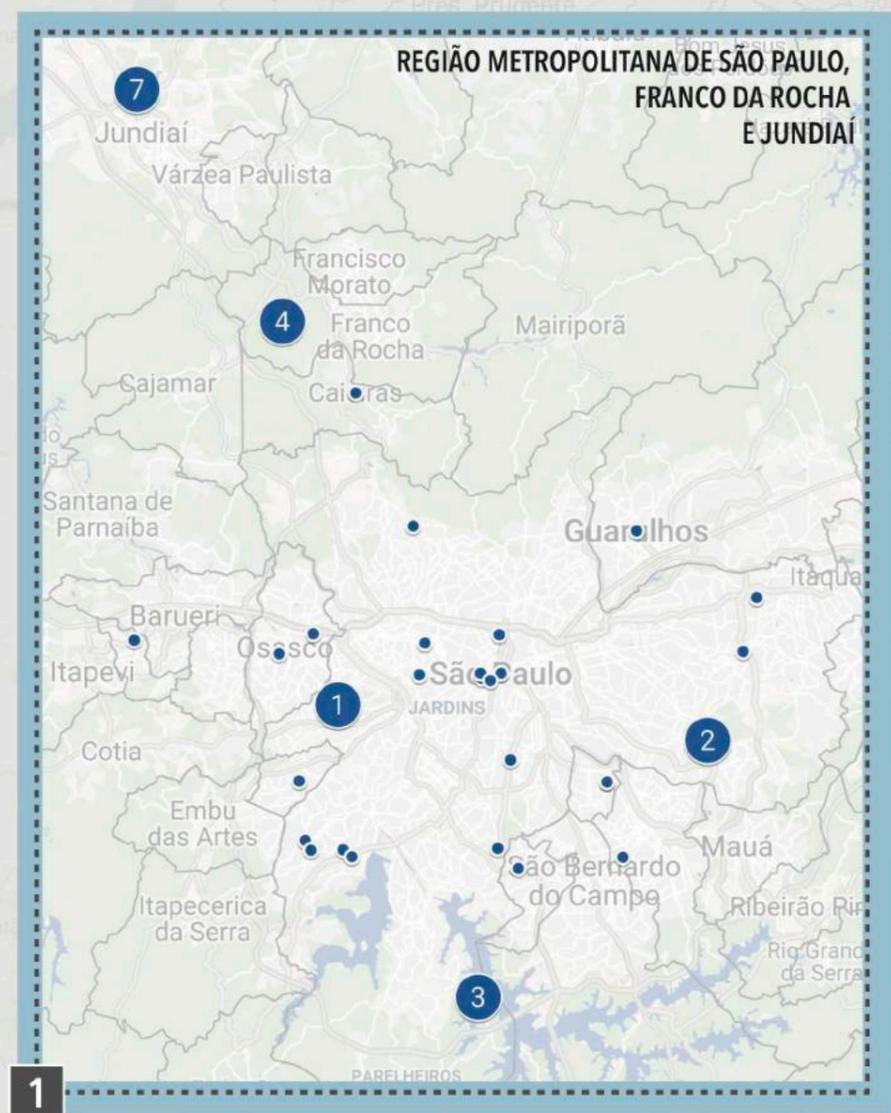
MAPA 8 | SARAUS PROAC [2016]

[FONTE: CONFECCIONADO POR NÓS COM BASE NO EDITAL PROAC SARAUS DE 2016]

SARAUS CONTEMPLADOS

SARAUS NÃO CONTEMPLADOS

1	SARAU AFROBASE	SÃO PAULO
2	SARAU COMUNGAR	SÃO PAULO
3	SARAU DE CORDAS	SÃO PAULO
4	SARAU CONPOEMA E SLAM DA ROÇA	FRANCO DA ROCHA
5	SARAU DO POVO	CAMPINA DO MONTE ALEGRE
6	SARAU POR TRÁS DA ROTINA ITAPIRENSE	ITAPIRA
7	SARAU DA COISA	JUNDIAÍ



Semelhante ao que foi verificado no Mapa 7 correspondente ao ano anterior, nota-se uma grande concentração na área correspondente a Região Metropolitana de São Paulo e municípios adjacentes (Franco da Rocha e Jundiaí), fato que se deve ao grande acúmulo de saraus situados nesta região, neste caso ainda mais, pois aqui quase metade dos saraus inscritos encontram-se nessa área (mais de trinta saraus), conforme nos mostra o recorte 1, quadro no canto inferior esquerdo do mapa. Apenas dois saraus entre os contemplados estão situados fora desta Região, são eles *Sarau do Povo* no município de Campina do Monte Alegre (5) e *Sarau por Trás da Rotina Itapireense* do município de Itapita (6). Mesmo dentre os não contemplados a porcentagem de saraus fora da área concentrada ainda assim é muito baixa, somando dezenove saraus de um total de sessenta e nove saraus inscritos, ou seja, 27% apenas. Estes saraus estão localizados nos municípios de Lagoinha, Socorro, Monte Aprazível, São Carlos, Campinas, Votorantim, Assis, São Manuel, Ilha Solteira, Bauru, Iguape, Bauru, Leme, Cananéia e cinco deles no município de São José dos Campos.

Neste edital de 2016 oito saraus dentre os não contemplados foram bem pontuados e ficaram classificados como suplentes, porém não houve desistência por parte de nenhum sarau contemplado. Os nomes e endereços dos sessenta e um saraus não contemplados, representados no mapa pelas esferas menores (não numeradas) podem ser visualizados na Tabela 3 situada no anexo desta pesquisa.

Assim como nos casos dos anos anteriores, vale ressaltar que o edital não forneceu o endereço destes saraus e coube a nós buscá-los e tabelá-los um a um por meio de pesquisa na internet e dentre o grupo de não contemplados três saraus eram itinerantes e por isso não possuem endereço fixo e oito saraus simplesmente não existiam em lugar algum, seus endereços não foram encontrados e tampouco aparecem em algum registro na internet, não foi encontrada nenhuma informação nas redes a não ser nas publicações fornecidas pelo próprio Edital do Proac.

Uma observação a ser feita é que neste edital de 2016 houveram dois contemplados que já haviam sido contemplados no edital do ano anterior, são eles *Sarau da Coisa de Jundiaí* (7) e *Sarau Afrobases de São Paulo* (1).

A cartografia a seguir corresponde aos saraus inscritos no quarto edital Proac Saraus Culturais no ano de 2017, cujos projetos contemplados foram executados no ano seguinte, 2018. Esta quarta edição do edital, foi um ano atípico, o número de inscritos bateu recorde, ao todo noventa e dois saraus inscritos (vinte e três a mais do que no ano anterior), já o número de saraus contemplados subiu de oito para dez. O Mapa 9 a seguir mostra os saraus contemplados representados por esferas numeradas que vão de um a dez.

MAPA 9 | SARAUS PROAC [2017]

[FONTE: CONFECCIONADO POR NÓS COM BASE NO EDITAL PROAC SARAUS DE 2017]

SARAUS CONTEMPLADOS	
1	SARAU NO MEIO DO MUNDO
2	SARAU ELO DA CORRENTE
3	SARAU DOS MESQUITEIROS
4	SARAU MUSICAL DA CAPOEIRA
5	PIRACAIÁ NA LEITURA CONVIDA
6	PARADA POÉTICA
7	SARAU DA DALVA
8	SABERES E SABORES DO VALE DO PARAÍBA
9	SARAU DO VIADUTO
10	SARAU DA COISA

SARAUS NÃO CONTEMPLADOS	
SÃO PAULO	
PIRACAIÁ	
NOVA ODESSA	
CAMPINAS	
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	
BAURU	
JUNDIAÍ	



ESCALA 1:200.000
20 km 40 km 60 km



Ao contrário do Mapa 8 correspondente ao ano anterior, este mapa traz em seu corpo uma evidente desconcentração dos saraus, pois numericamente tem mais inscritos e mais contemplados, porém do ponto de vista proporcional a concentração ainda se dá na Região Metropolitana de São Paulo, onde temos cinquenta e sete saraus de um total de noventa e dois inscritos, ou seja 62%. Restam portanto, fora dessa área de concentração, vinte e nove saraus não contemplados, localizados nos municípios de Bariri, São Sebastião, Ribeirão Preto, Campinas (2 saraus), Ilha Solteira, Santa Gertrudes, Pardinho, Monte Aprazível, Socorro, Bauru, Porto Feliz, Piracaia, Teodoro Sampaio, São José dos Campos (2 saraus), Taubaté, Ribeirão Preto, São Manuel, Botucatu, Lençóis Paulista, Socorro, Pereira Barreto, Barretos, Piracicaba, Espírito Santo do Pinhal, Monte Alto e São Bento do Sapucaí. E mais seis saraus contemplados, que podem ser visualizados no referido mapa através dos números e legendas, são eles, *Piracaia na Leitura Convida*, do município de Piracaia (número cinco no mapa, recorte 4), os saraus representados no recorte 2, *Parada Poética* da cidade de Nova Odessa (número seis no mapa), *Sarau da Dalva* de Campinas (número sete no mapa) e *Sarau da Coisa* de Jundiaí (número dez no mapa), além dos sarau *Saberes e Sabores do Vale do Paraíba* de São José dos Campos (número oito no mapa) e o *Sarau do Viaduto* localizado no município de Bauru (número nove no mapa).

De um total de 10 saraus contemplados seis estão localizados fora da região de maior concentração (Região Metropolitana de São Paulo), o que significa pouco mais da metade dos saraus contemplados, é a primeira vez que isso acontece na história deste edital desde o seu surgimento em 2014.

Neste edital de 2017 nove saraus dentre os não contemplados foram bem pontuados e ficaram classificados como suplentes, assim, quando dois dos contemplados em primeira instância (Sarau do Binho de São Paulo e Sarau Cabaret Scènesonore de Bauru) abriram mão de suas vagas pois optaram por permanecer com o prêmio de outro edital que já haviam ganhado, o *Sarau do Viaduto* do município de Bauru (número nove no mapa) e o *Sarau da Coisa* da cidade Jundiaí (número dez no mapa) que estavam em primeiro e segundo lugar na lista de suplentes foram convocados e assumiram.

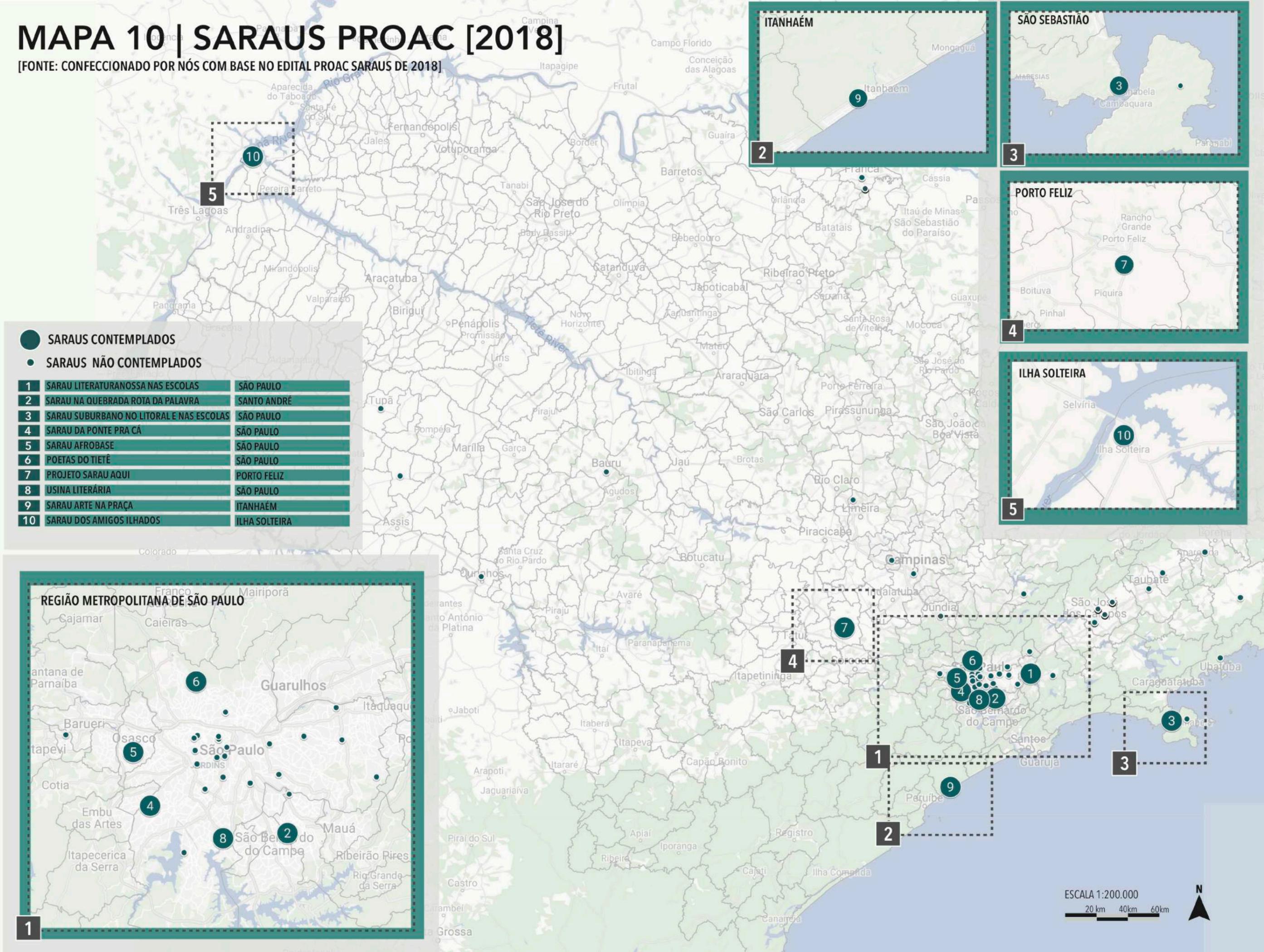
Os nomes e endereços dos oitenta e dois saraus não contemplados, representados no mapa pelas esferas menores (não numeradas) podem ser visualizados na Tabela 4 nos Anexos desta pesquisa. Assim como nos casos anteriores, vale ressaltar que o edital não forneceu o endereço destes saraus e coube a nós buscá-los e tabelá-los um a um por meio de pesquisa na internet e dentre o grupo de não contemplados quatro saraus eram itinerantes e por isso não estão retratados neste mapa e dez saraus simplesmente não existiam em lugar algum, seus endereços não foram encontrados e tampouco aparecem em algum registro na internet, não foi encontrada nenhuma informação nas redes a não ser nas publicações fornecidas pelo próprio Edital do Proac.

Novamente alguns saraus já contemplados em anos anteriores foram contemplados neste ano, são eles *Sarau da Coisa* de Jundiaí e *Sarau dos Mesquiteiros* de São Paulo.

O Mapa 10 a seguir corresponde aos saraus inscritos no quinto edital Proac Saraus Culturais no ano de 2018, cujos projetos contemplados estão sendo executados no presente ano de 2019. Neste edital mais recente do Proac Saraus, houveram ao todo sessenta e três inscritos (vinte e nove a menos do que no ano anterior) e o número de contemplados foi exatamente o mesmo do ano anterior, dez saraus. Como em todos os mapas que trouxemos até aqui, vemos os saraus contemplados representados por esferas numeradas que vão de um a dez.

MAPA 10 | SARAUS PROAC [2018]

[FONTE: CONFECCIONADO POR NÓS COM BASE NO EDITAL PROAC SARAUS DE 2018]



- SARAUS CONTEMPLADOS
- SARAUS NÃO CONTEMPLADOS

1	SARAU LITERÁRIO NA OSSA NAS ESCOLAS	SÃO PAULO
2	SARAU NA QUEBRADA ROTA DA PALAVRA	SANTO ANDRÉ
3	SARAU SUBURBANO NO LITORAL E NAS ESCOLAS	SÃO PAULO
4	SARAU DA PONTE PRA CÁ	SÃO PAULO
5	SARAU AFROBASE	SÃO PAULO
6	POETAS DO TIETÊ	SÃO PAULO
7	PROJETO SARAUS AQUI	PORTO FELIZ
8	USINA LITERÁRIA	SÃO PAULO
9	SARAU ARTE NA PRAÇA	ITANHAÉM
10	SARAU DOS AMIGOS ILHADOS	ILHA SOLTEIRA

ESCALA 1:200.000

20 km 40km 60km



Dentre os saraus que fazem parte deste grupo temos dessa vez apenas quatro saraus localizados fora da Região metropolitana de São Paulo, são eles *Sarau Suburbano no Litoral* de São Sebastião (número três no mapa) *Sarau dos Amigos*, de Ilha Solteira (número dez no mapa), *Sarau Arte na Praça*, de Itanhaém (número nove no mapa) e *Projeto Sarau Aqui* de Porto Feliz (número sete no mapa). Este fato se repete em larga escala quando analisamos o outro grupo envolvido neste edital, o dos saraus não contemplados, cujo número soma cinquenta e três. Pois bem, deste montante vinte e dois estão localizados em municípios do interior, tais como São José dos Campos (4 saraus), São Sebastião, Pindamonhangaba, Franca (2 saraus), Presidente Prudente, Ourinhos, Ubatuba, Jundiaí, Tupã, Hortolândia, Bauru, Cunha, Piracaia, Campinas, Cordeirópolis, Guaratinguetá, Taubaté e Lutécia, os outros trinta e um saraus estão situados na capital São Paulo ou em sua Região Metropolitana, reforçando um fato que tem se alterado muito pouco ao longo desses cinco anos de atuação deste edital, a concentração de saraus oriundos da grande São Paulo.

Apenas três saraus dentre os não contemplados foram bem pontuados e ficaram classificados como suplentes, e o projeto contemplado *Sarau, Sarauzin, Saraução* optou por outro edital que havia ganhado, cedendo a vaga para o primeiro suplente *Sarau na Quebrada – Rota da Palavra* de Santo André-SP.

Como já tem sido praxe neste capítulo, nomes e endereços dos cinquenta e três saraus não contemplados que não puderam ser inseridos no mapa podem ser vistos na Tabela 5 dos Anexos, dentro do montante de saraus desta categoria dois saraus eram itinerantes e por isso não estão retratados no Mapa 10, outros cinco saraus não foram encontrados e tampouco aparecem em algum registro na internet, não foi encontrada nenhuma informação nas redes a não ser nas publicações fornecidas pelo próprio Edital do Proac.

Dentre os saraus contemplados este ano, 4 já foram contemplados em edições anteriores deste edital, são eles o sarau *Afrobases* (número cinco no mapa), *Poetas do Tietê* (número seis no mapa), *Sarau Literatura Nossa* (número um no mapa) e *Saraus dos Amigos* (número dez no mapa).

O fator repetição, no que diz respeito aos contemplados, chamou-nos bastante atenção, pois após analisar e mapear e analisar todas as edições do edital desde o seu surgimento em 2014, notamos que em todos os anos (a partir da segunda edição em 2015) houve a ocorrência de nomes repetidos entre os saraus contemplados. A respeito dessa incidência o texto do Edital Proac Saraus 2018 (o mais recente publicado) diz em seu capítulo primeiro no subitem 2.4: *No mínimo 50% (cinquenta por cento) dos projetos selecionados serão de proponentes ou grupos, núcleos ou coletivos que não foram selecionados no Edital ProAC nº 27/2017.* Ou seja, segundo o documento do próprio edital não é proibido que os grupos se inscrevam todos os anos, porém se o sarau já estiver

sido contemplado no ano anterior tem 50% a menos de chance de ser contemplado novamente, mas, caso se inscreva em anos alternados é perfeitamente possível que seja contemplado mais de uma vez, como pode ser visto a seguir.

Ao longo dos cinco anos de existência do edital houveram cinco saraus contemplados três vezes, são eles: *Saraus dos Mesquiteiros* de São Paulo (2014, 2015, 2017), *Sarau Literatura Nossa* de Suzano (2014, 2015, 2018), *Sarau dos Amigos* de Ilha Solteira (2014, 2015, 2018), *Sarau da Coisa* de Jundiaí (2015, 2016, 2017), e *Sarau Afrobases* de São Paulo (2015, 2016, 2018). O *Sarau Cultural de Caieiras* localizado no município de mesmo nome foi contemplado duas vezes (2014, 2015) e o Coletivo *Poetas do Tietê* foi o único contemplado por quatro vezes, (2014, 2015, 2016, 2018). Este último é um exemplo de coletivo literário que conseguiu ser contemplado por mais de dois anos consecutivos, pois é praxe de alguns grupos se inscrevem todos os anos com projetos, proponentes, e objetivos diferentes. A respeito dessa situação, Mariele Pinatti Cardoso, do Proac, nos relatou ainda em entrevista concedida:

Em 2015, a gente fez que quem tivesse um projeto aberto não poderia participar de um edital novo. Deu um bafafá eterno aqui. Por exemplo, se você estivesse ainda desenvolvendo um projeto do ano passado, você não poderia participar esse ano. Nossa, o povo quase matou a gente. Agora, a gente coloca que pelo menos 50% do edital tem que ser renovado. Porque a gente sabe, que é claro, se você tem um bom projeto, você vai ganhar todo ano, principalmente que a comissão vai mudando. E apesar da comissão continuar mudando, ela também conhece os principais saraus, os principais artistas de cada linha, né? Essas pessoas, quanto mais elas ganham, melhor elas vão ficando, os projetos vão ficando melhores, na ideia, na hora de expor, o clipping, a comprovação, então, é claro que isso vai sempre ratificando a qualidade deles. Mas aí, você acaba nunca contemplando um outro sarau que nunca vai ter condições de crescer porque ele já tá aqui com essa panelinha formada. Então, tudo isso a gente tenta. Eu, dentro das minhas comissões, eu sempre tento renovar, independente da cota da secretaria, eu sempre tento renovar. Esse aqui ganhou para fazer X ano passado. Ele vai fazer X+1 esse ano. Acho que, porque ele já fez X, acho que ele não vai precisar para fazer esse ano. Eu, mas é um entendimento meu, que eu proponho para a minha comissão. Se eu for voto vencido também não tem como. Então, depende muito de como se forma esse grupo. A gente sempre tenta colocar um grupo bem misto para que a gestão não fique muito dirigida a resultado. A gente tenta.

Mariele Pinatti Cardoso, funcionária da Secretaria de Cultura do Estado (gestora de projetos no Proac) em entrevista realizada por nós no dia 07 de agosto de 2018.

Outro aspecto que nos chamou bastante atenção após mapear os editais Proac Saraus desde sua primeira edição em 2014, foi a dinâmica territorial de concentração e desconcentração pela qual passaram os saraus inscritos ao longo dos anos. Em 2014, ano de estreia do edital, houve uma concentração elevada de saraus situados

na Região Metropolitana de São Paulo, mas logo no ano seguinte, em 2015, essa predominância diminuiu, de modo que houve uma desconcentração nos anos subsequentes, culminando em 2017 com um fato até então inédito: pela primeira vez na história do edital o número de saraus contemplados situados no interior do estado foi maior do que o número de saraus da capital. É fato que a capital do estado é extremamente maior e mais populosa que qualquer outro município do estado e logo tende a ter um maior número de saraus em detrimento a qualquer outra cidade, porém o Proac é um edital estadual, e possui mecanismos de descentralização que tentam equalizar o número de saraus contemplados ao longo do estado, mesmo assim, em quase todas as edições prevaleceram os saraus situados na grande São Paulo. Sobre os mecanismos de descentralização o presente edital diz em seu Capítulo 8 (*Dos critérios de análise do projeto*), no subitem 8.1:

8.1. O julgamento dos projetos será efetuado considerando os seguintes critérios:

k) Descentralização geográfica e capilaridade no Estado de São Paulo: a análise deve ter o entendimento da importância da seleção de projetos realizados em regiões variadas do Estado, incluindo as menos populosas e distantes da capital.

k.1) Tratando-se de projetos do interior observar a descentralização na mesma região administrativa.

Ainda respeito do papel descentralizador promovido pelo edital no que diz respeito aos saraus contemplados, a funcionária do Proac, gestora de projetos Mariele Pinatti Cardoso destacou:

Os saraus da capital são muito mais organizados. Em todos os segmentos. As coisas que acontecem na capital. Porque existem editais locais, municipais, então a situação já é outra. Então, esses lugares do interior, na maioria dos lugares, não existe uma política local, uma política municipal de nada, de fomento de nada. No máximo de teatro.

Até as produtoras que fazem mesmo projeto em São Paulo tem know-how muito diferente do interior, que às vezes tem ideias ótimas, mas que não consegue pôr no papel.

Mas a gente tá tentando realmente esticar pra que, cada vez mais, essas coisas cheguem muito mais no interior.

Então, se eu tô com duas propostas que são igualmente boas, empatadas em qualidade, mas uma vai um pouquinho mais longe, onde o braço do Governo chegaria com mais dificuldade, ela vai ter uma preferência. Isso é a ideia quando a gente bola o edital. Eventualmente, a comissão pode pensar: "mas esse outro ganha sempre e esse aqui não". De novo, eles são autônomos.

Mariele Pinatti Cardoso, funcionária da Secretaria de Cultura do Estado (gestora de projetos no Proac) em entrevista realizada por nós no dia 07 de agosto de 2018.

De fato, ao analisarmos o Proac Saraus¹⁰⁶ todos esses anos enxergamos o quanto este edital fomenta a cena dos saraus no estado e lida com problemáticas diversas, tais como a tentativa de equalizar o acesso da população a bens culturais em todo o território paulista, criando inclusive mecanismos para que estes não fiquem concentrados apenas na Região Metropolitana de São Paulo. Não coube ao presente trabalho realizar uma tipologia dos saraus no território paulista, tamanha é a grandeza e a diversidade desta cena¹⁰⁷, mas, após a confecção das tabelas emapas que cobriram ano a ano as ações deste edital (2014 a 2018) foi possível a realização de uma tipologia dos saraus em todo o Estado de São Paulo. Entretanto, no próximo capítulo apresentaremos uma análise minuciosa de um sarau específico, trazendo um olhar mais profundo e qualitativo dessa manifestação.

Após nos debruçarmos sobre todo o mapeamento realizado até aqui julgamos importante retomar a reflexão do caráter ativo dessa cartografia, uma vez que o esforço para acessar, tratar, e interpretar as informações não se restringiu apenas ao campo da geografia, envolveu instituições governamentais e não governamentais, atores sociais como escritores, jornalistas, produtores culturais, pesquisadores e frequentadores de saraus. Tal diversidade vem enfatizar que essa cena é construída por diversos agentes e que nosso mapeamento é fruto de uma cartografia viva e coletiva, reiterando que o mapa pode se converter em espaço de representação da dinâmica cultural no território.

Em um sentido mais profundo, tomamos a reflexão de Souza Santos (1991, p.141) quando este autor aborda a ideia de uma "cartografia simbólica", e afirma que na atualidade todas as dinâmicas sociais e representações da realidade possuem uma tessitura espacial que não pode ser ignorada. Para o autor supracitado "o espaço parece pois transformar-se no modo privilegiado de pensar e agir do fim do século. Assim sendo, é de pensar que as representações sociais do espaço adquiram cada vez mais importância e centralidade analíticas".

Todos os conceitos com que representamos a realidade e à volta dos quais constituímos as diferentes ciências sociais e suas especializações, a sociedade e o Estado, o indivíduo e a comunidade, a comunidade e o campo, as classes sociais e as trajetórias pessoais, a produção e a cultura, o direito e a violência, o regime político e os movimentos sociais, a identidade nacional e o sistema mundial, todos estes conceitos têm uma contextura espacial, física e simbólica, que nos tem escapado pelo facto de os nossos instrumentos analíticos estarem de costas viradas para ela, mas que vemos agora, é a chave da compreensão das relações sociais de que se tece cada um desses conceitos. Sendo assim, o

¹⁰⁶ Prestes a entregar a versão final deste trabalho soubemos que houveram uma série de mudanças significativas na Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e o edital ProAc Saraus não mais existirá no ano de 2019, os projetos desta natureza foram alocados em um edital denominado "Realização de ações de incentivo à leitura no estado de São Paulo".

¹⁰⁷ Para que se tenha uma ideia de quão dinâmica é a cena dos saraus em São Paulo, prestes a finalizar esta pesquisa, encontramos em dezembro de 2018, um mapeamento dos saraus paulistanos que constava mais de 20 saraus desconhecidos por nós, saraus surgidos recentemente e que até então não constavam em nenhuma das publicações que utilizamos para confeccionar os mapeamentos desta pesquisa.

modo como imaginamos o real espacial pode vir a tornar-se na matriz das referências com que imaginamos todos os aspectos da realidade” SOUSA SANTOS, 1991 p. 141.

Para nós, o sentido maior de toda cartografia realizada até aqui, é apresentar os saraus como manifestação cultural e territorial, complementando assim o escopo teórico e os conceitos que fundamentam essa tese. Fazer do mapa um solo da palavra é compreender que ele também traz em si a potência da voz, pois é um grito cartografado no espaço, que revela as origens geográficas e a evolução dessa ocupação. Esta cartografia se converte num instrumento que legitima essas vozes, afirmando sua existência, mostrando que “as pessoas não deviam fazer sua história, mas antes a sua geografia” (Sousa Santos, 1991, p.140).

A Parada Poética e a

Polifonia dos Saberes

“ P O E S I A D E
P R I M E I R A N U M A
N O I T E D E
S E G U N D A ”



Público na Parada Poética Foto: Márcio Salata

O presente capítulo é a concretização de toda teoria trazida nesta tese até aqui, a prática de tudo o que foi estudado, falado, tabulado e cartografado, pois o autor deste trabalho, conforme descrito na introdução da pesquisa, possui não só envolvimento com o tema enquanto pesquisador, mas também grande imersão enquanto frequentador e fazedor de saraus, compositor e poeta que é. Nos meandros da palavra, cujo percurso tem sua nascente nas composição das primeiras letras de rap ainda muito jovem, este autor passou pela poesia e desaguou nos saraus da periferia de São Paulo, onde nasceu e cresceu. Anos mais tarde (2012), na companhia de amigos e artistas do município de Nova Odessa-SP (onde vive atualmente), fez parte da criação do sarau Parada Poética, que

apesar de não estar localizado na periferia de uma metrópole possui inúmeras semelhanças aos saraus retratados por nós anteriormente neste trabalho, seja pelo fato de ter começado suas atividades em um bar da cidade, devido a ausência de espaços destinados a práticas culturais, ou mesmo por ter sido contemplado no edital Proac Saraus (2017). Esse capítulo não será construído apenas pela voz desse pesquisador, ou apenas por referências bibliográficas, mas sim pela voz de todos os sujeitos que partilham dessa experiência, desse lugar e desse acontecimento.



O trem na Parada Poética Foto: Marcio Salata

Nesse sentido, trazemos aqui o conceito de polifonia alcinhado pelo russo Mikhail Bakhtin, um linguista e teórico da cultura que desenvolve essa ideia a partir da análise literária da obra de Dostoiévski¹⁰⁸, para Bakhtin (2008) toda enunciação se constrói a partir da multiplicidade de vozes ideologicamente distintas onde não há predomínio de uma voz sobre a outra. Guardadas as diferenças e distâncias entre nosso objeto de estudo e a produção literária analisada pelo teórico, entendemos que o caráter horizontal desse diálogo entre vozes que Bakhtin batiza de polifonia nos permite também aproxima-lo dos saraus, uma vez que a essência dessa manifestação se encontra justamente na abertura de um espaço democrático de expressão.

Bakhtin também trata em sua teoria da noção de dialogismo, outro conceito que nos ajuda a definir essa noção de polifonia, pois o dialogismo parte do princípio de que a linguagem é essencialmente heterogênea e que o sujeito é construído a partir desse diálogo com "o outro". O teórico "considera o diálogo como as relações que ocorrem entre interlocutores, em uma ação histórica socialmente compartilhada" (PIRES, & TAMANINI-ADAMES, 2010) é esse caráter que emprestamos para construir esse capítulo como uma polifonia de saberes. Nada mais justo que tratar o sarau, que é um o espaço da manifestação democrática das falas e vozes, uma celebração desse diálogo.

Uma das características do conceito de dialogismo de Bakhtin é conceber a unidade do mundo como polifônica, na qual a recuperação do coletivo se faz via linguagem, sendo a presença do outro constante. A linguagem, na concepção bakhtiniana, é uma realidade intersubjetiva e essencialmente dialógica, em que o indivíduo é sempre atravessado pela coletividade. (PIRES, & TAMANINI-ADAMES, 2010. p. 67)

Convocar as vozes dos sujeitos que participam do sarau para esse capítulo implica em construir um saber também polifônico, múltiplo e horizontal, como é da essência de nosso objeto e de nossa tese que até agora foi costurada por diversas vozes. Aqui, nosso relevo ganha o contorno das pessoas comuns, dos frequentadores da Parada Poética que se somam às outras vozes para nos ajudar fazer dessa tese uma construção coletiva. O Manifesto da Parada, declamado na abertura do sarau é essa convocação, e é a partir dele que iniciamos esse capítulo para construir à nossa maneira essa polifonia bakhtiniana.

¹⁰⁸ O escritor russo Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881) é considerado um dos maiores romancistas de todos os tempos. Ele foi chamado por muitos como o fundador da corrente literária existencialista principalmente pelo romance Notas do subterrâneo, também traduzido no Brasil por Memórias do subsolo, descrito por alguns críticos como a melhor proposta para existencialismo já escrita. "O escritor russo inventou um novo tipo de romance, diferente de tudo que o precedeu cuja peculiaridade fundamental é a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenas, ou seja, heróis cujas vozes se estruturam como a do autor do romance comum e que dessa maneira não são apenas objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso significante"(ALMEIDA, Giuliana T, 2013) Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-25062013-095450/publico/2013_GiulianaTeixeiraDeAlmeida.pdf Acesso em: jun 2019.

MANIFESTO DA PARADA¹⁰⁹

A Parada Poética é um lugar pra recitar textos, versos, frases, poemas e revoltas. Seus e dos outros.

Lendo, decorado, de improviso, roubado do Facebook, não importa a forma, não temos fôrma.

Não somos profissionais, queremos ser amadores, amadores da arte do ofício da palavra.

Vamos libertar a poesia presa nos cativeiros das bibliotecas, deixar fluir as letras aprisionadas nos cadernos, trancadas nas gavetas e acolher aqueles versos que vagam órfãos pelas ruas da cidade.

No cardápio sempre servimos palavras cruas, pra que cada um prepare à sua maneira. Temos rimas refogadas, sonetos assados, músicas à milanesa, poesias à bolonhesa, contos à carbonara e crônicas à dorê. Versos fritos também acompanham. Uma porção de gente, servida de vontade.

Mas, por favor, não me venha com poesias requentadas, enlatadas, tampouco de microondas.

Queremos rimas precisas, porque o povo precisa.

O lema é: maltratar a gramática e jogar a culpa na licença poética.

Lugar pra visitar e nunca mais voltar, a ser @ mesm@!

Vivam os encontros: vocálicos, consonantais, espirituais e pessoais, aqui não tem separação, nem de sílabas nem de pessoas.

Já tem quarta de cinza, sexta da paixão e até domingo do Faustão, porque não uma segunda de poesia? Então é isso, poesia de primeira numa noite de segunda!

Não sou padre nem deputado mas fica decretado, dia de Parada é sagrado, é tipo feriado!

E a semana do sarau é a nossa semana santa! Amém? Amém!

A entrada é franca e as ideias também.

A parada não para!

É assim, que toda segunda segunda-feira do mês, uma voz brada ao microfone para abrir a Parada Poética e encher a antiga estação ferroviária de Nova Odessa-SP de gente e poesia. O nome Parada Poética¹¹⁰ foi escolhido justamente porque a palavra sarau, expressão que melhor definiria este tipo de evento, sempre trouxe consigo um

¹⁰⁹ Texto de abertura do sarau também publicado na 1ª Antologia da Parada Poética, *A Parada Não Para* (INQUÉRITO, 2018).

¹¹⁰ O nome Parada Poética é oriundo de uma espécie de "viradão cultural" realizado em uma parada de ônibus de Brasília-DF no ano de 2012, a ação foi coordenada pela poeta Marina Mara e tinha como objetivo protestar contra o assassinato do cacique da tribo *Pataxó Hã-hã-Hãe* Galdino Jesus dos Santos, então com 44 anos. Gaudino havia viajado a capital para participar das comemorações do Dia do índio, mas por chegar tarde na pensão onde ficaria hospedado não pode entrar e se viu obrigado a dormir em uma parada de ônibus próxima do local, o ano era 1997. Ele foi queimado vivo por 5 jovens de classe média saídos de uma balada em busca de "mais diversão". A ideia da intervenção artística proposta pela poeta Marina Mara era resignificar aquele lugar com protesto e poesia 15 anos depois.

tom etilizado, uma carga de soberba e distanciamento do povo. Por isso, desde o início a proposta foi apresentar a literatura de forma acessível, despida de qualquer conotação canônica ou acadêmica, disponibilizando um microfone aberto para contação de histórias e poemas, celebrando sempre a oralidade. A horizontalidade é definida também pelo uso de um megafone, que por ser um objeto de empoderamento de voz e discurso, fica à disposição do público, para que este possa declamar poesias de onde estiver, ou até mesmo caminhar pelo recinto enquanto declama.

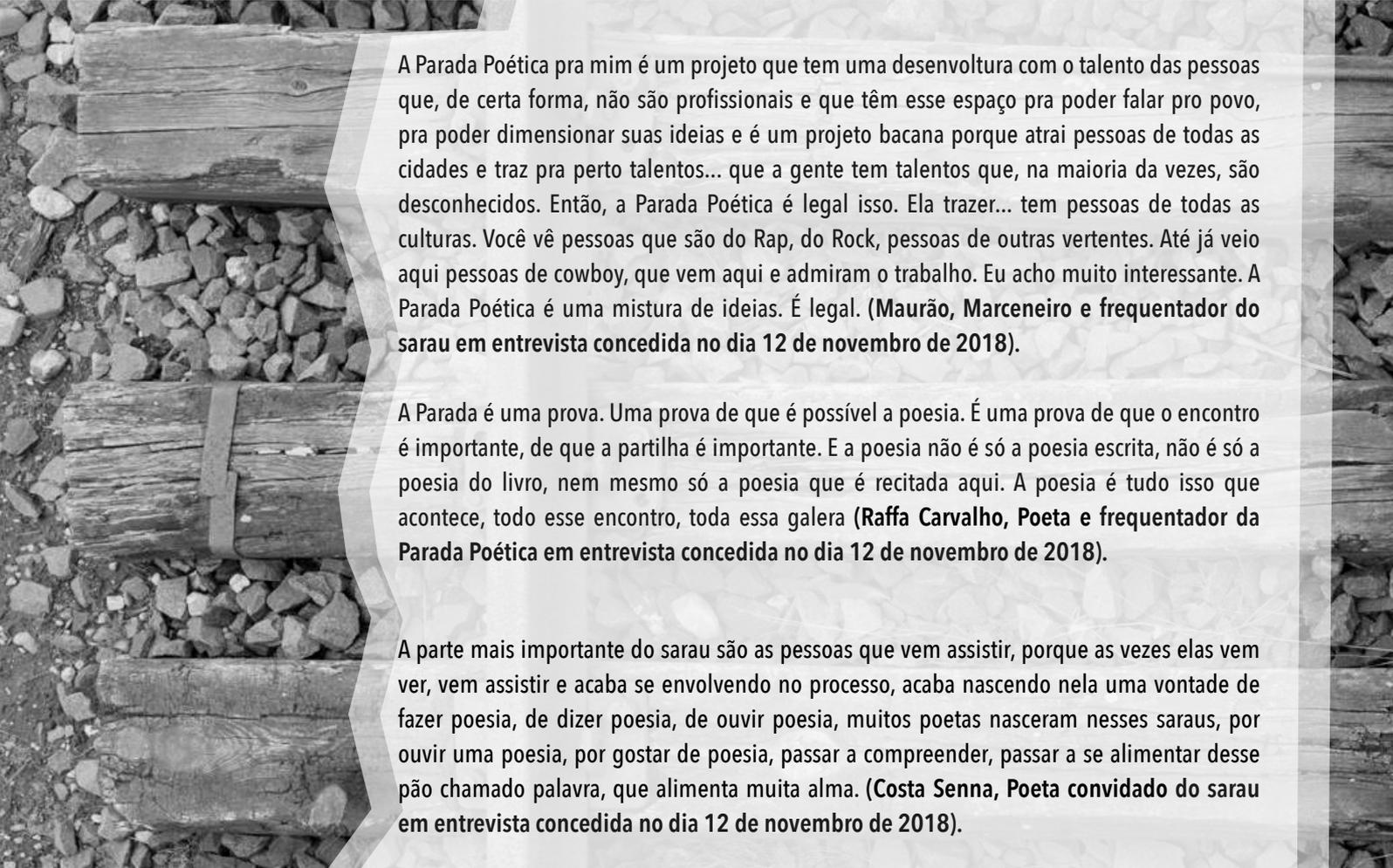
Uma manifestação democrática que reúne na mesma noite, lado a lado, poetas consagrados e iniciantes, pessoas que desligaram a TV, "perderam" novelas, gastaram suas canetas, sua saliva e seus corações para transformarem as noites de segunda em pura poesia. A cada edição, cerca de 300 pessoas, das mais diversas origens, se reúnem em um cenário que foge ao tradicionalismo: uma estação de trem, decorada com livros e objetos poéticos, microfone sempre aberto e um convidado ilustre: o trem, que passa com cargas desconhecidas, apitando e "participando" do encontro.

A Parada Poética como todo sarau contemporâneo tem por princípio inserir o público em uma experiência literária provocativa e libertária. Os contos e poemas que ganham a voz dos participantes contribuem com a apresentação da literatura marginal-periférica e o sarau se torna um instrumento capaz de auxiliar e ressignificar as narrativas do cotidiano, bem como desmistificar o uso exclusivo da escrita apenas por aqueles detentores de grandes conhecimentos formais. São donas de casa, aposentados, estudantes, pedreiros, ativistas, escritores marginais, *rappers*, e tantas outras pessoas cujo contato com a poesia se dá das formas mais inusitadas possíveis, levantando-se das cadeiras e um a um ocupando esse lugar. A Parada Poética foi inspirada nos saraus das periferias de São Paulo, tais como Sarau do Binho e da Cooperifa, ambos mapeados por nós e também citados por vários entrevistados nesta pesquisa. Sergio Vaz, poeta e idealizador da Cooperifa, traz depoimentos que muito se identificam com a realidade vivenciada na Parada Poética.

O sarau da Cooperifa, por exemplo, é frequentado por poetas, motoristas de táxis, donas-de-casa, desempregados, professores, crianças, jovens, adultos, idosos, jornalistas, mecânicos de auto, motoboys, advogados, estudantes etc., e muitos deles tinham apenas a televisão como referência cultural. E boa parte dessa gente que nunca havia tocado num livro ou sequer ouvido uma poesia foi seduzida ali, na porta do bar, pela literatura. Não é de embriagar? (VAZ, 2008 p. 251).

A seguir depoimentos colhidos de pessoas que frequentam e participam da Parada Poética, artistas e

operários, independente da ocupação ou da vocação, todos se encontram uma vez no mês para comungar da mesma palavra, dessacralizada, democratizada e desburocratizada através da máxima do sarau: microfone e ouvido aberto.



A Parada Poética pra mim é um projeto que tem uma desenvoltura com o talento das pessoas que, de certa forma, não são profissionais e que têm esse espaço pra poder falar pro povo, pra poder dimensionar suas ideias e é um projeto bacana porque atrai pessoas de todas as cidades e traz pra perto talentos... que a gente tem talentos que, na maioria da vezes, são desconhecidos. Então, a Parada Poética é legal isso. Ela trazer... tem pessoas de todas as culturas. Você vê pessoas que são do Rap, do Rock, pessoas de outras vertentes. Até já veio aqui pessoas de cowboy, que vem aqui e admiram o trabalho. Eu acho muito interessante. A Parada Poética é uma mistura de ideias. É legal. **(Maurão, Marceneiro e frequentador do sarau em entrevista concedida no dia 12 de novembro de 2018).**

A Parada é uma prova. Uma prova de que é possível a poesia. É uma prova de que o encontro é importante, de que a partilha é importante. E a poesia não é só a poesia escrita, não é só a poesia do livro, nem mesmo só a poesia que é recitada aqui. A poesia é tudo isso que acontece, todo esse encontro, toda essa galera **(Raffa Carvalho, Poeta e frequentador da Parada Poética em entrevista concedida no dia 12 de novembro de 2018).**

A parte mais importante do sarau são as pessoas que vem assistir, porque as vezes elas vem ver, vem assistir e acaba se envolvendo no processo, acaba nascendo nela uma vontade de fazer poesia, de dizer poesia, de ouvir poesia, muitos poetas nasceram nesses saraus, por ouvir uma poesia, por gostar de poesia, passar a compreender, passar a se alimentar desse pão chamado palavra, que alimenta muita alma. **(Costa Senna, Poeta convidado do sarau em entrevista concedida no dia 12 de novembro de 2018).**

Na Parada Poética o espaço é de todos que se aproximam e se apropriam do microfone, fazendo deste momento único uma celebração da palavra falada, declamada, reclamada e sentida. Os participantes vão passando pouco a pouco da condição de ouvinte para protagonista, e à sua maneira, vão contando e escrevendo a própria história. O resgate da oralidade devolve à palavra sua potência e expressão original pois quando alguém se apropria do microfone é o corpo que fala. A linguagem oral é a todo momento resgatada, e a simples leitura de um poema pode transitar entre a timidez de um poeta envergonhado e estreante, até a potência de um grande orador, quase que num ritual ancestral. No sarau, a poesia declamada passa a ser expressão do sujeito e a fala se torna um meio de comunicação horizontal, pois não predispõe de nenhum conhecimento instituído. A palavra converte-se então em código de partilha, e a voz, amplificada pelo microfone e pelo megafone, transforma-se em veículo de propagação das mensagens. Boaventura de Sousa Santos em seu livro *O Fim do Império Cognitivo* (2018), tece importante reflexão a respeito do conceito de *Oratura*:

A oratura tem uma dimensão performativa que não se encontra no conhecimento escrito. Exige a presença de um performer (um agente, um actor) e de um público, bem como, obviamente, de um espaço de performance, de apresentação/representação, que pode ser uma praça, a rua, a sombra de uma árvore, uma igreja ou um autocarro. Na medida em que é transmitido em co-presença, o conhecimento oral é também visual. Quando se trata de conhecimento oral tradicional, a sua interpretação implica o conhecimento tanto da tradição oral como da tradição visual. A transmissão do conhecimento oral pode incluir a dança, o teatro e a música (SOUSA SANTOS, 2018. p. 107).

Sendo assim, podemos inferir que os saraus são manifestações essencialmente orais que promovem a conversão da linguagem literária em oratura operando num processo de inversão das práticas dominantes que privilegiam a escrita enquanto representação do conhecimento científico para abrir caminho para um outro tipo de conhecimento ou saber que se estrutura na oralidade. Ainda de acordo com o sociólogo, as sociedades baseadas na cultura da escrita e do conhecimento científico enquanto única via para a construção do saber, não estão preparadas para ouvir.

As pessoas hoje em dia predominantemente formadas no âmbito do conhecimento escrito são tendencialmente incapazes de escutar conhecimentos não escritos. Podem até ouvi-los quando são expressos, mas não conseguem verdadeiramente escutá-los. Quer isto dizer que não entendem os silêncios, aquilo que está implícito no que é efectivamente dito, ou aquilo que pode apenas ser dito e nunca escrito. (SOUSA SANTOS, 2018. p. 106).

Esse é um aspecto importante que também é levantado pelos entrevistados em seus depoimentos, pois afirmam que além de um lugar de fala¹¹¹, o sarau também é um lugar de escuta, isso implica que as relações construídas no evento são baseadas na valorização do outro, legitimando o carácter democrático e coletivo desse espaço onde "o silêncio é uma prece"¹¹². Essa sensação de ser ouvido, contribui ainda mais para a construção dessa

¹¹¹ Lugar de fala é um conceito tratado por diversos autores na análise do discurso e trata das relações de poder presentes nos diferentes tipos de discursos de acordo com os enunciadores e seu lugar de enunciação. No Brasil esse conceito foi popularizado pela filósofa Djamila Ribeiro, principalmente fazendo referência ao lugar de fala das mulheres negras. Ver: RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

¹¹² Esta frase do poeta Sergio Vaz é um dos bordões mais conhecidos entoados no Sarau da Cooperifa em São Paulo.

sensação de empoderamento¹¹³, e em muitos depoimentos vemos que a possibilidade de ser ouvido se torna tão importante quanto a oportunidade de falar.



Thiago Peixoto Foto: Marcio Salata

¹¹³ Esse termo foi cunhado em 1977 pelo psicólogo americano Julian Rappaport numa apropriação da palavra "power", para o psicólogo esse termo trata da necessidade de se disponibilizar ferramentas para que certos grupos de oprimidos conquistassem autonomia e possibilidade de desenvolvimento. Aqui no Brasil, o termo foi utilizado pela primeira vez por Paulo Freire, numa tradução livre do termo de Rappaport, no entanto, para o educador, a questão central não era "dar" as ferramentas, mas sim que os próprios grupos empoderassem a si próprios. Ver: VALOURA, Leila de C. Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador. Disponível em: <<http://siteantigo.paulofreire.org/Crpf/CrpfAcervo000120>>.



Vini Alceu Foto: Marcio Salata



Renan Inquérito e Emicida



Luíza Romão
Fotos: Marcio Salata
116

E a gente vai recitar e a experiência de tá lá na frente... como nós somos amadores, então, é bacana você poder expressar aquilo que você tá sentindo. Não importa se a letra é sua, se é de outra pessoa. O importante é você tá passando uma mensagem. E é legal as pessoas que estão ali prestar atenção no que você tá falando, porque quando a gente absorve alguma coisa, seja de um livro, seja de uma letra de Rap, seja de qualquer coisa, a gente poder passar essa informação é a parte mais bacana. E tem as pessoas que tão ali pra olhar. É legal demais. É muito bom. A Parada Poética traz isso pra gente. **(Maurão, Marceneiro e frequentador do sarau em entrevista concedida no dia 12 de novembro de 2018).**

Fiquei lisonjeado com o convite né, porque eu nem sei escrever nem sei recitar, e de repente você ser convidado pra um evento como esse, onde todo mundo vem de alma limpa, de corpo aberto vem somente provido da sua poesia dizer o que sente, dizer o que tem no coração, o que guarda, o que escreveu, ou até o que ouviu de alguém, e eu como simples ouvinte, porque eu sou um bom ouvinte, e de repente você vem aqui e você fala e você recita a sua poesia e todo mundo recebe de braços abertos eu fiquei lisonjeado vendo esse povo todo recebendo, aí de repente eu chego com uma música nordestina, sem medo de nada cantando as minhas coisas, minhas coisas de Luiz Gonzaga (risos), e de repente o pessoal todo me ouvindo aqui, e eu bestificado eu digo "meu Deus parece que eles estão ouvindo mesmo".

Aí eu cantei uma música de Caetano Veloso, contando uma história matuta véia que parece que fui eu que escrevi, porque a história que ele conta é a minha e a de tantos outros sertanejos matutos que saíram dos seus rincões pra capital, fazer num sei o que, como ele disse que não sabia, pra onde tava indo e nem pruquê tava indo, e de repente eles bebem a poesia, e eles se enchem de poesia vão felizes pra suas casas pros seus lares, então eu acho que isso aqui amigo, sinceramente, isso aqui é uma terapia, porque as pessoas vem ouvir e vem com sede de poesia, e eles saem daqui feliz, e eu também estou tão feliz!!!! **(Enok Virgulino, sanfoneiro e convidado do sarau em entrevista concedida no dia 12 de novembro de 2018).**



Sophia



James Bantu

Fotos: Marcio Salata

Poder ouvir e interagir com performances literárias de forma tão próxima e intimista encurta a distância entre a comunidade e a arte, o ambiente do sarau cria uma atmosfera favorável a leitura, e acaba atuando também como agente democratizador da literatura. Os moldes do evento contribuem com a formação e o fortalecimento de leitores, sobretudo crianças e jovens em processo de aprendizagem, fortalece a relação entre o artista e o público, que têm sempre uma relação direta com os poetas e escritores do sarau, possibilitando além da interação artística, o debate e a convivência, afinando os laços entre os leitores e escritores. Essa potência transformadora da Parada Poética é visível uma vez que o sarau desperta nos frequentadores o desejo de desenvolver atividades relacionadas à literatura, mesmo que seja o simples desejo de escrever seus primeiros versos. Tal fato não é exclusividade da Parada Poética e já fora relatado a nós por outros saraus que frequentamos, veja por exemplo o depoimento do poeta Sergio Vaz relatando essa experiência no Sarau da Cooperifa em São Paulo:

Um dos nossos maiores orgulhos não é a formação de novos poetas e escritores, mas a formação de novos leitores escritores. Gente que se apegue ao livro pelo prazer da leitura e ao fortalecimento do senso crítico, não como um meio de vida. E através desse conhecimento adquirir coragem e humildade para voltar à escola, ou ingressar nas universidades, como muitos fizeram na Cooperifa (VAZ, 2008 p.168).

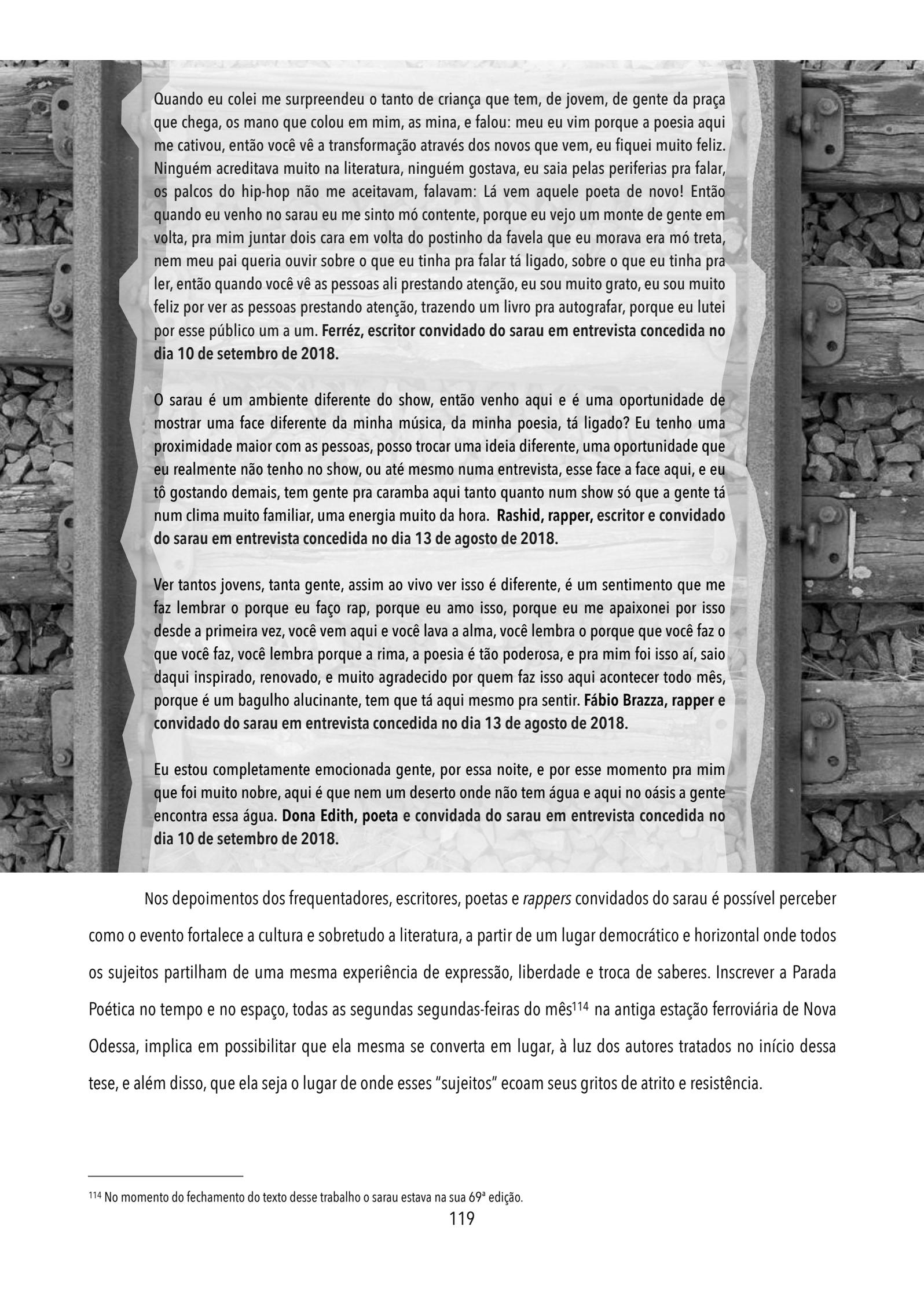


Rebeca



Fotos: Marcio Salata

Caru Laet, Giovanni Baffô e Mafalda



Quando eu coleí me surpreendeu o tanto de criança que tem, de jovem, de gente da praça que chega, os mano que colou em mim, as mina, e falou: meu eu vim porque a poesia aqui me cativou, então você vê a transformação através dos novos que vem, eu fiquei muito feliz. Ninguém acreditava muito na literatura, ninguém gostava, eu saia pelas periferias pra falar, os palcos do hip-hop não me aceitavam, falavam: Lá vem aquele poeta de novo! Então quando eu venho no sarau eu me sinto mó contente, porque eu vejo um monte de gente em volta, pra mim juntar dois cara em volta do postinho da favela que eu morava era mó treta, nem meu pai queria ouvir sobre o que eu tinha pra falar tá ligado, sobre o que eu tinha pra ler, então quando você vê as pessoas ali prestando atenção, eu sou muito grato, eu sou muito feliz por ver as pessoas prestando atenção, trazendo um livro pra autografar, porque eu lutei por esse público um a um. **Ferréz, escritor convidado do sarau em entrevista concedida no dia 10 de setembro de 2018.**

O sarau é um ambiente diferente do show, então venho aqui e é uma oportunidade de mostrar uma face diferente da minha música, da minha poesia, tá ligado? Eu tenho uma proximidade maior com as pessoas, posso trocar uma ideia diferente, uma oportunidade que eu realmente não tenho no show, ou até mesmo numa entrevista, esse face a face aqui, e eu tô gostando demais, tem gente pra caramba aqui tanto quanto num show só que a gente tá num clima muito familiar, uma energia muito da hora. **Rashid, rapper, escritor e convidado do sarau em entrevista concedida no dia 13 de agosto de 2018.**

Ver tantos jovens, tanta gente, assim ao vivo ver isso é diferente, é um sentimento que me faz lembrar o porque eu faço rap, porque eu amo isso, porque eu me apaixonei por isso desde a primeira vez, você vem aqui e você lava a alma, você lembra o porque que você faz o que você faz, você lembra porque a rima, a poesia é tão poderosa, e pra mim foi isso aí, saio daqui inspirado, renovado, e muito agradecido por quem faz isso aqui acontecer todo mês, porque é um bagulho alucinante, tem que tá aqui mesmo pra sentir. **Fábio Brazza, rapper e convidado do sarau em entrevista concedida no dia 13 de agosto de 2018.**

Eu estou completamente emocionada gente, por essa noite, e por esse momento pra mim que foi muito nobre, aqui é que nem um deserto onde não tem água e aqui no oásis a gente encontra essa água. **Dona Edith, poeta e convidada do sarau em entrevista concedida no dia 10 de setembro de 2018.**

Nos depoimentos dos frequentadores, escritores, poetas e *rappers* convidados do sarau é possível perceber como o evento fortalece a cultura e sobretudo a literatura, a partir de um lugar democrático e horizontal onde todos os sujeitos partilham de uma mesma experiência de expressão, liberdade e troca de saberes. Inscrever a Parada Poética no tempo e no espaço, todas as segundas segundas-feiras do mês¹¹⁴ na antiga estação ferroviária de Nova Odessa, implica em possibilitar que ela mesma se converta em lugar, à luz dos autores tratados no início dessa tese, e além disso, que ela seja o lugar de onde esses “sujeitos” ecoam seus gritos de atrito e resistência.

¹¹⁴ No momento do fechamento do texto desse trabalho o sarau estava na sua 69ª edição.



Dona Edite

Foto: Marcio Salata

3.2 O LUGAR ONDE A POESIA ENCONTROU SUA PARADA



Estação de trem em dia de Parada Poética Foto: Marcio Salata

Apesar de atualmente ocupar a antiga estação ferroviária de Nova Odessa-SP a Parada Poética teve seu início em bares da cidade e até de municípios vizinhos como Americana-SP e Campinas-SP. Uma trajetória muito semelhante a de outros saraus contemporâneos da capital paulista que serviram de inspiração para seus criadores

e também já foram abordados neste trabalho nos capítulos anteriores. Após migrar de bar em bar por quase dois anos (2013 e 2014), e ter suas atividades ameaçadas pelo fechamento destes estabelecimentos, o sarau partiu a procura de um local fixo para continuar realizando suas ações, sendo assim, no início do ano de 2015 a Parada Poética realizou o primeiro sarau na praça central de Nova Odessa, mais precisamente na antiga estação ferroviária, onde permanece até o presente momento. A Estação de trens tem profunda ligação com a história da cidade, como aconteceu também em outros municípios do estado de São Paulo, cujas origens e crescimento se deram ao redor de uma estação de trem. Exatamente neste lugar simbólico, de chegadas e partidas, por onde muitos desembarcaram para povoar as cidades do interior, por onde muitos depois partiram em uma busca de uma vida melhor, que a poesia encontrou sua parada.

Desde o ano 2001 a estação ferroviária de Nova Odessa encerrou suas atividades e a plataforma, assim como todas as outras dependências do prédio se encontram desativadas, mas os trilhos ainda são utilizados para o transporte de commodities agrícolas e produtos industriais¹¹⁵. Ou seja, trens ainda passam pela estação diariamente, porém nunca param, a única parada, ao menos uma vez por mês, é a poética. A realização do sarau resignificou o espaço, transformou seu entorno, mesmo que timidamente, mesmo que sem bilheteria ou venda de passagens, a poesia mantém a estação em funcionamento, e faz de cada frequentador do sarau um passageiro dessa viagem literária. Após tanto andar em busca de um espaço o sarau encontrou seu lugar justamente em uma parada, de trem.



Foto: Marcio Salata

¹¹⁵ A empresa RUMO é uma das maiores operadoras ferroviárias do Brasil, composta de 4 concessões ferroviárias no país totalizando 12.021 km de linhas férreas, incluindo os trilhos localizados no município de Nova Odessa-SP onde ocorre o sarau. Fonte: www.pt.rumolog.com

A existência da Parada Poética, um sarau surgido como um grito, em um bar, e que após o fechamento desse estabelecimento passa a ocupar a Estação Ferroviária do município, uma cidade da Região Metropolitana de Campinas¹¹⁶ (RMC) com pouco mais de 60 mil habitantes, que não possui Secretaria de Cultura e tampouco qualquer evento cultural com periodicidade mensal, retrata ainda mais a triste realidade da maioria dos municípios, não só do estado de São Paulo mas do Brasil, que é, a falta de espaços públicos destinados para o lazer e a cultura.

Nesse sentido, novamente é interessante perceber as semelhanças da Parada Poética com os saraus estudados nesta tese anteriormente, de modo que se torna importante tecer algumas relações que evidenciam o caráter "periférico" do nosso sarau, apesar dele não acontecer necessariamente numa área periférica da cidade. Ser "periférico" não necessariamente se restringe à uma questão geométrica, mas antes de tudo uma cultura de resistência, nascida geograficamente nas periferias, mas que ganhou força suficiente para reverberar sua representatividade para além dela.



Eu cheguei na Parada de paraquedas. Não era só periferia, não era só poesia marginal. Eu que, na verdade, eu era a marginalizada, porque nem a periferia me queria, nem o pessoal da Academia Brasileira de Letras. E me colocaram lá dentro e eu fui super bem recebida. A Parada não para. Eu amo a Parada. Não deixo de ir. Só deixo de ir quando tô doente. E eu me sinto muito bem recebida, não sou mais marginalizada, não sou mais marginal. Eu sou top que nem a Parada é sempre. É difícil pra mim falar da Parada Poética porque é tanta gente que eu amo, poesia de periferia, poesia marginal, é uma delícia participar.

Fla Perez, poeta e participante do sarau em entrevista concedida no dia 10 de setembro de 2018.

Eu na Parada Poética gosto de me colocar como um soldado de tudo isso que acontece, e hoje em dia, vejo assim: uma Parada que ela cresceu entre a região de Americana, Nova Odessa, Campinas. Hoje tá fixa em Nova Odessa. E vejo assim... pô, é uma coisa inacreditável de ver a galera saindo de casa, em plena segunda-feira, vindo curtir uma boa poesia. Hoje implementado com boa música, uma cervejinha, uma aguinha, uma comidinha legal e é isso aí. Não sei nem muito o que falar pela felicidade de ver a galera vindo de toda região, da Baixada Santista – hoje aqui, na edição de Nova Odessa, tive a oportunidade de tá conhecendo uma galera legal da Baixada Santista – vieram pela divulgação de Facebook, que hoje em dia a minha função é só dar uma compartilhada lá e é isso aí. Quem não conhece, venha para a Parada, que a Parada não para!

Anderson Cabeça, produtor e frequentador do sarau em entrevista concedida no dia 10 de setembro de 2018.

¹¹⁶ A Região Metropolitana de Campinas foi criada em 2000 e é integrada por 20 municípios e é a segunda maior região metropolitana do Estado de São Paulo em população, com mais de 3,2 milhões de habitantes, de acordo com estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2018, e gerou 8,75% do Produto Interno Bruto (PIB) estadual em 2016. Ver: <https://www.emplasa.sp.gov.br/RMC>



Estação de trem antes da Parada Poética



Estação de trem durante a Parada Poética.

Fotos: Marcio Salata

Quando a Parada Poética encontra seu lugar na Estação de Trem da cidade, também opera transformações nesse espaço que se tornou obsoleto diante das transformações operadas pelo desenvolvimento do capital que privilegia outros meios de transporte e escoamento de produção. É fato que muitas estações ferroviárias do interior de São Paulo passam pelo mesmo processo e hoje se encontram desativadas, essa condição reverbera para o seu entorno próximo, impactando o centro histórico dessas cidades que se tornam espaços de abandono e marginalidade.

No ano de 2014, o poder local de Nova Odessa recebeu um termo da Superintendência do Patrimônio da União (SPU) que autorizou a cessão do imóvel para transformação das instalações em espaço cultural, no entanto, 5 anos depois, por falta de recursos, ainda não houve nenhuma reforma ou revitalização do espaço para essa finalidade. Nova Odessa também não possui uma Secretaria de Cultura, apenas uma coordenadoria de cultura e turismo, logo não possui verba específica para estas ações, o que dificulta a implantação de iniciativas culturais na cidade.

Para que o evento aconteça na estação, uma série de negociações formais e informais, seja com o poder público¹¹⁷ ou com os moradores de rua que ocupam esse espaço¹¹⁸, se tornam necessárias, e frequentemente surgem problemas decorridos de depredação e pequenos furtos que o prédio sofre. Podemos dizer que a maior dificuldade que o sarau enfrenta hoje é exatamente com relação a conservação do local onde ocorre. O prédio é exuberante, uma construção histórica com arquitetura do século passado, extremamente bem localizada, com fácil acesso no centro da cidade. Entretanto, é constantemente vandalizado e saqueado, tendo seus banheiros depredados, fios elétricos e lâmpadas roubadas e portas arrombadas com frequência. Porém, mesmo com todos esses contratemplos, mesmo ocorrendo apenas uma vez por mês, o sarau é capaz de promover uma verdadeira ressignificação no local. No dia do evento, a estação abandonada e escura recebe um cordão de lâmpadas e a presença de centenas de pessoas, jovens, adultos, idosos e crianças, famílias inteiras se fazem presentes, pessoas que em uma noite habitual jamais frequentariam aquele local inóspito e sombrio¹¹⁹.

¹¹⁷ O poder público local se compromete a ceder a estação para a realização do evento e providenciar a limpeza do local e dos banheiros no dia do sarau.

¹¹⁸ A estação ferroviária fica localizada na praça central do município, mesmo local habitado por moradores de rua da cidade, que não possui nenhum albergue ou serviço de acolhimento. Portanto, acabam se abrigando na estação para se protegerem da chuva e do frio, bem como para utilizarem os banheiros.

¹¹⁹ O local fica em uma rua sem saída, não possui nenhum tipo de serviço de vigilância permanente ou alarmes, as travas das portas são extremamente frágeis e o abandono do prédio atrai além de moradores de rua alguns usuários de drogas.



Rubão Foto: Lorena Souza

Neste caso observa-se que o sarau exerce um poder transformador neste espaço assim como em seu entorno, sendo atualmente o único evento que ocorre com periodicidade mensal não só na estação mas em todo o município de Nova Odessa. No dia da Parada Poética, até mesmo os moradores de rua que dormem na praça e na estação contribuem de alguma maneira com o evento, seja retirando seus pertences dos corredores e banheiros, seja ajudando na montagem e desmontagem das mesas e cadeiras. Alguns ainda utilizam o microfone durante o sarau para proferir palavras de revolta, desabafo e até agradecimento e admiração aos poemas declamados.

Nas segundas-feiras de Parada Poética a estação se transforma completamente e a poesia se instala na plataforma sobre um chão de passagem carregado de memória, criando sua própria geografia, transformando um espaço de abandono num espaço de identidade e expressão das diferentes vozes que ocupam e preenchem esse lugar.

Somente quando o ruído ensurdecedor de uma locomotiva e seus vagões estremece estação e os ouvidos da plateia, a poesia silencia e se recompõe, pra voltar com mais força em seu próximo verso. Neste caso é a força da palavra, literalmente, que transforma o espaço em lugar, tal qual apresentado no capítulo inicial desta pesquisa à luz de autores como (SANTOS, 1996), (CARLOS, 2007) e (RIBEIRO, 2003). Sob a ótica dos escritores e frequentadores do sarau também existe tal percepção, mesmo que de forma muito pessoal ou figurada, quando perguntado a eles: qual a importância da Parada Poética para este lugar? Trazem em suas resposta exemplos do poder da palavra na redefinição do espaço.

Eu morei dez anos aqui. E o tempo que eu morava aqui meus pais vendiam DVD, ali na praça, e aqui era um lugar que eu não podia vir brincar, nem nada, porque tava sempre lotado de usuários de crack. Não que eles sujavam o lugar, mas era totalmente um descaso. Aqui eu acho lindo, eu acho uma revolução a Parada neste lugar.

(Natály, artesã e frequentadora do sarau, em entrevista realizada em 17/12/2018).

Ela enriquece, encanta o lugar, ela dá vida para o lugar. A Parada é este lugar

(Meire Dusson, Psicóloga e frequentadora do sarau, em entrevista realizada em 17/12/2018).

Um trabalho de resistência aqui em Nova Odessa, você conseguir reunir essa galera nessa estação abandonada, infelizmente, mas que traz um calor tão gostoso pra esse encontro, tinha senhores e senhoras, tinha gente mais nova, tinha criança, isso e tão importante tão bacana **(Fernando Anitelli, músico e escritor e convidado do sarau em entrevista realizada em 17/12/2018).**

Esse sentimento de vínculo está fortemente ligado ao evento em si, ao acontecimento do sarau e reitera a força do sentido do tempo na conformação do lugar. Para SANTOS, (2009, p. 95) "Na verdade, os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali mesmo onde estão, novas características". Essa transformação do espaço pelo evento está condicionada ação humana pois "Não há evento sem ator. Não há evento sem sujeito. [...] nesse sentido toda teoria da ação é, também, uma teoria do evento e vice-versa. Essa assimilação da ideia de evento e da ideia de ação é fundamental para a construção de uma teoria geográfica" SANTOS, (2009, p. 95).

A resignificação que a Parada Poética promove nesse espaço, mesmo que eventualmente, subverte a ordem desse equipamento urbano abandonado, pois promove a sua ocupação e conseqüentemente uma transformação no seu entorno. A marginalidade dá lugar à festa, no entanto a festa não a exclui, a Parada Poética é de todos, inclusive daqueles que habitam nesse local. Nesse sentido, é possível compreender que o evento devolve a centralidade a esse espaço, retomando de certo modo o caráter dinâmico de um centro urbano antes movimentado pela atividade da estação. Resignificar implica atribuir um novo sentido a esse espaço, a parada não

é mais do trem, mas ainda assim é uma parada da literatura e da poesia. É a potência de um evento cultural modificando uma lógica espacial.



Público na Parada Poética



Fotos: Marcio Salata



Área externa da Estação de Trem de Nova Odessa

Foto: Marcio Salata

Compreendemos então que ao ocupar a estação, a Parada Poética desenha sua geografia no espaço, recriando relações e consequentemente ressignificando os sentidos atribuídos ao lugar. Também é possível identificar como o evento, em todo esse tempo de existência e ocupação, se incorpora na memória coletiva dos frequentadores. São comuns, entre os poemas declamados no sarau, aqueles que fazem referência a própria Parada Poética e à estação, a seguir alguns textos do livro *A Parada Não Para - 1ª Antologia da Parada Poética* publicada em 2018 com mais de 40 poetas:

A Parada é Poética! (Samuel de Monteiro)

Homenagem a cada poeta que passou por este ponto de resistência e cultura!

A parada é o seguinte
Na poética estação
Dialética emoção

Na cabeça do ouvinte
Poeta contribuinte

Com seu verso, sua rima
No rap ele vai pra cima
No cordel, soltando a voz
Inspiração bem veloz
Renovando nosso clima

O ambiente é de paz
Mesmo nos versos de luta
Pra enfrentar a força bruta
O amor, sempre é capaz

Li num antigo cartaz

Que a Parada nunca para
E nada nem se compara
Com esta festa de gente
De verso, rima e repente
Sob a lua branca e clara!

Na Poética da vida
A Parada é diferente

Pois o verso é um presente
Ou ato de despedida
Esperança escondida
Desejo de grande amor

Um apelo, meu senhor
De alguém que algo perdeu
Do homem que esqueceu
Qual o seu real valor!

Vida longa! Ó Parada!
Poeticamente bela
Qual enredo de novela

De uma moça apaixonada
E a plateia iluminada
Com versos sobre o infinito
Que seja sempre bendito
O anoitecer das segundas
Quantas paixões oriundas
Deste Sarau tão bonito!

Parada poética

Poesia doce como mel
traz com ela tudo que sentimos

comecei com 7 anos
hoje com 11 consigo
sentir além dos meus sonhos

me faz sentir livre
em um parquinho brincando
o cachorro latindo e o passarinho voando

muito feliz de ser quem sou

na verdade
vai demorar anos pra saber de verdade
as coisas que mais amo

Sophia L.

A parada não para!

Pode esperar ela voltar
Só não pode esquecer
Aqui nós temos o poder;
Poder da frase, poder do verso
Fazer de presidente um simples objeto
Ou apenas um dejetto
E a parada não para
Se parasse a vida seria sem graça
Não riria mais da piada
Meu colorido seria cinza
Nosso dia seria sem vida
Mas a poesia domina
É nós cada vez mais aprendendo com as mina
Idéia de milhão pra trocar
Versos cabulosos tipo bala
Pra lá e pra cá vrrrraaaaa
E nessa troca de versos frenética
Poesia perdida atinge nosso peito
Aqui todo mundo é suspeito
De um crime perfeito
Poetizar amor e revolta
Fazer verso com tudo a nossa volta
E pra quem necessita da parada
Brada nosso grito em toda entrada, pausa, e retirada
A parada não para!

Rodrigo Poetista

Essa ressignificação também provoca transformações no tecido social. Nesse sentido, é possível compreender o sarau enquanto um espaço de promoção da cultura para uma população que, distante dos equipamentos culturais institucionais, ou na ausência deles, que é o caso de Nova Odessa, possa ter acesso aos livros, à literatura, à música e à arte.

Eu acho que é um movimento revolucionário o que vocês tem aqui, é uma coisa que vocês tem que aproveitar muito, trazer muita gente da cidade pras pessoas acordarem, pras pessoas criticarem mais, terem senso crítico, e aí com senso crítico a gente muda a vida da gente, quando a gente mexe com palavra a gente mexe com vida, e a gente deixa de errar, e é isso que esse evento traz. Porque a literatura liberta, ela aprisiona também, quando é mal utilizada, mas quando é bem utilizada ela liberta, e essa praça aberta aqui ela veio pra libertar as pessoas, essa é a Parada Poética.

Ferréz, escritor convidado do sarau em entrevista concedida no dia 10 de setembro de 2018.

Eu acho que um grande trunfo da Parada é acontecer em um espaço público, que tava quase que abandonado, até hoje bem sucateado, e conseguir fazer um evento mensal, um evento que mobiliza a cidade, que mobiliza o entorno, que tá em um espaço que é aberto, tem inferência do cara que trampa aqui a noite, tem interferência da senhorinha que deve está voltando pra casa e ouve esse som, pra além dessa importância de ocupar o espaço público, e de produzir cultura com quem é daqui, eu acho que isso é muito importante, não só viver da cultura que vem da capital, mas reconhecer que tem poeta aqui, que tem gente que organiza sarau, que tem agente cultural, você cria uma autossuficiência, você muda o modo de produzir, você não fica mais vinculado a ter só um edital, a ter a chancela de um capital privado pra produzir, você cria vinculado a uma comunidade, isso pra mim é revolucionário

Luiza Romão, atriz e escritora convidada do sarau em entrevista concedida no dia 10 de setembro de 2018.

É que a literatura, a cultura é uma coisa que ninguém rouba da gente, quando a gente adquire ele, você adquire uma força, e é alguma coisa que não é um objeto que você foi lá e comprou, é uma coisa que você toma posse, você tomando posse disso você nunca quer ficar com ela sozinho, você quer que ela cresça, você se sente uma outra pessoa, é um outro momento em que você cresce através das outras pessoas, porque você vê no outro um produto que não é aquele que você compra com o dinheiro, mas sim que você conquista, que você vai a luta, que você faz com que as coisas aconteçam, então a cultura é tudo gente, não adianta construir cadeias, presídios, fazer armas não, as armas são as canetas, tá nos livros, tá na mente humana.

Dona Edith, poeta convidada do sarau em entrevista concedida no dia 10 de setembro de 2018.

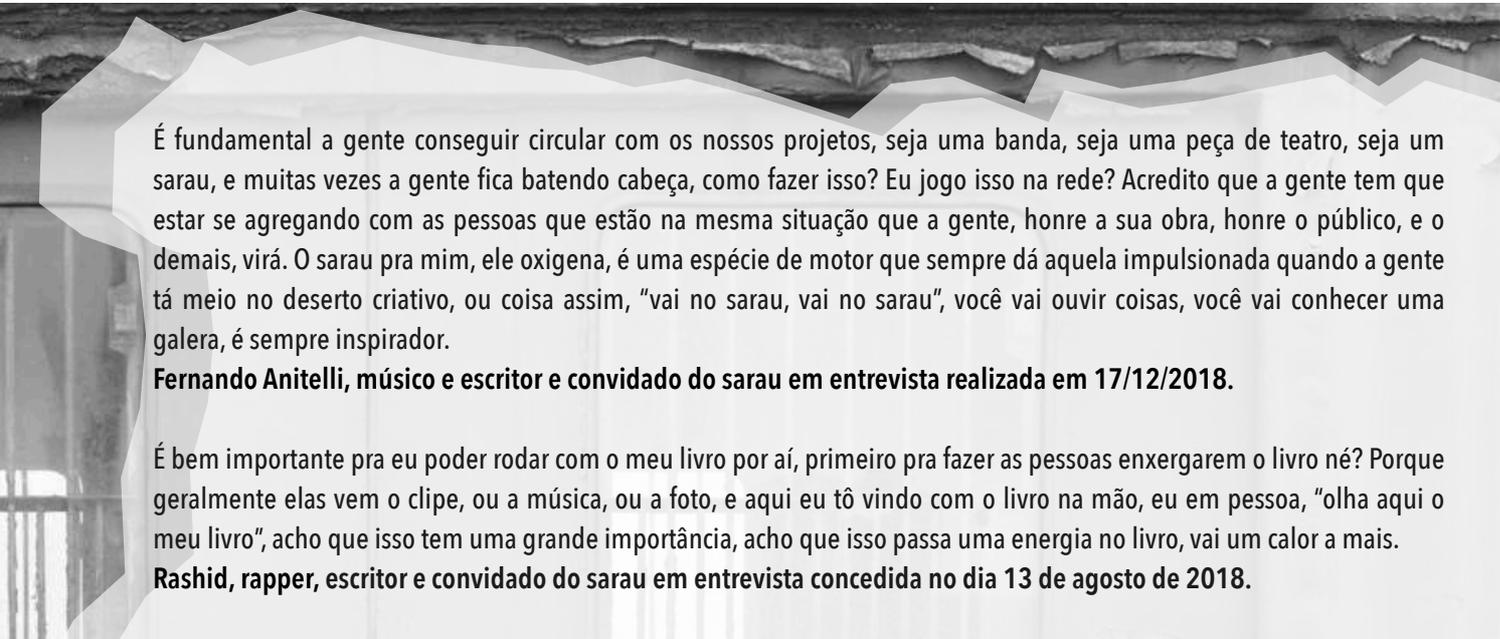
E é isso... mó satisfação, mó orgulho de tá aqui e eu tive a primeira experiência de fazer o meu primeiro poema, né. Que foi uma experiência que tremeu as pernas, deu frio na barriga, mas eu tive a oportunidade de fazer o primeiro poema meu. Espero ser o primeiro de vários. Espero ser a primeira de várias vezes que esteja aqui nessa parada. E é isso, cara, mó satisfação mesmo. Um salve pra Baixada Santista. Andamos mais de três horas de carro pra chegar até aqui, mas chegamos e tamo aí, meu.

Tanto Faz, rapper visitando o sarau pela primeira vez em entrevista concedida no dia 10 de setembro de 2018.

Meu berço é o Rap, na verdade, na escrita. Eu sempre ouvi muito Rap, ouvi o Inquérito. E eu tentei fazer Rap durante um tempo, mas não deu certo essa ideia. Ai ficou tudo na gaveta. Ai, em 2011 mesmo eu tive esse reencontro com a poesia e com a poesia mais na estrutura de um poema, sem ser aquela coisa da fala que o Rap tem. Apesar que a poesia é falada, né, mas enfim... Eu comecei a escrever fortemente em 2011. Aí foi em 2012 que eu fui na Parada Poética, em Campinas, no bar Casa São Jorge, não falei poesia nesse. Passou alguns muitos saraus pra eu conseguir criar coragem de ir lá falar. E eu escrevo fortemente mesmo desde 2011

Aline Turim, poeta e frequentadora da Parada em entrevista concedida no dia 10 de setembro de 2018.

Ainda nesse sentido, e reiterando uma discussão já apresentada anteriormente neste trabalho, traremos a seguir depoimentos de pessoas que vislumbram no sarau uma grande capacidade em fomentar a cena para aqueles que vivem de literatura, pois se torna um meio de circulação de suas obras e de inspiração para seus processos artísticos.



É fundamental a gente conseguir circular com os nossos projetos, seja uma banda, seja uma peça de teatro, seja um sarau, e muitas vezes a gente fica batendo cabeça, como fazer isso? Eu jogo isso na rede? Acredito que a gente tem que estar se agregando com as pessoas que estão na mesma situação que a gente, honre a sua obra, honre o público, e o demais, virá. O sarau pra mim, ele oxigena, é uma espécie de motor que sempre dá aquela impulsionada quando a gente tá meio no deserto criativo, ou coisa assim, "vai no sarau, vai no sarau", você vai ouvir coisas, você vai conhecer uma galera, é sempre inspirador.

Fernando Anitelli, músico e escritor e convidado do sarau em entrevista realizada em 17/12/2018.

É bem importante pra eu poder rodar com o meu livro por aí, primeiro pra fazer as pessoas enxergarem o livro né? Porque geralmente elas vem o clipe, ou a música, ou a foto, e aqui eu tô vindo com o livro na mão, eu em pessoa, "olha aqui o meu livro", acho que isso tem uma grande importância, acho que isso passa uma energia no livro, vai um calor a mais.

Rashid, rapper, escritor e convidado do sarau em entrevista concedida no dia 13 de agosto de 2018.

Um desdobramento da Parada Poética que extrapola os saraus na estação ferroviária e merece ser mencionado é a extensão deste evento para outros lugares da comunidade. Devido a grande aceitação do público e a crescente participação de pessoas das mais diversas origens e formações, logo os poetas da Parada Poética começaram a ser convidados para realizar saraus em outros espaços e lugares, começando pelos municípios da Região Metropolitana de Campinas (RMC) e depois se estendendo por todo o estado e até fora dele. São frequentes os convites de escolas, faculdades e feiras literárias. Destacam-se entre essas, edições do sarau na APAE, Fundação CASA, unidades do EJA (Educação de Jovens e Adultos), CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas). Alguns saraus se estenderam e se desdobraram em oficinas literárias denominadas "Pé de Poesia" (roda literária em baixo de uma árvore) e "Poesia Sob Medida" (oficina de poesia com jovens que cumprem medida socioeducativa), nesses encontros os jovens atendidos produzem seus próprios textos e ao final dos encontros confeccionam um livro artesanal e autoral.

Fatos como os mencionados anteriormente evidenciam ainda mais as transformações que o sarau provoca, num primeiro momento em seu entorno próximo, e posteriormente em áreas mais distantes. Também aqui, é importante salientar que a partir dessa itinerância, a Parada Poética se converte em um poderoso instrumento de

educação, somando as experiências do rap, da literatura e da prática docente, se tornando quase que uma sala de aula possível de ser erguida em qualquer lugar onde se possa carregar um megafone e uma mala com livros e objetos poéticos, abordando a construção do conhecimento sob um outro viés. Nos aprofundaremos neste assunto de forma mais aprofundada no próximo subcapítulo, retomando a experiência da Parada Poética sob a luz de outros autores.

Em 2017, após concorrer por 2 anos sem sucesso, a Parada Poética foi contemplada no edital ProAc Saraus Culturais do governo do estado de São Paulo, mesmo edital estudado por nós no Capítulo 2 desta pesquisa. O prêmio recebido através do edital fomentou uma série de atividades além sarau, contribuindo para consolidação e a realização de outras iniciativas importantes. Assim, no ano de 2018, além das atividades mensais na Estação Ferroviária da cidade (sempre contando com a presença de um escritor convidado), foram realizados como contrapartida 10 edições especiais do sarau em escolas públicas municipais e estaduais, casas de repouso e instituições sociais de Nova Odessa e de outros municípios da região. O edital também possibilitou a viabilização da antologia "*A Parada Não Para*" que reuniu poemas de escritores consagrados e iniciantes, todos frequentadores e participantes da Parada Poética. Além do livro foi possível a concretização de um sonho antigo, já iniciado mas parado por falta de verba, a finalização e produção de um documentário contando a história do sarau, no vídeo, lançado em março de 2019 no aniversário de 6 anos do sarau, é possível assistir a diversos depoimentos de pessoas que passaram pelo sarau ao longo dos anos.

Essa ressignificação que o sarau opera ao instaurar um lugar de partilha e escuta, faz com que as vozes desses sujeitos periféricos, ecoem nesse espaço histórico e para além dele. É por meio da presença e ativismo de todos esses "outros" que conseguimos construir uma cultura de expressão e resistência por meio da literatura e da poesia. São esses sujeitos que redesenham o espaço da estação e o convertem em lugar, também são eles, com seus saberes, que redesenham o meu modo de olhar o mundo e de propagar os meus próprios saberes. O sarau enquanto acontecimento da voz e da escuta, amplifica a possibilidade dessa soma de saberes, pois cada um que se levanta para se apossar do microfone partilha seu saber, e quando senta-se novamente em seu lugar está aberto ao saber do outro. É na polifonia dessas vozes que o sarau pode se converter em instrumento de conhecimento e aprendizado.

3.3 A

PARADA POÉTICA E A ECOLOGIA DE SABERES



Renan Inquérito e seu megafone

Foto: Marcio Salata

A Parada Poética é a minha empiria, um acontecimento que congrega aspectos importantes de minha experiência enquanto professor, pesquisador, geógrafo, rapper e poeta. Esse caráter transversal da minha história de vida ecoa sobre essa iniciativa. A Parada Poética pode converter-se, então, numa sala de aula, um lugar de partilha e aprendizagem distante dos muros do conhecimento letrado, que busca promover o saber despido da sua

natureza científica, onde as letras do rap, o som dos vinis, e as vozes dos sujeitos se somam num exercício que Boaventura de Sousa Santos tem chamado “ecologia de saberes.” (SOUSA SANTOS, 2006, 2018)

A ecologia de saberes é um dos instrumentos centrais das Epistemologias do Sul (SOUSA SANTOS, 2009), uma proposta epistemológica e política, que pretende contrariar o epistemicídio ativamente produzido pelo pensamento hegemônico que adstra os saberes em função do cânone moderno. O objetivo é ampliar o conhecimento disponível para pensar o mundo e a transformação social, reconhecendo e valorizando os saberes nascidos nas lutas sociais contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. Nas palavras do autor, as Epistemologias do Sul assentam na:

produção e validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, opressão e destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado [...].

Trata-se antes de identificar e valorizar aquilo que muitas vezes nem sequer figura como conhecimento à luz das epistemologias dominantes, a dimensão cognitiva das lutas de resistência contra a opressão e contra o conhecimento que legitima essa mesma opressão. Muitas dessas formas de conhecimento não configuram conhecimentos pensados como actividade autónoma e, sim, conhecimentos gerados e vividos em práticas sociais concretas. As epistemologias do Sul ocupam o conceito de epistemologia para o resignificarem enquanto instrumento de interrupção das políticas dominantes e dos conhecimentos que as sustentam. São epistemologias experienciais. (SOUSA SANTOS, 2018. p.20)

No cerne das Epistemologias do Sul se concentram alguns outros conceitos que são importantes para contextualizar a ideia de Ecologia de Saberes, a saber: a *linha abissal*¹²⁰ que é uma metáfora que ilustra a invisibilização dos saberes não reconhecidos pelo cânone científico; a *sociologia das ausências* e a *sociologia das emergências*; a *tradução intercultural* e a *artesanias das práticas*, que além da *ecologia de saberes*, são instrumentos que desafiam a linha abissal, expandem o leque de conhecimentos visíveis e ampliam as possibilidades transformadoras do mundo (SOUSA SANTOS, 2018).

¹²⁰ Boaventura de Sousa Santos (2009, p.23, 24) defende que: “O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’. A divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro”.

A sociologia das ausências faz referência ao modo como essa linha abissal opera na exclusão e no processo de invisibilidade e deslegitimação daquilo que está do outro lado da linha "a fim de tornar certos grupos de pessoas e formas de vida social não existentes, invisíveis, radicalmente inferiores ou radicalmente perigosos, em suma, descartáveis ou ameaçadores"(SOUZA SANTOS, 2018. p. 57). Já a sociologia das emergências, por outro lado, "implica a valorização simbólica, analítica e política de formas de ser e de saberes que a sociologia das ausências revela estarem presentes no outro lado da linha abissal. (SOUZA SANTOS, 2018. p. 61)

A tradução intercultural se aproxima muito da noção de um mecanismo de resistência que opera de modo militante e no seio das lutas sociais e com forte participação popular. Segundo o autor:

É uma dimensão do trabalho cognitivo colectivo sempre que estão presentes ecologias de saberes, trocas de experiências, avaliação de lutas (próprias e alheias), escrutínio do conhecimento que os grupos sociais dominantes mobilizam para isolar ou desarmar os oprimidos. (SOUZA SANTOS, 2018. p. 69)

A artesanaria das práticas, segundo o autor, consiste na articulação política de movimentos de resistência que insurgem contra os dispositivos hegemônicos de dominação e colonização. Essa articulação é o que possibilita a a instauração das Epistemologias do Sul e segundo o autor se assemelha ao trabalho laborioso de um artesão, é um trabalho político subjacente onde "os processos, as ferramentas e os materiais impõem algumas condições, mas deixam espaço para uma margem significativa de liberdade". (SOUZA SANTOS, 2018. p. 72)

Todos esses conceitos se somam para estabelecer essa epistemologia, ainda que seja sobretudo à luz da ecologia de saberes que propomos olhar para os saraus, e em específico para a Parada Poética, como um evento que manifesta a possibilidade de movimentar distintos saberes na construção de um conhecimento que nasce da partilha da experiência desses sujeitos numa prática social concreta.

Resgatar os saberes suprimidos, silenciados e marginalizados requer a prática daquilo que tenho designado por «sociologia das ausências», um procedimento destinado a mostrar que, dada a resiliência da linha abissal, muitas práticas, saberes e agentes que existem do outro lado dessa linha são de facto activamente produzidos como inexistentes pelos saberes «deste» lado da linha abissal, especialmente quando resistem às exclusões abissais causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado. A identificação da existência da linha abissal é o impulso fundador das epistemologias do Sul e da descolonização do conhecimento que visam empreender. Identificar a linha abissal é o primeiro passo no sentido de ultrapassar, quer ao nível epistemológico quer ao nível político. Identificar e denunciar a linha abissal permite abrir horizontes relativamente à diversidade epistemológica do mundo. Ao nível epistemológico, essa diversidade traduz-

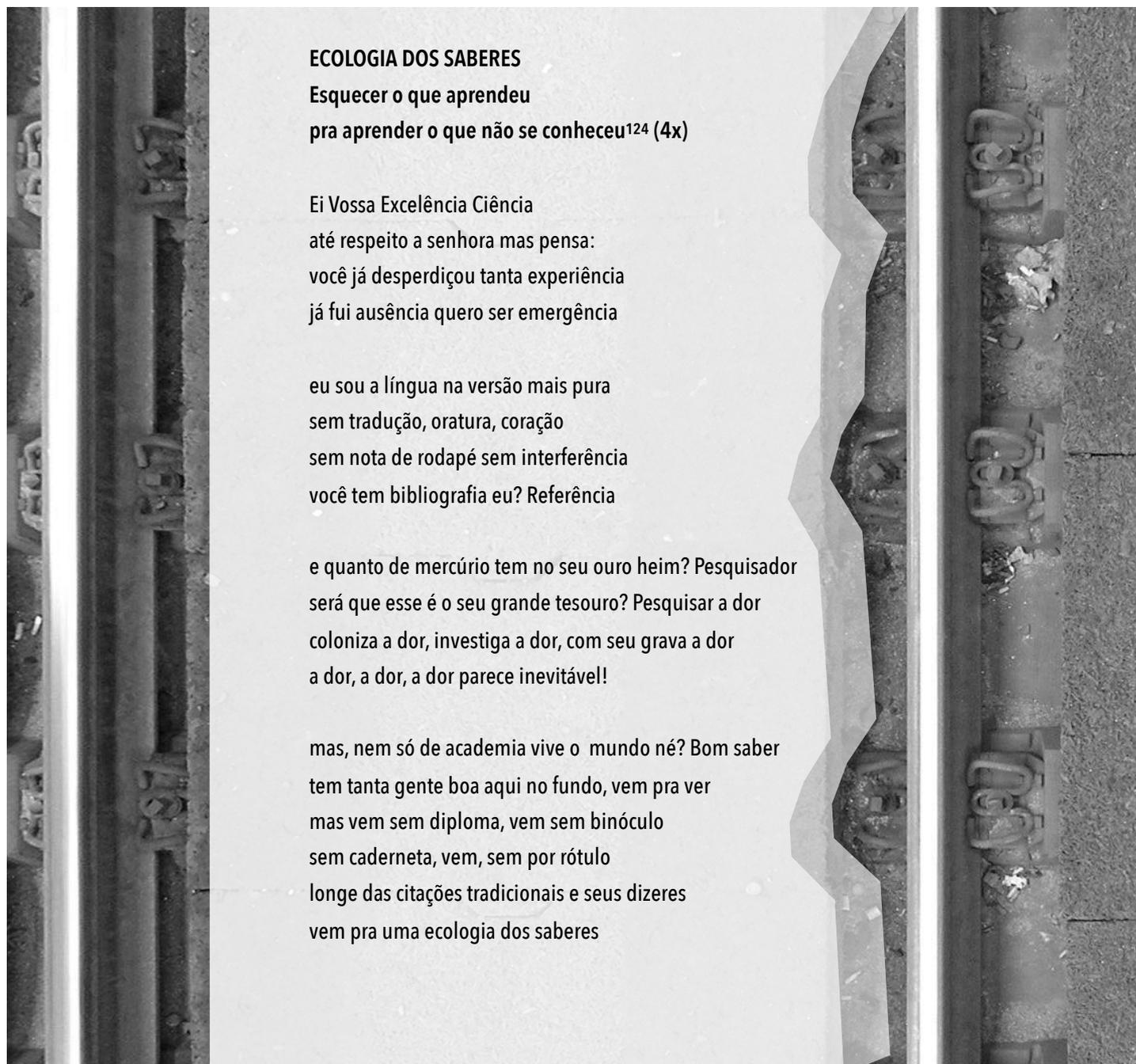
se naquilo que designo por «ecologia de saberes», isto é, o reconhecimento da co-presença de diferentes saberes e a necessidade de estudar as afinidades, as divergências, as complementaridades e as contradições que existem entre eles, a fim de maximizar a eficácia das lutas de resistência contra a opressão. (SOUSA SANTOS, 2018. p.32)

Sendo assim, a ecologia de saberes, combinada com a tradução intercultural, converte "a diversidade de saberes tornada visível pela sociologia das ausências e pela sociologia das emergências num recurso capacitador" (SOUSA SANTOS, 2018 p.68), opera diretamente na dinâmica das lutas sociais de resistência. Nesse sentido, esse lugar de fala instaurado pelo sarau, com microfone aberto, transforma qualquer sujeito que se aproprie dele num interlocutor do processo de construção coletiva de um saber, que nasce da voz, das histórias pessoais e do repertório de vida de cada uma dessas pessoas. Ainda nos remetendo ao sociólogo, "a maior parte dos conhecimentos presentes nas ecologias de saberes circula sob a forma oral e que alguns não possuem qualquer versão escrita." (SOUSA SANTOS, 2018 p.40).

Partindo desta proposta e diante de toda a explanação realizada nessa tese, podemos afirmar que os saraus são manifestações que nascem de uma dinâmica social de resistência, dada sua origem periférica, espontânea, auto-gerida, e que coloca em seu centro o sujeito e sua história de vida como protagonista na construção de um saber possível. Numa aproximação entre Milton Santos e Boaventura Sousa Santos podemos dizer que a revanche do território que o primeiro autor vislumbra naquilo que chama de uma "outra globalização" (SANTOS, 2010), onde os vetores verticais e hegemônicos do capitalismo encontram resistência na formação sócio-espacial, se aproxima em muitos aspectos aquilo que Sousa Santos visualiza quando propõe as Epistemologias do Sul, sendo que estas colocam o capitalismo entre dois outros pilares opressivos nas sociedades modernas, o colonialismo e o patriarcado.

Como visto em todos os parágrafos anteriores as Epistemologias do Sul partem da premissa de que todos os saberes são incompletos, condição a que não escapa a própria ciência, e propõem a renovação do conhecimento por via de uma ecologia de saberes, isto é, da combinação e complementaridade entre saber científico e saberes historicamente marginalizados e invisibilizados, saberes nascidos nas lutas sociais e que se expressam de diferentes formas. Durante parte dessa pesquisa tive a oportunidade de passar um período na Universidade de

Coimbra em Portugal¹²¹, onde trabalhei diretamente com o professor Boaventura de Sousa Santos¹²², cujo desafio lançado a mim foi mostrar como a arte produzida por mim, poderia ser enriquecida e enriquecer as ciências sociais, criando o que ele designa por conhecimento pós abissal. Realizamos várias atividades com este objetivo, e o resultado pode ser visto nas letras a seguir, escritas com base em suas principais teorias durante esse exercício¹²³.



¹²¹ No primeiro semestre do ano de 2017 fui beneficiado com o PDSE – Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior da CAPES e passei seis meses em Portugal no CES – Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra sob a orientação do professor Boaventura de Sousa Santos.

¹²² Importante ressaltar que eu já havia realizado outros trabalhos com o professor Boaventura desde o ano de 2012 quando fui convidado para escrever o roteiro de uma adaptação de sua obra para um espetáculo que uniria Ópera e Rap.

¹²³ Essas e outras letras foram publicadas no livro Na Oficina do Sociólogo Artesão publicado pela editor Cortez em dezembro de 2018.

¹²⁴ As partes em negrito são refrões, coros, para serem repetidos e entoados em várias vozes.

cruzar conhecimentos e ignorâncias
é a infâância...
do saber
quando a gente volta a ser
criaaança...
cientificamente falando
volta a ter
esperaaaança...
pra continuar
porque a ciência é adulta demais pra sonhar

e se Vossa Excelência o Doutor
não acredita em nenhuma força superior
porque é que eu vou acreditar no Ensino Superior
será que algum saber é superior? Não senhor!

não quero nem saber do seu saber alienígena
quero o saber popular, quilombola, camponês,
ribeirinho, indígena
dispenso seu molde, sua fôrma, sua forma
seu guia, sua rédea, seu paper, sua norma

salve o saber que é diálogo e que é horizontal
sem melhor nem pior, de igual pra igual
viva a experiência que é pós abissal
que não é científica nem ocidental

que não conhece sobre, que conhece com
que é intervenção, não representação
que é colaborativa, não extrativista
que acredita, é uma aposta, é utópica, mas é viva!

**Esquecer o que aprendeu
pra aprender o que não se conheceu (4x)**

e quando o que se aprende vale mais do que se esquece
Esquecer pra aprender!

quando a ignorância vira um ponto de chegada
não um caminho a percorrer
Esquecer pra aprender! (4x)

EPISTEMOLOGIAS DO SUL

Não são as forças das ideias, são as ideias da força (4x)¹²⁵

Pergunta que insiste: pra onde nós vamos?

resposta difícil, Hermanas e Hermanos

as alternativas: sumiram de vista

neoliberalismo: a prazo ou a vista?

até parecia que a história tinha dado uma trégua

e que agora era a vez da África e da América

foi Dilma, Obama, Mandela, Mujica

foi Chaves, e agora me diga: quem fica?

de repente a crise virou uma etiqueta

um slogan que explica tudo e salva o planeta

conhecimento goela a baixo padrão Europa

pela igreja ciência, pela igreja católica

coloniza pelo saber e a xenofobia

pelo poder, pelo racismo e a islã fobia

e quando o livro é deles? a editora é deles?

a universidade é deles?

a mídia, o banco, a justiça, o cartório, a polícia é deles,

me diz como é que faz?

a gente vai pra guerra ou fica só pedindo paz?

o sistema se acostuma a bater, a prender

já sabe tudo e não precisa aprender, aprender (2x)¹²⁶

aprender que existe um sul, aprender a ir para o sul

aprender como se conhece a partir do sul

aprender, aprender, aprender com o sul (2x)¹²⁷

¹²⁵ Sugestão que esta parte seja sussurrada e repetida de forma crescente em volume e intensidade.

¹²⁶ Sugestão que esta parte seja sussurrada e repetida de forma crescente em volume e intensidade.

¹²⁷ As partes em negrito são refrões, coros, repetidos e entoados em várias vozes, sugiro que sejam feitas no ritmo de um exército marchando para uma grande batalha.

o sul não é geográfico nem ponto cardinal
o sul é uma metáfora, pode ser literal
o sul são todos, todas unidas sem preguiça
o sul é o sul de quem luta contra as injustiças

o sul são aquelas e aqueles que não estão parados
contra o capitalismo, racismo e patriarcado
o sul existe e resiste até no norte do mapa
é um imigrante na Europa morando em uma barraca

e representa os excluídos pelo capital
que no dia-a-dia faz tudo ser sacrificial
pra conseguir a paz: tem que fazer a guerra
pra acabar com a fome: envenenar a terra

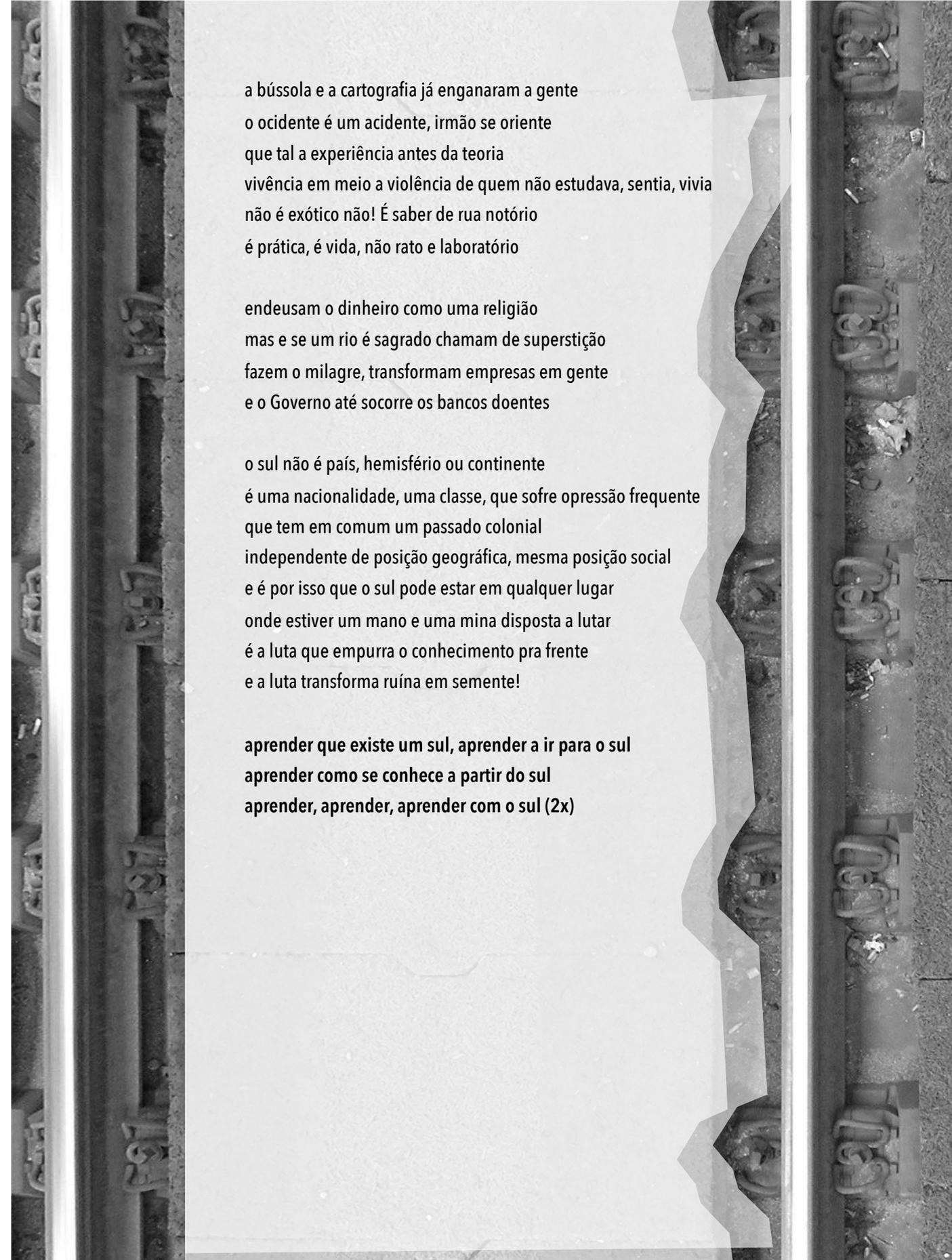
se violam direitos: é sempre pra defendê-los
se invadem países: é sempre pra protegê-los
e a ditadura vai garantindo a democracia
armado até os dentes na campanha pela vida

apresentaram seus conhecimentos e canhões
sua cruz, sua pólvora, suas razões
grandes navegações governos tiranos
policiais animais não fazem direitos humanos

**aprender que existe um sul, aprender a ir para o sul
aprender como se conhece a partir do sul
aprender, aprender, aprender com o sul (2x)**

e a ideia aqui não vem de nenhum intelectual
vem da rua, do movimento social
de mulheres, indígenas, camponeses e mais
das quebradas e comunidades tradicionais

é o conhecimento que não vem da ciência
é o conhecimento que nasce da resistência
e a luta, a afronta, do grito contra a opressão
empurram o conhecimento pra transformação



a bússola e a cartografia já enganaram a gente
o ocidente é um acidente, irmão se oriente
que tal a experiência antes da teoria
vivência em meio a violência de quem não estudava, sentia, vivia
não é exótico não! É saber de rua notório
é prática, é vida, não rato e laboratório

endeusam o dinheiro como uma religião
mas e se um rio é sagrado chamam de superstição
fazem o milagre, transformam empresas em gente
e o Governo até socorre os bancos doentes

o sul não é país, hemisfério ou continente
é uma nacionalidade, uma classe, que sofre opressão frequente
que tem em comum um passado colonial
independente de posição geográfica, mesma posição social
e é por isso que o sul pode estar em qualquer lugar
onde estiver um mano e uma mina disposta a lutar
é a luta que empurra o conhecimento pra frente
e a luta transforma ruína em semente!

**aprender que existe um sul, aprender a ir para o sul
aprender como se conhece a partir do sul
aprender, aprender, aprender com o sul (2x)**

LINHA ABISSAL¹²⁸

Tem tanta linha que a gente "inventô"
tem linha de montagem, até linha retro
linha de pensamento, linha do "Equadô"
linha de telefone, e linha de tricô

linhas reais ou imaginárias (várias)
linhas inúteis tão necessárias (várias)
só sigo aquilo que o poeta "falô"
quem anda na linha é trem ou metrô¹²⁹

sou água que corre entre as pedras (caça jeito!)
liberdade ninguém carrega (explode o peito!)
tô na linha de tiro e não posso moscar
na linha por um fio, não dá pra vacilar

então sigamos a utopia a lá Galeano¹³⁰
continuo andando, vivendo e sonhando
a esperança me move ela que é minha fonte
e eu só sigo uma linha: a linha do horizonte

Vivemos separados no mesmo quintal
uma Linha Abissal
a divisão é tão profunda é tão desigual
uma Linha Abissal
não posso aceitar que seja tão normal
essa Linha Abissal¹³¹

Separa o disparo certo do acidental
Linha Abissal
um mundo metropolitano e outro colonial
Linha Abissal
que põe direitos humanos pra secar no varal

¹²⁸ Essa é a única das letras escritas que foi gravada e musicada, possuindo além da canção um vídeo que pode ser assistido no link https://www.youtube.com/watch?v=AlHnMgu_Hys.

¹²⁹ Uma alusão ao poeta brasileiro Manoel de Barros

¹³⁰ Eduardo Galeano, escritor uruguaio

¹³¹ As partes em negrito são refrões, coros, repetidos e entoados em várias vozes

Linha Abissal

que faz o navio negreiro parecer tão atual

Linha Abissal

A linha não é tênue cê que não tá veno e
é só lembrar Fight The Power Public Enemy¹³²
na vertical é barra, é prisão
na horizontal é letra é libertação

a linha corta, entorta e é porta também
engorda, vira corda e enforca tão bem
e enquanto a fome e a miséria tiver on line
o rap sempre vai ser uma punchline

Vivemos separados no mesmo quintal
uma Linha Abissal
a divisão é tão profunda é tão desigual
uma Linha Abissal
não posso aceitar que seja tão normal
essa Linha Abissal

Linhas costuram tecidos, as vezes humanos, as vezes trapos
Linhas: separam países, dividem contratos
linhas no rosto marcam o tempo, nas mãos marcam o destino
mantém pipas no céu pelas mãos de meninos
a linha que mexe a marionete nem sempre é visível

Ela já foi uma linha de ligação lembra: Umbigo
virou só uma cicatriz, marca de egoísmo
algum Deus escreveu certo por linhas tortas num eletrocardiograma
e até a medicina, tão cética e tão exata aprendeu
que a vida mora nessas linhas sinuosas
e que quando ela endireita nem sempre é um bom sinal

Linhas retas, linhas tortas
Linhas vivas, linhas mortas (4x)

¹³² Título de uma das músicas do grupo de rap norte americano Public Enemy



Para acessar o videoclipe da canção, utilize esse QR





Ferréz



Binho

Fotos: Marcio Salata

Ainda referente aos aspectos horizontais do saber, levantados por Boaventura Sousa Santos, enxergamos um paralelo com a ideia do educador brasileiro Paulo Freire, quando este trata do conhecimento enquanto um “saber de experiência feito”¹³³ que busca trazer legitimidade ao saber popular por meio do diálogo.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 2005. p. 90).

Como um processo natural de todo o percurso feito até aqui, iniciamos agora um mergulho em direção aos sujeitos para construir com eles o saber que cabe a essa tese e promover uma construção coletiva do conhecimento a partir dessa polifonia de vozes que soam simultaneamente, compreendendo que é a partir dessas falas que poderemos conceber, de fato, a Parada Poética como uma Ecologia de Saberes.

Para tanto, elaboramos uma entrevista estruturada em seis perguntas abertas que tinham por objetivo elucidar a diversidade dos sujeitos e o modo como eles percebem o sarau enquanto lugar de partilha de experiência e saber. Sendo assim, agrupamos essas falas em alguns temas que nos ajudarão a mapear o modo como essa ecologia acontece na Parada Poética, primeiro identificando a origem dessas vozes, (Quem é você e de onde você vem?) depois os papéis que esses sujeitos atribuem a si próprios no evento (O que você traz para a Parada Poética?), abordando também os saberes que o evento soma a sua experiência de vida (O que você leva da Parada Poética?), qual a visão desses sujeitos sobre o sarau enquanto espaço de manifestação de coletividade e partilha (Qual a importância da Parada Poética para as pessoas?) e ainda qual a visão deles a respeito da relação entre o sarau e espaço onde ele acontece (Qual a importância da Parada Poética para este lugar -nos referindo à estação). Por fim, encerramos as questões pedindo que os entrevistados definissem a Parada Poética em uma palavra, buscando a síntese de seu significado para os sujeitos que dela participam.

Optamos, portanto, por incluir os trechos das entrevistas em sua forma original, resgatando o diálogo entre o pesquisador e os frequentadores. O universo de entrevistados privilegiou as pessoas comuns, que são apenas frequentadores e não estão envolvidos diretamente na organização do evento.

¹³³ Ver FREIRE, Paulo. Pedagogia dos sonhos possíveis. São Paulo: Editora da UNESP, 2001

De quem são as vozes?

Matheo Polizeli, eu venho de Americana, no interior do Estado de São Paulo. No momento, eu posso me chamar de artista. Eu sou um poeta, um participante aqui da Parada Poética e eu sonho em viver de arte, escrever os meus livros, fazer minhas músicas.

Eu sou de Minas Gerais, sou Donizete Silva, 61 anos de idade e sou aposentado. Consegui me aposentar.

Meu nome Luis Antonio da Silva, conhecido por Lula. Sou pedreiro, né? Nasci no Paraná e fui criado em Sumaré-SP.

Meu nome é Matheus. Eu tenho 20 anos. Sou natural de Campinas, mas moro em Nova Odessa e hoje eu trabalho como professor de Inglês, dou aula de música e a gente é poeta.

Nathália Almeida, trabalho com produção de vídeo, animação e fotografia. Tenho 23 anos. Sou de Santa Bárbara do Oeste-SP.

Cristian Adriano Ferreira da Silva, conhecido mais como Tico Breu, tenho 36 anos e sou de Nova Odessa, interior paulista. Sou grafiteiro, artista plástico.

Mariana Maciel, eu tenho 18 anos, sou de Americana e sou estudante.

Meire Dusson, psicóloga, Americana

Angélica, tenho 28 anos, sou de Nova Odessa. Sou designer gráfica.

Meu nome é Nátaly. Me apresento como "Dicassia" (?) enquanto poetiza. Tenho 19 anos, sou de Mogi-Mirim, tava residindo em Rio Claro. E agora tô dando um giro com poesias, sou poeta.

Meu nome é Amanda. Tenho 15 anos. Sou de Nova Odessa e estudo no João 23, em Americana.

Marina Tupi. Tenho 15 anos e eu trabalho como auxiliar de professora. Sou de Americana.

Eu sou a Lorena. Tenho 18 anos. Tô me descobrindo ainda na vida. Sou aqui de Nova Odessa mesmo. Conheci a Parada há um tempo atrás através do meu tio que toca aqui e foi pra mim algo libertador, que me ajudou muito a me expressar.

Apesar de ser uma amostragem relativamente pequena (13 pessoas) diante do público total do evento é bastante significativa quando nos permite observar a diversidade de origens e atividades desses frequentadores. A Ecologia de Saberes parte exatamente do reconhecimento dessa diversidade de saberes que não privilegia um em

detrimento do outro, mas reconhece a pluralidade de conhecimentos heterogêneos que resultam num "interconhecimento". (SOUSA SANTOS, 2007. p.23).

Identificar essa diversidade nos permite portanto compreender a multiplicidade de saberes que a Parada Poética movimenta, partindo do pressuposto que todos possuem um conhecimento que lhe é próprio, construído a partir da sua experiência de vida. Nesse sentido compreendemos um saber que nasce da partilha das experiências de cada frequentador da Parada Poética somadas em um saber coletivo que só é possível a partir da troca que o sarau promove. Segundo o sociólogo:

As ecologias de saberes são construções cognitivas coletivas orientadas pelos princípios da horizontalidade (diferentes saberes reconhecem as diferenças entre si de um modo não hierárquico) e da reciprocidade (diferentes saberes incompletos reforçam-se através do estabelecimento de relações de complementaridade entre si) (SOUSA SANTOS, 2018. p. 144).

Esse reconhecimento da diferença da horizontalidade e da reciprocidade leva invariavelmente à descoberta de si, pois enquanto reconheço o outro, escuto, e partilho dessa experiência, estou conhecendo a mim mesmo, compreendendo qual o meu papel nessa construção coletiva. Em resposta a essa inferência podemos observar que os frequentadores têm consciência dos papéis que desempenham no evento, o que pode ser percebido quando pedimos para que digam quem são eles na Parada Poética, o que trazem para ela. Já quando perguntamos o que levam dela conseguimos observar em que sentido a Parada Poética pode construir um saber que nasce da experiência do evento e da consciência de que o mesmo promove um saber que lhe é próprio e que só existe a partir dessa partilha.

Quem é você na Parada Poética e o que você traz e o que você leva dela?

Matheo: Cara, eu sou mais um colaborador, na minha opinião. Eu trago pessoas. Eu já trouxe muitas caravanas aí. Trago ideias, trago vontade, trago alegria para compartilhar e os meus textos para galera ouvir. Eu levo muita inspiração e eu acho que levo algo que, assim, muda a minha semana. Sempre falei para os meus amigos que a Parada Poética, na segunda segunda do mês, é algo que muda o meu humor completamente no resto da semana. Pra mim é o melhor jeito de começar uma semana.

Donizete: Eu sou, digamos assim, um admirador. Eu trago... na verdade, aqui pra mim é uma escola. Estou aprendendo. Então, eu tô trazendo o que... tentar conhecer para transmitir para os outros. E o que eu levo é conhecimento.

Lula: Eu sou um poeta criando pena nas asas. O que eu trago é poesia e o que eu levo é poesia também, poesia e alegria.

Matheus: Eu sou o locutor. Para a Parada eu trago algumas poesias minhas, inclusive uma que eu recito sempre porque ela foi uma que eu recitei na primeira vez que eu vim. E na primeira vez minha também foi a primeira vez de uma mulher e isso marcou ela. Então, por causa disso, eu trago sempre a mesma poesia.

Nathália: Eu sou uma aprendiz. Eu trago tentativa de compreensão e eu tento levar isso para fora.

Tico Breu: Eu sou mais um pra somar. Tico Breu: O que eu trago é aprendizado. E o que eu levo é conhecimento.

Mariana: Eu sou a pessoa que observa tudo e fica procurando depois as pessoas no Facebook para saber sobre os poemas delas. Ah, levar da Parada é fácil. Levar experiência, levar os poemas, levar as pessoas que conheço aqui. O que eu trago, eu não tenho tanta certeza ainda, na verdade.

Meire: Eu sou a Meire, cheia de alegria, que veio contemplar a alegria dos outros também e toda liberdade de expressão. Olha, eu trago a minha admiração e eu levo muitas vivências através dos poemas de algumas pessoas, principalmente da juventude. Linda a expressão da juventude.

Marina: Eu sou a pessoa que tenta absorver de tudo o que é dito, de tudo o que é expelido, porque é um lugar com uma energia muito boa onde todo mundo pode ser o que é. Sabe, tem gente de todo o tipo. Eu trago o que eu guardo no peito. Eu trago assim uma esperança de absorver o que tá em volta, de ver o que as outras pessoas pensam e o que eu trago da Parada Poética é conhecimento, é uma outra visão de mundo, é admiração.

Lorena: Eu sou quem tá começando a se libertar aqui dentro. Eu trago tudo o que eu sinto, que tá me prendendo e eu tiro coisas boas que as pessoas, sentimentos que as pessoas expõem e que talvez, às vezes, eu consigo me assimilar com eles.

Angélica: Sou uma aspirante a poeta que encontrou a paixão pela poesia. Eu trago sede de poesia e levo o coração cheio e transbordando amor.

Nátaly: Acho que sou mais uma apenas. Sou mais uma que vem transmitir a mensagem. Sou mensageira. Eu trago a mensagem do coração. Mensagens verdadeiras. E levo muito amor, muito carinho. Muito acolhimento. É um movimento diferente de se ver.

Amanda: Eu trago o que eu guardo no coração: poesia. E levo conhecimento.

A ecologia de saberes proposta por SOUSA SANTOS (2007 p. 23) "tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico" isso é perceptível quando nos deparamos com respostas que compreendem a Parada Poética como "um espaço de aprendizado", "de onde se leva conhecimento", "de onde eu levo inspiração" ou ainda quando as pessoas se identificam na Parada Poética "sou aprendiz", "sou mais um pra somar". Nesse sentido, a Parada Poética mostra que sua potência está nessa partilha, e estabelece profunda relação com um tipo de conhecimento que se constrói na realidade vivida. O caráter ativo do sarau enquanto um espaço de expressão e manifestação posiciona a produção do saber sobre essa experiência do real e como algo que é construído numa realidade concreta.

A ecologia de saberes não concebe os conhecimentos em abstracto, mas antes como práticas de conhecimento que possibilitam ou impedem certas intervenções no mundo real. Um pragmatismo epistemológico é, acima de tudo, justificado pelo facto de as experiências de vida dos oprimidos lhes serem inteligíveis por via de uma epistemologia das consequências. No mundo em que vivem, as consequências vêm sempre primeiro que as causas. SOUSA SANTOS (2007 p. 28).

Ainda a fim de compreender a Parada Poética enquanto espaço para construção de um saber coletivo, perguntamos aos participantes sobre a importância do sarau para as pessoas. E em seguida sobre a importância da Parada Poética para o lugar. Buscamos aqui compreender se os frequentadores tem alguma percepção a respeito do sarau como agente que modifica a realidade da comunidade e do espaço que ele ocupa.

Qual a importância da Parada Poética para as pessoas e para esse lugar?

Matheo: Cara, eu acho que é uma forma muito boa de levar cultura e, às vezes, uma cultura que é muito esquecida. A poesia por muito tempo foi deixada de lado. Ela sempre foi um pouco inacessível e trazendo isso pro centro de uma cidade do interior, pra uma praça totalmente aberta para o público.. eu acho que é muito importante alcançar essas pessoas assim. Cara, eu acho que é assim, tirar as pessoas das suas bolhas, tá ligado. Trazer a galera de casa, as poesias esquecidas nas gavetas, trazer cultura para cá, para a cidade, dar uma enfeitada nela.

Donizete: Quem sabe a cultura, a educação, a literatura não oficial, de qualidade, sabe o que é a Parada. Ela própria se define. Um exemplo que toda cidade deveria copiar.

Lula: Como eu vou dizer... ela é muito importante. Eu não tenho palavras para definir porque é tão importante que eu não tenho palavra pra definir. Agora, para a cidade, é muito importante. É um sarau que deveria ter em todas essas cidades. Sumaré mesmo tem essa pobreza de sarau. E eu tiro o chapéu para Nova Odessa por ter aqui a Parada Poética.

Matheus: É essencialmente importante, não só a Parada como qualquer outra intervenção cultural, qualquer outro sarau em si, porque hoje o Brasil, o adolescente, o jovem parece muito de educação, de

leitura, de qualquer coisa relacionado a isso. Tudo isso que eu já falei em relação à intervenção cultural, só que voltado mais para Nova Odessa, porque Nova Odessa já foi muito forte em relação à cultura, só que hoje basicamente a Parada é a única coisa relacionada à cultura que a gente tem hoje.

Nathália: Acho que é um lugar que elas podem falar coisas que em ambientes normais elas não fariam. Acho que é importante a arte invadir locais públicos. Às vezes, ela é muito privada, muito rica e é muito legal que ela é um espaço democrático, um espaço aberto.

Mariana: Além da importância política dela, ela é uma experiência única. As pessoas podem realmente serem tocadas aqui. No interior de São Paulo, muitas cidades aqui têm um passado colonial e falar sobre poesia, falar sobre arte, juntar a juventude, uma juventude não conservadora é uma forma de resistência em cima de tudo.

Tico Breu: A maneira de se expressar, de ser quem é e esquecer um pouco dos males que o mundo causa na nossa vida. É o maior foco hoje da cultura dentro da cidade de Nova Odessa. É o único evento que nós temos no calendário é a Parada Poética. Então, a Parada Poética nada mais é do que a raiz de Nova Odessa, a raiz cultural.

Meire: É muito importante. É rico. É onde o jovem, as pessoas podem se expressar. Expressar de uma maneira como elas são através dos poemas, brincar com as palavras, mas falar a verdade.

Angélica: Eu acho que ela ajuda as pessoas a se descobrirem, acharem um caminho pra ser alguém na vida, através da poesia, de música. Acho que dá um pouco mais de alegria. Porque durante a semana, nos outros dias, é tudo fechado, parado. E quando tem Parada dá aquela animação, aquela alegria pra Nova Odessa.

Amanda: Eu acho que é libertação, sabe. Tu vem aqui ouvir diversas lutas sendo representadas por poesia. É um lugar onde as pessoas podem vir realmente, diferente de outros lugares, para se expressar livremente. Não é algo que te prende.

Marina: Pras pessoas eu acho que é um lance sobre poder se expressar, é um lugar onde elas têm um lugar de fala, onde elas podem pôr as coisas para fora, se sentirem importantes, ouvidas. Não necessariamente elas vão ser respondidas, mas eu acho que as pessoas têm a necessidade de desabafar, elas têm necessidade de atenção e eu acho que a Parada Poética é um local para você desabafar suas dores, suas angústias, falar sobre quem você é. História.

Lorena: Assim como foi algo pra me expressar pras pessoas também é. Isso não pode morrer nunca. Pra cidade é algo muito bom porque... é algo que tá crescendo muito e a gente precisa da poesia, precisa desse movimento.

Nessas falas podemos então perceber que termos como “um lugar onde as pessoas podem se expressar” e “libertação” nos permitem afirmar que a Parada Poética provoca transformações que se relacionam diretamente ao âmbito do indivíduo, promovendo um saber que está diretamente ligado ao sujeito. E ainda, quando aparecem termos como “lugar de fala”, “forma de levar cultura” ou ainda “um lugar onde você vem ouvir diversas lutas sendo representadas por poesia”, podemos afirmar que, para além do sujeito, a Parada Poética pode ser uma ferramenta de transformação social, de resistência e de representatividade por meio da cultura e da expressão dos indivíduos.

Isso reforça um outro aspecto da epistemologia desenvolvida por SOUSA SANTOS (2018 p. 68) que evidencia que "a ecologia de saberes deve ser complementada com a tradução intercultural e interpolítica" Podemos então afirmar que a Parada Poética é também uma ferramenta de tradução intercultural uma vez que promove a movimentação e partilha dos saberes criando uma forte relação entre o indivíduo e a coletividade, produzindo aprendizagens recíprocas, por meio da oralidade. Segundo o autor:

Por esta razão, a tradução intercultural também não é uma actividade excessivamente individualizada, na construção da resistência e das lutas sociais. É uma dimensão do trabalho cognitivo colectivo sempre que estão presentes ecologias de saberes, trocas de experiências, avaliação de lutas (próprias e alheias), escrutínio do conhecimento que os grupos sociais dominantes mobilizam para isolar ou desarmar os oprimidos. O trabalho da tradução intercultural tem uma dimensão de curiosidade, de abertura a outras experiências, mas é uma curiosidade que não nasce por curiosidade diletante, nasce por necessidade. Na grande maioria dos casos, o trabalho de tradução intercultural é desempenhado em grupo, anónima e informalmente em interacções dominadas pela oralidade. (SOUSA SANTOS, 2018. p.69).

Resgatando então a discussão desenvolvida nesse tese, podemos concluir que os saraus legitimam a periferia no território a partir de um lugar produzido socialmente por sujeitos que são protagonistas de uma ecologia dos saberes nascida pela partilha da experiência e baseada na expressão da oralidade. Quando instauram um "lugar de fala e escuta" permitem ao sujeito que seu saber seja compartilhado do mesmo modo que o permite aprender a partir da voz do outro. Esse mergulho na Parada Poética finaliza aqui esse caminho construído por nós nessa tese de modo a esboçar um percurso que nasce no território e caminha em direção ao sujeito resgatando talvez um sentido mais humano da geografia.



Foto: Marcio Salata

CONCLUSÃO

Diante todo o esforço dessa pesquisa compreendemos alguns aspectos que levantamos aqui como conclusões, certos de que isso não impõe um final, pois sabemos que o ato de pesquisar, principalmente na área de humanidades, não é passível de esgotamento, sempre há algo a mais a ser feito, sempre há um caminho a mais a ser trilhado, um mesmo objeto pode ser tratado a partir de diferentes olhares e lugares de análise, bem como abordado por diversas teorias. Nesse sentido, sentimos que essa conclusão só aponta algumas considerações mas não esgota nosso objeto.

A partir desse estudo, podemos afirmar que os saraus contemporâneos são manifestações periféricas em sua origem, nascidos num contexto de revanche e resistência que também envolve outras manifestações como o hip-hop e a literatura marginal/periférica, que tem em seu cerne a afirmação da identidade do sujeito periférico e a legitimação dessa condição no território. Não é possível, portanto, analisar essa cena sem compreender esses atravessamentos, uma vez que, frequentemente, os atores sociais envolvidos transitam por esses movimentos criando uma rede horizontal de coletividade e colaboração.

Essa insurgência se articula como resposta aos dispositivos de dominação criando um espaço alternativo no território, é a força do lugar, da proximidade e do contato que faz com que os saraus sejam manifestações que, além de instaurar um lugar de fala, criam uma estrutura alternativa, um circuito de produção e circulação desses bens culturais periféricos distantes do mercado convencional. Além disso, o caráter informal, a ocupação e subversão de usos que o sarau promove em espaços não institucionais, distante dos equipamentos culturais tradicionais, das áreas privilegiadas e próximo das comunidades, nos mostra a força dessa dialética latente entre uma ordem global e uma ordem local, onde os lugares emergem como pontos de resistência no espaço da cidade.

Quando nos propusemos a cartografar essa cena não tínhamos muito clara a dimensão e complexidade desse trabalho, e sequer da dificuldade em encontrar fontes e informações que nos subsidiariam, tamanha a perenidade de muitos saraus, a falta de informações que há sobre as localidades e a itinerância de alguns coletivos produtores destes eventos. Assim, a contribuição mais substancial dessa tese enquanto produção de saber, é trazer uma série de dados primários de informação, frutos de cruzamentos e fontes diversas. Ao longo desse processo a cartografia da ação se apresentou a nós na prática, via experiência, aprendemos a cartografar cartografando, e só ao final desse trabalho laborioso compreendemos de fato o significado desse ativismo cartográfico, provando que a cartografia por nós produzida não é uma representação do espaço mas sim um espaço de representação desses sujeitos e dessa manifestação. Foram muitas pessoas envolvidas tanto no processo de construção quanto nas análises dos mapas e aqui fica evidente pra nós que a tarefa mais importante dessa cartografia não é outra senão

legitimar a existência e potência da cena dos saraus em São Paulo. Este trabalho tem uma função social, que é deixar essa cartografia e essas informações publicizadas para as próximas pesquisas que certamente serão feitas sobre os saraus, mas também para que elas sejam usadas pelos próprios saraus e pelos agentes como forma de autoconhecimento do movimento.

Também podemos concluir que essa cena se origina na periferia -vide o cruzamento entre nossa cartografia e os mapas de Vulnerabilidade Social da cidade- e se pulveriza pela Região Metropolitana de modo exponencial, tomando o território de modo bastante significativo. A potencialização dos saraus também pode ser observada a partir do momento em que editais municipais, como o *VAI* e o *Veia e Ventania* passam a levar estes eventos para equipamentos culturais institucionais como bibliotecas, e centros culturais, num processo de ocupação e itinerância. O grau mais elevado dessa institucionalização acontece quando a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo abre um edital específico para saraus no ano de 2014 (ProAc Saraus), fato que nos permitiu estudar esse fenômeno em escala estadual e concluir que esta cena, apesar de ser mais efetiva na capital paulista, apresenta uma crescente e se espalha por outros municípios do interior do estado de forma significativa.

O fato dos saraus concorrerem a editais do governo e se apropriarem de um aparato do estado, não deslegitima sua essência, tampouco subverte seu propósito, como bem nos mostraram alguns depoimentos nesta tese. O que vemos nesses casos é que os prêmios concedidos pelos editais contribuem para melhorar as condições qualitativas de execução dos saraus, viabilizando a contratação de outros profissionais e equipamentos e também a produção de antologias e documentários que jamais seriam realizados não fossem esses editais. Nesse sentido, podemos concluir que essa dialética latente entre as verticalidades - explicitadas aqui pelos editais do governo - e as horizontalidades - figuradas aqui pelos saraus, efetua e reforça o sentido do lugar no território.

O percurso da pesquisa após essas análises e a compreensão da natureza dessa manifestação em seu recorte geográfico nos levou a buscar as especificidades desse lugar que o sarau instaura. Por muito tempo nesse processo, nos esquivamos de um trabalho auto-referente, no entanto, essa pesquisa confunde-se com a vida do próprio pesquisador, como participante ativo e produtor de sarau, assim, optamos por apresentar a Parada Poética como esse mergulho em profundidade que a tese nos pedia. Um relato da empiria do pesquisador, mas por meio das vozes dos diferentes sujeitos que frequentam e fomentam esta cena, num encontro polifônico. A questão para nós era identificar como o lugar que o sarau instaura pode ser visto enquanto uma manifestação que movimenta distintos saberes, e isso nos levou invariavelmente para uma abordagem epistemológica desse fenômeno que encontrou guarda na teoria dos professores Milton Santos e Boaventura de Sousa Santos. Para tanto estabelecemos

um diálogo horizontal entre diferentes formas de pensar, sentir e fazer os saraus, um intercâmbio de vivências, perspectivas e posições que se constitui em um relevo de muitas vozes.

Assim, podemos compreender que além de um lugar inscrito no espaço e no tempo, o sarau é um lugar de fala onde se revezam diversas vozes a ocupar esse local. A potência desse lugar está no reconhecimento da criatividade epistemológica desses sujeitos a reivindicar uma outra literatura, uma literatura cidadã, inscrita no corpo daqueles que declamam e daqueles que silenciam, essa reivindicação é também a reivindicação de um saber sobre si e sobre a cidade. É a polifonia, resgatada aqui à luz de Bakhtin, que batiza esse capítulo, são as vozes desses sujeitos que nos fazem compreender a força que essa ecologia de saberes tem de dissolver a linha que separa o saber científico do saber popular, ou ainda, a força de demolir esse muro existente entre a universidade e a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho que traçamos até aqui estudando os saraus em São Paulo é resultado de um longo percurso trilhado em busca de encontros. A força dos encontros foi capaz de estabelecer diálogos que possibilitaram que olhássemos para nosso objeto de estudo por meio de múltiplas visões, ou ainda que desenhássemos esse caminho a partir do relevo das muitas vozes que ocuparam essa tese. O maior aprendizado desse percurso foi que o conhecimento só pode ser construído coletivamente por meio da partilha, e nesse sentido, essa tese é em si é uma grande Ecologia de Saberes, uma vez que não coube apenas à voz deste pesquisador que vos fala, mas também à voz de outros sujeitos, que partilharam conosco seus saberes para além dos livros e dos muros da universidade, saberes presentes somente na experiência cotidiana daqueles que realizam, movimentam e participam dessa cena de resistência.

Essa tese é então um espaço de encontro do conhecimento científico com o popular. São geógrafos, sociólogos, educadores, pesquisadores, ativistas, editores, poetas, escritores, jornalistas, *rappers*, artistas, produtores culturais, estudantes, pedreiros, donas de casa, aposentados, dentre inúmeros sujeitos que emprestaram suas vozes e falas para construir cada capítulo desse trabalho. Também nos permitiram compreender que o aspecto mais importante dessa manifestação reside na força dos sujeitos que a movimentam, inscrevendo-a no território, legitimando sua origem periférica e transformando a vida de outros sujeitos que compartilham dessa experiência.

O esforço em cartografar essa manifestação se converteu aqui numa tentativa de referendar sua existência e transformar o mapa em espaço de representação dessa produção socioespacial, resgatando talvez um dos sentidos mais importantes da cartografia da ação, o de se converter em ferramenta de reivindicação e resistência política. Esse impulso nos levou, portanto, a compreender que cartografar os saraus foi um modo de criar um mecanismo contra-hegemônico por meio da própria geografia. Não há outro modo de abordar essa manifestação que não seja o da resistência e da luta social, pois ela está travada mensalmente em cada sarau que cartografamos aqui, ocupando espaços alternativos e distantes do circuito cultural institucional, fomentando uma literatura marginal/periférica que nasce com esses sujeitos que descobriram em seu lugar de origem, seu lugar de fala, sua linguagem própria e seu modo de agir politicamente a partir dessa origem.

Coube incorporar a esta tese o eco dessas vozes, seu grito de existência, persistência e resistência, pois no presente trabalho, assim como no sarau, o microfone também ficou aberto, e eu, fui apenas um apresentador, um

MC (mestre de cerimônia), sem cerimônias, e apresento ao público os verdadeiros protagonistas dessa história, pra que ocupem seus espaços e façam sua própria geografia.

"Se a história é nossa, deixa que nós escreve"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Elisa P. **Processo de Periferização e Uso do Território Brasileiro no Atual Período Histórico**. In: SOUZA, Maria Adélia [et.al]. *Território Brasileiro: usos e abusos*. Campinas: Edições Territorial, 2003.
- Bakhtin, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BOTELHO, Isaura. **Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública**. Espaço e Debates – Revista de Estudos Regionais e Urbanos. São Paulo: Annablume, n. 43-44, 2004.
- C., Toni. **O hip-hop está morto: história do hip hop no Brasil**. São Paulo: LiteraRUA, 2012.
- C., Toni. **Sabotage Um Bom lugar: biografia oficial de Mauro Mateus dos Santos**. São Paulo: LiteraRUA, 2013.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007
- D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo**. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo. São Paulo: 2013.
- DOS SANTOS, Renato Emerson. **Disputas cartográficas e lutas sociais: sobre representação espacial e jogos de poder**. XII Colóquio de Geocrítica, Bogotá, 2012.
- FARIA, Alexandre. et al. **Modos da Margem: Figurações da Marginalidade na Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.
- FELIX, Camila. **Atlas dos Saraus da RMBH**. Belo Horizonte: Crivo, 2018.
- FERREZ. **Capão Pecado**. São Paulo: Ed. Objetiva, 2000.
- FERRÉZ. **Manual Prático do Ódio**. São Paulo: Ed. Objetiva, 2003.
- FERRÉZ. **Literatura Marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, R. S. . **A participação política das mulheres: Hip Hop e (novo) movimento social em Salvador**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9, 2010, Florianópolis. *Diásporas, diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- GOMES, R.L. **Território Usado: Cada Canto um Rap, Cada Rap um Canto**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

HAPKE, Ingrid; TENNINA, Lucía; SILVA, Mário Augusto Medeiros da; NASCIMENTO, Erica Peçanha do (Orgs.) **Polifonias Marginais**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2015.

HARVEY, D. **A liberdade da cidade**. Tradução de: Anselmo Alfredo, Tatiana Schor e Cássio Arruda Boechat. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo-SP, n. 26, 2009, p. 09 – 17.

HARVEY, D. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

INQUÉRITO, Renan. Org. **A Parada Não Para: 1ª Antologia da Parada Poética**. Nova Odessa, 2018.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Vulnerabilidade Social no Brasil: conceitos, métodos e primeiros resultados para municípios e regiões metropolitanas brasileiras**. Texto para discussão. Rio de Janeiro : Ipea, 2018.

LEITE, Antonio Eleilson. **Marcos fundamentais da literatura periférica em São Paulo**. Revista de Estudos Culturais, São Paulo, n. 1, p. 1-20, 2014.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena**, dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP 2006.

_____. **Vozes marginais na literatura**. Coleção Tramas Urbanas. Rio de Janeiro, Aeroplano/Fapesp, 2009.

_____. **A periferia de São Paulo: revendo discursos, atualizando o debate**. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109 Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

OLIVEIRA, Lucas Amaral de. **Experiências Estéticas em Movimento: Produção Literária nas Periferias Paulistanas**. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo. São Paulo: 2018.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. **Escritos à Margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2013.

PINTAUDI, Silvana Maria. (Org). **Economia Solidária: um setor em desenvolvimento**. Prefeitura de Rio Claro, 2002.

PIRES, Vera Lúcia; TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. **Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia**. Estudos Semióticos. [on-line] Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es> i. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 2, São Paulo, novembro de 2010, p. 66-76. Acesso em “junho/2019”.

RANDOLPH, Rainer y GOMES, Pedro Henrique O. **A contribuição da cartografia subversiva para o planejamento do espaço social.** Caminhos para uma reflexão a respeito de "subversões" concretas. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2010, vol. XIV, nº 331 (29). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-331/sn-331-29.htm>>. [ISSN: 1138-9788].

REYES, Alejandro. **Vozes dos Porões: a literatura periférica/marginal do Brasil.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

RIBEIRO, Ana Clara Torres et al. **Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método.** In: Planejamento e Território: ensaios sobre a desigualdade Ano XV, No 2, Ago-Dez 2001 / Ano XVI, No 1, Jan-Jul 2001 p. 33-52.

RIBEIRO, A.C.T. Mesa: **O lugar e a perspectiva libertária na obra de Milton Santos.** Trabalho apresentado no II Encontro com o pensamento de Milton Santos: o lugar da resistência. Instituto Territorial, Campinas – São Paulo (USP) – 23 e 24 de junho de 2003.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Oriente negado: cultura, mercado e lugar.** Cadernos PPG- AU/FAUFBA, v. II, p. 97-107, 2004.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **A cidade neoliberal: crise societária e caminhos da ação.** In: OSAL, Observatorio Social de America Latina. AÑO VII Nº 21 SEPTIEMBRE-DICIEMBRE 2006. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, Argentina: Argentina. Disponível em < <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/osal/20110408104430/osal21.pdf>> Acessado em jan. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODÓ, Manuel Tironi. **Que es un cluster? Geografias y practicas de la escena de música experimental en Santiago, Chile.** Eure, vol. 36, nº 109, 2010. Pp. 161-187.

RODRIGUES, Glauco Bruce. **Geografias Insurgentes: um olhar libertário sobre a produção do espaço urbano através das práticas do movimento hip-hop.** Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2005. 329 p.

ROSE, T. **Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós- industrial no hip-hop.** In: HERSCHANN, M. (Org.). Abalando os anos 1990 - funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira.** 2a ed., São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1998.

SANTOS, M. **Região: globalização e identidade,** In: LIMA, L. C. (Org.). Conhecimento e Reconhecimento. Fortaleza: EDUECE, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SÃO PAULO. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Cultura, Unidade de fomento e difusão de produção cultural. **EDITAL PROAC Nº 31/2014**. Diário Oficial do Estado de São Paulo. Poder Executivo, Seção 1, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 08 de junho de 2014.

SÃO PAULO. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Cultura, Unidade de fomento e difusão de produção cultural. **EDITAL PROAC Nº 27/2015**. Diário Oficial do Estado de São Paulo. Poder Executivo, Seção 1, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 03 de junho de 2015.

SÃO PAULO. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Cultura, Unidade de fomento e difusão de produção cultural. **EDITAL PROAC Nº 27/2016**. Diário Oficial do Estado de São Paulo. Poder Executivo, Seção 1, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 06 de junho de 2016.

SÃO PAULO. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Cultura, Unidade de fomento e difusão de produção cultural. **EDITAL PROAC Nº 27/2017**. Diário Oficial do Estado de São Paulo. Poder Executivo, Seção 1, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 01 de junho de 2017.

SÃO PAULO. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Cultura, Unidade de fomento e difusão de produção cultural. **EDITAL PROAC Nº 30/2018**. Diário Oficial do Estado de São Paulo. Poder Executivo, Seção 1, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 04 de junho de 2018.

SILVA, Adriana Bernardes. **Círculos de informações e novas dinâmicas do território brasileiro**. In: XVI ENG – Encontro Nacional de Geógrafos. Anais... Porto Alegre: AGB, 2010.

SILVA, Adriano Bueno da. **Palavra de mano: Luta de classe e tensão racial na palavra dos manos: uma análise sócio-histórica da formação do rap como Gênero de discurso**. São Paulo: Página 13, 2012.

SILVA, Cidinha da (Org.). **Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

SILVA, José Carlos G. **Do Hip-Hop ao Sarau Vila Fundão: jovens, música e poesia na cidade de São Paulo**. In Cadernos de Arte e Antropologia, nº 2/2012, pag. 39-54.

SILVEIRA, M. L. **Economia política e ordem especial: circuitos da economia urbana**. In: SILVA, C. A. (Org.). Território e ação social: sentidos da apropriação urbana. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p. 35-51.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Uma cartografia simbólica das representações sociais: prolegômenos a uma concepção pós-moderna do direito**. Espaço & Debates, vol. 33, Ano XI, 1991.

_____. **Um Discurso sobre as Ciências**. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. (Org.). **A globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 78, Outubro 2007: 3-46

_____. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUSA SANTOS, Boaventura de & MENESES, M. P (Org.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina, 2009.

_____. **A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência.** 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **O fim do Império Cognitivo: a afirmação das Epistemologias do Sul.** Almedina: Coimbra, 2018.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **Mundo do cidadão . Um cidadão do mundo.** [S.l: s.n.], 1996.

SUNEGA, F. A. **Mano, falta em você razão para viver: o movimento hip hop e as relações de caráter familiar que se estabelecem no interior desse grupo juvenil.** 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TENNINA, Lúcia. **Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos.** in: Estudos de literatura brasileira contemporânea. Brasília, n. 42, p. 11-28, jul./dez. 2013

TENNINA (Org.) **Saraus: Movimento, Literatura, Periferia, São Paulo.** Buenos Aires: Tinta Limón. 2014.

TENNINA, Lúcia. et al. **Polifonias Marginais.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

VALOURA, Leila de C. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador.** Disponível em: <<http://siteantigo.paulofreire.org/Crpf/CrpfAcervo000120>>.

VAZ, Sérgio. **Cooperifa: antropofagia periférica.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

XAVIER, D. P. **Repensando a periferia no período popular da história: o uso do território pelo movimento Hip Hop.** 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

YOSHINAGA, G. K. **Resistência, Arte e Política: Registro Histórico do Rap no Brasil.** 2001. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2001.

YOSHINAGA, G.K. "**Nelson Triunfo: Do Sertão ao Hip-Hop**". São Paulo, independente, 2012 (no prelo).

DISCOS

- 509-E. **MMII Depois de Cristo**, 2002.
- EMICIDA. **O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui**, 2013.
- FACÇÃO CENTRAL. **Direto do Campo de Extermínio**, 2003.
- FERRÉZ. **Determinação** (2003).
- INQUÉRITO. **Um Segundo é Pouco**, 2008.
- INQUÉRITO. **Mudança**, 2010.
- INQUÉRITO. **Corpo e Alma**, 2014.
- INQUÉRITO. **Tungtênio**, 2018.
- GOG. **Vamos Apagá-los... com o Nosso Raciocínio**, 1993.
- GOG. **Cartão Postal Bomba**, 2009.
- RACIONAIS. **Holocausto Urbano**, 1990.
- RACIONAIS. **Escolha o Seu Caminho**, 1992.
- RACIONAIS. **Sobrevivendo no Inferno**, 1997.
- RZO. **Todos São Manos**, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1 - MANIFESTO PERIFÉRICO

Manifesto Periférico: Pela Lei de Fomento à Periferia

Pra entender os escritos e as vozes do lado de cá, é preciso entender o que vemos como periferia. Periferia é espaço urbano geograficamente identificável, abrigo de classes trabalhadoras, da maioria da população negra, indígenas urbanos e imigrantes, cujos traços culturais são entoados pela heterogeneidade resultante do encontro (nem sempre pacífico) dessa convivência multicultural atravessada pela desigualdade. Periferia, não por acaso, substantivo feminino, no qual se inscreve a história corrente de inúmeras mulheres. Museu sem teto ou paredes, bolsões de expressões ancestrais, tradicionais e experimentações inovadoras, cuja geografia é território, marca identitária e, também, espaço de exclusão econômica, com excesso de polícia e ausência de políticas públicas que procurem agir na resolução das consequências de um processo histórico de brutalidades sociais, desigualdades e injusta distribuição de riquezas.

O termo periferia convocado neste manifesto representa um ato político. Assumi-la como marca identitária significa evidenciar as disparidades sociais, econômicas, geográficas e culturais historicamente impostas, assim como, nesse contexto, considerar a desproporção de verbas públicas destinadas à produção cultural das quebradas. Reconhecer a capacidade de sua população em mediar as contradições por meio da produção cultural e da elaboração cotidiana de mecanismos que garantam a sobrevivência coletiva, é compreender este território periférico como lugar de resistência política. Ainda que as periferias tenham características específicas entre si, a unidade está aí: relacionam-se com a questão urbana em posição de desvantagem política, visto que historicamente os olhos das políticas públicas buscaram privilegiar investimentos nas áreas centrais da cidade, estimulando, mesmo que não intencionalmente, novas lógicas de convivência, sociabilidade e manifestações culturais nos territórios periféricos.

O que buscamos é reparação histórica, é inverter a lógica do mercado. Fundamentados no ponto de vista de quem vive e produz cultura nesse lugar, e por entender a tirania do processo de mercantilização que a tudo padroniza e homogeneiza - que busca transformar em mercadoria toda a produção humana e que, portanto, exerce forte pressão às manifestações culturais nas quebradas para que se transformem em produtos à venda -, reivindicamos do Estado sua contraparte, assegurando políticas públicas que viabilizem nossas práticas artísticas não baseadas no lucro e na exploração; que existam mecanismos de fomento onde a gratuidade seja garantida, a auto sustentabilidade econômica não seja uma meta, a subjetividade não seja tornada mercadoria e que as nossas produções não estejam reféns de um gosto universalizado, tampouco nossas particularidades simbólicas sejam catalogadas como moeda de troca.

O governo do Estado, há cerca de duas décadas, é pautado por políticas neoliberais, sem política pública voltada para grupos culturais ligados a movimentos sociais. Na cidade de São Paulo, embora exista políticas mais arejadas e com maior diálogo com os movimentos, ainda há muito por fazer e avançar. Nossa contribuição parte da premissa de que a discussão sobre financiamento direto, garantido em lei, e descentralização de verbas é necessária e se faz urgente. Defendemos que estados e municípios parem de despejar milhões, fruto de arrecadações dos cidadãos, para pagamento de juros das dívidas - que representa, hoje, 13% do orçamento do município, em detrimento do investimento de apenas 0,7% na cultura (situação repetida nas esferas estaduais e também federal). Essa política

de irresponsabilidade social engessa todos os governos, independentemente da coloração partidária e desconsidera a maior parte da população, a população periférica, produtora das riquezas com a força de seu trabalho e, ao mesmo tempo, distanciada do usufruto desta produção. Enquanto sujeitos periféricos residentes e atuantes às margens, propomos e defendemos a criação de uma Lei de Fomento à Periferia, capaz de estruturar econômica e poeticamente as coletividades das quebradas.

O que é a Lei de Fomento? É uma política de investimento direto, estruturada em lei e com dotação orçamentária própria, cuja iniciativa potencialize a capacidade criativa e a articulação de coletivos periféricos, levando em conta sua pluralidade materializada em poéticas diversas.

A que(m) se destina? É direcionada à produção cultural periférica, cujo protagonismo é o de coletivos culturais com atividades continuadas.

O que apoia? Fomentará pesquisas, criação, formação, difusão e manutenção das atividades artístico-culturais, assim como manutenção dos espaços públicos ociosos por estes coletivos, ocupados e geridos com garantia de autonomia política e administrativa.

No que difere de outras leis e editais? Diferente de outras iniciativas também importantes como o VAI II e os Pontos de Cultura, por contemplar não somente sedes "pontos específicos" e por dispor de maior aporte econômico às parcelas contempladas. A Lei de Fomento à Periferia cobre uma lacuna que inviabiliza os saltos poéticos a que estamos inscritos.

Ou seja, trata-se de uma política pública proposta e produzida por agentes culturais periféricos, de modo a distanciar-se da lógica mercantilista, do caráter eventual das ações culturais e da competitividade desigual dos editais, considerando a cultura direito humano, garantindo a descentralização dos recursos e a produção cultural autônoma, singular e continuada, orientada pelas relações estabelecidas por/entre agentes culturais e suas comunidades. É nós por nós!

Fórum de Cultura da Zona Leste, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - TABELA - POESIS

MAPA POESIS 2010	
NOME DO SARAU	ENDEREÇO
SARAU DA CASA	Av. Paulista, 37 - Bela Vista - São Paulo
SARAU POETAS DA CASA	Casa das Rosas. Av. Paulista, 37- Bela Vista
QUINTA POÉTICA	Av. Paulista, 37 - Bela Vista
SARAU DO BINHO	Rua Santa Luzia, 96 - Taboão da Serra-SP
SARAU DO BURRO	Casa Nilo - R. Nilo, 132 - Aclimação
SARAU DA CASA DO POETA "LAMPIÃO DE GÁS"	R. Álvares Machado, 22 - 1º andar - Liberdade
SARAU QUATRO DEDOS DE PROSA	Pça. IV Centenário, s/n Santo André (SP)
POLITEAMA - SARAU DIVERSO	R. Fidalga, 32 - Vila Madalena
SARAU DO METRÔ	Estação Santa Cecília do Metrô Largo Santa Cecília, s/nº
SARAU ZERO	R. Goiás, 167 - Pacaembu
SARAU CHAPARRAL	R. Lasar Segall, 161 - Cercado Grande Embu das Artes-SP
EKO MÚSICA E POESIA	R. Fradique Coutinho, 914 - Vila Madalena
NOITES NA TAVERNA - SARAU DO CENTRO DA TERRA	R. Piracuama, 19 - Sumaré
SARAU FEMINA ARTE	Praça Elis Regina, 68 - Butantã
ZAP-ZONA AUTÔNOMA DA PALAVRAS	Rua Dr. Augusto de Miranda 786 - Pompéia
SARAU DA CESTA	Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 - Cidade Universitária
SARAU VILA FUNDÃO	R. Glenn, s/nº - Capão Redondo
SARAU DA FUNDAÇÃO CASA	Av. Morvan Dias de Figueiredo, 4222 - Vila Maria
SARAU FOGUEIRA, LITERATURA E PIPOCA	R. Katisutosh Naito, 957 - Boa Vista - Suzano-SP
SARAU DO CHARLES	R. Jericó, 256 - Pinheiros
SARAU AUTORIA JOVEM	R. Mário Dallari, 170 - Jd. São Vicente
SARAU SOPA DE LETRINHAS	Conselheiro Carrão, 451- Bela Vista
GRANDE SARAU ATREVIDA	Av. Aymarã, s/no - Parque Pirajuçara Embu das Artes - SP
SARAU POÉTICO E MUSICAL	R. Ibituruna, 550 - Saúde. SÃO PAULO
SARAU CAFÉ COM POESIA	Av. Celso Garcia, 4142 - Tatuapé. São Paulo

SARAU DO POVO	Rua São Bento, 46 Casa Grande, Diadema-SP
SARAU PAVIO DA CULTURA	R. Benjamin Constant, 682 - Centro - Suzano (SP)
SARAU O QUE DIZEM OS UMBIGOS?	Rua José Cardoso Pimentel, 1B - Itaim Paulista
SARAU CIRANDA CULTURAL	R. Costa Barros, 235 - Vila Alpina
SARAU ESPAÇO VOLUME 10	R. Eduardo Sanchez, 1.148 - Cidade Tiradentes - SP
SARAU POVO BRASILEIRO	R. Ari da Rocha Miranda, 36 - Jova Rural - SP
SARAU CULTURAL DO EDUCAFRO	Estrada do Capão Bonito, 53 - Guarulhos (SP)
SARAU DO CEU ALVARENGA	Estrada do Alvarenga, 3752 - Pedreira - SP
SARAU PALMARINO	Rua Campos Sales, 12. Presidente Kennedy. Embu das Artes - SP
MOVIMENTO POÉTICO NACIONAL	R. dos Bogaris, 183 - Mirandópolis
ESPAÇO CULTURAL SARAU DA AMIZADE	R. Caetano Pinto, 547 - Brás
SARAU CHAMA POÉTICA	Museu da Língua Portuguesa - Estação da Luz, s/n
SARAU GRIOTS	R. Padre Virgílio Campello, 150 - Encosta Norte - Itaim Paulista
SARAU LÍTERO-MUSICAL DO ALBERICO	Praça Benedito Calixto, 159 - Pinheiros
SARAU DE ARTE E POESIA	Av. Antônio Roberto, 218 Centro - Carapicuíba (SP)
VARAL DE POESIAS DO MOVIMENTO POÉTICO	R. Tuiuti, 515 - Parque do Piqueri - Tatuapé
RÉCITA MALOQUEIRISTA	Praça Franklin Roosevelt, 158 - Centro
SARAU ENCONTRO DAS UTOPIAS	Rua Rui Barbosa, 269, Bela Vista. SÃO PAULO
SARAU DE ONTEM	Rua Cardeal Arcoverde, 1761 - Pinheiros
SARAU DA CAMARILHA	Sem endereço
SARAUS DO INTERIOR DE SÃO PAULO	
SARAU DA POESIA VIVA	Rua Floriano Peixoto, 38. Itu-SP
SARAUJEMA	Praça Chico Vieira s/n
SARAU CULTURAL LÍTERO-MUSICAL	Sem endereço
SARAUS DO LITORAL DE SÃO PAULO	
SEXTA-SARAU	Rua Cunha Moreira, 71. Itanhaém-SP
SARAU CAIÇARA	Av. Bartolomeu de Gusmão, 15. Santos-SP

APÊNDICE 2 - TABELA - AGENDA DA PERIFERIA

AGENDA DA PERIFERIA - 2007 A 2017			
ANO	EDIÇÕES	SARAU	ENDEREÇO
2007	7 edições	PAVIO DA CULTURA	Rua Benjamin Constant, 682 - Centro - Suzano
2007	3 edições	POESIA DAS RUAS	Rua General Jardim, 660 - Vila Buarque
2007	2 edições	SAR'ALL - O SARAU DO PROJETO ALL	Rua 5, 140 - Arujá
2007	2 edições	SARAU CCJ	Av. Deputado Emílio Carlos, 3641 - Vila Nova Cachoeirinha
2007	10 edições	SARAU DA COOPERIFA	Rua Bartolomeu dos Santos - 797 - Chácara Santana
2007	7 edições	SARAU DO BINHO	Rua Avelino Lemos Jr., 60 - Campo Limpo
2007	4 edições	SARAU DO CASULO	Rua Paulo Bourroul, 100 - Real Parque
2007	3 edições	SARAU DO ELO INCANDESCENTE CONVIDA TROUPOETAS	Rua dos Samurais, 754 - Vila Maria Escondida
2007	7 edições	SARAU ELO DA CORRENTE	Rua Jurubim, 788 A - Pirituba
2007	2 edições	SARAU GRIOTS	Rua Angelo Stefani, 12 - Jardim das Oliveiras
2007	3 edições	SARAU NO ESPAÇO CULTURAL DO ZÉ	Rua Caetano Pinto, 547 - Brás
2007	10 edições	SARAU NO MALOCA	Rua Particular, 556 - Parque Bristol - Zona Sul
2007	2 edições	SARAU PROJETO TREME TERRA	Rua Padre Justino, 653 - Morro do Querosene
2007	4 edições	SARAU RESISTÊNCIA E OUSADIA	Rua Dr. José Maciel, 584 - Jardim Maria Rosa - Taboão da Serra
2007	3 edições	SARAUBADO MATATU CHEIO	Av. Sara Kubitschek, 165
2008	5 edições	ENCONTRO COM AUTOR	Rua Nogueira Viotti, 56 - Itaim Paulista
2008	4 edições	FOGUEIRA, LITERATURA E PIPOCA	Rua Katisutoshi Naito, 957 - Suzano

2008	11 edições	LITERATURA DA ASSESA	Praça Francisco Ferreira, s/n - Santo Amaro
2008	11 edições	PAVIO DA CULTURA	Rua Benjamin Constant, 682 - Centro - Suzano
2008	4 edições	PAVIO ERÓTICO	Rua Benjamin Constant, 682 - Centro - Suzano
2008	2 edições	QUATRO DEDOS DE PROSA	Praça IV Centenário, s/n - Centro - Santo André
2008	2 edições	QUINTASOITO	Rua Santa Luzia, 96 - Taboão da Serra
2008	4 edições	SAR'ALL - O SARAU DO PROJETO ALL	Praça Benedito Ferreira Franco, s/n - Centro - Arujá
2008	4 edições	SARAU CULTURAL	Rua Mário Dallari, 170 - Jd. São Vicente - São Miguel Paulista
2008	2 edições	SARAU DA ADEMAR	Rua Publio Pimentel, 65 - Cidade Ademar
2008	11 edições	SARAU DA COOPERIFA	Rua Bartolomeu dos Santos - 797 - Chácara Santana
2008	11 edições	SARAU DO BINHO	Rua Avelino Lemos Jr., 60 - Campo Limpo
2008	4 edições	SARAU DO CALDO	Rua Particular, 556 - Parque Bristol - Zona Sul
2008	7 edições	SARAU DO RAP	Rua General Jardim, 660 - Vila Buarque
2008	11 edições	SARAU ELO DA CORRENTE	Rua Jurubim, 788 A - Pirituba
2008	2 edições	SARAU GRIOTS	Rua Angelo Stefani, 12 - Jardim das Oliveiras
2008	8 edições	SARAU NO ALBERGUE SANTO DIAS	Rua Suzana Rodrigues, 135 - Santo Amaro
2008	5 edições	SARAU NO PAIDEIA	Rua Darwin, 131 - Santo Amaro
2008	2 edições	SARAU POESIA NA BRASA	Rua Parapuã, 1692 - Brasilândia
2008	2 edições	SURBURBANO NO CENTRO	Rua Álvares Machado, 42 - Liberdade
2008	2 edições	VARAL LITERÁRIO	Rua Katisutoshi Naito, 957 - Suzano
2009	3 edições	ENCONTRO COM AUTOR	Rua Nogueira Viotti, 56 - Itaim Paulista
2009	7 edições	FOGUEIRA, LITERATURA E PIPOCA	Rua Katisutoshi Naito, 957 - Suzano
2009	10 edições	PAVIO DA CULTURA	Rua Benjamin Constant, 682 - Centro - Suzano
2009	4 edições	PAVIO ERÓTICO	Rua Benjamin Constant, 682 - Centro - Suzano

2009	2 edições	QUATRO DEDOS DE PROSA	Praça IV Centenário, s/n - Centro - Santo André
2009	4 edições	SARAU COMUNITÁRIO JUNTANDO A MASSA	Rua Pacuã, 101 - Jd. São Bento Novo
2009	5 edições	SARAU CULTURAL	Rua Mário Dallari, 170 - Jd. São Vicente - São Miguel Paulista
2009	11 edições	SARAU DA ADEMAR	Rua Publio Pimentel, 65 - Cidade Ademar
2009	11 edições	SARAU DA COOPERIFA	Rua Bartolomeu dos Santos - 797 - Chácara Santana
2009	8 edições	SARAU DE ARTE E POESIA	Rua Antonio Roberto, 218 - Centro - Carapicuíba
2009	11 edições	SARAU DO BINHO	Rua Avelino Lemos Jr., 60 - Campo Limpo
2009	8 edições	SARAU DO POVO	Rua São Bento, 46 - Diadema
2009	2 edições	SARAU DO RAP	Rua General Jardim, 660 - Vila Buarque
2009	11 edições	SARAU ELO DA CORRENTE	Rua Jurubim, 788 A - Pirituba
2009	2 edições	SARAU ESPAÇO VOLUME 10	Rua Eduardo Sanchez, 1148 - Cidade Tiradentes
2009	6 edições	SARAU NO ALBERGUE SANTO DIAS	Rua Suzana Rodrigues, 135 - Santo Amaro
2009	10 edições	SARAU POESIA NA BRASA	Rua Parapuã, 1692 - Brasilândia
2009	4 edições	TENDA LITERÁRIA	Praça Presidente Vargas, s/n - Centro - Guaianazes
2009	4 edições	VARAL LITERÁRIO	Rua Avelino Lemos Jr., 60 - Campo Limpo
2009	2 edições	ZAP! BATALHA DE POESIA	Rua Dr. Augusto Miranda, 786 - Pompeia
2010	2 edições	ENCONTRO DE ESCRITORES CORDELISTAS	Rua Paul Eiró, 525 - Santo Amaro
2010	6 edições	FEMINA ARTE	Praça Elis Regina, 68 - Vila Gomes
2010	9 edições	PAVIO DA CULTURA	Rua Benjamin Constant, 682 - Centro - Suzano
2010	2 edições	POESIA DE ESQUINA	Rua Antonio Esper, 95 - Jd. São Luiz

2010	3 edições	SARAU COMUNITÁRIO JUNTANDO A MASSA	Rua Pacuã, 101 - Jd. São Bento Novo
2010	4 edições	SARAU CULTURAL - AUTORIA JOVEM	Rua Mário Dallari, 170 - Jd. São Vicente - São Miguel Paulista
2010	7 edições	SARAU DA ADEMAR	Rua Luis Cruls, 60 - Cidade Ademar
2010	11 edições	SARAU DA COOPERIFA	Rua Bartolomeu dos Santos - 797 - Chácara Santana
2010	5 edições	SARAU DE ARTE E POESIA	Próximo ao Ginásio Trancredo Neves - Carapicuíba
2010	11 edições	SARAU DO BINHO	Rua Avelino Lemos Jr., 60 - Campo Limpo
2010	6 edições	SARAU DOS MESQUITEIROS	Rua Venceslau Guimarães, 581
2010	11 edições	SARAU ELO DA CORRENTE	Rua Jurubim, 788 A - Pirituba
2010	2 edições	SARAU LITERATURANOSSA	Rua Bandeirantes, 606 - Jd. Revista - Suzano
2010	11 edições	SARAU PALMARINO	Rua Campos Sales, 12 - Presidente Kennedy - Embu das Artes
2010	11 edições	SARAU POESIA NA BRASA	Rua Professor Viveiros Raposo, 234 - Brasilândia
2010	2 edições	SARAU SARACURA	Av. Olga Fadel Abarca, s/n - Jd. Santa Terezinha
2010	5 edições	SARAU SUBURBANO	Rua Barão de Alagoas, 340 - Itaim Paulista
2010	10 edições	SARAU VILA FUNDÃO	Rua Glenn, s/n - Capão Redondo
2011	3 edições	COMUNIDADE DO CONTO	Rua Bandeirantes, 606 - Jd. Revista - Suzano
2011	11 edições	PAVIO DA CULTURA	Rua Benjamin Constant, 682 - Centro - Suzano
2011	5 edições	SARAU COM ELAS	Estrada do Campo Limpo, s/n - Campo Limpo
2011	11 edições	SARAU DA ADEMAR	Rua Professor Felício Cintra do Prado, 130 - Cidade Ademar
2011	11 edições	SARAU DA COOPERIFA	Rua Bartolomeu dos Santos - 797 - Chácara Santana
2011	2 edições	SARAU DA EDUCAÇÃO E CULTURA	Av. Marechal Rondon, 263 - Osasco
2011	3 edições	SARAU DA ROÇA	Km 43 da Rodovia Anhanguera - sentido São Paulo

2011	11 edições	SARAU DO BINHO	Rua Avelino Lemos Jr., 60 - Campo Limpo
2011	9 edições	SARAU DOS MESQUITEIROS	Rua Venceslau Guimarães, 581
2011	11 edições	SARAU ELO DA CORRENTE	Rua Jurubim, 788 A - Pirituba
2011	9 edições	SARAU LITERATURANOSSA	Rua Bandeirantes, 606 - Jd. Revista - Suzano
2011	4 edições	SARAU O QUE DIZEM OS UMBIGOS?!	Rua Barão de Alagoas, 340 - Itaim Paulista
2011	8 edições	SARAU PALMARINO	Rua Campos Sales, 12 - Presidente Kennedy - Embu das Artes
2011	9 edições	SARAU PERIFATIVIDADE	Rua Nossa Senhora da Saúde, 1007 - Vila Mercês
2011	11 edições	SARAU POESIA NA BRASA	Rua Professor Viveiros Raposo, 234 - Brasilândia
2011	11 edições	SARAU VILA FUNDÃO	Rua Glenn, s/n - Capão Redondo
2011	3 edições	TER SARAU	Estrada das Lágrimas, 2461 - Heliópolis
2012	11 edições	PAVIO DA CULTURA	Rua Benjamin Constant, 682 - Centro - Suzano
2012	3 edições	SARAU BECO DOS POETAS	Av. Engenheiro Armando de Arruda Pereira, 5241 - Jabaquara
2012	4 edições	SARAU D´QUILO	Travessa Cambaratiba, portão 5 - Beco da Cultura
2012	7 edições	SARAU DA ADEMAR	Rua Professor Felicio Cintra do Prado, 130 - Cidade Ademar
2012	6 edições	SARAU DA CASA	Rua Urso, 61 - Jd. Independência II - Embu das Artes
2012	11 edições	SARAU DA COOPERIFA	Rua Bartolomeu dos Santos - 797 - Chácara Santana
2012	6 edições	SARAU DE PARAISÓPOLIS	Rua Ernest Renan, 1068 - Paraisópolis
2012	7 edições	SARAU DO BINHO	Rua Avelino Lemos Jr., 60 - Campo Limpo
2012	5 edições	SARAU DOS MESQUITEIROS	Rua Venceslau Guimarães, 581
2012	9 edições	SARAU ELO DA CORRENTE	Rua Jurubim, 788 A - Pirituba
2012	6 edições	SARAU LITERARUA	Rua Francisco da Cruz Meão, 27 - Ypê - Campo Limpo

2012	8 edições	SARAU LITERATURANOSSA	Rua Bandeirantes, 606 - Jd. Revista - Suzano
2012	2 edições	SARAU O QUE DIZEM OS UMBIGOS?!	Rua Barão de Alagoas, 340 - Itaim Paulista
2012	5 edições	SARAU PALMARINO	Rua Campos Sales, 12 - Presidente Kennedy - Embu das Artes
2012	7 edições	SARAU PERIFATIVIDADE	Rua Nossa Senhora da Saúde, 1007 - Vila Mercês
2012	8 edições	SARAU POESIA NA BRASA	Rua Professor Viveiros Raposo, 234 - Brasilândia
2012	3 edições	SARAU QUINTA EM MOVIMENTO	Rua José Pedro de Borba, 20 - Jd. Novo Parelheiros
2012	8 edições	SARAU VILA FUNDÃO	Rua Glenn, s/n - Capão Redondo
2012	3 edições	SLAM DA GUILHERMINA	Metrô Guilhermina - Esperança
2012	11 edições	TER SARAU	Estrada das Lágrimas, 2461 - Heliópolis
2013	4 edições	COMUNIDADE DO CONTO	Rua Guarani, 979 - Jd. Revista - Suzano
2013	6 edições	RODA DE POESIA CAPS	Rua Professor Oscar Barreto Filho, 350 - Grajaú
2013	10 edições	SARAU ART TUDE	Rua Nossa Senhora da Saúde, 1007 - Vila Mercês
2013	10 edições	SARAU BECO DOS POETAS	Av. Engenheiro Armando de Arruda Pereira, 5241 - Jabaquara
2013	2 edições	SARAU DA ADEMAR	Rua Professor Felicio Cintra do Prado, 130 - Cidade Ademar
2013	11 edições	SARAU DA COOPERIFA	Rua Bartolomeu dos Santos - 797 - Chácara Santana
2013	5 edições	SARAU DA MADRUGADA	Av. Vereador João Lucca, 41, Cupecê
2013	10 edições	SARAU DE PARAISÓPOLIS	Rua Ernest Renan, 1068 - Paraisópolis
2013	11 edições	SARAU DO BINHO	Rua Santa Luzia, 96 - Taboão da Serra
2013	2 edições	SARAU DO SINO	Rua Jacob, 223 - Jd. Tranquilidade - Guarulhos
2013	5 edições	SARAU DO VINIL	Av. Yervant Kissajikian, 1439 - Vila Joaniza
2013	10 edições	SARAU DOS MESQUITEIROS	Rua Venceslau Guimarães, 581

2013	9 edições	SARAU ELO DA CORRENTE	Rua Jurubim, 788 A - Pirituba
2013	3 edições	SARAU LITERARUA	Rua Francisco da Cruz Meão, 27 - Ypê - Campo Limpo
2013	3 edições	SARAU LITERATURANOSSA	Rua Guarani, 979 - Jd. Revista - Suzano
2013	2 edições	SARAU MAGOMA	Rua Andorinha dos Verais, 413 - Jd. Santo Eduardo
2013	9 edições	SARAU O QUE DIZEM OS UMBIGOS?!	Rua José Cardoso Pimentel, 01 - Itaim Paulista
2013	8 edições	SARAU PALMARINO	Rua Campos Sales, 12 - Presidente Kennedy - Embu das Artes
2013	4 edições	SARAU PENSAMENTO	Praça Ivan Braga de Oliveira, s/n - Embu Guaçu
2013	11 edições	SARAU PERIFATIVIDADE	Rua Nossa Senhora da Saúde, 1007 - Vila Mercês
2013	9 edições	SARAU POESIA NA BRASA	Rua Professor Viveiros Raposo, 234 - Brasilândia
2013	11 edições	SARAU SOBRENOME LIBERDADE	Rua Manoel de Lima, 178 - Jordanópolis
2013	11 edições	SARAU SUBURBANO	Rua 13 de Maio, 70 - 2º andar - Bixiga
2013	5 edições	SLAM DA GUILHERMINA	Metrô Guilhermina - Esperança
2013	6 edições	VERSOS EM VERSOS	Rua Domingos Marques, 104 - Jd. Monte Azul
2013	8 edições	ZAP! BATALHA DE POESIA	Rua Dr. Augusto Miranda, 786 - Pompeia
2014	2 edições	RODA DE POESIA CAPS	Rua Professor Oscar Barreto Filho, 350 - Grajaú
2014	2 edições	RODA DE POESIA CAPS	Rua Professor Oscar Barreto Filho, 350 - Grajaú
2014	2 edições	SARAU ART TUDE	Rua Nossa Senhora da Saúde, 1007 - Vila Mercês
2014	7 edições	SARAU BECO DOS POETAS	Av. Engenheiro Armando de Arruda Pereira, 5241 - Jabaquara
2014	2 edições	SARAU COMUNGAR	Rua Cônego José Maria Fernandes, 128 - São Mateus
2014	6 edições	SARAU DA ADEMAR	Rua Professor Felicio Cintra do Prado, 130 - Cidade Ademar
2014	9 edições	SARAU DA COOPERIFA	Rua Bartolomeu dos Santos - 797 - Chácara Santana

2014	6 edições	SARAU DA MADRUGADA	Av. Vereador João Lucca, 41, Cupecê
2014	8 edições	SARAU DE PARAISÓPOLIS	Rua Ernest Renan, 1068 - Paraisópolis
2014	10 edições	SARAU DO BINHO	Rua Santa Luzia, 96 - Taboão da Serra
2014	3 edições	SARAU DO FORUM	Rua Jurubatuba, 1610 - Centro - São Bernardo do Campo
2014	6 edições	SARAU DO GRAJAÚ	Rua Antonio Comenale, 166 - Grajaú
2014	9 edições	SARAU DO VINIL	Av. Yervant Kissajikian, 1439 - Vila Joaniza
2014	4 edições	SARAU DOS MESQUITEIROS	Rua Venceslau Guimarães, 581
2014	7 edições	SARAU ELO DA CORRENTE	Rua Jurubim, 788 A - Pirituba
2014	2 edições	SARAU LITERARUA	Rua Francisco da Cruz Meão, 27 - Ypê - Campo Limpo
2014	3 edições	SARAU LITERARUA	Rua Francisco da Cruz Meão, 27 - Ypê - Campo Limpo
2014	6 edições	SARAU MAGOMA	Rua Andorinha dos Verais, 413 - Jd. Santo Eduardo
2014	7 edições	SARAU O QUE DIZEM OS UMBIGOS?!	Rua José Cardoso Pimentel, 01 - Itaim Paulista
2014	3 edições	SARAU PALMARINO	Rua Campos Sales, 12 - Presidente Kennedy - Embu das Artes
2014	2 edições	SARAU PERIFATIVIDADE	Rua Nossa Senhora da Saúde, 1007 - Vila Mercês
2014	9 edições	SARAU POESIA NA BRASA	Rua Parapuã, 1692 - Brasilândia
2014	7 edições	SARAU PRETO NO BRANCO	Rua Doutor Benedito de Arruda Vianna, 126 - Jd. São Francisco de Assis
2014	4 edições	SARAU SOBRENOME LIBERDADE	Rua Manoel de Lima, 178 - Jordanópolis
2014	9 edições	SARAU SUBURBANO	Rua 13 de Maio, 70 - 2º andar - Bixiga
2014	3 edições	VERSOS EM VERSOS	Rua Domingos Marques, 104 - Jd. Monte Azul
2015	7 edições	RODA DE POESIA CAPS	Rua Professor Oscar Barreto Filho, 350 - Grajaú
2015	7 edições	SARAU BECO DOS POETAS	Av. Engenheiro Armando de Arruda Pereira, 5241 - Jabaquara

2015	7 edições	SARAU DA MADRUGADA	Av. Vereador João Lucca, 41, Cupecê
2015	3 edições	SARAU DA MARIQUINHA	Rua Alfredo Cardoso, 2 - Largo Bom Jesus
2015	8 edições	SARAU DA PONTE PRA CÁ	Rua Ivar Hockman, 97 - Campo Limpo
2015	3 edições	SARAU DA ROÇA	Av. das Nascentes, 558 - Jd. São Benedito - Cajamar
2015	9 edições	SARAU DE PARAISÓPOLIS	Rua Ernest Renan, 1068 - Paraisópolis
2015	8 edições	SARAU DO BINHO	Rua Santa Luzia, 96 - Taboão da Serra
2015	4 edições	SARAU DO GRAJAÚ	Rua Antonio Comenale, 166 - Grajaú
2015	3 edições	SARAU DO Ó	Rua Matriz de Nossa Senhora do Ó, 215 - Freguesia do Ó
2015	6 edições	SARAU DO VINIL	Av. Yervant Kissajikian, 1439 - Vila Joaniza
2015	7 edições	SARAU ELO DA CORRENTE	Rua Jurubim, 788 A - Pirituba
2015	2 edições	SARAU ENCONTRO DAS UTOPIAS	Rua General Jardim, 660 - Vila Buarque
2015	8 edições	SARAU LITERATURANOSSA	Rua Cumbica, 630 - Jd. Revista - Suzano
2015	4 edições	SARAU MAGOMA	Rua Partipação, 704 - Parque Fernanda
2015	2 edições	SARAU NA ESQUINA	Av. das Palmeiras - Parelheiros
2015	9 edições	SARAU PALMARINO	Rua Campos Sales, 12 - Presidente Kennedy - Embu das Artes
2015	3 edições	SARAU PERIFATIVIDADE	Rua Memorial de Engenho, 480 - Jd. São Savério
2015	8 edições	SARAU POESIA NA BRASA	Rua Professor Viveiros Raposo, 234 - Brasilândia
2015	2 edições	SARAU PORTAS ABERTAS	Rua Capitão Antonio Ribeiro da Costa, 375 - Jd. Angélica II - Guarulhos
2015	9 edições	SARAU PRETO NO BRANCO	Rua Doutor Benedito de Arruda Vianna, 126 - Jd. São Francisco de Assis
2015	5 edições	SARAU SOBRENOME LIBERDADE	Rua Manoel de Lima, 178 - Jordanópolis
2015	8 edições	SARAU SUBURBANO	Rua 13 de Maio, 70 - 2º andar - Bixiga

2015	5 edições	SARAU URBANISTA CONCRETO	Rua Cinira Polônio, 100 - Jd. Rio Claro
2015	6 edições	SLAM DO GRITO	Estação Sacomã
2015	3 edições	SLAM GRITO	Estação Sacomã
2015	2 edições	ZAP! BATALHA DE POESIA	Praça Franklin Roosevelt, 210 - Consolação - São Paulo - SP
2016	3 edições	COMUNIDADE DO CONTO	Av. Mogi das Cruzes, 1001 - Jd. Imperador
2016	3 edições	RODA DE POESIA CAPS	Rua Professor Oscar Barreto Filho, 350 - Grajaú
2016	6 edições	SARAU BECO DOS POETAS	Av. Engenheiro Armando de Arruda Pereira, 5241 - Jabaquara
2016	9 edições	SARAU DA MADRUGADA	Av. Vereador João Lucca, 41, Cupecê
2016	5 edições	SARAU DA PONTE PRA CÁ	Rua Aroldo de Azevedo - Praça do Campo Limpo - Campo Limpo
2016	2 edições	SARAU DAS PRETAS	Rua Clélia, 93 - Barra Funda
2016	7 edições	SARAU DE PARAISÓPOLIS	Rua Ernest Renan, 1068 - Paraisópolis
2016	8 edições	SARAU DO BINHO	Rua Santa Luzia, 96 - Taboão da Serra
2016	5 edições	SARAU DO VINIL	Av. Yervant Kissajikian, 1439 - Vila Joaniza
2016	8 edições	SARAU ELO DA CORRENTE	Rua Jurubim, 788 A - Pirituba
2016	7 edições	SARAU LITERATURANOSSA	Rua Cumbica, 630 - Jd. Revista - Suzano
2016	2 edições	SARAU MAGOMA	Rua Participação, 14 - Pq. Fernanda
2016	2 edições	SARAU NO MEIO DO MUNDO	Praça Com. Eduardo de Oliveira, 100 - Pq. Edu Chaves
2016	3 edições	SARAU OESTE - URBANIDADES	Av. Sport Club Corinthians Paulista, 1300 - Jd. das Flores - Osasco
2016	9 edições	SARAU PALMARINO	Rua Campos Sales, 12 - Presidente Kennedy - Embu das Artes
2016	3 edições	SARAU POESIA NA BRASA	Rua Parapuã, 1692 - Brasilândia
2016	6 edições	SARAU PRETAS PERI	Rua Vicente Reis com a Manoel Alvares Pimentel, s/n - Jd. Camargo Velho - Itaim Paulista

2016	6 edições	SARAU PRETO NO BRANCO	Rua Doutor Benedito de Arruda Vianna, 126 - Jd. São Francisco de Assis
2016	2 edições	SARAU RESISTÊNCIA PRETA	Rua Inácio Monteiro, altura nº 6900 - Inácio Monteiro
2016	6 edições	SARAU SUBURBANO	Rua 13 de Maio, 70 - 2º andar - Bixiga
2016	3 edições	SARAU URBANISTA CONCRETO	Rua Francisco Lobo, 10 - Pq. São Rafael
2016	3 edições	SLAM DA GUILHERMINA	Metrô Guilhermina - Esperança
2016	3 edições	SLAM DAS MINAS	Rua Alcides de Queirós, 161 - Santo André
2017	2 edições	RODA DE POESIA CAPS	Rua Professor Oscar Barreto Filho, 350 - Grajaú
2017	5 edições	SARAU BECO DOS POETAS	Av. Engenheiro Armando de Arruda Pereira, 5241 - Jabaquara
2017	7 edições	SARAU DA MADRUGADA	Av. Vereador João Lucca, 41, Cupecê
2017	4 edições	SARAU DO BINHO	Rua Santa Luzia, 96 - Taboão da Serra
2017	3 edições	SARAU DO VINIL	Av. Yervant Kissajikian, 1439 - Vila Joaniza
2017	4 edições	SARAU ELO DA CORRENTE	Rua Jurubim, 788 A - Pirituba
2017	4 edições	SARAU LITERATURANOSSA	Rua Bandeirantes, 606 - Jd. Revista - Suzano
2017	5 edições	SARAU PALMARINO	Rua Campos Sales, 12 - Presidente Kennedy - Embu das Artes
2017	2 edições	SARAU POESIA NA BRASA	Rua Parapuã, 1692 - Brasilândia
2017	4 edições	SARAU PRETAS PERI	Rua Vicente Reis com a Manoel Alvares Pimentel, s/n - Jd. Camargo Velho - Itaim Paulista
2017	3 edições	SARAU SUBURBANO	Rua 13 de Maio, 70 - 2º andar - Bixiga
2017	4 edições	SARAU URBANISTA CONCRETO	Rua Francisco Lobo, 10 - Pq. São Rafael
2017	4 edições	SLAM DA GUILHERMINA	Metrô Guilhermina - Esperança
2017	2 edições	SLAM DAS MINAS	Rua Algard, 82 - Conj. Habitacional Jd. São Bento
2017	3 edições	SLAM PETISCO	Rua Nova Louzã, 66 - Ipiranga

2017	2 edições	VERSOS EM VERSOS - HERDEIRAS DE AQUALTUNE	Av. Comendador Santana, 275 - Capão Redondo
------	-----------	--	---

APÊDICE 3 - TABELAS PROAC

TABELA 1 – Saraus não contemplados no PROAC Saraus 2014

NOME DO SARAU - NÃO CONTEMPLADOS (27)	ENDEREÇO
SARAU NA QUINTA	R. Mal. Deodoro da Fonseca - Centro, Salto - SP
PROGRAMAÇÃO DA CASA - CENTRO SUZUKI DE EDUCAÇÃO MUSICAL	Rua Ambrosina de Macedo, 142 - Vila Mariana - São Paulo - SP
BAK! SARAU CULTURAL	Av. Furtado Mendonça, 425 - Parque Colonial - São Paulo - SP
PANACEIA ARTES SARAU	Praça Expedicionários, 87 - Sabaúna, Mogi das Cruzes
PROJETO ALBERTO SEABRA 1128	Rua Japuanga 38 - Vila Ida - São Paulo - SP
RÉCITA MALOQUEIRISTA REVISITA LIRA	Nossacasa Confraria das Ideias - Rua Mourato Coelho, 1032 - Pinheiros - São Paulo - SP
SAPIRANGA CONVIDA PARA CONHECER O BRASIL	Av. Auro de Moura Andrade, 664 - Barra Funda - São Paulo - SP
SARAU A VOZ DO POVO	Rua Bernardo Nunes, 93 - Jd. Helga - São Paulo - SP
SARAU AFROBASE	Avenida José Joaquim Seabra, 856, São Paulo - SP
SARAU COOPERMUSP	Rua John Adams, 50 - Jardim São Bento - São Paulo - SP
SARAU DA COISA	Circula em Jundiaí, Vázea Paulista e Campo Limpo Paulista
SARAU DA EDUCAÇÃO E CULTURA	Av. Marechal Rondon, 263 - Osasco - SP
SARAU DA TIDUCA	Praça Theodolina Gomes (Tiduca) Rua do Artesão - Cananéia - SP
SARAU DE HISTÓRIAS - SARAUS NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE GUARULHOS	Com mais frequência na Biblioteca Monteiro Lobato - Rua João Gonçalves, 439 - Centro - Guarulhos - SP
SARAU DO BURRO - NOLOMBO	A7MA - Rua Harmonia, 95 - Sumarezinho - São Paulo - SP
SARAU DO CHARLES- 19 ANOS DE HISTÓRIA	R. Fidalga, 986 - Pinheiros, São Paulo - SP
SARAU DO MANOLO - DE QUEBRADA EM QUEBRADA	Rua Pacaembu, 65 - Jardim Imperial - Atibaia - SP
SARAU DO QUERÔ	Rua Padre Justino, 653 - Vila Pirajussara - São Paulo - SP
SARAU DOS CONVERSADORES	Rua 002, Alameda Lorena, 1731 - Jardim Paulista, São Paulo - SP
SARAU GRUPO DE CHORO, SERESTA E SERENATA DE SÃO ROQUE	Rua Rui Barbosa, 277 - Centro - São Roque - SP
SARAU LITERO CULTURAL POEMAS À FLOR DA PELE	Rua Vergueiro, 1000 - Paraíso, São Paulo - SP
ZAP! - ZONA AUTÔNOMA DA PALAVRA	Rua Augusto de Miranda, 786 - Pompéia - São Paulo - SP
SARAU MATINAL BECO DOS POETAS	CEU Caminho do Mar - Av. Engenheiro Armando de Arruda Pereira, 5241 - Jd. Lourdes - São Paulo - SP
SARAU NA QUEBRADA	R. Galiléia, 131 - Jardim Santo André, Santo André - SP
SARAU PONTO & VIRGULA	Rua Duque de Caxias, 1313 - Centro, 14015-020 Ribeirão Preto - SP
SARAU RASA	Rua Heitor Penteado, 220/236 - estúdio 16 - São Paulo - SP
SARAU VEREDA VIOLEIRA	Rua Dr. Franklin Pizá, 107 - Vila Gomes - São Paulo - SP

NÃO CONTEMPLADOS (22)	SEM ENDEREÇO
SARAU! SERANUS NA SERRA.	Sem informações
PROJETO DE ESTÍMULO A LEITURA ATRAVÉS DE SARAUS E ATIVIDADES	Sem informações
SARAUS CULTURAIS DE ARTE INTEGRADA	Sem informações
SÉRIE [IBR]	Sem informações
A VIOLA NA FÉ, NO AMOR E NA DOR	Sem informações
PLURISARAU	Sem informações
SARAU DAS CIRANDAS: PARQUE DA ARTE. PRAÇA DO POVO.	Sem informações
VAMOS PROSEAR/FAVELA NÃO... COMUNIDADE	Sem informações
BATIDA NAS ARTES	Sem informações
CANTO DA CIDADE	Sem informações
CIDADÃO DA ARTE	Sem informações
CONTADORES E CANTADORES	Sem informações
CULPER CULTURA NA PERIFERIA	Sem informações
NOITES DE CINEMA E FOTOGRAFIA	Sem informações
NU-MORRO	Sem informações
O CHÃO DA MINHA TERRA	Sem informações
PAÍSES EM PROSA	Sem informações
SARAU A.B.C	Sem informações
SARAU BATUQUE DE MARGEM	Sem informações
SARAU BOA PRAÇA - OCUPAÇÃO E INTERCÂMBIO	Sem informações
SARAU CULTURAL DE INVERNO	Sem informações
SARAU PAISAGENS DA CIDADE	Sem informações

TABELA 2 – Saraus não contemplados no PROAC Saraus 2015

SARAUS NÃO CONTEMPLADOS (38)	ENDEREÇO
A PUISIA DE JUCA DA ANGÉLICA	São José dos Campos-SP
CASA ABERTA - SARAU DO DRAMATURGO	R. Cons. Carrão 288 Bexiga São Paulo
LUCIANA REZENDE PEQUIM	São José do Rio Preto-SP
O BRASIL E SEUS GONZAGAS	Santo André-SP
OFICINA DE MACACOS PELA CIDADE	Araçatuba-SP
PÉ DE SERRA NO PALACE	Ribeirão Preto-SP
PEQUENO SARAU COM CONVERSA AO PÉ DA GRANJA	Carapicuíba-SP
PRAÇARAU - ESTIMULANDO A ESCRITA	Rua Domingos Peixoto da Silva São Paulo-SP
PROJETO CHORANDO NA FEIRA	Taubaté-SP
SARAU 3ª IDADE- CASA DOS IDOSOS	São José dos Campos-SP
SARAU CABIRU	Votorantim-SP
SARAU CIRANDA MÁGICA	Socorro-SP
SARAU CONPOEMA	Franco da Rocha-SP
SARAU CULTURAL POR DE TRÁS DA ROTINA ITAPIRENSE	Itapira-SP
SARAU DA CONCHA	São Manuel-SP
SARAU DE LUA	São Caetano do Sul-SP
SARAU DE POESIAS, REPENTES E CORDEL - CULTURA TRADICIONAL NORDESTINA	São José dos Campos-SP
SARAU DO BINHO NA PRAÇA DO CAMPO LIMPO - 03 ANOS	Rua Santa Luzia, 96. Taboão da Serra-SP
SARAU DO CHARLES- 20 ANOS DE HISTÓRIA	R. Fidalga, 986 - Pinheiros, São Paulo - SP
SARAU ENTRELINHAS NA ESCADA	Pindamonhangaba-SP
SARAU ESCONDIDINHO	Cotia-SP
SARAU ITINERANTE	Santos-SP
SARAU LÁPIS-LAZÚLI	Santo André -SP
SARAU MATINAL BECO DOS POETAS	Av. Engenheiro Armando de Arruda Pereira, 5241 - Jd. Lourdes.São Paulo-SP
SARAU NA ILHA	Ilhabela-SP
SARAU PRATA DA CASA	Águas da Prata-SP
SARAU, TROVA, PROSA, VIOLA E ARTES CÊNICAS	Franca-SP
SARAUS CULTURAIS DO 200 COLE	Campinas-SP
SARAUS POÉTICO - LITERÁRIOS: TRILHOS E FRONTEIRAS	Presidente Prudente-SP
VEZ E VOZ NO SARAU NA GALERIA	Suzano-SP
ZAP! - ZONA AUTÔNOMA DA PALAVRA	Rua Augusto de Miranda, 786 - Pompéia. São Paulo-SP
SOCIEDADE DOS POETAS VIVOS	R Treze De Maio, 70, Sala 03. Bela Vista, Sao Paulo
SARAU MAMBEMBE	Rua Antônio Carlos de Oliveira Cesar, 97 - Itaquera São Paulo-SP

SARAUS ITINERANTES (03)	ITINERANTES
PRAGA NA KOMBI	Sarau Itinerante
SARAU DOS CONVERSADORES - NA ESTRADA	Sarau Itinerante
SARAU MULTICULTURAL	Sarau Itinerante
SARAUS SEM ENDEREÇO (02)	ENDEREÇO NÃO ENCONTRADO
SARAU LÍTERO CULTURAL POEMAS À FLOR DA PELE	São Paulo e sem endereço
SARAU DE CULTURAS CIGANAS	São Paulo e sem endereço

TABELA 3 – Saraus não contemplados no PROAC Saraus 2016

SARAUS NÃO CONTEMPLADOS (61)	ENDEREÇO
"1º SARAU CULTURAL DE LAGOINHA- SP VAGALUME NA LUA CHEIA"	Lagoinha-SP
3º SARAU CULTURAL DA ROÇA	Socorro-SP
A POESIA DESATA NOS EMARANHADOS DE UMA NOITE	Santo André-SP
ARTE POR AÍ- UMA POLIGAMIA ARTISTICA	São Caetano do Sul-SP
CENEVIVA: ENCONTROS COM A ARTE	Monte Aprazível-SP
COLETIVO SARAU CULTURAL DO JARDIM DAMASCENO	Rua Talha Mar,105- Jd.Damasceno São Paulo, SP
MUVUCA NÓS, FAZEMOS O SOM	Jandira-SP
NO QUINTAL COM QUINTANA	São Carlos-SP
O QUE VAI TER NA PRAÇA? SARAU!!!	Taboão da Serra-SP
PRAÇARAU ARTES NAS PRAÇAS	Rua Domingos Peixoto da Silva - São Paulo-SP
PRAÇSARAU	São José dos Campos-SP
RUA LITERÁRIA	São Paulo-SP
SARAU - O MUNDO PEGANDO FOGO E EU SURFANDO PELAS LABAREDDAS	São Paulo-SP
SARAU "ENTRE" AMIGOS	R. Eminica Malavasi, 48 - Pres. Altino. São Paulo-SP
SARAU 3A IDADE - CASA DOS IDOSOS- ARTICULANDO MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS COM INTEGRAÇÃO DAS ARTES	São José dos Campos-SP
SARAU AFRO CAMPINAS - ARTE CAPOEIRA ARTES PLÁSTICAS DANÇA AFRO - PROJETO CULTURAL NAS PRAÇAS	Campinas-SP
SARAU CABIRU	Votorantim-SP
SARAU CARONA CULTURAL	Assis-SP
SARAU CULTURAL DE CAIEIRAS	Caieiras-SP
SARAU DA CASA AMARELA	Rua Julião Pereira Machado, 7, São Miguel Paulista. São Paulo-SP
SARAU DA CONCHA	São Manuel-SP
SARAU DA VILA	Praia Grande-SP
SARAU DE SAIA	Guarulhos-SP
SARAU DO CHARLES - 21 ANOS DE HISTÓRIA	R. Fidalga, 986 - Pinheiros, São Paulo - SP
SARAU DO POVO	Diadema-SP
SARAU DOS AMIGOS - MISTURANDO ARTES	Ilha Solteira-SP
SARAU EXPRESSÃO POÉTICA	Bauru-SP
SARAU FASES	Osasco-SP
SARAU INTERIORBANO	Porto Feliz-SP
SARAU ITINERANTE DA AAPCI	Iguape-SP
SARAU LITERATURANOSSA	Suzano-SP
SARAU MATINAL BECO DOS POETAS	Av. Engenheiro Armando de Arruda Pereira, 5241 - Jd. Lourdes, São Paulo-SP
SARAU NO BECO DAS ARTES	São José dos Campos-SP

SARAU QUILOMBORPAS	Rua Bartolomeu dos Santos, 219. São Paulo-SP
SARAU: CABARET SCÈNESONORE	Bauru-SP
SARAU: ROCK AND ROLL BEIBÊ!	Praia Grande-SP
SARAUS CULTURAIS NA CASA DA SABRINA	Leme-SP
SARAUS DO ABC: A ARTE DO REENCONTRO	São Caetano do Sul-SP
SLAM BR- CAMPEONATO BRASILEIRO DE POESIA FALADA	Rua Augusto de Miranda, 786 - Pompéia São Paulo-SP
TÍTULO: SARAU POÉTICO REPENTES E CORDEL - CULTURA TRADICIONAL NORDESTINA	São José dos Campos-SP
UM SARAU DE DUAS CIDADES	Cananéia-SP
VERSANTES IN VERSOS	São José dos Campos-SP
SARAU NA CASA DO CHEFE	Rua Antônio Carlos de Oliveira Cesar, 97 - Itaquera São Paulo
SUBURBANO COSMOPOLITA	Endereço: R Treze De Maio, 70, Sala 03. Bela Vista, Sao Paulo
SARAU MARIAS D'LUTA	Avenida Itaboraí, 891, Bosque da Saúde São Paulo
SARAU DA POESIA QUE PIRA	Av. Inácio Dias da Silva -s/n - Piraporinha São Paulo-SP
POESIA É DA HORA	Rua Prates, 1101 - Bom Retiro São Paulo
EROTIZANDO SP	Rua Augusta, 200 - Consolação São Paulo
COLETIVO HERDEIRAS DD AQUALTUNE	Rua Comendador Sant'Anna, 275 - Capão Redondo São Paulo-SP
CABAREZINHO	Rua Jaceguai, 520 - Bela Vista São Paulo-SP
SARAUS ITINERANTES (03)	ITINERANTES
SARAU DOS CONVERSADORES - FALADO E CANTADO	Sarau Itinerante
SARAU ITINERANTE O CANTO DA GENTE - SÉRIE CLÁSSICOS E POPULAR	Sarau Itinerante
SARAU DA LÊ	Sarau Itinerante
SARAUS SEM ENDEREÇO (08)	ENDEREÇO NÃO ENCONTRADO
SARAU HERDEIROS DO FUTURO	São Paulo-SP
PALAVRA ELÉTRICA MAOS, MÚSICA & POESIA	São Paulo-SP
PIXINGUINHA, AS CINCO ESTAÇÕES	São Paulo-SP
TORQUATO NETO, O POETA DA CONTRACULTURA	São Paulo-SP
SARAUZINHO UTOPIAS	São Paulo-SP
SARAU JUVENTUDE EM AÇÃO	São Paulo-SP
SARAU LANTERNA CULTURAL APOENA	São Paulo-SP
ARTE SEM LIMITE	São Paulo-SP

TABELA 4 – Saraus não contemplados no PROAC Saraus 2017

SARAUS NÃO CONTEMPLADOS (68)	ENDEREÇO
SARAU ARTE CEMITERIAL	Bariri-SP
ENCONTRO CULTURAL SARAU	Guarulhos-SP
SARAU DO POVO	Diadema-SP
SARAU LA FRIDA	Beco da agonia 55, Saúde, São Paulo-SP
FESTIVAL DE ROCK NO BRÁS	Rua Fernandes Silva nº 96 São Paulo-SP
SARAU CONPOEMA E SLAM DA ROÇA	Av. São Paulo, 965 - Vila Suíça - Francisco Morato-SP
SARAU SUBURBANO NO LITORAL	São Sebastião-SP
SARAU RIBEIRÃO CULTURAL	Ribeirão Preto-SP
DESCOBRINDO TALENTOS	Osasco-SP
"DANÇANDO AS RAÍZES AFRO BRASILEIRA SAVURU	Campinas-SP
SARAU DOS AMIGOS - PROSA E POESIA NO QUINTAL	Ilha Solteira-SP
SARAU CLAMARTE NO POUPEATEMPO	R. Prof. Otávio Guimarães, 393 - Socorro, São Paulo - SP.
3º SARAU PÉ VERMELHO	Santa Gertrudes-SP
SARAU CAIPIRA	Pardinho-SP
SARAU MATINAL BECO DOS POETAS	Av. Engenheiro Armando de Arruda Pereira, 5241 - Jd. Lourdes, São Paulo-SP
SARAU "CENEVIVA: ENCONTROS COM A ARTE"	Monte Aprazível-SP
SARAU EDUCATIVO ITINERANTE	Santos-SP
CIRCULANDO IDEIAS	Socorro-SP
SARAU DA MARIA	Rua Professora Maria José Barone Fernandes, 483 - Vila Maria - São Paulo-SP
SARAU PREMIADO ESTUDANTIL	Campinas -SP
SARAU EXPRESSÃO POÉTICA	Bauru-SP
SARAU PROIBIDO	Rua Pangauá, 669 - Vila Re, São Paulo - SP
USINA LITERÁRIA CONVIDA VAL OCASIONAL	Diadema-SP
EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO DO LIVRO RE-CICLO	São Bernardo do Campo-SP
SARAUÊ	Praça Júlio César de Campos, s/n - Parelheiros, São Paulo - SP
SARAU INTERIORBANO	Porto Feliz-SP
SARAU AFRO MIX - PEDAÇOS DE FOME	R. Dr. Miranda de Azevedo, 543 - Vila Pompeia, São Paulo - SP
SARAU LITERATURANOSSA	Suzano-SP
SARAU CULTURAL DE CAIEIRAS	Caieiras-SP
SARAU AFROBASE	Avenida José Joaquim Seabra, 856, São Paulo - SP
PIRA NO SARAU	Piracaia-SP
SARAU URUTU EM BALDEAÇÃO	Rua Urutu, 03813250 - Jardim Matarazzo - São Paulo
SEMEANDO AS FLORES DA REVOLUÇÃO NO FUNDÃO DO IPIRANGA	R. Dr. Benedito Tolosa, 729 - Parque Bristol, São Paulo - SP,
PROJETO SARAU DA CASA DE CULTURA SANTA TEREZA	Embu das Artes-SP

SARAU CULTURAL REVELANDO CULTURA	Teodoro Sampaio-SP
NOSSO CANTO - É O VALE!	São José dos Campos-SP
PROSA	Taubaté-SP
PRAÇASARAU	São José dos Campos-SP
SARAU DA VELA	Ribeirão Preto-SP
SARAU DA CONCHA	São Manuel-SP
SARAU DO CHARLES- 22 ANOS DE HISTÓRIA	R. Fidalga, 986 - Pinheiros, São Paulo - SP
SARAU NA GALERIA VOZ E VEZ	Suzano-SP
CAFÉ DAS CINCO	Botucatu-SP
DE CARTAS ABERTAS	Lençóis Paulista-SP
SARAU ILÚ OBÁ	Rua Anhaia 37 - Bom Retiro, São Paulo-SP
SARAU PARA TODOS	Praça Mal. Deodoro, 221 - Santa Cecilia, São Paulo - SP
SARAU DO QUINTAL	Socorro -SP
SARAU DA SERRA	Itapecerica da Serra-SP
SARAU "NOVO ORIENTE"	Pereira Barreto-SP
SARAU DAS CORES "AMOR E UNIÃO"	Barretos-SP
SARAU NA ARTE DE CONTAR HISTORIA	Piracicaba-SP
"175 AQUI E LÁ"	Espirito Santo do Pinhal-SP
A BANCA DA POESIA	Av. Nordestina, 708 - São Miguel, São Paulo-SP
SARAU NA CASA DO CHEFE - NAS TRILHAS DO TREM	Rua Antônio Carlos de Oliveira Cesar, 97 - Itaquera, São Paulo-SP
SARAU HERDEIRAS DE AQUALTUNE	Rua Comendador Sant'Anna, 275 - Capão Redondo, São Paulo-SP
SARAUS NA OFICINA	Rua Professor Alfredo Ashcar, 21 - Jardim Tietê, São Paulo-SP
SARAU BOCA SELVAGEM	Rua Visconde de Itaboraí, 233 - Tatuapé São Paulo-SP
JD. PARANÁ, UM BAIRRO SE FAZ COM CRIANÇAS E LIVROS	Jardim Paraná, São Paulo-SP
LITERATURA MARGINAL	Capão Redondo São Paulo
POESIA É DA HORA	Rua Prates, 1101 - Bom Retiro São Paulo-SP
SARAU RESISTIR É PRECISO	R. José Pedro de Borba, 20 - Jardim Novo Parelheiros, São Paulo-SP
SARAU DO BINHO NA PRAÇA DO CAMPO LIMPO	Rua Santa Luzia, 96, Taboão da Serra-SP
SARAU: CABARET SCÈNESONORE	Bauru-SP
SARAUNIVIDA	Campinas-SP
SARAU DA LAMPARINA! LITERATURA E ARTE NA SERRA	São Bento do Sapucaí-SP
POESIA NO BREU	Monte Alto-SP
SARAU DA POESIA Q INSPIRA	Av. Inácio Dias da Silva -s/n - Piraporinha
SARAUS ITINERANTES (04)	ITINERANTES
UMA PITADA DE NORDESTE - SARAU BODEGA DO BRASIL	Sarau Itinerante
SARAU CINEMATOGRAFICO MASCATE	Sarau Itinerante
POETAS AMBULANTES ALÉM DA CAPITAL	Sarau Itinerante

CAFÉ DE ENCONTROS	Sarau Itinerante
SARAUS SEM ENDEREÇO (10)	ENDEREÇO NÃO ENCONTRADO
SARAU POESIAS DAS DANÇAS	São Paulo-SP
SARAU CIDADÃO	São Paulo-SP
STEP - SARAU DA TERRA PRETA	São Paulo-SP
O QUE QUER E PODE ESTA LÍNGUA?	São Paulo-SP
OCUPANDO COM ARTE ONDE NÃO HÁ	São Paulo-SP
SARAUS - INTERMÍDIAS - SENHORAS OBSCENAS	São Paulo-SP
NU NO MORRO	São Paulo-SP
ATRAVESSANDO NAS IDEIAS	São Paulo-SP
TRAVESSIA MUSICAL	São Paulo-SP
SARAU JUVENTUDE EM AÇÃO	São Paulo-SP

TABELA 5 – Saraus não contemplados no PROAC Saraus 2018

SARAUS NÃO CONTEMPLADOS (53)	ENDEREÇO
PRAÇARAU O SARAU EM PRAÇA PÚBLICA	Rua Domingos Peixoto da Silva, São Paulo-SP
SARAU AFRO MIX: PERCURSOS	R. Dr. Miranda de Azevedo, 543 - Vila Pompeia, São Paulo - SP
SARAU, SARAUZINHO, SARAUZÃO	Francisco Morato-SP
CIRCO NO QUINTAL	São José dos Campos-SP
N'OUTRA PELE: RESIDÊNCIA DE ESCRITA CONTEMPORÂNEA INDÍGENA + SARAUS	São Sebastião-SP
SARAU DANÇANTE V MOVA SE CULTURAL	Pindamonhangaba-SP
SARAU ERÊ	Franca-SP
DOIS SARAUS	Presidente Prudente-SP
O PANFLETÁRIO	São José dos Campos-SP
LIBERDADE POÉTICA - O VOO DA CORUJA	R. Dr. Benedito Tolosa, 729 - Parque Bristol, São Paulo – SP
SARAU DO OESTE	Ourinhos-SP
SARAU PROTESTO	Franca-SP
SARAU O FEMININO INFINITO	R. Silveira Rodrigues, 331 - Siciliano, São Paulo – SP
SARAUS DO CONCERTADA	Ubatuba-SP
SARAU DAS MINAS	Jundiaí-SP
SARAU MUSICAL	Tupã-SP
SARAU REEXISTÊNCIA	Hortolândia-SP
SARAU: CABARET SCÈNESONORE - UM ESPETÁCULO DE VARIEDADES	Bauru-SP
SANTA CRUZ - TERRITÓRIO POÉTICO	São José dos Campos-SP
SARAU NA SERRA	Cunha-SP
QUINTAS LITERÁRIAS	Piracaia-SP
SARAU NA GALERIA - VOZ E VEZ	Suzano-SP
KOROKÊ - O KANTO DESSA CIDADE SOU EU	Praça Dom Orione, 201-301 - Bela Vista, São Paulo – SP
MISCELÂNEA BRASILEIRA	Campinas-SP
SARAU NO KINTAL: A RODA DE POEMA NOS 40 ANOS DE CADERNOS NEGROS	Rua Antonio Ramos da Cruz, 51. Próx. 3140 da Av. Itaberaba, Brasilândia, Zona Norte. São Paulo-SP
GRANADA CULTURAL	Cordeirópolis-SP
SARAU PARA TODOS	Praça Mal. Deodoro, 221 - Santa Cecilia, São Paulo - SP,
SARAU MORA MUNDO	Rua Barra Funda, 391 - Barra Funda, São Paulo-SP
POESIA É DA HORA - KIDS	Arujá-SP
MEU EU LÍRICO LIVRE	Mogi das Cruzes-SP
SARAU CAIPIRAS DA MANTIQUEIRA	Guaratinguetá-SP
SLAM DA GUILHERMINA	Rua Astorga, 774, São Paulo-SP
LUAU PARAISÓPOLIS - O TAL SARAU NOTURNO DA FAVELA	Rua Manoel Antônio Pinto - Paraisópolis, São Paulo-SP

SARAU DA PAULISTA	Av. Paulista - esquina com Peixoto Gomide, São Paulo
SARAU CHORO SEM LÁGRIMAS	Taubaté-SP
SARAU 50 TONS DE PARDO	Jandira-SP
BRINCANTE LITERÁRIO	São José dos Campos-SP
SARAU DO CHARLES - 22 ANOS DE HISTÓRIA	Rua Fidalga, 986 - Pinheiros, São Paulo - SP
SARAU DO POVO	Diadema-SP
SARAU URUTU MEMORIAL POÉTICO MIRIM	Rua Urutu - Jardim Matarazzo - São Paulo-SP
TRÊS AUTORES, MÚLTIPLAS LEITURAS	Lutécia-SP
MEMORIAL 32	Av. Brg. Faria Lima, 1597 - 707 - Jd. Paulistano, São Paulo - SP
SARAU DA JACA	São Paulo A Jaca Est da Cooperativa Paulista de Teatro -
SARAU NA CASA DO CHEFE	Rua Antônio Carlos de Oliveira Cesar, 97 - Itaquera. São Paulo-SP
SARAU CALDO & POESIA ITINERANTE	Av. do Oratório, 1044 - Vila Independência São Paulo
SARAU BOCA SELVAGEM	Rua Visconde de Itaboraí, 233 - Tatuapé São Paulo
SARAUS ITINERANTES (02)	ITINERANTES
ESTICADOR DE HORIZONTES	Sarau Itinerante
SLAM DAS MINAS ALÉM DA BATALHA	Sarau Itinerante
SARAUS SEM ENDEREÇO (05)	ENDEREÇO NÃO ENCONTRADO
SARAU DA CONFRARIA	São Paulo e sem endereço
XIRÊ DE IDEIAS - NEGROS E ALVOS	São Paulo e sem endereço
GRANDE ENCONTRO NORDESTINO	São Paulo e sem endereço
POETAS DE TODOS OS TEMPOS	São Paulo e sem endereço
PLANETA BRAZUKA SARAU CULTURAL	São Paulo e sem endereço